

Moisés Espírito Santo

# Origens do Cristianismo Português

Precedido de  
*A Deusa Síria*  
de  
Luciano

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO



Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Moisés Espírito Santo, em 1963, exilou-se em França onde trabalhou até 1980 equiparado a funcionário dos ministérios franceses da Educação e do Trabalho, na animação cultural dos emigrantes. Admitido na *Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales* (Sorbonne) em 1973, adquiriu o diploma em Sociologia Rural, em 1976, sob a orientação de Placide Rambaud sendo o tema da dissertação o presente estudo da *Comunidade Rural ao Norte do Tejo*; em 1980 doutorou-se em Sociologia das Religiões, pela mesma Escola, sob a orientação de Emile Poulat e de Placide Rambaud, directores de estudos do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS) com uma dissertação sobre a *Religião Popular Portuguesa* incidindo sobre a região de Entre-Douro-e-Minho. Em 1980 foi contratado pela Universidade Nova de Lisboa como professor auxiliar para leccionar Sociologia Rural sendo actualmente professor catedrático de Sociologia das Religiões. Ministra as cadeiras de Sociologia Rural Aprofundada, Sociologia das Religiões, Etno-Sociologia das Sociedades Mediterrânicas e Sociologia da Vida Quotidiana, dirigindo igualmente mestrados e doutoramentos nestas áreas.

É director das revistas *Forum Sociológico* e *Mediterrâneo* (Revista de estudos pluridisciplinares sobre as sociedades mediterrânicas), da UNL, presidente do *Instituto Mediterrânico*, do *Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões* e da *Associação de Estudos Rurais*, da UNL.

Afeito ao método etnológico (observação no terreno), os seus trabalhos situam-se entre a Sociologia e a Etnologia. A par com a Sociologia, interessou-se pela história das religiões e pela evolução dos antigos locais de culto pré-cristãos, o que o conduziram à Etno-linguística histórica. Isto é, sendo as religiões sistemas de crenças, de deuses, de palavras e de ritos que se pretendem imutáveis (mudam superficialmente) e sabendo-se que as religiões vencedoras «convertem» os sítios e os templos das religiões vencidas e se instalam nos mesmos locais, a História etnológica das religiões revelou-se ao investigador um caminho para a Etno-história e a Etno-linguística histórica, tendo publicado alguns trabalhos nesta área nomeadamente sobre as culturas fenícia (ou cartaginesa) e hebraica na Península.









Moisés Espírito Santo

# ORIGENS DO CRISTIANISMO PORTUGUÊS

Precedido de  
A DEUSA SÍRIA  
de  
LUCIANO

Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões  
Universidade Nova de Lisboa

**Título:** *Origens do Cristianismo Português*  
3.<sup>a</sup> edição/2001

**Autor:** Moisés Espírito Santo

**Capa:** Carlos Miguel

**Fotografia da Capa:** Nossa Senhora da Conceição, fotografia de Fernanda Durão

**Editor:** Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões

Moisés Espírito Santo, Carlos Miguel Ferreira

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C

1069-061 Lisboa • Tel. 351 21 796 01 57/21 793 35 19 • Fax: 351 21 797 77 59

Portugal • **Internet:** <http://www.fcsh.unl.pt> e <http://www.unl.pt>

**Execução:** Gráfica 2000

**Todos os direitos reservados:** © 1993 Moisés Espírito Santo e à AER da UNL.

**Depósito Legal:** N.º 72350/93

## ÍNDICE

Preâmbulo .....	9
-----------------	---

### TRATADO SOBRE A DEUSA SÍRIA

Apresentação .....	21
Texto e notas .....	27

### I Parte A MÃE DOS DEUSES

Cap. 1. A CRIADORA SÍRIA .....	63
A Deusa Síria no Ocidente .....	67
Os Sírios no Ocidente e a difusão do Cristianismo .....	69
Cap. 2. A DEUSA-MÃE CALDAICA E FENÍCIA .....	75
Uma antiga simbólica .....	75
A morte do jovem Deus .....	81
Cap. 3. A MÃE DOS DEUSES DA FRÍGIA .....	87
Mãe castradora .....	87
A <i>Magna Mater</i> conquista Roma .....	90
Os Gallos em Roma .....	94
«Eunucos pelo reino dos Céus» .....	99
A <i>Magna Mater</i> conquista o Ocidente .....	101
Mãe dos Deuses ecuménica .....	106
<i>Magna Mater</i> Maria .....	110
O celibato e a Igreja-Mãe .....	112
Cap. 4. A <i>MAGNA MATER</i> NA LUSITÂNIA .....	117
Os Prantos de Adónis em Sevilha (ano 287 d.C.) .....	119
Cap. 5. SINCRETISMOS .....	123
Santo António .....	123
Senhora do Castelo .....	126
São Sebastião emasculado .....	127
A <i>Blanca Paloma</i> da Andaluzia .....	129
Mãe soberana de Loulé .....	137
Jesus: filho ou esposo de Maria? .....	138

Cap. 6. ORIGENS DO CULTO DE MARIA .....	141
Os primeiros cristãos e Maria .....	141
Culto mariano primitivo .....	146
Cap. 7. O MITRAÍSMO .....	155
Os símbolos .....	155
Templos e cultos .....	157
O meio cultural .....	161
Sincretismo .....	164
25 de Dezembro, nascimento do Sol .....	169

## II Parte AFIRMAÇÃO DO CRISTIANISMO

Cap. 1. TRIUNFO DO EPISCOPADO .....	175
Nascimento do episcopado .....	175
Reacções: o montanismo .....	177
Espírito Santo .....	180
Arianismo .....	183
Cap. 2. O QUE FEZ OS MÁRTIRES .....	187
Orgulho e exclusivismo .....	187
Intolerância cristã .....	188
<i>Ateísmo e Impiedade</i> .....	190
O perseguidor .....	194
Morte teatral .....	196
O culto dos mortos: divinização dos mortais .....	199
Cap. 3. O IMPÉRIO EM BUSCA DUMA ALMA .....	203
Constantino .....	206
Juliano .....	208
O catolicismo nasceu .....	212

## III Parte ORIGENS DO CRISTIANISMO PORTUGUÊS

Cap. 1. ORIGENS NORTE-AFRICANAS DO CRISTIANISMO PORTUGUÊS .....	221
Apostasias .....	221
O recurso de Cartago .....	223
Cap. 2. PRIMEIRO CONCÍLIO IBÉRICO (Eliberi – Granada) .....	229
A Igreja submete-se ao império .....	229
Correia de transmissão do império .....	238

Cap. 3. UM CRISTIANISMO QUE RESISTE AO IMPÉRIO .....	245
Donatismo .....	247
Gnosticismo .....	250
Cap. 4. PRISCILIANISMO .....	253
Condenado por sucessivos Concílios .....	256
Prisciliano Mártir .....	259
Liberdade cristã, livre-exame .....	262
Cap. 5. DOCTRINA E LITURGIA DO PRISCILIANISMO .....	269
Religião mística .....	272
A astrologia .....	275
Secretismo elitista .....	279
Liturgias iniciáticas .....	285
Cap. 6. DEPOIS DE PRISCILIANO .....	291
CONCLUSÃO .....	299
AUTORES CITADOS .....	309



## PREÂMBULO

Sendo a religião uma relação dos indivíduos com os entes sobrenaturais, a sua descoberta através dos métodos científicos pode ser aleatória pela ausência de indicadores, templos, cultos, objectos sacros, textos escritos. A religião só acidentalmente se deixa revelar aos profanos. Por essa razão os métodos tradicionais dos historiadores são ineficazes. Pode acontecer que toda uma população tenha sido cristã, judaica ou muçulmana sem ter deixado indicadores infalíveis; a costa do actual Magrebe foi arreigadamente cristã até ao séc. VII e no entanto não há hoje vestígios disso no terreno, nem escritos e a memória desapareceu; sabemos que muitas aldeias dessa região se sacrificaram colectivamente para defenderem o seu sistema cristão durante o cisma donatista, mas ninguém conseguirá dizer quais foram essas aldeias, uma que seja; sabemos-lo indirectamente por documentos com origem em autores que foram adversos a essa cultura. As religiões do Livro (judaica, cristã, muçulmana), na sua pureza inicial, são religiões sem monumentos, imagens ou desenhos e dispensam a escrita, tudo nelas pode ser oralidade. Se as actuais sinagogas, as assembleias evangélicas e as mesquitas fossem destruídas e substituídas violentamente por templos de uma religião intolerante, sujeitos os fiéis à repressão e ao silêncio, queimados os seus livros santos e expurgadas todas as referências escritas quanto a essas religiões, implantados os métodos obscurantistas nas escolas, reprimida a memória colectiva... passados alguns séculos não seria possível saber que muitas centenas de milhões de indivíduos foram judeus, cristãos e muçulmanos e, com base nos métodos positivistas, até seria pacífico afirmar que tais religiões nunca existiram. Ora foi esse o comportamento das religiões dominantes que temos hoje, nomeadamente o cristianismo no fim do império romano e o islamismo em certas partes do mundo. As religiões são vivências espirituais. O passado morreu e as experiências espirituais morreram com os homens. Dos mortos (e dos deuses mortos) ficaram-

nos objectos curiosos, fantasmas invertebrados, mais demónios do que deuses-bons.

Captar o trama das antigas instituições religiosas, descrever os caprichos da sua imaginação simbólica a partir dos magros recursos materiais ou literários da história positiva que chegaram até nós, é como pretender capturar o espírito dos mortos ou, na feliz expressão de Ernest Renan, descobrir o “rasto dum pássaro que voou nos ares”. Para mais, os indicadores do fenómeno religioso não são apenas temporais e conjunturais, são também (e sobretudo) relativos. Cada religião, cada época, cada cultura, cada estrato social tem os seus indicadores religiosos. A religião mais “pura” (a mais espiritual) não deixa o menor rasto.

A experiência religiosa é sempre difícil de traduzir em palavras e ainda para mais escritas. Se é difícil (alguns dizem impossível) conhecer o passado a partir dos meros escritos que o passado nos legou, quanto mais aleatório é descobrir a religião a qual não implica o escrito ou se subtrai à palavra escrita. As religiões são obras do espírito, motivações de vida, conceitos abstractos de verdade, de virtudes e de pecado, gestos espontâneos; está longe de se deixar captar pelos arquivistas. As dificuldades aumentam à distância de dois ou três milénios com as religiões desaparecidas, se tomarmos como único indicador os escritos que são raramente objectivos e favoráveis ao objecto em questão. No actual leque das disciplinas científicas apenas a Etnologia e a Antropologia históricas possuem alguma capacidade para reconstituir as religiões desaparecidas.

As religiões são sistemas de valores subjectivos. Existem em função dos crentes, por eles e para eles. Podem prescindir de qualquer forma plástica (textos, imagens, emblemas) e de comportamentos exteriores (as confissões protestantes e a religião judaica estão nestes casos) e só a certos níveis se estruturam em organizações eclesiais. Para conhecer as religiões, descobrir a sua capacidade de mobilização das vontades individuais e colectivas, é necessário penetrar no seu interior. Diz Durkheim que “se o investigador não trazer à análise da religião uma espécie de sentimento religioso, se não a sentir como a sente o crente, será como um cego a falar de cores”<sup>1</sup>. O apetrecho do etnólogo consiste numa certa forma de empatia, num pressuposto de adesão relativamente ao ponto

<sup>1</sup> Emile Durkheim, *Séance à l'Union des Libres Penseurs et des Libres Croyants*, in *Ciências Sociais e a Acção*, Lisboa, Bertrand, 1975, p. 241.

de vista dos crentes (sem que seja necessariamente crente ou praticante). Só nesta posição de empatia pode chegar ao limiar da religião, a qual é suficiente para iniciar uma explicação. Também segundo Renan, para um analista compreender uma religião é necessário ter sido seu adepto e para compreendermos as do passado “seria necessário ter vivido no seu seio ou, pelo menos, fazer renascer em nós o sentimento que as animava, com uma tal profundidade de que seriam apenas capazes os génios privilegiados”<sup>2</sup>. Os observadores actuais, continua este autor, “sentem-se no direito de encolher os ombros perante a tão prodigiosa cegueira que são os mitos politeístas, mas é necessário aceitar o princípio de que o espírito humano nunca é absurdo por vontade própria e sempre que as obras humanas do passado se nos deparam despidas de sentido é porque nós não chegamos a compreendê-las”.

As religiões antigas teriam mobilizado multidões, exigido a generosidade de muitos e contado imensos mártires, tal como as actuais. Se descobri-las integralmente é impossível, podemos aproximarmo-nos do seu limiar recorrendo à comparação com as religiões actuais, isto é, comparar as suas práticas com o que houver de semelhante nas religiões actuais. Ao contrário disso, Leite de Vasconcelos (que tinha a obrigação de conhecer autores como Renan e Durkheim) pretendeu ter descoberto as *Religiões da Lusitânia* a partir de alguns objectos arqueológicos e de umas tantas palavras que ele declaradamente não compreendia. Presupunha ele que os antigos escreviam os nomes dos deuses em todas as pedras que erguiam no solo, havia então que descobrir nomes de deuses em cada inscrição; daí que toda a expressão epigráfica incompreendida foi o nome dum deus lusitano e até ousou, a partir da sonoridade actual dessas palavras que reconhecidamente não compreendia, tirar ilacções sobre o culto, se era um deus infernal ou um deus celeste, da terra ou da água, do lar ou do exterior. Esta preocupação é tanto mais a-científica quanto há religiões que se proibem de citar o nome das divindades, e a dos Galaico-lusitanos estaria neste caso. Numa sociedade sem nenhuma prática de reflexão científica e em que a mitogenia comanda a investigação histórica, leva-se a dizer que “antes de nós”, “no paganismo” (os islâmicos dizem durante a *jailia*, a escuridão e a ignorância do mundo anterior ao Profeta), as divindades só podiam ser obtusas e ter nomes bárbaros.

<sup>2</sup> Ernest Renan, *Les Religions de l'Antiquité et leurs Derniers Historiens*, Revue des Deux Mondes, 15 mai 1853.

Só seria possível compreender o passado se tivéssemos vivido nele. Podemos chegar ao limiar da sua compreensão se encontrarmos elementos de comparação no presente. Reconstituimos a vida doméstica dum agricultor dos milénios recuados a partir do que sabemos dum agricultor dos princípios do nosso século. Do mesmo modo se pode reconstituir uma festa das religiões que nos precederam por comparação com as suas congéneres actuais. A castração dos rapazes no culto da Grande-Mãe só poderia ser compreendido por nós se encontrássemos na actualidade costumes desse género; uma vez que encontramos esporadicamente casos desses nos hospitais ou nas clínicas psiquiátricas (com outras motivações) seríamos levados a dizer que a castração procedia de um estado colectivo de loucura, o que é falso, tanto mais que, “loucura colectiva” significa para uma sociedade “estado normal” e o comportamento da minoria é que seria o estado patológico.

Um meio para explicar hoje os comportamentos religiosos do passado é o conceito sociológico de “função social”, entendendo como tal a satisfação duma necessidade, a resposta à pergunta “*quais são os efeitos declarados e latentes, conscientes e inconscientes que se procuram atingir com esse comportamento?*” Todo o comportamento individual e colectivo, particular ou institucional responde a um leque de objectivos conscientes e inconscientes, manifestos e latentes. Para os fiéis, os sacramentos católicos não são apenas “sinais que conferem a graça” como diz a Teologia; os católicos praticam-nos também por outras razões, são as *funções sociais* do rito; os católicos de hoje vão à missa tal como os cristãos das catacumbas, a missa é a mesma, mas as motivações religiosas dos actuais católicos poderão ser diferentes. A “História do sacramento da missa” enquanto preceito teológico é diferente da “História dos missalizantes”; ora essa é que seria a verdadeira “história da religião enquanto relação dos humanos com os entes sobrenaturais”.

As razões expressas para os comportamentos sociais (quando as há) não são apenas supérfluas como devem ser sujeitas a ponderação. Não temos necessidade de conhecer as razões expressas da lei imperial que restringia o uso da toga aos cidadãos romanos porque a função social dos distintivos e das modas é de todas as épocas; se o Concílio de Elvira justificasse por que razão teológica omitiu as referências a Jesus Cristo em cada um dos seus 80 cânones, nós supeitaríamos porque sabemos que omitir o dogma significa “subalternizar a doutrina em favor de ob-

jectivos inconfessados” e até “oportunismo” ou “traição”. A heresia prisciliana desapareceu das agendas dos concílios: teria desaparecido a heresia? Parece que não porque ainda a encontramos na religião popular. As razões dos concílios é que seriam mais políticas do que teológicas; conhecendo os meios populares actuais que, aquando dum conflito com a hierarquia religiosa, arquitectam razões teológicas expressamente relacionadas com a fé mas que inconfessadamente visam a defesa da identidade local e são portanto políticos (da *polis*), resulta que a heresia priscilianista, tal como o cisma donatista, só foi um risco para a Igreja romana porque representava uma oposição inconfessada a Roma e ao Império sendo a Igreja da época uma espécie de partido do Poder. As funções sociais são permanentes nos grupos humanos em todos os momentos históricos, o que varia são os meios. A Etnologia das religiões prescinde das razões com que os actores sociais se justificam. As razões expressas dos crentes são *a priori* falsas ou, pelo menos, imperfeitas porque as motivações religiosas são inconscientes e até inexprimíveis. “Os ritos mais bárbaros ou bizarros e os mitos mais estranhos traduzem uma necessidade humana, algum aspecto da vida quer individual quer social: as razões que o crente avança para se justificar podem ser, e são no a maior parte das vezes, erróneas. As razões verdadeiras existem no entanto, mas compete à ciência descobri-las”<sup>3</sup>.

Ao longo deste trabalho vamos encontrar um mesmo culto em nome de divindades diferentes e em diversas épocas. É o efeito de dois fenómenos: o polimorfismo religioso e o sincretismo. Por polimorfismo entende-se a aplicação dos mesmos atributos a divindades com nomes e iconografias diferentes; este fenómeno justifica-se pela identidade das funções religiosas (identidade dos arquétipos) em línguas e culturas diferentes; exemplo, *grosso modo*, a Ceres dos Romanos é a Demeter dos gregos; a Diana dos romanos é a Anat dos caldeus; a Afrodite dos gregos é a Venus romana, a Istar dos caldeus, a Astarté dos fenícios e a Isis dos egípcios; a Cibele dos frígios e dos romanos é a Deusa Síria; o Mercúrio romano é o mesmo que o Hermes grego. Entidades com nomes diferentes podem, então, ser objecto dum culto idêntico. Associado ao polimorfismo temos o sincretismo, fenómeno de grande relevância na etnologia das religiões; na etimologia original (*sin cretes*) significa «mistura dos cidadãos cretenses». Trata-se duma simbiose ou integração de deuses, mitos ou cultos com diversas ori-

<sup>3</sup> E. Durkheim, *Les Formes Élémentaires da la Vie Religieuse*, Paris, PUF, 1968, p.3.

gens e pode ocorrer sob estas formas: 1) tolerância e mistura de cultos tidos como mais ou menos equivalentes, 2) associação ou fusão de deuses distintos cultuados nas proximidades, 3) combinação reflectida e voluntária de elementos de diversos cultos, 4) fusão inconsciente e involuntária, rotineira, dos deuses e dos ritos numa religião dominada, proibida, que teve de dar lugar a uma religião imposta à colectividade pela força; neste caso o sincretismo pode significar uma forma de resistência e de continuidade da cultura dominada sob roupagens da nova religião. As «conversões colectivas» (que são falsas conversões) produzem em todos os casos esta forma de sincretismo. O sincretismo também pode ser de nível teológico, pela via dos fundadores numa religião ou dos seus discípulos que provieram doutra religião; por exemplo, a doutrina segundo a qual Jesus é o *Logos*, o Verbo, a Palavra (do Pai) incarnada já se dizia de Hermes, de Mitra (segundo São Justino)<sup>4</sup> e de outros *christos* (termo grego que quer dizer «enviado»); o dogma católico segundo o qual Maria é mãe de Deus e mãe do Criador, declarado no concílio de Éfeso em 431, é o efeito dum sincretismo teológico com base nas religiões da Mãe dos Deuses e da Criadora Síria que, antes da proibição das religiões pagãs (ano de 380), tiveram muito culto na própria cidade de Éfeso e nas regiões vizinhas. O trabalho que temos em mão é rico em polimorfismos e sincretismos.

As sociedades justificam sempre os seus cultos e crenças por um acontecimento primordial, um mito etiológico ou de origem. A partir daqui, a antropologia clássica (por exemplo, Mircea Eliade) diz que o rito tem a função de reactualizar e de perpetuar o mito, os *mitos precedem os ritos*; quer dizer, determinado rito justifica-se por um acontecimento que teve lugar num tempo passado, *in illo tempore*; os rituais da morte e da ressurreição dum deus-homem assim como as penitências e os desfiles de flagelantes, no início da Primavera, são justificados por um acontecimento primevo que foi a morte de Jesus; o rito actualiza o mito:

<sup>4</sup> Numa carta ao imperador Antonino Pio, São Justino (sec. II) pergunta porque é que os cristãos são perseguidos (e os pagãos são livres) quando as suas crenças se assemelham às dos pagãos: o Deus dos cristãos é como Zeus, Jesus Cristo que é o Verbo do Pai é como Hermes-logos, o dogma de que Jesus Cristo nasceu numa virgem equivale à crença de Perseu, Jesus ressuscitou dos mortos como se diz que se passou com Asclépios... a missa é como os ágapes das outras religiões, etc. Porque é que os cristãos são perseguidos? (*Apologia I, nº 20-24*).

gesto primordial (morte do deus) → mito → rito, actualização do gesto primordial.

Ora, pela etnologia histórica sabemos que, caso a caso, os rituais são anteriores aos respectivos mitos fundadores: *o rito precede o mito*. Os mitos (a doutrina, etc.) são discursos *a posteriori* para justificar os ritos. Na origem dos ritos e das religiões estão os *arquétipos*; as culturas criam ritos para exteriorizar e pôr em prática os arquétipos e, depois, constroem mitos e doutrinas para tornar os ritos racionais, lógicos e transparentes; assim:

arquétipo indizível → rito → mito de origem, doutrina.

Os arquétipos são ideias primordiais e valores inconscientes, psíqué-arcaicos e estáveis que existem como um reservatório nas culturas (alma, espírito, deus, poder do pai, prestígio da mãe, deus-pai, deusa-mãe...) que, sendo importantes, apelam a ritos e cerimoniais exteriorizados para os afirmar. Se os arquétipos são indizíveis (morte do deus ou do pai, por exemplo) cria-se um mito de origem, uma doutrina, para os justificar. Os mitos conferem lógica e racionalidade ao rito e evitam que a cultura se questione. Deste modo, ao longo da história das religiões os mesmos rituais podem ser justificados por feitos míticos e por doutrinas totalmente diferentes. Pode haver rituais que se perpetuam sem justificação racional e doutrinas alheias ao fundador de que se reclamam. O culto popular dos santos não se justifica pelos relatos hagiográficos que lhes dizem respeito (são geralmente inventados *a posteriori*); há santos muito cultuados dos quais se ignora absolutamente tudo e há práticas católicas que Jesus Cristo não fundou nem previu. Os cultos arcaicos nem sempre tinham uma doutrina coerente e comum a todos os praticantes; cada colectividade justificava-se com os seus mitos fundadores particulares. As razões pelas quais os rapazes da Síria e de Roma se castravam divergiam das dos letrados ou dos estrangeiros que assistiam ao culto; cada deusa-mãe tinha o seu mito fundador embora cultuada da mesma forma. No fundo, enquanto a teologia é um discurso coerente para racionalizar o sagrado, o importante são as práticas, os *mistérios ou representações litúrgicas*, isto é, as encenações dos arquétipos. Arquétipos e ritos passam de uma religião para outra teologicamente diferentes. Temos então aí um efeito surpreendente e uma prova da continuidade das culturas com ruptura ao nível das teologias e dos mitos fundadores.

As fórmulas religiosas são passageiras e todas caducam. O Deus bíblico prescreveu em certa época alguns “decretos eternos” que Ele próprio aboliu nas gerações seguintes. Ele revelou-se por partes, aos poucos, e não duma vez por todas, corroborando o princípio da imperfeição da religião formal. Os desígnios de Deus são insondáveis, ninguém pode garantir com a total certeza o modo como lhe ser mais propício; quanto mais santo é um crente mais ele labora com vistas à salvação, maior é o seu medo de ser perder. A religião formal é uma criação duma dada sociedade viva, vive com a sociedade e muda com ela. Os cultos são permutáveis, divindades com nomes diferentes são veneradas com o mesmo culto, enquanto as razões sociais que os engendraram são imorredouras. O mesmo princípio divino pode ter nomes diferentes que são o efeito da diversidade das culturas. O culto de Maria é a reposição de velhos cultos matriarcais, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos.

O leitor poderá estranhar a insistência do autor no método filológico, dando importância à origem dos nomes das divindades e das expressões culturais. A razão é que há cultos que têm origem nas palavras: quem suspeita hoje que a palavra *Deus* deriva do grego *tzeo* que significava “corredor” e que era aplicado ao Sol e aos astros, segundo Platão?<sup>5</sup> Por alguma razão os arquétipos astrais têm um lugar importante na religião e o Sol representou o deus máximo nas culturas semitas antigas. As palavras engendram fenómenos religiosos e os arquétipos fazem eclodir ritos. A expressão síria e hebraica *d yasurb* (“a que cria”, um arquétipo matriarcal) ouvida pelos letrados da língua grega deu origem a que se inventasse uma divindade chamada *Dea Suria* (Deusa Síria) e que, como tudo tem origem no Verbo, passou a ter existência. Os judeus veneraram Cibele e a Rainha dos Céus por causa duma confusão de palavras.

Este ensaio tem apenas a pretensão de analisar o momento da passagem do paganismo ao cristianismo: **apresenta-se aqui o cruzamento dos últimos vestígios do paganismo com os primeiros documentos do cristianismo ibérico de que há notícia.** O momento histórico respectivo vai dos cinquenta anos que precederam a oficialização do cristianismo e a data da queda do Império romano, um século depois daquele acto imperial.

<sup>5</sup> H. Pinar de la Boullaye, *Etudes Comparées des Religions*, Paris, Beauchesne, 1922, II, p. 157.

Simultaneamente apontam-se certas persistências dos antigos cultos na actualidade. A religião, como a cultura de que constitui um reflexo, é um *continuum*; não existem rupturas na cultura nem nas religiões, mas sobreposições de estratos simbólicos e cúlticos. A mudança processa-se na civilização (ou na cultura material como preferem alguns) e na organização social. As culturas caracterizam-se pela sua capacidade de resistência, de adaptação e de recuperação (nada mais falso para as Ciências Sociais do que conceber a História da Humanidade como uma sucessão de povos e de culturas que se substituem). As civilizações sucedem-se e eliminam-se enquanto as culturas persistem, resistem e adaptam-se. É o que encontramos neste ensaio: persistência das fórmulas religiosas apesar das múltiplas mudanças nas estruturas civilizacionais políticas e económicas.



Tratado sobre  
A DEUSA SÍRIA

Por  
Luciano

Apresentação, tradução e notas  
de  
Moisés Espírito Santo



## APRESENTAÇÃO

*De Dea Syria* de Luciano é um documento dos mais genuínos para a História e a Etnologia das religiões da Antiguidade. Nenhum etnólogo ou historiador nega a verdade e honestidade deste texto cujo autor presenciou o que descreve e conheceu os locais, porque nasceu na região.

Luciano (ou Luciano de Samoçata) foi um autor grego clássico. Escreveu um grande número de pequenas obras, romancista e romanista. Nasceu em Samoçata, no Norte da Síria, em 125 d.C. e morreu por volta de 195. Cedendo ao gosto das biografias, digamos apenas que era filho de gente pobre; o pai quis obrigá-lo a ser escultor mas o jovem Luciano desistiu e viveu de expedientes. Autodidacta, dedicou-se à advocacia em Antioquia (costa da Síria) mas abandonou a profissão para viajar pela Ásia Menor, Grécia, Macedónia, Itália e Gália onde proferiu conferências. Regressou à Grécia. Foi funcionário superior para as questões jurídicas do governador do Egipto e recolheu-se a Atenas onde se dedicou à escrita.

Luciano é conhecido pela sua veia sarcástica, céptica e racionalista, com pouca tolerância intelectual para as religiões da época e menos ainda para a mitologia clássica. Conhecendo esse temperamento de Luciano, deduzem certos autores modernos que este opúsculo da *A Deusa Síria* não é dele; outros descobrem na obra certos laivos de ironia e continuam a atribuí-lo a Luciano. Essa é a polémica literária em torno do livro.

O estilo pode não ser o mesmo das outras obras do autor. Há que pensar no entanto que este pequeno trabalho é como os textos a que hoje chamamos “reportagem” ou “estudo de campo”, onde a ironia e o cepticismo filosófico não têm cabimento. Depois, com Luciano passou-se isto: em pequeno abandonou a sua aldeia, aprendeu o direito e a ciência política por si próprio, correu o mundo, fez sucesso nas letras e na política e - entrado nos anos - decidiu ir visitar a terra natal e os santu-

ários onde o haviam levado os pais quando criança. No santuário de Hierápolis dedicado à Deusa Síria - objecto deste *Tratado* - foi encontrar a madeixa do seu cabelo de rapazito tal qual a tinha entregue (num frasco e o seu nome no rótulo), consagrado à divindade, como era exigido a todos os miúdos. É uma peregrinação às origens; o autor reviveu tudo quanto era credence ligada a esses locais, sem as pôr em causa, suporte das suas raízes. Depois, na ideologia do classicismo não era de bom tom ridiculizar as histórias da sua infância. É, pois, natural que se misturem neste *Tratado* sensações de infância com os dados observados na visita posterior; os milagres do Apolo podem ser sensações de criança, maravilhas que os vizinhos contavam, enquanto outros episódios são informações recolhidas em adulto.

Os dados estão de facto bem recolhidos, um modelo de levantamento etnográfico para aquele tempo. A seriedade do autor não é posta em causa por nenhum crítico. As situações aparecem-nos claras, minuciosas e até redundantes; se o *repórter* não chegou a entender certos *porquês*, não os inventa, transmite a explicação que ouviu, não sabe mais do que aquilo que lhe disseram. A seriedade e a autenticidade deste *Tratado* são qualidades que os historiadores e etnólogos das religiões reconhecem ao autor, que até poderia ser outro que não Luciano. Tudo quanto diz o autor está hoje confirmado por trabalhos posteriores, noutros locais e noutras línguas e, sobretudo, pela Arqueologia.

Algumas descrições são únicas no género. Muitos autores clássicos se referiram à *Deusa Síria* mas nenhum deles nos dera o prazer de tomar conhecimento dos seus rituais. Os autores romanos reportaram-se, por exemplo, aos cultos sangrentos da Deusa-Mãe (Cibele e outros nomes) mas não nos deixaram nenhum testemunho. Ora Luciano foi ao terreno e inquiriu. Para nossa felicidade viu e escreve a *maneira como se fazem os galli*, isto é, como é que os rapazes “vocacionados pela Deusa” se castravam e passavam a dedicar-se à sua missão religiosa. Esses *galli* (que nesta edição transcrevemos *Gallos*) vamos encontrá-los no culto de Cibele, em Roma, e existiram na Península Ibérica.

O *Tratado* é sobretudo representativo pelas informações sobre o estado da Religião no Médio Oriente do seu tempo; para além do mundo hebraico e bíblico, não existem outros testemunhos sobre a vida religiosa com este realismo.

O tempo de Luciano foi uma época de grandes mutações. O Médio Oriente havia sido conquistado pelo helenismo. O discurso sobre os deuses nacionais estava corrompido pelo palavrório da mitologia greco-

latina; nos meios eruditos, as teologias semitas - que são as actuais religiões dominantes - confundiam-se com as historietas gregas; a pureza da espiritualidade oriental cedia à decadência religiosa estrangeira.

Neste mar remexido que era o Médio Oriente da época, aparece um fenómeno novo, o *polimorfismo religioso*, isto é, interpretações múltiplas para o mesmo culto, próximo do fenómeno religioso a que chamamos *sincretismo*. Na *Deusa Síria*, o polimorfismo- sincretismo atingira dimensões que nos parecem hoje inimagináveis, e não acreditaríamos se não fosse o autor insuspeito. No turbilhão das letras e das artes clássicas que era a época de Luciano ninguém se entendia quanto à identidade das divindades que tinham a adesão ritual dos vários povos; a prática religiosa popular mantinha-se fiel ao seu passado remoto, mas as explicações dos sacerdotes não coincidiam com as dos fiéis; a explicação erudita traía a justificação popular. Os forasteiros nem sequer sabiam a qual princípio divino os rapazes dedicavam a sua castidade e se castravam.

A confusão dos discursos não impedia a fidelidade aos ritos. Aliás, a um camponês ou pastor pouco adianta que os teólogos definam Deus como o Absoluto, o Criador invisível, Uno ou Trino; para ele, Deus é como o touro, o trovão ou o mar; o touro, o trovão e o mar sugerem, encerram qualidades de Deus. Ao praticante assiste a razão em agir conforme as suas superstições, concebendo a teologia como uma labiríntica construção intelectual; venerando o Touro, venera Deus, o Absoluto, o Invisível. Se os líderes o proibirem de venerar o Touro ou a pedra largada pelo trovão, continuará a venerar as qualidades invisíveis e indizíveis dessas coisas. Essas qualidades são os *arquétipos*, os modelos primordiais.

Como disse no *Preâmbulo*, a ordem causal das práticas religiosas é:

arquétipo → rito → mito.

Primeiro existem os arquétipos nos inconscientes individuais; depois, praticam-se ritos concordantes com esses arquétipos. Os arquétipos são indizíveis, mas a relação entre eles e o ritual tem de ser justificada à luz da racionalidade vulgar; para tanto inventam-se os mitos religiosos. Em Hierápolis, tanto se dizia que os rapazes se castravam para imitar o pedreiro Combabos que se havia castrado pela Deusa-Mãe como se justificava esse acto sangrento pela conduta de Athis, o jovem parceiro ou filho da Mãe dos Deuses; ora, o rapaz impelido por essa “vocação”

castrava-se para responder aos imperativos dos seus arquétipos, a saber, vivendo uma cultura matriarcal, “era chamado, fora escolhido” pela Mãe. O nome dessa Mãe contava pouco (para mais naquela confusão de línguas), era a *Grande-Mãe*.

Os ritos são independentes das suas explicações as quais são sempre provisórias e conjunturais; por outras palavras, todas as explicações para a origem dos ritos são falsas. Os cultos só têm origem nos arquétipos. As teologias substituem-se, enquanto os ritos - o que há neles de essencial - atravessam os milénios, duram enquanto duram as culturas. O motor da Religião não são as justificações teológicas ou mitológicas mas o sistema de arquétipos que formam o seu trama, engendrado pela cultura.

Este *Tratado* de Luciano elucida também a questão importante da relação entre a mitologia greco-latina e a religião popular da época. Contrariamente aos historiadores e aos literatos, os sociólogos e etnólogos modernos não fazem fé na mitologia greco-latina enquanto suporte simbólico da vida religiosa da época, por outras palavras, a trama das personagens da mitologia clássica não representa um estádio teológico ou simbólico da vida religiosa. Essas personagens e as suas acções eram criações estéticas e literárias, não eram suporte de ritos nem objecto de fé popular. Vemos no santuário de Hierápolis, diz-nos Luciano, muitas estátuas de deuses, e esses nomes são os da mitologia erudita; eram objectos de arte e de adorno. Os cultos praticados no santuário não tinham relação com esses deuses; o que justificava o culto eram as crenças ancestrais, estranhas à mitologia clássica. Luciano, que conhecia o culto e a mitologia, sugere a cada passo que havia desfasamento entre os nomes eruditos e as razões populares.

Atendendo à confusa heterogeneidade do discurso religioso destes povos nessa fase da civilização mediterrânica, seria de prever que um novo sistema religioso estivesse prestes a irromper, tanto mais não fosse para salvaguarda da identidade local. Um profeta revolucionário ou um messias que se apresentasse na Síria-Palestina encontrava o terreno preparado e teria êxito assegurado. Delineemos o *portrait-robot* desse profeta: não poderia vir das elites dirigentes de Roma ou da Grécia onde estava a causa da decadência da nação siro-fenícia e da amálgama do discurso simbólico de todo o Mediterrâneo; não deveria pactuar com as historietas da mitologia greco-romana que só eram úteis para preencher o vazio dos urbanos ociosos; teria de pregar o espírito de martírio de *Adonis/Athis* e o ideal de abnegação que impulsionava os *Gallos*; deve-

ria adoptar a singeleza dos contadores de histórias que pernoitavam no santuário e ser tão desprendido das coisas como os frenéticos *derwiches* de Hierápolis; deveria propôr uma religião universal, comum a muitas raças e culturas, porque se diluíam as fronteiras entre as nações do Mediterrâneo; teria de ser *semita* porque só as religiões semitas têm vocação universal.

Pouco antes de Luciano inquirir sobre Hierápolis, viera um messias, Jesus, e já neste tempo contava com muitos discípulos na Síria e na Grécia; nos séculos que se seguiram toda a Síria aderiu ao seu sistema religioso. Mas, porque os novíssimos discípulos de Jesus, tendo-se aliado a Roma, desrespeitaram o *portrait-robot*, apresentou-se outro profeta revolucionário na região, o derradeiro, Maomé, o qual restaurou a espiritualidade semita rompendo definitivamente com o Ocidente.

Luciano de Samoçata, autor satírico cujos escritos não poupavam as superstições populares (os seus textos são muito diferentes deste), também conheceu os cristãos mas de longe, e fala deles em duas obras: *Alexandre, o falso profeta* e *Da morte de Peregrino*. Mas «só lhe merecem um olhar superficial. No conjunto não os trata demasiado mal. São uns infelizes; adoram a um homem morto numa cruz, crêem no absurdo da ressurreição e entregam-se voluntariamente à morte, mas não se lhes pode encontrar nenhum crime em concreto; o cristianismo não é mais do que uma loucura a acrescentar à lista interminável das insanidades humanas; Luciano é o único escritor pagão que parece falar desta loucura quase inofensiva»<sup>1</sup>.

\*

Para a presente tradução do *Tratado* servimo-nos da versão latina *De Dea Syria*, comparada com as três edições seguintes: Mario Meunier, *La Déesse Sirienne, Traduction, Prolégomènes et Notes*, Paris, 1947; A-M Harmon, *Lucian with an English Translation*, London, 1925; Lobo Vilela, *A Deusa Síria, Tradução e Notas*, Lisboa, sem data (1940?); quanto a esta última, para além duma fraca notícia sobre Luciano, as notas são inexistentes e a tradução comporta faltas de texto. As fontes bibliográficas para as notas da presente edição vão no final do texto.

<sup>1</sup> Daniel Ruiz Bueno, *Padres Apologetas Griegos* (s.II), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos 1979, p.49.



A DEUSA SÍRIA  
Texto e Notas



1 - Há na Síria, não longe do Eufrates, uma cidade que se chama Hiera [santa]. É, efectivamente, consagrada a Hera da Assíria; mas creio que o seu nome não data da fundação da cidade e antigamente tinha outro. Deram-lhe este nome desde que aí se desenrolaram as grandes cerimónias. É desta cidade, e do que ela encerra, que me proponho falar. Referir-me-ei aos ritos que se observam no culto, às peregrinações que ali se efectuam, aos sacrifícios que lá se fazem. Direi também tudo o que se conta a respeito dos fundadores do culto e como foi construído o templo. Eu, que escrevo este livro, sou assírio e vi com os meus olhos uma parte do que conto; o resto, isto é, o que se passou antes da minha época, conto-o tal como os sacerdotes mo contaram.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Hera é a deusa-mãe grega. O nome local da deusa de Hierápolis era *Atargatis* (fen. *Atta regati* “Atta procriadora”, sendo *Atta* o mesmo que Astarté) e correspondia à Astarté fenícia presente em todos os santuários da região. Diz Herodoto de Atargatis (cf. nº 32): “Uns tomam-na por Afrodite, outros por Hera, outros pela Natureza que tirou da humidade os princípios e as sementes de todos os seres e que deu a conhecer aos humanos a origem de todos os bens” (M. Meunier, p.94). A variedade de nomes por que era conhecida a deusa é um indicador do polimorfismo dos cultos populares: o objecto de veneração não era a estátua com determinado nome, mas um arquétipo, uma sugerência, uma hierofania, princípio que se encontra em cada episódio deste *Tratado*. O conceito moderno de sincretismo é uma variante de polimorfismo antigo. Enganam-se os letrados e os teólogos (Luciano fica perplexo) quando analisam os cultos populares através de parâmetros racionais e positivistas sem ter em conta o que os anima, que são os arquétipos inconscientes. Temos depois a expressão do colonialismo helénico que pretendia (tal como o romano) analisar a religião das colónias através dos modelos do colonizador. O nome de *Hera* introduzido pelos colonizadores entendia-se em fenício como sendo *br [ere]* “conceber”, “concepção, parir”, em acadiano *bar* “mulher” e “tomar mulher” ou *err* “matriz, cadinho”, em hebraico *brb [era]* “conceber, estar grávida” ou *bbrb* “inflamar-se, apaixonar-se” ou ainda *'erb* “descobrir-se, pôr-se nu, mostrar o sexo, entregar-se”. Toda esta semântica se encontra neste culto da Deusa Síria. Atenda-se ainda à confusão entre *hiera* (grego, “sagrada”) e *Hera* (o nome da Deusa), tipo de confusão muito frequente na evolução das religiões e que neste caso vai influenciar o nome do santuário. A cidade passou a chamar-se Hierápolis (“cidade sagrada”) desde o tempo de Nicator Seleucus (305-287 a.C.) companheiro de Alexandre da Macedónia que conquistou a Síria e mais tarde a Palestina contribuindo para a helenização de toda essa

2 - Diz-se que, de todos os povos que conhecemos, os egípcios foram os primeiros que conceberam a existência dos deuses, lhes votaram culto e recintos sagrados e convocaram reuniões solenes. Foram também os primeiros que conheceram os nomes divinos e formularam as doutrinas sagradas. Pouco tempo depois, os assírios, instruídos pelos egípcios na sua doutrina religiosa, instituíram também cultos e fundaram templos onde colocaram imagens e erigiram figuras esculpidas.<sup>2</sup>

3 - Antigamente, mesmo entre os egípcios, não havia estátuas nos templos<sup>3</sup>. Na Síria também há templos que são quase da mesma época dos do Egipto. Eu vi a maior parte deles, nomeadamente o de Hércules em Tiro que não é o mesmo Hércules que os gregos celebram: aquele a que me refiro é muito mais antigo e é um herói de Tiro<sup>4</sup>.

---

região. Antes, a cidade chamava-se Manbog e hoje é Membidj, a 20 quilómetros do Eufrates.

- <sup>2</sup> “Foram os egípcios...”: é a visão positivista e historicista sobre a origem da religião, que é falsa. Os autores discordam quanto à proveniência dos cultos nesta região: os cultos egípcios, segundo alguns, terão procedido da Síria e da Fenícia e não o contrário. Os cultos fenícios e egípcios são os mesmos com nomes diferentes.
- <sup>3</sup> Os antigos semitas não cultuavam imagens ou pinturas (nem os actuais) mas sugeriam o sagrado por meio de elementos naturais (esteios erguidos ou bétilos, pedras caídas do céu, árvores, fontes, rios, etc.). A Bíblia menciona frequentemente esta proibição dirigida aos hebreus para marcar a oposição aos cananitas (fenícios, sírios) que passaram a cultuar imagens. Estrabão (III 4,17) diz também que os galegos não veneravam imagens. Pretendem alguns (entre eles Leite de Vasconcelos) que a não-veneração de imagens corresponde a uma civilização atrasada quando é o contrário: a religiosidade é tanto mais pura e espiritual quanto menos necessitar de representações materiais.
- <sup>4</sup> Com o nome de Heracles mencionam-se três heróis divinizados na Antiguidade (Heracles de Tiro, Heracles grego e Hércules romano). Mas são o mesmo nos feitos como no culto (D. Van Berchem, *Síria*, XLIV 1-4; R. Dussaud, *Melqart, Síria*, XXV 3-4). Heracles de Tiro deu origem aos outros dois que são cópias do primeiro. Heracles de Tiro também se chamou Melqart (*melk qrt* “rei da cidade”). Intitulado o Invicto, foi um marinheiro que percorreu o mundo para civilizar as gentes. Chegando a Gibraltar ergueu duas colunas comemorativas, uma de cada lado do estreito (Colunas de Hércules). Teve um templo em Cádiz (Gadera, fenícia) visitado por caudilhos ibéricos, generais romanos e sábios gregos que aí iam estudar o fenómeno das marés. Encerrava o corpo de Heracles que aí acabou os seus *Doze Trabalhos*. Teve igualmente um santuário no Promontório Sacro (Sagres); Artimidoros visitou-o, enquanto Estrabão (III 1,4) refere que era apenas um círculo de pedras com lajes erguidas que os fiéis removiam; praticava-se aí o culto que vamos encontrar em Hierápolis (Art. 13 e 48) destinado a exorcizar as inundações (ou a seca) consistindo em acarretar água e despejá-la entre as lajes. O culto do Promontório era unicamente diurno sendo a noite reservada aos deuses que aí se reuniam,

4 - Vê-se também na Fenícia outro grande templo que pertence aos sidónios<sup>5</sup>. É, segundo eles, um templo de Astarté, mas julgo que Astarté é Selene [a Lua]. Porém, pelo que me disse um dos sacerdotes, é dedicado a Europa, irmã de Cadmo e filha do rei Agenor. Quando ela desapareceu, os fenícios edificaram um templo em sua honra e contaram dela esta lenda sagrada: que, tendo a sua beleza excitado o desejo de Zeus, este deus se transformou em touro, a raptou e transportou para Creta. Ouvi a mesma lenda contada por outros fenícios e a moeda que os sidónios utilizam representa Europa sentada num touro, que é Zeus. Mas nem todos estão de acordo que o templo seja dedicado a Europa<sup>6</sup>.

5 - Os fenícios têm ainda outro culto que não é assírio mas egípcio e que foi transportado de Heliópolis para a Fenícia. Não vi o templo em que ele se pratica; mas também é importante e antigo<sup>7</sup>.

---

segundo Estrabão, crença que ainda aí circulava quando L. de Vasconcelos visitou o local (*Religiões da Lusitânia* II, p. 207). Ao Heracles Invicto do Cabo de Sagres sucedeu São Vicente (= o que vence); pela lógica do sincretismo religioso, São Vicente foi Heracles. Diz-se que o corpo de São Vicente abordou aí, vindo do Oriente. É uma reminiscência mítica da veneração do corpo de Heracles em Cádiz. O pretense corpo de S. Vicente foi trasladado por D. Afonso Henriques para Lisboa; dizendo-se esta fundada pelos fenícios... o seu a seu dono. Segundo a *Crónica Geral de Espanha* de 1344 (II, cap. V-IX) foi Heracles ou (Hércules) quem “povoou” a Península conquistada a Geryon/Gedion “proprietário de muitas vacas” e senhor de Cádiz, segundo o mito fenício de Heracles. Os distintivos de Heracles de Tiro são a moça e a pele de leão; moedas de Salacia (Alcácer do Sal) com legenda fenícia comportam os seus distintivos e efígie.

<sup>5</sup> Na sua fase arcaica, a religião dos fenícios e dos hebreus não comportava templos construídos; os locais religiosos eram ao ar livre, constando de um terreiro delimitado por pedras brutas de cerca de um metro de altura e, ao centro, um edículo rudimentar, uma pedra erguida ou um edículo que protegia uma pedra cônica. A pedra erguida do centro (altura de dois ou três metros) e o cone são conhecidos por bétilos (hb. *bet illu* “morada de Deus”). Encontramos restos destes antigos santuários fenícios no Alentejo (exemplo, Monsaraz e Évora); atribuindo erradamente a esses sítios e pedras uma origem celta, os arqueólogos portugueses designan-nos *cromelechs*. Os megalitos do sul da Grã-Bretanha também chamados *cromelechs* são igualmente de origem fenícia. A pedra central (por vezes de forma fálica) que figurava nesses santuários não era um *ídolo* mas um simples sinal da presença de Deus, sugerida por uma fórmula de consagração do género “Deus mora aqui” (Gen. 28: 16-19). A ideia de construir templos (o de Salomão foi o primeiro entre os hebreus, sec. IX a.C., construído pelos técnicos fenícios) é uma influência das culturas estrangeiras, talvez egípcia.

<sup>6</sup> Caso evidente de polimorfismo e sincretismo religiosos.

<sup>7</sup> Trata-se do templo assírio de Baalbek ou Heliópolis dedicado ao Sol, por imitação do egípcio Heliópolis (“cidade do Sol”).

6 - Também vi em Biblos um grande templo da Afrodite biblense, onde se celebram mistérios em honra de Adonis<sup>8</sup>. Informei-me acerca destes mistérios. Os habitantes de Biblos dizem que a história de Adónis ferido pelo javali se passou no seu país e todos os anos, em memória deste acontecimento, eles batem no peito, fazem lamentações, celebram mistérios e usam luto pesado por toda a região. Depois de terem batido muito no peito e se terem lamentado bastante, fazem primeiro um sacrifício a Adonis, como a um morto; mas no dia seguinte proclamam que está vivo e mandam-no para o céu; rapam então o cabelo como os egípcios pela morte de Apis<sup>9</sup>. As mulheres que se recusam a cortar o cabelo são punidas do seguinte modo: põe-se-lhes à venda a beleza, durante um dia, mas o lugar onde elas se encontram só é acessível aos estrangeiros e o que ganham é levado como oferenda a Afrodite<sup>10</sup>.

7 - Alguns biblenses pretendem que o Osíris egípcio foi enterrado no seu território e este luto e mistérios se não fazem em honra de Adonis, que todas estas cerimónias se praticam em honra de Osiris. Eu digo donde lhes vem essa crença, porque a este respeito parece que o que eles dizem é digno de fé: todos os anos, vem do Egipto a Biblos uma cabeça que flutua nas ondas e faz a travessia em sete dias. Os ventos impelem-na durante esta santa viagem; não se desvia para qualquer outra parte: aborda sempre em Biblos. É um verdadeiro milagre que anualmente se renova. Produziu-se quando eu estava em Biblos e pude contemplar essa cabeça feita de papiro<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> Biblos (a Gebal bíblica, hoje Djebail) perto da foz do rio Adonis entre Beirute e Tripoli, já era centro de peregrinações no séc. XV a.C. mencionada nas *tabuinhas* de Tel-el-Amarna (Egipto). A “Afrodite biblense” é a Astarté de Biblos correspondente à Istar de Babilónia; Adonis é o nome que os gregos deram a Tamouse, jovem deus babilónico parceiro ou filho de Istar. Os gregos chamaram-lhe Adonis por os sírios o tratarem de *Adoni* (fen. “meu senhor”) e tomaram assim um atributo por um nome próprio. (sobre o culto de Adonis, v. capítulo referente à *Magna Mater*).

<sup>9</sup> Apis é o boi sagrado dos egípcios que representava a imagem viva de Osiris, versão egípcia do Adonis fenício, do Tammouse babilónico e do Athis frígio; por ocasião da sua morte rapavam a cabeça e carpavam-no. Macrobo diz que os egípcios rapavam os cabelos para demonstrar que, tal como os cabelos cortados crescem, assim o deus renascia (M. Meunier, p.43).

<sup>10</sup> Afrodite: correspondente grega da Vénus romana e da Istar babilónica, deusa da sensualidade.

<sup>11</sup> Trata-se do culto da “Viagem da Santa Cabeça” cujo mito ainda existe no culto de Jesus Crucificado de algumas povoações de Portugal (Barcelos, Fão, Matosinhos, Sesimbra, etc.): o Senhor “veio do mar e acostou no sítio onde hoje se venera”. Em Mafamude

8 - Acontece na região de Biblos outro prodígio com um rio que desce do monte Líbano e desagua no mar. Deram-lhe o nome de Adonis. Anualmente as suas águas ficam ensanguentadas; muda de cor quando chega ao mar e tingem de vermelho uma grande extensão. É este o sinal do luto para a população de Biblos. Diz a lenda que foi nesses dias que Adonis foi ferido no Líbano e o seu sangue, que corre no rio, lhe muda a cor e lhe dá o seu nome. É isto o que diz a maior parte, mas um homem da região, que me pareceu dizer a verdade, deu-me outra explicação do fenómeno. Eis o que me disse:

«O rio Adonis, estrangeiro, atravessa o Líbano; ora, o Líbano tem terras muitíssimo vermelhas. Os ventos violentos que sopram durante esses dias arrastam para o rio essa terra corada de vermelho. É ela que lhe dá a cor do sangue. Não é, pois, o sangue, como se diz, mas a natureza do terreno que produz esse fenómeno». Foi esta a explicação que ele me deu. Se é verdade, a coincidência do vento não me parece menos sobrenatural<sup>12</sup>.

9 - De Biblos subi ao Líbano, à distância de um dia de caminho. Tinham-me dito que havia ali um templo antigo de Afrodite, fundado por Kiniras. Vi-o; é, com efeito, muito antigo<sup>13</sup>. São estes os grandes e antigos templos que se encontram na Síria.

10 - De todos estes templos, creio que nenhum é tão vasto como o de Hierápolis. Não há santuário mais grandioso nem região mais santa. Este templo encerra obras de grande valor, oferendas antigas, inúmeras maravilhas, imagens magníficas e divindades que se manifestam ostensivamente. De facto, aí as imagens cobrem-se de suor, movem-se e dão oráculos. Por vezes também,

---

(Porto), os ribeirinhos do Douro praticam o culto da Santa Cabeça que dizem ser de São Gonçalo, o qual como noutros locais portugueses, corresponde a Adonis/Athis. A cabeça de São Gonçalo era outrora lançada ao rio e recuperada na praia do mar.

<sup>12</sup> O mito e o culto de Adonis serão objecto dum capítulo posterior.

<sup>13</sup> Trata-se do templo de Afka, na nascente do rio Adonis (hoje Nahr Ibrahim). Foi o mais célebre templo de Astarté-Adonis; interessaram-se por esse sítio rico em espólios arqueológicos Ernest Renan (*Mission en Phénicie*), Maspero (*Histoire Ancienne*), que classificam paisagem como “uma das mais belas do mundo”. O culto de Adonis ainda aí existe hoje, sob a forma de água e árvores santas.

fechado o templo, ouve-se ali uma voz aguda e muita gente a tem ouvido. Do ponto de vista da riqueza, é também o primeiro de todos os que conheço. Recebe, efectivamente, muito dinheiro da Arábia, da Fenícia, da Babilónia e também da Capadócia; os cilicianos e os assírios também lhe levam ofertas. Eu próprio vi o tesouro que é guardado secretamente no templo: muitos estofos e objectos arrumados segundo são em prata ou em ouro. Quanto às festas e às peregrinações solenes, em nenhum outro povo há tantas como ali.

11 - Quando me informei do número de anos que o templo podia ter e a que deusa era consagrado, obtive múltiplas respostas, umas sagradas, outras profanas; umas quantas, inteiramente fabulosas; algumas bárbaras, outras enfim de acordo com o que dizem os gregos. Vou falar de todas, sem adoptar nenhuma.

12 - A gente miúda diz que o fundador foi Deucalião, o Sisytho, e que Deucalião foi aquele em cujo tempo se produziu a grande inundação. Ouvei dos gregos a história de Deucalião tal como eles a contam. Eis, mais ou menos, a tradição que corre entre eles. A raça de homens que actualmente existe não foi a primeira; a primeira raça desapareceu por completo. Os homens actuais são da segunda raça, daquela que proveio de Deucalião e depois se multiplicou. A respeito desses primeiros homens, eis o que se conta. Como eram muito violentos, cometiam crimes, violavam juramentos, não recebiam os estrangeiros e repeliam os mendigos. Na sequência de tais actos foram punidos por um terrível cataclismo. De repente, a terra vomitou do seu seio grande quantidade de água, sobrevieram grandes chuvas, os rios transbordaram do leito e o mar inundou as terras até muito longe; tudo se cobriu de água e os homens pereceram. Escapou apenas um, Deucalião que, devido à sua sabedoria e piedade, foi reservado para dar origem a uma segunda geração. Eis como se salvou. Meteu-se numa grande arca que possuía depois de ter metido nela os filhos e as mulheres. No momento em que subia para ela, viu dirigirem-se a ele javalis, cavalos, diversas espécies de leões, répteis e outros animais que vivem sobre a terra. Todos se apresentaram acasalados. Recebeu-os a todos e eles não lhe fizeram mal nenhum; pelo contrário, viveram juntos em perfeita amizade, pela vontade de Zeus. Vogaram todos na mesma arca enquanto

a água cobriu a terra. É isto que os gregos contam a respeito de Deucalião<sup>14</sup>.

13 - Os habitantes de Hierápolis contam um facto dos mais surpreendentes que teria ocorrido em seguida. Dizem que no seu país se formou uma grande caverna por onde se escoou toda a água. Depois deste prodígio, Deucalião erigiu altares e construiu um templo consagrado a Hera, sobre a caverna. Também vi esta fenda; fica debaixo do templo e é muito estreita. Teria sido grande, outrora e seria o tempo que a reduziu ao que hoje é? Ignoro-o; mas, tal como a vi, é estreita. Praticam ainda hoje uma cerimónia que evoca esta história. Duas vezes por ano trazem água do mar para o templo. Não são só os sacerdotes que a trazem: a Síria inteira, a Arábia e muita gente que vive para além do Eufrates desce ao mar e todos trazem água. Derramam-na primeiro no templo, depois ela escoar-se pela fenda que, apesar de pequena, absorve grande quantidade. Fazendo isso, eles pretendem seguir o costume que Deucalião teria instituído nesse templo como lembrança, simultaneamente, da desgraça e do benefício<sup>15</sup>. Tal é a antiga tradição que corre entre eles a respeito do templo.

14 - Segundo outros, foi Semiramis, rainha da Babilónia (que deixou na Ásia muitos edifícios), quem construiu este templo e o consagrou, não a Hera, mas a sua mãe chamada Derqueta (ou Derceta). Eu vi na Fenícia uma representação de Derqueta. É uma figura estranha: a parte superior do corpo é de mulher mas a que vai das coxas aos pés prolonga-se em cauda de peixe; a estátua que se vê em Hierápolis é de mulher da cabeça aos pés. As provas em que fundam esta crença não são muito claras. Consideram os peixes sagrados e não lhes tocam; por outro lado comem todas as espécies de aves excepto as pombas; para eles, são sagradas. Parece que eles agem assim a fim de honrar Derqueta e Semíramis: Derqueta porque tem a forma de um peixe, e Semíramis porque, quando morreu, foi metamorfoseada em pomba. Quanto a mim,

<sup>14</sup> Versão assíria do Dilúvio com a introdução do Deucalião grego. A versão do dilúvio é, por assim dizer, universal. Neste caso, o sobrenome Sisytho aplicado a Deucalião sugere que Luciano ouviu a versão babilónica autêntica cujo herói se chama Sisythros, segundo Meunier. A versão bíblica do Dilúvio é uma cópia da descrição babilónica contida na *Epopéia de Gilgames* que data do séc. XVIII a.C., em língua acadiana.

<sup>15</sup> Os autores actuais dizem que “mar” está por “rio ou lagoa”. O rito é referido de novo no n.º 48 e existiu no Promontório Sacro (v. nota 4).

poderia admitir que o templo tivesse sido obra de Semíramis, mas recuso-me a acreditar que seja consagrado a Derqueta, uma vez que entre os egípcios há pessoas que não comem peixe e não o fazem para agradar a Derqueta<sup>16</sup>.

15 - Contam ainda outra história sagrada, um homem instruído contou-me: a deusa é Reia e o templo é obra de Athis. Athis era originário da Lídia; foi ele quem primeiro ensinou os mistérios de Reia. Todos os ritos que os frígios, os lídios e os samotrácios praticam foram-lhes ensinados por Athis. Desde o momento em que Reia o casou, ele renunciou à condição masculina, tomou o aspecto de mulher, vestiu-se como uma mulher e, caminhando pelo mundo inteiro, celebrava os mistérios, contava os seus sofrimentos e glorificava Reia. As suas peregrinações conduziram-no à Síria, mas, como os povos que vivem do outro lado do Eufrates não o tivessem acolhido nem aos seus mistérios, fundou um templo neste país, e a prova é que a deusa tem os atributos de Reia. É puxada por leões, pega num tamboril e tem uma coroa em forma de torre na cabeça, tal como os lídios representam Reia. O meu informador dizia também, referindo-se aos Gallos que servem no templo, que eles nunca se mutilam em honra de Hera, mas sim de Reia, e que eles o fazem para imitar Athis. Mas tudo isto me parece mais especioso do que verdadeiro. De facto, ouvi outra explicação muito mais verosímil para este costume da castração<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Semiramis foi uma rainha lendária da Assíria, génio fundador: desviou o curso dos rios, escavou as montanhas, abriu estradas, erigiu templos, sulcou os mares; “A natureza impôs-me um corpo de mulher mas as minhas acções não têm igual entre os maiores dos homens”; morrendo, metamorfoseou-se em pomba (Maspero, *Hist. Anc.*, p. 345). Derqueta ou Derceta foi uma sereia. A pomba foi também o atributo de Astarté e o peixe, o de Athis. O peixe aparece depois como símbolo de Cristo (*Ichthys*) enquanto a pomba sempre foi o símbolo do espírito fecundador: no livro do Genesis, o Espírito de Deus “pairava” sobre as águas antes da Criação e ainda hoje serve para representar o Espírito fecundante e vivificador.

<sup>17</sup> Para a castração v. nº 51. Athis é o Adonis da Àsia Menor cuja deusa-mãe era Cibele, objecto dum outro capítulo. A descrição do culto e da imagem de Reia corresponde em tudo ao culto da Cibele da Ásia Menor entronizada depois em Roma. Hera, deusa-mãe dos gregos, é a mesma que Reia, mas com diferentes cultos. Reia era a preferida dos rurais, protectora da terra, lúbrica e incitadora de violentas paixões espirituais, confundida com Cibele; Hera era a preferida da classe superior; tal como Juno (parceira de Júpiter, a Hera romanizada), a Hera grega passava por ser o protótipo da boa esposa, da boa mãe de família e conselheira dos casados. A recusa dos Gallos em “não se mutilarem em honra de Hera mas de Reia” representa a diferença de culturas, a

16 - Eu prefiro, quanto a mim, a explicação que avançam aqueles que geralmente seguem a opinião dos gregos. Supõem que a deusa é Hera e que o templo é obra de Dionisos, filho de Semeleia. Com efeito, Dionisos veio à Síria aquando da sua viagem à Etiópia. Há no templo muitos sinais que provam que Dionisos o teria fundado; entre eles, encontram-se trajas de bárbaros, pedras preciosas da Índia, dentes de elefante que Dionisos trouxe da Etiópia; depois, dois enormes falos erguem-se no vestíbulo, sobre os quais está gravada esta inscrição:

“Estes falos fui eu, Dionisos, que os consagrei a Hera, minha sogra.”

Eu acho estas provas suficientes. Todavia vou contar ainda outra coisa que se refere ao culto de Dionisos neste templo. Os gregos erigem falos a Dionisos e sobre eles colocam bonecos esculpidos em madeira providos de um grande membro viril. Chamam-lhes *nevrospastes*<sup>18</sup>. Encontra-se também este símbolo no templo: à direita vê-se um homem pequeno de bronze sentado com um membro enorme.

17 - São estas as diversas tradições que correm acerca dos fundadores do santuário. Vou agora falar do edifício e dizer como ele foi fundado e quem o mandou construir. Diz-se que o edifício que existe hoje não foi o primeiro; que o primeiro santuário foi destruído pelo tempo e o que existe hoje é obra de Estratónica, mulher do rei da

---

dominante e a dominada: Reia estava para Hera como a *Nossa Senhora* da religião popular portuguesa está para a *Virgem Maria* da Igreja Católica. Esta diferenciação das deusas-mães representa também a mudança de dois conceitos de família, oriental e ocidental.

<sup>18</sup> *Nevrospastes* (gr. “movidos por meio de cordel”), eram bonecos grosseiros de barro ou madeira com um grande membro viril que se accionava puxando por um fio (cf. o nosso “boneco das Caldas”). Também se usava no Egipto; as mulheres egípcias, depois do luto pela morte de Osíris, passeavam pelas ruas agitando o membro do boneco para estimular a virilidade dos homens (Heródoto, II, 48 citado por M. Meunier, p.71). Relaciona-se com culto do Hermes grego e da Ásia Menor. Nas encruzilhadas havia *nevrospastes* maiores; os transeuntes puxavam pelo fio para se protegerem contra os ladrões ou encontrar objectos perdidos (os ladrões também o faziam para serem eficazes no roubo). O Santo António português herdou uma boa parte do culto de Hermes, nomeadamente contra o roubo e pelos objectos perdidos, para além de ser representado da mesma forma que Hermes (Moisés Espírito Santo, *Orig. Orient. Rel. Pop. Port.*, p. 180 e gravuras 38-40) e é festejado com ritos semelhantes aos de Adonis. Que a representação mais típica do nosso “boneco das Caldas” seja a de um frade franciscano, contribui para que a associação entre os *nevrospastes*-Hermes e Santo António seja completa.

Assíria<sup>19</sup>. Ora, esta Estratónica parece-me ser aquela por quem se apaixonou o enteado, ligação que foi descoberta pela sagacidade do médico. Quando a funesta paixão se apoderou dele, não sabendo que fazer do pecado vergonhoso, sofria em silêncio. Deitava-se sem ter dores, a sua cor mudava completamente, o corpo mirrava-se de dia para dia. O médico, não vendo nenhuma causa aparente do seu mal, adivinhou que sofria duma paixão. Vários são os sintomas de um amor oculto, languidez de olhar, voz alterada, palidez, lágrimas. Reconhecidos os indícios, eis o que o médico fez: pôs a mão direita sobre o coração do rapaz e chamou todas as pessoas da casa. Entraram todos no quarto do doente que se conservou em perfeita calma; mas, quando chegou a madrastra, mudou de cor, pôs-se a suar, ficou trémulo e o coração sobressaltou-se. Tais indicações revelaram ao médico a indiscutível presença da paixão.

18 - Eis como o curou. Mandou chamar o pai do rapaz que receava o estado do filho e disse-lhe:

«A doença que consome o seu filho não é uma doença, é uma paixão culposa. Ele não tem dores, mas está devorado pela paixão e tem o espírito perturbado. Deseja o que não poderá alcançar: está apaixonado pela minha mulher e eu não lha cederei» (esta falsa referência era uma hábil mentira). Então o pai suplicou-lhe:

«Pela tua sabedoria e pela arte médica não deixes morrer o meu filho. Foi contra a sua vontade que ele caiu nesta paixão; a sua doença é involuntária. Não queiras, pois, por ciúme, mergulhar em luto todo o reino, nem provoques, tu que és médico, censuras contra a arte médica» (assim lhe suplicou ele sem suspeitar do ardil). Mas o médico respondeu-lhe: «A tua insistência é injusta. Queres roubar-me a minha mulher e exercer violência sobre um médico! E tu? Que farias tu se este rapaz estivesse apaixonado da tua mulher e se eu te pedisse o que exiges de mim?»

A estas palavras o pai respondeu que ele não pouparia a sua mulher para salvar o filho, que não cederia ao ciúme, porque a perda de uma esposa não se pode comparar à calamidade que é perder um filho. Mal o médico ouviu pronunciar estas palavras, exclamou:

---

<sup>19</sup> Estratónica foi uma personagem real, mulher de Nicator Seleucus (conquistador da Assíria) mas a história que se segue assemelha-se a um mito de fundação idêntico a muitos outros.

«Mas então? Porque me suplicas? O teu filho está apaixonado pela tua mulher, tudo quanto eu disse era fingimento.»

O rei deixou-se persuadir por este discurso: transmitiu ao filho a mulher e o reino. Retirou-se para o país da Babilónia e construiu, nas margens do Eufrates, uma cidade a que deu o seu nome e onde passou o resto da vida. Foi assim que o médico descobriu e curou a paixão do jovem príncipe.

19 - Esta Estratónica vivia ainda com o primeiro marido quando teve um sonho no qual Hera lhe ordenava que lhe erigisse um templo em Hierápolis e a ameaçava de grandes males se não obedecesse. A princípio, Estratónica não fez caso desta ordem; mas, como tivesse adoecido gravemente, contou ao marido a visão, tentou apaziguar Hera e prometeu erigir-lhe o templo que ela pedia. Logo que recuperou a saúde, o marido mandou-a a Hierápolis, deu-lhe dinheiro e um numeroso exército, parte do qual devia trabalhar na construção e a outra parte velar pela segurança da rainha. Ao mesmo tempo, mandou vir um dos amigos, rapaz de excepcional beleza, chamado Combabo.

«Eu conheço-te, Combabo, enquanto homem honesto; gosto mais de ti do que de todos os meus amigos; louvo-te a prudência e o afecto que sempre me manifestaste. Hoje, preciso de toda a tua confiança: é a ti que escolho para acompanhares a minha mulher, concluir a obra em vez de mim, realizares os sacrifícios e comandar o meu exército. Quando regressares podes contar com uma grande recompensa da minha parte.»

Ao ouvir estas palavras, Combabo suplicou-lhe e pediu-lhe insistentemente que lhe não impusesse essa viagem e o não encarregasse de uma missão tanto acima do seu mérito, confiando-lhe tesouros, a mulher, uma incumbência sagrada. Ele receava que o rei viesse a ter ciúmes dele, por causa de Estratónica que ia conduzir sozinho.

20 - Como o rei insistisse, Combabo suplicou-lhe um prazo de sete dias para ultimar um assunto premente antes de partir. Obteve este prazo, facilmente, regressou a casa e, deitando-se ao chão, pôs-se a lamentar a sua desgraça.

«Desgraçado! Ao que me leva a minha fidelidade! Que espero eu desta viagem cujo resultado prevejo? Tão novo ainda e acompanhar uma mulher tão bela! Uma grande desgraça me virá, se não desfaço tudo o que pode causá-la. Vou executar um acto importante que me livrará de qualquer receio.»

Dizendo estas palavras, mutilou-se cortando o pênis que depôs num pequeno vaso com mirra, mel e outras substâncias odoríferas; em seguida selou-o com o seu sinete e fez um penso na ferida. Depois, quando se julgou em estado de poder viajar, foi ter com o rei e, na presença de grande número de testemunhas, entregou-lhe o vaso, dizendo-lhe:

«Senhor, isto é um grande tesouro que eu guardava em minha casa; tenho-lhe a maior afeição. Agora, que vou partir para uma longa viagem, deponho-o nas vossas mãos. Guardai-mo em lugar seguro porque lhe quero mais do que ao ouro e tanto como à minha vida. Fazei que quando eu regressar o encontre intacto.»

O rei recebeu-o e, depois de lhe aplicar o seu sinete, confiou-o à guarda dos intendententes.

21 - Depois disso, Combabo fez a sua viagem em segurança. Chegados a Hierápolis entregaram-se com afincos à construção do templo e decorreram três anos neste trabalho. Durante isso deu-se o que Combabo receava. Estratónica, que passava longas horas na sua companhia, enamorou-se primeiro dele e depois ficou loucamente apaixonada. Os habitantes de Hierápolis pretendem que isto aconteceu por vontade de Hera, a fim de tornar conhecida a virtude de Combabo, e de castigar Estratónica por ter sido tão lenta a oferecer-lhe um templo.

22 - A princípio a rainha manteve-se dentro das normas da decência e ocultou a sua loucura; porém, quando esta se tornou mais forte do que o silêncio, deixou transparecer a amargura que a consumia: chorava em pleno dia, chamava em altas vozes Combabo, porque Combabo era tudo para ela. Por fim, não vendo termo ao seu mal, procurou o meio de solicitar decentemente aquele a quem amava. Como não queria fazer confidência do seu amor a ninguém e se envergonhava de ser a primeira a atacar, resolveu embriagar-se antes de encetar o colóquio. Onde entra o vinho a franqueza também entra, e uma recusa então não tem nada de humilhante: tudo quanto se possa fazer é levado à conta de inconsciência.

Ela fez o que tinha decidido. Depois do jantar, foi para o quarto onde Combabo dormia, suplicou-lhe, abraçou-se-lhe aos joelhos e confessou-lhe o seu amor. Ele recebeu a confissão dela com dureza, recusou a oferta e censurou-a por estar embriagada. Estratónia ameaçou dar cabo de si mesma, ele teve medo, revelou-lhe tudo, contou-lhe o que fizera e mostrou-lhe a prova. Perante este espectáculo imprevisto, ela moderou

o seu furor. Mas não mitigou a sua ternura por ele: pelo contrário, passava com ele todos os momentos que podia e consolava-se assim da sua paixão insatisfeita. Amores como estes ainda hoje se vêem em Hierápolis. Há mulheres que se enamoram dos Gallos, os Gallos são loucos por mulheres e ninguém tem ciúmes delés; consideram-se esses amores inteiramente sagrados.

23 - O que se passava em Hierápolis entre Estratónica e Combabo não passou despercebido ao rei porque eram muitos os que daí vinham e denunciavam o comportamento da rainha. Profundamente irritado com estas acusações, o rei, sem esperar que a obra estivesse concluída, mandou vir Combabo. Alguns pretendem (mas é falso) que Estratónica, vendo repelidas as suas súplicas, escrevera ao marido acusando Combabo de ter atentado contra o seu pudor. O que os gregos dizem de Estenoboia e de Fedra de Cnosso, contam os assírios de Estratónica<sup>20</sup>. Quanto a mim, não creio que Estenoboia nem Fedra tenham feito isso, se é certo que Fedra amava Hipólito verdadeiramente. Mas não atribuamos mais importância a estas coisas do que elas merecem.

24 - Quando a mensagem chegou a Hierápolis e Combabo soube do motivo por que era chamado, partiu cheio de confiança porque tinha deixado em casa do rei a prova da sua inocência. Logo que chegou, o rei mandou-o pôr a ferros e manteve-o bem guardado; depois, na presença dos mesmos amigos que estavam diante de Combabo na altura em que ele fôra enviado a Hierápolis, fê-lo vir ao meio da sala e começou a acusá-lo de adultério e a censurar-lhe a sua incontinência. Depois, num acesso de cólera, lembrou-lhe a confiança e a amizade com que o tinha honrado e declarou-o culpado de três crimes: adultério, abuso de confiança e impiedade para com Hera a quem ultrajava com semelhante conduta, no momento em que trabalhava no seu templo. Diversas testemunhas o acusavam e afirmavam ter visto os dois amantes patentear publicamente a sua ligação. Todos concluíram que Combabo devia ser imediatamente condenado à morte, por ter cometido crimes sujeitos a essa pena.

---

<sup>20</sup> Também na Bíblia, Putifar mulher do Faraó, denunciou falsamente José, intendente do palácio, acusando-o de se introduzir abusivamente no seu aposento quando era ela quem o assediava e ele se recusava.

25 - Até então Combabo tinha-se conservado de pé sem dizer palavra. Porém, como se preparavam para o conduzir ao suplício, rompeu o silêncio e reclamou o que havia depositado acrescentando que, se o condenavam à morte, não era por ultraje nem por adultério, mas porque o rei queria apropriar-se do depósito que lhe havia feito quando partira. Ouvindo isto, o rei chamou o intendente e mandou-o buscar o que tinha confiado à sua guarda. Quando trouxeram o vaso, Combabo quebrou-lhe o sinete, mostrou o que ele continha e depois a mutilação que tinha feito e disse:

«Oh rei: eu já suspeitava do que hoje me acontece. Quando tu me obrigaste a empreender esta viagem, eu parti, mas contra a minha vontade. Uma vez que das tuas ordens fiz a minha obrigação, resolvi executar o que estás a ver: acto generoso a respeito do meu amo, mas nada vantajoso para mim. Mesmo assim, tal como estou, acusam-me dum crime de que só um homem completo se podia tornar culpado».

Estupefacto com este espectáculo, o rei beijou-o e disse-lhe chorando:

«Oh Combabo, porque fizeste isto a ti próprio? Porquê, único entre os homens, te trataste tão indignamente? Não posso concordar, desgraçado, de modo nenhum, com a maneira como procedeste. Prouvesse aos deuses que tu nunca tivesses sofrido nem eu visto semelhante coisa! Eu não tinha necessidade dessa justificação; mas já que um deus assim o quis, quero, primeiro, oferecer-te a morte dos teus delactores; em seguida, receberás valiosos presentes, muito ouro, imensa prata, trajos assírios e cavalos da estrebaria real. Entrarás no meu palácio sem seres anunciado e ninguém te impedirá de me veres, ainda que esteja deitado com a minha mulher».

Foi isto que o rei disse e manteve a sua palavra. Imediatamente foram conduzidos ao suplício os caluniadores. Quanto a Combabo, foi cumulado de presentes, viu aumentar a amizade do rei e ninguém, entre os assírios, se podia comparar em sabedoria e em felicidade a Combabo.

26 - Depois, Combabo, tendo pedido que lhe permitisse concluir a construção do templo que ficara incompleto, foi enviado para lá segunda vez. Concluiu o edifício e aí se fixou. Para honrar a sua virtude e generosidade, o rei permitiu-lhe que erigisse uma estátua de bronze no templo. Ainda hoje, em testemunho de honra, se pode ver no santuário uma estátua em bronze representando Combabo, obra de Hermocles de

Rodes. Assemelha-se a uma mulher, no rosto, mas usa traje de homem. Conta-se que os mais íntimos dos seus amigos, para o consolarem, aceitaram compartilhar a sua desventura. Eles castraram-se também a si próprios e adoptaram o estilo de vida de Combabo. Há quem conte a este propósito histórias sagradas, segundo as quais foi Hera - que amava Combabo - que inspirou a muitos a ideia de se castrarem, afim de o seu amante não ser o único a afligir-se da perda da sua virilidade.

27 - Uma vez introduzido este costume, manteve-se até hoje; e anualmente muitos homens se mutilam no santuário e passam a viver como mulheres, quer para consolar Combabo, quer para agradar a Hera. Uma vez castrados, deixam de usar trajos de homens; vestem-se de mulheres e fazem serviços de mulheres.

Segundo o que ouvi dizer, também se atribui a Combabo a origem desta mudança de traje. Eis o que lhe aconteceu: uma mulher estrangeira que tinha vindo a uma peregrinação, viu Combabo. Como ele era belo e usava ainda fatos de homem, concebeu por ele uma violenta paixão. Depois, quando soube que ele era incompleto, suicidou-se. Daí em diante, desesperado com os males que lhe atribuía Afrodite, Combabo vestiu-se de mulher para evitar que outra mulher incorresse no mesmo erro. É por este motivo que os Gallos se vestem de mulheres. Acerca de Combabo não direi mais nada. Quanto aos Gallos, voltarei a falar deles mais adiante, e direi como se mutilam, como são enterrados e por que motivo não entram no templo; mas antes disso quero referir-me à situação e grandeza do santuário. Começo, pois.

28 - O santuário foi construído numa colina; está situado, mais ou menos, no centro da cidade, cercado por duas muralhas uma das quais é antiga e a outra não vai muito além da nossa época. Os propiléus do santuário orientam-se para o norte, numa extensão de cerca de cem braças [180 metros]<sup>21</sup>. É sobre estes propiléus que se erguem os falos

<sup>21</sup> Nas cidades populosas, os santuários eram cercados por muros altos (de 3 a 5 metros) enquanto os santuários rústicos das aldeias consistiam apenas num círculo de pedras. Os santuários fenícios eram também chamados "lugares altos", a sua localização não era necessariamente no cimo do monte, mas na encosta, do lado poente para uma melhor exposição climática. Os rochedos eram integrados no santuário, escavados desde que possível. Compreendiam sempre na sua estrutura um rio, ribeiro, fonte ou sisterna porque, segundo os assírios, fenícios e hebreus, "Deus só se manifesta junto da água". Conhecem-se várias estruturas de santuários fenícios e assírios; geralmente o povo só tinha acesso aos pátios ou cercas (o de Jerusalém tinha uma cerca para os

que Dionisos erigiu; estes falos têm trinta braças de altura [54 metros]<sup>22</sup>. Duas vezes por ano, um homem sobe para o cimo de um deles e fica ali durante sete dias. Eis a razão que se dá deste costume. O povo está persuadido de que, deste lugar elevado, o homem conversa com os deuses, lhes pede para concederem os seus favores a toda a Síria e os deuses ouvem mais de perto as suas preces. Outros dizem que se faz isso em honra de Deucalião e em memória da calamidade que aconteceu, em que os homens subiam aos lugares mais elevados e às árvores mais altas com receio do Dilúvio. Mas esta explicação não me parece credível. Eu penso que eles perpetuam este costume em honra de Dionisos. Eis em que baseio a minha conjectura: aqueles que consagram falos a Dionisos colocam-lhes em cima homenzinhos feitos de madeira. Porquê? Não sei dizer, mas o homem que sobe ao falo parece-me imitar o boneco de madeira.

29 - Eis como ele faz a ascensão. Passa à sua volta e do falo uma pequena corda e içá-se apoiando-se em pedaços de madeira fixos ao falo, que formam saliências para assentar a ponta do pé. À medida que sobe, levanta a corda dos dois lados, como os condutores de carros levantam as rédeas. Quem nunca viu isto mas viu subir às palmeiras, na Arábia, no Egipto ou algures, entende o que eu quero dizer. Quando chega ao cimo, larga outra corda que leva consigo, esta bastante comprida, e puxa tudo aquilo de que precisa: pedaços de pau, vestuário, utensílios. Ligando estes materiais, constrói um habitáculo semelhante a um ninho. Instala-se aí e aí fica, como disse, durante sete dias.

Muitas são as pessoas que lhe levam ouro e prata, outros bronze; colocam-no no chão, diante dele e retiram-se dizendo os seus nomes.

---

gentios) enquanto a estrutura coberta, de reduzidas dimensões, “morada de Deus”, era acessível aos sacerdotes.

<sup>22</sup> Duas colunas à entrada eram o elemento característico destes santuários (G. Conteneau, *La Civil. Phén.* 162-176); por vezes era uma galeria de pilares ou colunas, soltas ou integradas na estrutura; tanto podiam ser colunas monumentais como simples esteios de pedra ou tijolo. Delimitando materialmente o fora e o dentro, essas colunas conferiam ao acto de entrar uma sugestão iniciática. O templo de Salomão tinha de cada lado do vestíbulo (propiléus) uma coluna de bronze com dezoito *ammas* [10 metros] de altura e 12 de perímetro, cujo capitel era rodeado por cem romãs; à da direita foi dado o nome *Yaqim* [firme] e à da esquerda, *Boaz* [com vigor] (*I Reis*, 7:15-22). Nos capiteis das colunas fenícias utilizavam-se estilizações de palma, cabeças de touro, etc. As de Hierápolis tinham a forma de falos, arquétipo do vigor e da autoridade de Deus (e do povo que as erguia); fosse qual fosse a forma do capitel, as colunas solitárias sugeriam sempre o falo, arquétipo da autoridade.

Um outro homem que ali está de pé grita-lhe estes nomes para cima e quando o estilista ouve o nome, faz uma prece por cada um. Enquanto reza bate num instrumento de bronze que, sob as pancadas, produz um som forte e surdo. Ele nunca dorme. Se se deixasse surpreender pelo sono, um escorpião subiria a acordá-lo com uma dolorosa picada. É essa a punição que corresponderia ao seu sono. O que se conta do escorpião é coisa religiosa e divina; mas será verdade? Não sei dizer. Todavia, creio que o medo de cair contribui também muito para conservar o homem acordado. Já disse o suficiente acerca dos homens que sobem aos falos. O templo está voltado para o sol nascente.

30 - Pela forma e pela estrutura assemelha-se aos templos que se constroem na Jónia. A base em que assenta eleva-se do solo à altura de duas braças. Sobem-se ao templo por uma escadaria de pedra, pouco larga. Quando termina a subida, o vestíbulo oferece um aspecto maravilhoso; as portas com que é ornado são de ouro. No interior resplandece de mil ornamentos de ouro e o tecto é todo de ouro<sup>23</sup>. Um perfume divino exala-se como o odor que se diz exalar das regiões da Arábia. Quando se sobe, sente-se de longe o delicioso cheiro que sai dele. E quando saímos, este perfume não nos deixa. Os nossos fatos guardam durante muito tempo os seus eflúvios que nunca mais podemos esquecer.

31 - No interior o templo não é simples: construíram aí uma outra capela<sup>24</sup>. Sobem-se por uma pequena escada. Não tem portas; a fachada é inteiramente aberta. No templo principal toda a gente pode entrar; mas na capela só os sacerdotes têm o direito de penetrar, mas não todos: somente os que estão mais próximos dos deuses e têm a seu cargo todo o serviço do culto. Nesta capela estão colocadas imagens, a de Hera e uma outra que é Zeus, mas os Sírios dão-lhe outro nome<sup>25</sup>. Ambas são de

---

<sup>23</sup> Essas riquezas foram pilhadas pelos intendentes de Antiochus IV (187-175) mas rapidamente refeitas graças ao zelo dos fiéis; ignora-se o momento da destruição definitiva do santuário.

<sup>24</sup> A capela interior corresponde ao santo-dos-santos do templo de Salomão (onde morava a divindade só acessível aos sacerdotes) e à capela-mor das igrejas católicas onde oficia o clero, separada do público por uma balaustrada.

<sup>25</sup> O nome que os assírios e fenícios lhe davam era Hadad parceiro de Atargatis ou Astarté (M. Meunier, p.95); o seu nome composto *ad 'd 'd ad* (fen/heb) significa uma série de situações relacionadas com o seu culto: "pai do caudal das águas subterrâneas ou do caudal das águas celestiais", "pai da comunidade", "pai da aliança", "pai do edículo",

ouro e estão sentadas; no entanto, Hera é puxada por leões<sup>26</sup> e Zeus por uma junta de touros<sup>27</sup>. Efectivamente esta imagem em tudo sugere Zeus: é a cabeça dele, o seu traje, o seu trono. Ainda que se quisesse, não se poderia tomá-lo por outro.

32 - Quanto a Hera, quando se examina bem, oferece grande variedade de aspectos. No conjunto é verdadeiramente Hera, mas tem qualquer coisa de Atena, de Afrodite, de Selene, de Reia, de Artemisa, de Nemesis e das Moiras<sup>28</sup>. Numa das mãos tem um ceptro e na outra um fuso. Tem na cabeça um resplendor, uma torre e a fita que é exclusivo de Afrodite Celeste. Exteriormente está coberta de ouro e de pedras infinitamente preciosas, umas brancas, outras da côr da água, muitas da côr do vinho ou outras côr do fogo; vemos algumas ónix de Sardes, jacintos e esmeraldas que lhe trazem os egípcios, os hindus, os etíopes, os médos, os arménios e os babilónios. Mas o que ela tem de mais notável é o que vou descrever: esta imagem tem na cabeça uma pedra preciosa a que chamam *lychnis* [gr. «lâmpada»] e este nome é derivado do efeito que produz. Desta pedra jorra durante a noite um tão vivo clarão que o templo é inteiramente iluminado por ela como se fosse uma lâmpada. De dia o seu brilho é mais fraco mas conserva, todavia, a sua côr de fogo intenso<sup>29</sup>. Esta imagem oferece ainda outra particularidade maravilhosa: se a examinarmos de frente, olha para nós, e se nos

---

ou *hbd ad* “único pai”. Hadad fazia-se ouvir por meio do trovão tal como o Deus bíblico; era o juiz e senhor dos elementos astrais e subterrâneos, comandava a chuva, as inundações e o bom tempo. Representava-se com um machado numa mão e um corisco na outra (por vezes uma espiga de trigo) ou como um touro (tal como o Deus de Israel em épocas de confusão religiosa). Hadad não difere de Yaveh nem do conceito popular português de Deus; Hadad foi o supremo Deus em toda esta região semita até ao momento em que o seu nome foi substituído pelo de Allah.

<sup>26</sup> Puxada por leões ou acostada por dois leões conforme os casos.

<sup>27</sup> Em vez de “puxado por uma junta de touros” seria mais conforme: “acostado por dois touros” (M. Meunier, p.96).

<sup>28</sup> Exemplo acabado de polimorfismo religioso, como se todas as divindades femininas se assemelhassem ou se confundissem uma vez que desempenham as mesmas funções.

<sup>29</sup> Falvius Josephus historiador romano do judaísmo antigo diz que a Shekina de Deus (a sua “face feminina”) residia no Templo de Jerusalém sob a forma visível duma claridade azulada e essa claridade tinha o nome de Moira (hb. “luminosidade”) a qual seria também o efeito duma pedra preciosa. Há gravuras de Astarté em que a sua testa exala um raio vertical como se aí residisse um foco de luz. Plínio refere-se a alguns tipos dessas pedras; diz até que no “território olissiponense, na Lusitânia, cavando o solo argiloso e queimado do sol se podia encontrar o *carbunculum*, espécie de rubi que

deslocarmos o seu olhar segue-nos; se outra pessoa a olhar de outro lado ela faz o mesmo.

33 - Entre estas duas imagens há outra representação santa que, sendo de ouro, não se assemelha em nada às outras imagens. Não tem forma particular mas tem características de outros deuses. Os assírios designam-na por *semeion* e não lhe atribuem nome particular. Não dizem nada a respeito da sua origem nem do que ela representa. Uns referem-na a Dionisos, outros, a Deucalião e outros ainda a Semiramis. No cimo, de facto, tem uma pomba de ouro, donde se diz que é o símbolo de Semiramis. Duas vezes por ano é levada até junto ao mar, quando se vai aí buscar a água a que me referi<sup>30</sup>.

---

brilhava na obscuridade como uma brasa (*Hist. Nat.* XXXVII e Nota de Garcia Bellido). Já por cá se não encontram... Li num jornal que “um homem rico de Taipé (Formosa) expôs ao público uma pérola preciosa rara luminescente durante a noite emitindo um brilho esverdeado; é do tamanho dum ovo de perdiz encaixada na boca duma figura de dragão em bronze e ouro e pertencia a um membro da dinastia chinesa” (*D. de Notícias* 11.5.92).

<sup>30</sup> O que seria essa coisa designada por *semeion*, sem nome particular, e de cuja origem não falavam? J. Garstang reproduz uma moeda do III séc. da nossa era mostrando um edículo rectangular terminado em espigão contendo no interior coroas de vegetação e encimado por uma pomba e que diz ser o *semeion* (M. Meunier, p.100). Luciano, sempre dado aos pormenores, também não quis descrever. Os comentadores mostraram-se perplexos quanto à significação do objecto e traduzem-no por “sinal” (gr. *semeion*). Conhecendo-se a língua falada pelos assírios, suspeita-se que tenha havido um erro no levantamento dos dados no terreno, como dizemos hoje. De facto, os autores que venho citando não suspeitaram que pudesse haver confusão linguística resultante do facto de um forasteiro confundir um vocábulo local com um da sua língua, foneticamente semelhante mas semanticamente diferente. Luciano transcreve *semeion* (em grego) porque assim supôs tê-lo ouvido dos assírios (que não falavam grego mas hebraico). Atendendo ao que diz Luciano desse objecto (“não tem nome, nada dizem dele, comporta uma pomba, leva-se quando se vai ao mar buscar água para exorcizar o dilúvio...”) e partindo do princípio que os fiéis utilizavam um vocábulo assírio que se assemelhava foneticamente ao grego *semeion*, descobre-se que os fiéis nomeavam a coisa pelas suas funções no culto, assim: dizendo *sm'ôn* [*xém eion*] significa (heb/fen) “nome proibido”; *sm'in* [*xém âin*] (heb/fen) “não tem nome”; *sm'bh un* [*xem ââ un*] (fen), “nome da água da calamidade, do dilúvio”; *sm'ôn* [*xem eôn*] (heb) “nome do vigor procriador”; *sm'yônh* [*xém iuône*] (heb) “nome da pomba”; *sm'yôn* [*xemo ion*] (heb) “notícias da pomba”; *sm'on* [*xemâion*] “noticiar a devastação”; *sm'in* [*ssmô âin*] (heb) “não há secura”; *sm'bh'in* [*xema ein*] (heb) “não há devastação, calamidade”; *sm'ôn* [*semáaôn*] (heb) “região árida”; *sm'un* [*sma eun*] (fen) “preserva da desgraça, da praga”; *s'bh m'nh* [*xeâ meione*] (heb/fen) “tardar que a água sobrevenha”; *zmb'on* [*zema eion*] (heb) “planifica a desgraça”; *s'mh on* [*sá mââ eon*] (fen) “varrer, eliminar a água da desgraça”. Em conclusão, a coisa “não tinha um nome particular”, porque era designada pela sua função ritual e esta encontrava-se variando

34 - No interior do templo, à esquerda de quem entra, vê-se primeiro o trono reservado ao Sol; mas a imagem deste deus não está lá. O Sol e a Lua são as únicas divindades que os sírios não representam por imagens. Porque têm eles este costume? Eu próprio descobri a razão. É coisa santa, pretendem eles, erigir imagens aos deuses, porque as suas aparências não se manifestam aos olhos de todos os humanos. Ora, o Sol e a Lua resplandecem ao olhar de todos, toda a gente os vê. Para quê então erigir imagens a divindades que se tornam visíveis no céu?

35 - Depois deste trono, encontra-se uma estátua de Apolo, mas que se não assemelha às que habitualmente lhe erigem. Com efeito, todos os outros povos representam Apolo como um adolescente na flor da idade; os sírios são os únicos que representam Apolo com barba. Vangloriam-se muito da sua ideia e censuram os gregos e outras nações por pensarem que tornam Apolo propício dando-lhe o aspecto de rapaz; a seus olhos, é dar provas de grande ignorância representar os deuses com traços imperfeitos, e na opinião deles a juventude é uma idade imperfeita. Na sua figuração de Apolo, eles introduziram outra inovação ainda: eles são os únicos a representá-lo vestido<sup>31</sup>.

36 - Teria muito que contar a respeito dos prodígios deste deus; limitar-me-ei ao que é mais digno de admiração. Vou falar primeiro do seu poder oracular. Há muitos oráculos entre os gregos, muitos entre os egípcios; há-os na Líbia<sup>32</sup> e são inúmeros na Ásia. Porém esses oráculos só são proferidos com o recurso dos sacerdotes e dos profetas. Este move-se por si próprio e comporta-se até ao final como o autor da predicção. Eis como se procede. Quando ele quer dar um oráculo, começa por se agitar sobre o pedestal. Os sacerdotes pegam nele imediatamente. Se o não fazem, ele põe-se a suar e a agitar-se com mais violência.

---

sucessivamente a pronúncia. Foi Hadad quem provocara o dilúvio e é ele que preside às águas subterrâneas e celestes; a pomba que figurava no objecto representa a pomba enviada por Deucalião/Noé para dar notícias do estado das águas, enquanto as coroas representam o regresso da vegetação. "Levada até junto do mar" está por "levada até junto do rio ou lagoa".

<sup>31</sup> Não era portanto o Apolo dos gregos mas, segundo M. Meunier, uma divindade babilónica chamada Nabu, inventor da escrita, mestre dos escribas e arauto do destino (p.102). Corresponde ao nome comum hebraico *nabia* "profeta, adivinho, intérprete", corroborado com o que se segue.

<sup>32</sup> Líbia - nome genérico para Norte de África.

Logo que o põem sobre os ombros e o levam, ele condu-los fazendo-os girar em todos os sentidos e saltando de um para outro. Finalmente o grande-sacerdote enfrenta-o e interroga-o sobre toda a espécie de questões. Se ele desaprova determinado empreendimento, recua; se ele aprova, puxa para a frente aqueles que o carregam, ao modo dos cocheiros. É assim que os sírios obtêm os seus oráculos e não empreendem nenhum negócio, sagrado ou profano, sem recorrer a eles. O oráculo faz também predicções relativas ao ano e às diferentes estações do ano, ainda que o não interroguem. Ele assinala também, a propósito do *semeion*, o momento em que se deve empreender a viagem de que falei.

37 - Vou contar ainda outra coisa que a imagem fez diante de mim. Os sacerdotes tinham pegado nela e levavam-na. Ela elevou-se sozinha no ar deixando-os ficar em baixo, no chão.

38 - A seguir à imagem de Apolo, há uma de Atlas; e a seguir a esta, uma de Hermes e de Eiliteia<sup>33</sup>.

39 - São estas as imagens que ornaram o interior do templo. Fora, há um grande altar de bronze. Há também aí centenas de imagens de bronze, de reis e de sacerdotes. Referir-me-ei às mais interessantes. À esquerda do templo, vê-se uma de Semiramis que aponta para o edifício com a mão direita. Erigiram-na pela seguinte razão: Semiramis tinha promulgado uma lei que obrigava todos os povos da Síria a adorá-la como uma deusa e a não fazerem caso das outras divindades, nem mesmo de Hera. Eles obedeceram. Pouco depois, desgraças e males caíram sobre eles sob a forma de doenças enviadas pelos deuses. Semiramis veio sobre a sua loucura, reconheceu-se mortal e ordenou aos seus fiéis que se voltassem antes de mais para Hera. É por isso que a representam naquela atitude. Ela mostra aos visitantes do templo que devem adorar Hera, que ela não é deusa e que só reconhece este título a Hera.

40 - Também lá vi estátuas de Helena, Hécuba, Andrómaca, Páris, Heitor e Aquiles. Vi também as de Nireu, filho de Aglaio, de Filomela e

---

<sup>33</sup> Atlas era o génio que sustém o mundo e Hermes, o condutor das almas dos mortos além de ter tido muitas outras funções; Eiliteia foi a divindade dos partos, como a Lucina romana.

de Procne ainda mulheres e de Tereia já transformada em ave. Vê-se ainda outra de Semiramis, de Combabo a que já me referi; há uma de Estratónica perfeitamente bela e uma de Alexandre muito parecida com ele. Ao lado, ergue-se a de Sardanapalo com outra forma e com um traje diferente.

41 - No pátio, vêm-se pastar em liberdade grandes bois, cavalos, águias, ursos e leões. Não fazem mal aos homens; são todos sagrados e mansos.

42 - São inúmeros os sacerdotes admitidos nos santuários. Uns degolam as vítimas, outros oferecem libações; há-os que são chamados *condutores do fogo* e outros, *assistentes do altar*. Aquando da minha visita, havia mais de trezentos que assistiam aos sacrifícios. Vestiam todos de branco e usavam um barrete de feltro<sup>34</sup>. O grande sacerdote muda todos os anos; é o único a usar púrpura e a cingir-se de uma tiara de ouro.<sup>35</sup>

43 - Há depois uma multidão de pessoas ligadas ao serviço do templo: tocadores de flauta e de pífaro, Gallos e mulheres exaltadas e frenéticas<sup>36</sup>.

44 - O sacrifício celebra-se duas vezes por dia; assiste a ele toda a gente. Sacrifica-se a Zeus, em silêncio, sem cantos nem flautas; mas, logo

<sup>34</sup> Barrete de feltro cónico, “barrete frígio” como nos mostram os vestígios de pinturas; Athis era representado dessa forma.

<sup>35</sup> Já era a tiara como a que usa o papa católico a qual tem origem na liturgia síria do cristianismo primitivo.

<sup>36</sup> Para além dos gallos e dos sacerdotes havia de tudo no santuário: barbeiros para rapar a cabeça dos peregrinos que o deviam fazer, escravos e parasitas de miúdas tarefas, prostitutas sagradas (como no templo de Jerusalém a que a Bíblia chama “santas”) e prostitutos sagrados (que também os havia em Jerusalém designados por “cães” e de que uma parte dos proventos revertia para o santuário); prostitutas e prostitutos foram depois proibidos por Deus em Jerusalém “mesmo que essa tarefa resultasse do cumprimento dum voto” (Deut,23:18). Havia mulheres excitadas (“frenéticas”) tidas como esposas do deus, médiuns, profetisas e adivinhas às quais recorriam os peregrinos; tocadoras de tamboril e adufe cujo frenesim levava os jovens a auto-castrarem-se; *nazirim*, ou homens cujas mães os haviam consagrado a Deus e que se distinguiam por não poderem cortar o cabelo; homens santos que as mulheres abordavam com vistas a uma progenitura; tocadores de pífaro nos actos litúrgicos, etc., e, nos arredores, feira permanente e muita algazarra.

que se começa a celebrar Hera, canta-se, toca-se flauta, rufam-se tambores. Ninguém me soube explicar porquê<sup>37</sup>.

45 - Também lá há, não longe do templo, um lago onde se sustentam inúmeros peixes sagrados de variadas espécies. Alguns tornaram-se muito grandes: têm nome e acodem quando os chamam. Eu próprio vi um que usava um ornamento de ouro: era uma jóia que lhe tinham prendido às barbatanas. Vi-o mais de uma vez com este ornamento de ouro.<sup>38</sup>

46 - A profundidade do lago é imensa. Não o sondei mas dizem que tem mais de duzentas braças. No meio do lago há um altar de pedra. À primeira vista dir-se-ia que flutua, sustentado pela água e muita gente julga isso. Eu, porém, creio que este altar assenta numa comprida coluna que o sustenta. Está coroado de grinaldas e ardem nele perfumes constantemente. Todos os dias muitas pessoas vão junto dele a nado para pagarem uma promessa coroando-o de flores.

47 - Celebram-se também à beira do lago grandes festas. Chamam-lhes *Descidas ao lago* porque nessas festas todas as imagens dos deuses descem à beira do lago. De entre todas a de Hera é a primeira a chegar, por causa dos peixes, para evitar que Zeus seja o primeiro a vê-los. Se tal coisa acontecesse, diz-se que os peixes morriam todos. É certo que Zeus vem para os ver, mas ela põe-se diante dele, impede que os veja e, à força de instâncias, fá-lo retroceder<sup>39</sup>.

48 - Porém, as suas maiores festas são as que se celebram à beira do mar<sup>40</sup>. Sobre estas festas nada posso dizer ao certo porque não fui lá

<sup>37</sup> Zeus (Hadad) era uma divindade exigente e furibunda e o seu culto, uma obrigação social resultante do medo; o culto da Grande-Mãe era espontâneo, apaixonado e orgiaco.

<sup>38</sup> O lago ainda existe, segundo os investigadores recentes que visitaram o sítio, mas é hoje uma lagoa abandonada com cerca de cem metros de diâmetro e bastante profunda. Quanto aos peixes sagrados e prendados, é um facto referido por vários autores antigos para diversos santuários.

<sup>39</sup> Efeito ritualístico da luta pelo poder religioso, patriarcal ou matriarcal, numa linguagem genuinamente popular.

<sup>40</sup> Trata-se do rito para exorcizar o dilúvio, ou a seca, no qual participa o *semeion*; a época era anunciada por um oráculo de Nabu.

nem tentei a viagem; mas vi o que fazem no regresso e vou contá-lo. Todos trazem um vaso cheio de água e selado com cêra. Não é o próprio que quebra o selo para verter a água. Há um *Galo Sagrado* que mora junto do lago. Recebe os vasos, examina-lhes os selos; recebe um salário e arranca a cêra. Este ofício proporciona ao *Galo Sagrado*<sup>41</sup> uma grande quantidade de minas. Depois cada um conduz o seu vaso ao templo, despeja ali a água. Faz-se um sacrifício e cada qual sai.

49 - De todas as festas que vi, a mais imponente é a que se celebra no começo da primavera. Uns chamam-lhe *Festa da Fogueira*; outros, a *Festa dos Archotes ou das Lâmpadas*. Eis o sacrifício que se pratica nesse momento: cortam-se grandes árvores e erguem-nas no pátio; depois trazem cabras, ovelhas e outros animais vivos que suspendem das árvores<sup>42</sup>. Põem também ali aves, roupas e objectos de ouro e prata. Terminados os preparativos, levam as imagens sagradas à volta das árvores, lançam fogo ao montão e tudo arde imediatamente. Esta festa atrai imensa gente que vem da Síria e dos países circunvizinhos. Cada povo leva as suas imagens sagradas e as figurações com que imita as suas formas<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> "*Galo Sagrado... que examina os selos*": o texto diz de facto "galo" (francês *coq*) mas deve tratar-se dum homem emasculado. A confusão vem do latim em que *galus* (fr. *coq*) e *gallus* (*homem emasculado*) são homófonos. O emblema do *arquigallus* (intendente dos Gallos) era também um *galo*. O termo para homem emasculado será aqui transcrito *Gallo*, com maiúscula, para não se confundir com a ave de capoeira.

<sup>42</sup> Esta festa no início da Primavera celebrava o regresso da vegetação. As árvores seriam sobretudo pinheiros (o pinheiro era o emblema de Athis). Ainda existe entre nós essa festa com o pinheiro, chamada em Aveiro "festa de São Gonçálinho" em fins de Janeiro; os fiéis organizam na igreja que tem esse santo por titular uma procissão em que cada um leva um pequeno pinheiro erguido; seguidamente procede-se a um bodo, servindo-se da balastrada de que está provido o telhado da igreja para lançar os pães sobre o povo. Algures essa festa celebra-se em honra de São Sebastião que é representado varado com flechas (emasculado), amarrado a uma árvore como Athis. A festa dos Archotes deu lugar à festa católica das Candeias, como se explica noutra capítulo, que tem lugar a 2 de Fevereiro.

<sup>43</sup> "Cada povo leva as suas imagens": estando as povoações obrigadas a ir ao santuário, o grupo que aí se deslocava constituía uma delegação do todo. O porte das "suas imagens" nacionais era como um atestado de presença, demonstrava que a povoação aí estava para cumprir a obrigação. Os peregrinos eram alojados num albergue relacionado com a sua pátria (v. nº56), propriedade da pátria. O mesmo funcionamento encontra-se entre nós, conhecido por "sirios ou cirios"; alguns santuários (Cabo Espichel, Atalaia, Carvalhal do Bombarral, Senhora dos Remédios de Peniche, Peneda, Abadia, etc.) ainda conservam os albergues colectivos e que são propriedade das aldeias que estão obrigadas a uma ida anual ao santuário. A deslocação do "sirio" é justificada por

50 - Em dias determinados, uma multidão reúne-se no santuário. Grande número de Gallos e os homens ligados ao serviço dos deuses a que já aludi, celebram ritos orgiásticos, golpeiam os braços e batem nas costas uns dos outros<sup>44</sup>. Vários músicos, de pé junto deles, tocam flauta; muitos tocam tambor, outros cantam cânticos inspirados e sagrados. Porém estas cerimónias têm lugar fora do templo e os actores destas práticas não entram lá.

51 - É nesses dias que se fazem os Gallos. Enquanto uns tocam flauta e celebram os mistérios, uma demência comunica-se a muitos dos assistentes,<sup>45</sup> e muitos dos que vieram como espectadores entre-

---

uma “promessa antiga” que essa povoação teria feito contra uma “praga de gafanhotos”, eufemismo para “seca” (*M.E.S., Orig. Orient. da Rel Pop. Port.* p. 18). A expressão “as figurações com que imita as suas formas” sugere que cada povo ou povoação representava a divindade segundo a sua expressão cultural, tal como hoje. Compreende-se que as opiniões individuais quanto ao nome da divindade exposta divergissem e deixassem perplexo o forasteiro Luciano.

<sup>44</sup> Como as manifestações de flagelantes que existiram em toda a margem do Mediterrâneo europeu e de que as mais célebres nos nossos dias são as da Semana Santa de Sevilha. Referir-nos-emos a esses ritos noutra capítulo. Antes que esses rituais sangrentos se celebrassem em nome dum ente divino que morreu pela Humanidade (Athis, Adonis, Jesus) já se praticavam para o regresso dos grãos e do vinho e, ocasionalmente, para implorar a chuva. A Bíblia dá-nos várias referências do costume da flagelação “pelo pão e pelo vinho”; a mais explícita é a cena do Monte Carmelo (*I Reis*, 18:20-40) para implorar chuva: durante uma prolongada seca, “uma tropa de profetas de Israel” comandados por Elias e 450 profetas de Baal (fenícios) acusavam-se mutuamente de serem os causadores do flagelo; Elias desafiou os adversários para testar qual dos dois deuses era o verdadeiro Deus e que detinha a chuva. Elias definiu as regras e impôs-se como árbitro: colocaram-se as duas facções de profetas no mesmo recinto, imolaram dois bois (um por conta de cada deus), cada grupo invocava o seu deus para que viesse incendiar o holocausto e enviasse chuva. Os profetas de Baal excitavam-se, entravam em transe, dobravam o joelho diante do altar, flagelavam-se e cortavam-se nos braços com espadas e lanças até sangrarem, pediam a Baal que os ouvisse, que viesse incendiar o sacrifício, “mas não houve voz nem resposta”. Entraram em jogo os profetas de Israel: Elias invocou o seu Deus e inflamou-se o holocausto, o sol cobriu-se de nuvens e veio chuva. Os profetas de Baal foram chacinados junto dum ribeiro pelos profetas de Israel.

<sup>45</sup> É o transe gregário, frequente nos povos do Médio Oriente e norte-africanos: aglutinada a multidão e havendo unanimidade de slogans (de ritmos ou de música), toda a autonomia individual se esvai e o estado de coesão absoluta produz um bloco humano homogéneo; os delírios individuais propagam-se a todos assim como a insensibilidade à dor e ao medo da morte e provocando a absoluta desconexão do raciocínio vulgar. Em pequena escala, produz-se nos grupos reunidos nos santuários, nas comunidades islâmicas dos derwiches e, no catolicismo, é a prática regular de certas ordens monásticas como a dos carmelitas. Neste caso, o transe provocava a insensibilidade à dor e ao medo da morte inerente ao corte do pénis.

gam-se aos actos que vou contar. Todo o mancebo que decidiu ser Gallo larga o fato, avança lançando um grande grito no meio da assembleia, corre a agarrar num cutelo que é, julgo eu, reservado para esse efeito desde há muitos anos.<sup>46</sup> Apanhado que está o cutelo, castra-se subitamente e põe-se a correr pela cidade exibindo nas mãos aquilo que cortou. A casa para onde atirar aquilo de que se privou, qualquer que seja a casa, fornece-lhe uma túnica de mulher e tudo quanto é preciso para adorno do sexo feminino. É assim que se pratica a castração.<sup>47</sup>

52 - Depois da morte, os Gallos não são enterrados como os outros homens. Quando morre um Gallo os confrades pegam nele e levam-no para um subúrbio onde o depositam com a padiola que serviu para o transportarem; atiram-lhe pedras para cima e depois retiram-se.<sup>48</sup> Aguardam então sete dias antes de voltarem ao templo. Se entram ali antes de expirar este prazo, cometem um sacrilégio.

53 - Eles observam também as regras seguintes. Se um deles viu um morto, não entra no santuário nesse dia; só lá entra no dia seguinte, depois de se ter purificado. Os parentes do morto só lá podem entrar ao cabo de trinta dias e depois de terem rapado a cabeça. Antes de ter observado estas prescrições, a lei religiosa interdiz-lhes o acesso.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> Os Gallos cortavam-se com um cutelo de ouro, dizem alguns, enquanto outros dizem que era de prata (não era de ferro ou de bronze); outros propõem que era de pedra, o que é mais provável tal como se diz que foi o objecto que Athis utilizou. A mulher de Moisés circuncidou o filho com um silex (*Ex.4:25*) e Josué, preparando a conquista de Canaã (quando já havia cutelos de metal), foi intimado por Deus para que fizesse cutelos de silex e circuncidasse todos os homens uma segunda vez (*Josué, 5:2*). Aos circuncidados dos antigos hebreus applicava-se a menção “esposos de sangue” (*Ex.4:26*); entre os semitas, a circuncisão é a marca de uma aliança entre o elemento masculino e Deus (*Ex.17:10*) e expressão de uma religião patriarcal.

<sup>47</sup> Mas Luciano não diz como se estancava a hemorragia; talvez o método fosse tão vulgar que ele entendeu não ser importante referi-lo. Os habitantes preparavam-se para receber o pedaço cortado porque esse pedaço (conservado num frasco como fez Combabo ou enterrado) lhes proporcionava efeitos benéficos, fecundidade das terras, etc. Os Gallos passavam a assumir aparências femininas, fatos, penteados e maquilhagem, dedicando-se a tarefas femininas e a obras de assistência e de solidariedade social. Para isso, vagueavam pelo mundo como missionários ou monges giróvagos para propagar a religião da Grande-Mãe. Vê-los-emos em Roma.

<sup>48</sup> “Atiram-lhe pedras para cima”: talvez fosse melhor dizer “fazem um monte circular de pedras sobre sepultura”, uma vez que essas sepulturas tinham o nome de *galgal* (Meunier, p.127) que significa “círculo, roda, montão circular”.

<sup>49</sup> Ritos mortuários semelhantes ainda hoje aos dos Judeus

54 - Sacrificam bois, vacas, cabras e ovelhas. Apenas os porcos são considerados impuros: não os sacrificam nem os comem. Todavia, algumas pessoas não apenas os não consideram impuros, como os têm por sagrados.<sup>50</sup> A pomba é de todas as aves a mais sagrada; é proibido tocá-lhes e, se por acaso lhes tocarem, ficam impuros por todo o dia. É por isso que os pombos vivem com eles, lhes entram em casa e comem quase sempre no chão.<sup>51</sup>

55 - Vou falar também do que fazem os peregrinos que vão assistir às solenidades. Quando um homem decide deslocar-se em peregrinação a Hierápolis pela primeira vez, rapa a cabeça e as sobrancelhas; depois imola uma ovelha, esquarteja-a e faz com ela um banquete. Estende a pele no chão, ajoelha-se sobre ela e põe na cabeça os pés e a cabeça do animal.<sup>52</sup> Ao mesmo tempo faz uma prece e pede às divindades que aceitem o sacrifício que lhes oferece e promete oferecer-lhes

---

<sup>50</sup> O porco/javali foi um animal sagrado para algumas tribos da Síria, vizinhos da Palestina; era o totem do povo de Edom, ou edomitas, descendentes de Isaú “caçador e amante das estepes” segundo a Bíblia, isto é, nómada, o qual vendeu por um prato de lentilhas os seus direitos ancestrais ao seu irmão Jacob “pastor pacato” (sedentário) donde descendem os hebreus. A impossibilidade dos edomitas fazerem boa vizinhança com os hebreus foi formulada por Isaú (no momento em que o irmão Jacob lhe propôs uma aliança) nestes termos: “Quando o porco/javali mudar a sua pele e as suas agulhas e as tornar suaves como a lã, e quando criar na sua cabeça cornos como os cervos e os carneiros, então farei contigo uma aliança de irmandade porque, desde que nos desmamaram da nossa mãe, deixaste de ser meu irmão” (*Livro dos Jubileus* 37:20 e nota, *Apócrifos do Ant. Testamento*). Isaú nasceu “coberto de pêlos” enquanto Jacob “tinha a pele muito lisa” (Gn.25:25, 27:11). A inimizade entre os sírios (edom) que eram politeístas e os hebreus seus vizinhos sempre foi irreductível donde, nomeadamente, a importância no A. Testamento dada à impureza do porco, prescrita depois pelo islamismo. O animal tótem/sagrado de um povo torna-se o animal impuro por excelência para o adversário. Tamouse, o Adonis babilónico, foi morto por um javali, uma morte redentora porque do seu sangue nascem as searas. Na Lusitânia, o porco foi um animal cultural; Conceição Rodrigues analisou vários achados arqueológicos (miniaturas de porco em sepulturas) em que o animal é associado à fertilidade da terra (*Actas da III Semana de Estudos das Religiões* Departamento de Sociologia, U.N.L., 1991). Encontramos alguns na Beira Interior, de maiores proporções, a que chamam “berrões”. No *Heracleion* de Cádiz, onde não havia imagens e se venerava o corpo de Heracles de Tiro, não podiam entrar “as mulheres e os porcos”.

<sup>51</sup> A pomba era o símbolo da deusa-mãe. Sobre as atenções dos fenícios/sírios para com a pomba, v. M. E. S., *Orig. Or. da Relig. Pop. Port.* p. 207

<sup>52</sup> Deitar-se sobre a pele do animal sacrificado ou cobrir-se com ela sugere que o ofertante se coloca no lugar do animal (o animal é sacrificado no seu lugar), costume conhecido noutros povos do Médio Oriente (ref. em M. Meunier, p.130).

mais tarde outro mais generoso. Realizado o rito, põe uma coroa na cabeça e outras na dos que o acompanham na viagem. Desde que sai de casa e se põe a caminho, só se serve de água fria para se banhar e beber. Dorme todas as noites no chão, porque não lhe é permitido subir para um leito enquanto não terminar a sua peregrinação e não regressar a casa.

56 - Quando chega a Hierápolis, instala-se em casa de um hospedeiro que não o conhece de modo nenhum. De facto, nesta cidade, encontram-se hospedeiros que cada cidade designou para receber em sua casa e segundo a sua pátria, cada peregrino. Os assírios chamam *instrutores* a estes hospedeiros, porque dão aos visitantes todas as instruções úteis<sup>53</sup>.

57 - Os visitantes não sacrificam no santuário mas, depois de apresentarem a vítima ao altar e derramarem libações, levam-na viva para casa e, quando regressam, sacrificam-na e rezam.<sup>54</sup>

58 - Eles têm ainda uma outra maneira de sacrificar que é a seguinte: depois de coroarem as vítimas, atiram-nas vivas do cimo dos propiléus e elas morrem com a queda. Alguns atiram também os filhos do mesmo sítio, mas não do mesmo modo que os animais: depois de os fechar num saco, precipitam-nos pelas suas próprias mãos, ao mesmo tempo que os injuriam dizendo que não são crianças, mas vitelos.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Os peregrinos eram acolhidos por um alberguista “designado pelo seu país ou pela sua pátria [=cidade/município]... que não os conhece de modo nenhum”: isso significa que a cidade ou país mantinha no local uma estrutura sua (cf. nº 49 e nota). Como é que os reconhecia para os albergar? Deduz-se doutros costumes da época: o que tinha direito a ser hospedado nos locais sagrados ou a participar nos banquetes e sacrifícios de comunhão, era portador de um bilhete (em latim *tessera*) consistindo numa placa de barro cozido, de xisto ou de metal, onde constava o nome e/ou o atributo da divindade, nome da confraria, etc., a cujo culto o portador estava adstrito ou tinha direito.

<sup>54</sup> Regressavam a casa com os animais? Significação obscura que nenhuma das traduções que consultei resolve.

<sup>55</sup> São os “sacrifícios *molke*”. O mais comum era as vítimas serem lançadas para um forno chamado, na Palestina e em Cartago *topbé*; podiam ser também lançados para um ribeiro ou dum penhasco. Foi muito praticado entre os sírios, fenícios e cartagineses até ao fim do império romano (os hebreus já o haviam oficialmente suprimido no séc. X a.C. mas ainda o praticaram clandestinamente no séc. V a.C.). Costuma chamar-se

59 - Têm todos o costume de se tatuarem; uns no punho, outros no pescoço, e daí acontece que todos os assírios têm marcas no corpo.<sup>56</sup>

60 - Têm ainda outro costume que lhes é comum com um único povo da Grécia: os habitantes de Trezena. Vou contar o que estes fazem: eles têm uma lei que proíbe as raparigas e os rapazes de se casarem antes de cortarem o cabelo em honra de Hipólito, e todos se conformam com esta lei.<sup>57</sup> O mesmo costume existe em Hierápolis. Os rapazes consagram as primícias da sua barba; às crianças, deixam-lhes crescer as madeixas que, desde o seu nascimento, são consideradas como sagradas. Depois, quando são conduzidas ao templo, cortam-lhas e depositam-nas em vasos, quer em prata, quer - mais frequentemente - em ouro, os quais são pregados no templo, depois de terem o cuidado, antes de partirem, de nele escreverem o nome da criança. Quando eu era ainda jovem também pratiquei este rito; a minha madeixa com o meu nome ainda se encontra no templo.

---

*Molok* o deus a quem se deviam esses sacrifícios mas é incorrecto porque não existiu tal deus; o nome é uma corrupção de *melek* (rei) uma vez que o *Melek de Tiro* (Melqart, Heracles) era famoso com esse tipo de culto. No Ocidente, sob o império cartaginês, era uma prática corrente para exorcizar perigos colectivos. Durante a II Guerra Púnica, o senado de Cartago pressionou Aníbal para que sacrificasse o seu filho, a fim de garantir a vitória periclitante. O culto português popular de São Bartolomeu herdou o culto de Melqart/Heracles (M.E.S., *Or. Ori. Rel. Pop. Port.* p. 169) e provavelmente os sacrifícios *molok*, pois que as crianças ainda hoje são levadas diante de São Bartolomeu "para perderem o medo". Em certas aldeias da Beira, a criança traquinas e desobediente é ameaçada com a "tarracha" de São Bartolomeu. Em Hierápolis, esses sacrifícios não seriam destinados à Grande-Mãe mas a Hadad.

<sup>56</sup> Os Gallos tinham o costume de se assinalarem com tatuagens figurando folhas da trepadeira chamada, em português, *hera* (M. Meunier, p.133 que cita outros autores). Note-se a homofonia entre *hera* e *Hera* à qual se consagravam os Gallos. Aliás, tatuagens nos braços para demonstrar que se foi a tal santuário, que se é devoto (cruzes, iniciais de orações), que se pertence a grupos iniciáticos, que se passou pelo exército ou pela marinha, etc., são costumes correntes; Deus proibiu-os: "Não fareis incisões no corpo em favor dum morto nem fareis tatuagens" (*Lev.* 19:28).

<sup>57</sup> Em Portugal existiu até recentemente o costume de as raparigas oferecerem as suas tranças a uma invocação cristã (inclusivamente Nossa Senhora) no momento em que passavam de adolescentes a raparigas ou antes do casamento. A oferta do cabelo das raparigas casadoiras simbolizava a oferta da sua virgindade às divindades. Vemos ainda estas tranças nas dependências de certos santuários portugueses e o costume é comum a todos os povos do Mediterrâneo.

\*

## ÍNDICE

- 1 - Hierápolis, cidade santa
- 2 - Origem dos templos e dos cultos
- 3 - O templo de Hércules de Tiro
- 4 - Astarté em Sídon
- 5 - Heliópolis
- 6 - O mito de Adónis de Biblos
- 7 - Osiris na Fenícia
- 8 - O culto de Adonis
- 9 - Afrodite - Astarté do Líbano
- 10 - A proveniência dos peregrinos
- 11 a 13 - Mito da fundação de Hierápolis: Deucalião e o Dilúvio
- 14 - Mito da fundação de Hierápolis: Semiramis e Derceta
- 15 - Athis em Hierápolis
- 16 - Dionisos em Hierápolis
- 17 - Estratónica, construtora do templo
- 18 a 27 - Mito da fundação do culto: Combabos e Estratónica
- 28 - Os propiléus do templo
- 29 - A ascensão aos falos
- 30 - Descrição do templo
- 31 - Descrição das imagens
- 32 - A imagem de Hera
- 33 - Fala-se do *semeion* que não tem nome
- 34 - Altares do Sol e da Lua
- 35 - Apolo barbudo
- 36 - Oráculos de Apolo
- 37 - Milagres de Apolo
- 38 - Estátuas de Atlas e de Hermes
- 39 - Estátua de Semiramis
- 40 - Estátuas no exterior
- 41 - Animais sagrados
- 42 - Os sacerdotes
- 43 - Servidores frenéticos
- 44 - Sacrifícios
- 45 - O lago sagrado

- 46 - O altar no lago
- 47 - Descidas ao lago
- 48 - Porte de água ao templo
- 49 - Festas dos archotes
- 50 - Ritos orgiásticos
- 51 - A castração dos Gallos
- 52 - Ritos fúnebres dos Gallos
- 53 - Outros ritos fúnebres
- 54 - Os sacrifícios
- 55 - Os peregrinos
- 56 - Os hospedeiros
- 57 - Os visitantes
- 58 - Sacrifícios de crianças
- 59 - Tatuagens
- 60 - O rito do corte dos cabelos



I Parte  
A MÃE DOS DEUSES



## Capítulo 1 A CRIADORA SÍRIA

O nome que nos meios populares sírios (no país e na deportação do Ocidente) tinha a Deusa de Hierápolis era *Iasura*, “criadora”<sup>1</sup>; assim a nomearam também outros autores antigos; nos textos eruditos também aparece *Atargatis* (em fenício *atta regat ish* “Atta criadora do homem”)<sup>2</sup>. Os nomes latinos *Dea Suria* e *Dea Syria* utilizados por Luciano são corrupções eruditas de *d yasur* “a que cria”. Os profetas Isaias e Jeremias utilizam o termo *yasur* referindo-se ao Deus bíblico enquanto *modelador* do homem<sup>3</sup>.

A universalidade do culto que refere Luciano confirma-se pela arqueologia, pela numismática e pelas crónicas greco-romanas. Todo o Médio Oriente, Ásia Menor, Grécia, Egipto, Arábia e, no Ocidente, Gálias, Bretanha, Ibéria e Germania praticaram sob vários nomes o culto sírio descrito por Luciano. Derivou no culto de Nossa Senhora, na Península Ibérica.

O culto de *Iasura* fora difundido sob o Império por um clero ambulante que percorria as regiões executando diante de uma imagem portátil as suas cerimónias rituais e procedia a oráculos em troca dos quais recebia esmolas. Os autores clássicos entre os quais Apuleo ridiculizaram estes missionários apresentando-os como uma tropa de eunucos maquilhados, efeminados e de costumes preversos que percorriam os longos caminhos com uma imagem de *Iasura* entronizada no dorso dum burro. Passando por uma *villa* ou burgo rico, os

---

<sup>1</sup> Franz Cummont, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, p. 1593. *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain*, pp. 125-161. *Yesur* (raiz *isr*) é um termo do semita norte ocidental nomeadamente hebraico que significa “criar, conceber, modelar, fazer”.

<sup>2</sup> Do acadiano *atta regat ish* “Atta criadora do homem”, sendo *Atta* um dos nomes semitas da Deusa Mãe, o mesmo que *Ana*, *Anat* e *Anta*.

<sup>3</sup> Deus *modelou* o homem com barro do solo, insuflou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivo” (*Gen.2:7*). Os profetas Isaias e Jeremias dão-lhe o sentido de feitura de um objecto o qual fica a pertencer ao seu autor: “Lembra-te de mim, Jacob, fui eu quem te *deu forma*, tu és meu servo” (*Isa.44:22*); “Desgraçado daquele que discute com quem o *modelou*, vaso entre os vasos de terra” (*Isa.44:10*).

missionários dedicavam-se aos seus exercícios sagrados; ao som estridente de flautas, reviravolteavam e agitavam-se convulsivamente, a cabeça curvada e emitindo gemidos roucos; depois, apanhados pela vertigem e insensíveis à dor, flagelavam-se, feriam-se com espadas fazendo jorrar o sangue diante da multidão rústica que cercava a imagem e a prodigava de esmolas que os missionários embrulhavam nas túnicas.

Eis este texto de Apuleio: “[Quando eles vão missionar] vestem-se com camisas pintalgadas e cada qual se compõe com um jeito de beleza asquerosa pintando a cara com tinta argilosa e desenhando o círculo dos olhos com lápis gorduroso. Usam mitras pequenas na cabeça, vestidos de amarelo escuro, tecidos de seda e linha fina. Alguns usam túnicas brancas, ornadas de bandas de púrpura que se dispersam em todos os sentidos como ferros de lança e apertadas na cintura. Calçam sapatos amarelos. Levam sobre o burro a Deusa coberta com um manto de seda. Braços nus até ao ombro, levantam no ar enormes espadas e cutelos, bambaleando como bacantes e o toque da flauta estimula a sua marcha dançante de possessos. Visitados aqui e além alguns casebres, chegam à casa dum grande proprietário. Passada a entrada, lançam urros horrorosos e pendem para a frente como fanáticos. Cabeça baixa, com lubricos gestos da nuca e um movimento circular dos seus cabelos caídos, volteando sobre si para se morderem na carne, cada um acaba por se cortar nos braços com o ferro de dois gumes que trazem. Um deles, entretanto, entrega-se a atitudes ainda mais frenéticas: puxa do fundo do peito um profundo suspiro e, para se dar ares de estar repleto do espírito divino, simula um delírio estafante (como se o espírito dos deuses não elevasse os homens mas fizesse deles enfermos e loucos). Vociferando como um inspirado, inventa uma impostura começando por acusar-se a si próprio de culpas e de sacrilégios contra a santa religião e aplica-se o justo castigo do seu acto: empunhando o que é o atributo por excelência destes emasculados - o chicote - feito com pequenas fitas entrançadas de seda natural terminadas em franja e guarnecidas de ossinhos de carneiro, ministra-se fortes golpes opondo à dor um prodigioso endurecimento. A cada batimento do chicote pode ver-se o chão ensopado com o sangue impuro destes efeminados. Esgotados, enfim, interrompem esta carnificina, e é ver quem mais oferece moedas de cobre e até de prata que eles recebem nas pregas das suas túnicas, ou um caneco de vinho, ou leite, ou queijo, ou farinha. Apanham tudo com avidez, abarrotando os

sacos preparados para o peditório, empilhados nas costas [do burro que transporta a imagem] de modo que, sob o peso da carga, [o burro] tanto é templo como celeiro. No outro dia, carregado [o burro] com os ornamentos sacros, fazem-no sair ao som de castanholas e de símbalos para ir de novo mendigar pelas encruzilhadas [...]. Bem nutridos pela beneficiência pública, estes dignos sacerdotes dedicam-se aos vaticínios imaginando um novo género de ganho: compõem por escrito uma 'sina única' que se aplica a casos múltiplos e que serve para engolar os que acorrem em multidão a consultá-los sobre isto e sobre aquilo:

Os bois sob o jugo  
Eles rasgam o sulco  
Um dia se levantará  
Uma farta colheita

Alguém os interroga sobre um casamento? A resposta lá está, os bois sob o jugo! Quer outro saber o resultado da compra de uma terra? Está lá tudo! Alguém se preocupa com um projecto de viagem e quer saber o auspício da deusa? Os animais mais meigos do mundo a lavar, eis o ganho! É o momento de perseguir uma corja de bandidos? Assegurado: os inimigos lá estavam sob o jugo!»<sup>4</sup>

Iasura-Atargatis confundia-se com a antiga Astarté fenícia, a Afrodite grega e Ma Cibele. Escravos e comerciantes orientais introduziram o culto em Roma no fim da República. Era uma deusa epónima, isto é, tinham-na como fundadora das respectivas cidades e dinastias locais fazendo remontar até ela a origem dos povos; como tal, fora a organizadora da vida civil e religiosa dos povos a quem ensinara outrora a justiça e as regras litúrgicas. Na Síria como mais tarde no Ocidente, era padroeira das cidades ou distritos que a cultuavam. Divindade altamente benfeitora, a ela se deviam todas as invenções úteis como a indústria e o negócio, era a Terra nutritora, a Água e a Lua, *omnipotens et omniparens* (omnipotente e omnicriadora).

Representava-se (refere Luciano) com uma coroa em forma de ameias, tal como Cibele; na mão empunhava um fuso<sup>5</sup> não porque esse objecto significasse o "destino" como propõem os autores entre os

<sup>4</sup> Apuleo, *Metamorphoses*, Lib. VIII, nº IV e VIII

<sup>5</sup> A mesma iconografia com que se representa na Beira a Senhora do Castelo, com uma coroa em forma de ameias e um cetro ou fuso (v. adiante).

quais Cummont, mas porque “fuso” e “país, distrito” se exprimiam pelo mesmo termo (*pèlk*). O ordenamento dos fios num fuso e a forma que as camadas do fio vão tomando com o enrolar da meada sugerem bem a ideia de que um país, cidade ou distrito são como um fuso. Também podia empunhar uma romã: pela disposição dos grãos em camadas, a romã sugere bem a organização social da cidade e do povo. O objecto da mão podia mesmo confundir-se entre “fuso e romã”<sup>6</sup>. A romã foi um emblema religioso muito usado na Síria-Palestina; foi o único motivo ornamental do templo de Salomão; mais tarde foi um sinal de reconhecimento secreto dos cristãos-novos no cripto-judaísmo português, na mão de algumas imagens de Nossa Senhora<sup>7</sup>. A cabeça de Iasura era envolta num resplendor solar, como as nossas actuais gravuras populares dos santos.

Como outras divindades sírias, Iasura nasceu de um ovo primordial (“os deuses sírios provieram de ovos”, segundo Arnobe, escritor romano) e esse ovo foi posto por uma serpente (que é serpente bíblica, a Lilit fenícia). As suas metamorfoses ou atributos simbólicos eram o Peixe (que no cristianismo primitivo foi emblema de Cristo) e sobretudo a Pomba. Os seus santuários, na Síria como no Ocidente, eram inundados por multidões de pombas, animais sagrados segundo Luciano, e que para os viajantes representavam as “boas novas”; Tibulio chamou-a “a Santa Colomba dos Palestinos da Síria”. No santuário lusitano de Endovélico (Alandroal) perto do qual existe hoje um culto da Senhora das Boas Novas, encontrou-se uma imagem igual à de Astarté-Colomba síria existente no Museu do Louvre e que se reproduz adiante<sup>8</sup>. A Senhora del Rocío (do Orvalho) de Huelva, Andalusia, conhecida e invocada por *Blanca Paloma* é uma genuína herdeira da Deusa Síria, como veremos.

<sup>6</sup> F.Cummont, *Dictionnaire des Antiquités*, p. 1594

<sup>7</sup> M. E. S., *Orig. Or.*, p. 46 e sg. Aderindo pela força ao catolicismo, os judeus portugueses passaram a animar certos cultos, sobretudo de Nossa Senhora, para os quais encomendavam imagens cujos nomes ou objectos que a Senhora ostentava na mão eram sinais de reconhecimento para os judeus-secretos ou marranos (isto é, que praticavam a religião cristã exteriormente e a religião judaica em consciência). Esses sinais de reconhecimento, “símbolos de Israel”, são propostos pelo Talmude. Era em torno dessas imagens e capelas que se reuniam os cristãos-novos.

<sup>8</sup> M.E.S. *Orig. Orientais.*, p. 208 com as reproduções fotográficas (fig. 30 e 31). Os arqueólogos do passado, entre os quais Leite de Vasconcelos, atribuem-lhe o simples valor de “ex-voto”, sem terem notado (ou sem terem querido referir) a sua semelhança com a *Astarté das Pombas*.

## A DEUSA SÍRIA NO OCIDENTE

Cummont<sup>9</sup> expõe como o culto de Iasura se difundiu na Europa (Itália, Gália e Ibéria): “Foi por meio dos escravos da Província Romana da Síria (na sequência das guerras contra Antiochus o Grande) que o Império deportava em multidão, vendia em leilão e depois dispersava pelos latifúndios do Ocidente”. Por “Província Romana de Síria” entendia-se, sob o Império, toda a região que ia da Síria-Palestina à Mesopotâmia incluindo a Judeia. Nessas levas de deportados incluíam-se portanto os judeus. Nessas multidões de religiosos vieram também os *Caldaeii* (especialistas da astrologia caldaica e persa, magos) pronunciadores de oráculos e intérpretes de sinas que encontravam a clientela entre os criados das quintas e os escravos dos subúrbios. Desde o séc. II a.C., a introdução de escravos sírios (e dos judeus) no Ocidente processou-se igualmente por meio do comércio; vivaços e inteligentes, robustos e laboriosos, ocupavam inúmeras tarefas domésticas. Na Sicília, em 134 a.C., uma revolta eclodiu pela iniciativa de um “*escravo de Atargatis ou Dea Siria* que, sob o impulso de um furor sagrado que era a ordem do céu”, chamou os seus concidadãos às armas. A importação de escravos sírios foi aumentando: a Itália despoitada recorria cada vez mais aos braços estrangeiros e a Síria-Palestina fornecia fortes contingentes de imigrantes adstritos à agricultura comprados em massa pelos grandes empresários; nas mais recuadas províncias encontrava-se o *sirius* ao serviço do príncipe, das cidades e dos particulares.

As divindades da costa fenícia passavam facilmente para além dos mares. A conquista da Síria até ao Eufrates favoreceu a difusão dos cultos semitas: a cada anexação romana no Oriente correspondia uma leva de cultos sírios no Ocidente. Os Césares iam buscar a estas regiões povoadas de raças guerreiras recrutadas para o exército imperial; aí recrutaram um grande número de legionários, sobretudo tropas auxiliares, que eram transportadas para todas as fronteiras. Cavaleiros e infantes originários destas províncias formavam contingentes importantes nas guarnições da Europa e da África; uma coorte de Damasco é instalada na Germânia, uma de Palmira é deslocada para a Mauritània. O número de dedicatórias consagradas pelos soldados demonstra a vivacidade da sua fé e a diversidade das suas crenças. Como os mari-

<sup>9</sup> Franz Cummont, *Les Religions Orientales*, pp. 124-161.

nheiros de hoje expostos aos perigos incessantes, os sírios eram levados a invocar insistentemente os seus deuses, os seus *baals*, que no distante exílio lhes lembravam a pátria ausente; não admira então que se tivesse encontrado no norte da Inglaterra uma inscrição em verso louvando a deusa de Hierápolis, dedicada pelo prefeito da coorte de Hamii estacionada no local. Os nomes divinos dos sírios encontraram-se em todas as paragens do Império. Cummont refere até o nome de um obscuro padreiro de uma aldeia síria, chamado Júpiter de Doliché completamente desconhecido dos textos escritos, que é mencionado “em mais de cem inscrições (e o número das descobertas aumenta dia para dia), em África, na Germânia e na Bretanha”.

Tendo começado sob a República, a difusão dos cultos semitas na Itália produziu-se sobretudo a partir do séc. I da nossa era. A sua expansão e a sua multiplicação foram rápidas, tendo atingido o seu apogeu no séc. III quando os Severos fundaram a sua corte com elementos sírios. Então, princesas, funcionários de toda a ordem, senadores e oficiais, rivalizavam em piedade para com os deuses dos seus protectores nacionais. Da classe dos escravos e dos comerciantes, o culto da Deusa Síria passou à classe média e à aristocracia, movimento ascendente que é o de todas as religiões. Nero tinha o capricho de dizer-se seu devoto e o culto difundiu-se muito durante o seu tempo. Sob Juliano (séc. IV d.C.) edificavam-se oficialmente templos em Roma sob a invocação de *Dea Syria-Iasura* com a sua imagem acompanhada de Hadad (Deus-Pai), templos esses que albergavam outras divindades menores gregas e romanas, à semelhança das nossas actuais igrejas que albergam variados santos de muitas proveniências. Os modestos templos de Iasura “foram o local de *rendez-vous* de todo o pantéon pagão”<sup>10</sup>. Conhece-se também o golpe de Estado de 218 que colocou no trono imperial um rapaz-travesti de 14 anos que era sumo-sacerdote de Elagabal de Emeso, na Síria, divindade solar representada por uma pedra negra; daí se chamou o imperador Heliogabalo. O imperador-travesti Heliogabalo transportou para Roma o deus da sua aldeia, mandou vir de Cartago a imagem da *Magna-Mater Celestis* que representava a Lua e celebrou com grande pompa as núpcias da Pedra Negra Elagabal do seu país com Celestis, nomeou um senado formado exclusivamente por mulheres e reuniu um dia no seu palácio todas as prostitutas de Roma a quem fez um discurso sobre os deveres do seu ofício; o exótico imperador romano foi assassi-

<sup>10</sup> Franz Cummont, *Dictionnaire des Antiquités* p. 1593.

nado aos dezoito anos pela sua guarda pretoriana e o seu cadáver lançado ao rio<sup>11</sup>. O culto e a iconografia da Deusa Siria no Ocidente eram os mesmos que na Síria<sup>12</sup>.

O culto da Criadora propagou-se até à Bretanha francesa<sup>13</sup> e aos confins setentrionais do Império. Na Bretanha, um oficial romano de origem síria erigiu-lhe um monumento chamando-lhe simultaneamente *Celestis, Mãe dos Deuses, Paz, Virtude, Ceres, Venus e Espiga da Virgem*.

## OS SÍRIOS NO OCIDENTE E A DIFUSÃO DO CRISTIANISMO

Conhecemos, citando Cummont, o trajecto dos sírios no Ocidente (entendendo por sírios todos os naturais da *Província Romana da Síria* que compreendia a Caldeia, a Síria e a Judeia): “O espírito do lucro dos sírios era proverbial, activos, maleáveis, hábeis, por vezes pouco escrupulosos; por todo o lado sabiam fazer pequenos negócios, primeiro, e grandes depois. Estabeleciam-se sobre todas as costas do Mediterrâneo até aos confins da Espanha. Uma inscrição de Málaga menciona uma corporação formada por eles. Seguiam as vias comerciais e subiam o curso dos rios.

Na Gália a população síria era particularmente densa; nesse país recentemente aberto ao comércio, podia-se enriquecer rapidamente. Uma inscrição encontrada no Líbano refere-se aos marinheiros de Arles (sul de França) encarregados do transporte do trigo e encontrou-se no departamento de Ain (centro de França) um epitáfio bilingue dum mercador do séc. III d.C. decurião da cidade de Canatha, na Síria, que possuía duas feitorias no vale do Ródano (Marselha) para onde importava mercadorias da Aquitânia (costa do Atlântico). Os sírios espalharam-se por toda a província gaulesa. Nem sequer a invasão dos bárbaros (séc.V) suspendeu esta imigração. São Jerónimo mostra-no-los a percorrer todo o mundo romano no meio das perturbações da invasão

<sup>11</sup> Cummont diz ainda que o paganismo semita (formado em torno dos símbolos das pedras, esteios ou bétilos, águas, astros, plantas, lugares-altos, etc. impregnaram o cristianismo e o islamismo até aos nossos dias (p.140-145), como também referi em vários capítulos de *Orig. Or. da Rel. Pop. Port.*.

<sup>12</sup> Franz Cummont, *Dictionnaire des Antiquités*, p. 1595

<sup>13</sup> Provavelmente sob o nome de Ana ou Anat e que derivou no actual e importante santuário de Sainte Anne de la Palude.

seduzidos pelo ganho. Sob os merovíngios da Gália (cerca de 591), a sua força era ainda mais notória ao ponto de elegerem de entre os seus conterrâneos um bispo para Paris e açambarcarem depois todos os cargos eclesiásticos. Em Orleães, aquando da coroação do rei Gontrand, em 585, a multidão cantou os louvores do rei na língua dos latinos, dos judeus e dos sírios. As colónias destes mercadores que haviam conquistado o monopólio dos negócios de dinheiro, artigos de luxo do Levante, mercearias, vidros, joalheria, sedas e púrpura, só desapareceram com a invasão do Mediterrâneo e do Ocidente pelos árabes”<sup>14</sup>.

Uma vez cristianizados, a influência dos sírios sobre o cristianismo ocidental não foi menor, ainda segundo Cummont: “favoreceram o desenvolvimento da vida monástica”. Sabe-se, aliás, que o monaquismo cristão inaugurado pelas *Regras* de Santo Antão, de Santo Agostinho e de São Bento, procede das práticas dos eremitas do Levante.

Mais: “Uma das inovações cristãs que se devem aos sírios do Ocidente foi o Crucifixo: durante os cinco primeiros séculos, os cristãos sentiam uma viva repugnância em representar o Salvador do mundo pregado a um instrumento de suplício tão infamante como a guilhotina. Os sírios foram os primeiros a substituir os símbolos vagos do cristianismo nascente pela representação da realidade em todo o seu horror patético”. O Crucifixo multiplicou-se depois para combater os cristãos herejes monofisitas segundo os quais Jesus não tinha natureza humana mas unicamente divina, sendo a sua forma humana uma ilusão (como um fantasma). Em contrapartida, a inovação do Crucifixo não foi inocente por parte dos sírios e tem relação com outras heresias cristãs com origem nos semitas, como o arrianismo: combatendo o monofisismo com a imagem do Crucificado, os inventores faziam esquecer a natureza divina de Jesus que, morrendo como qualquer supliciado, passava por um simples homem, profeta ou enviado como o foi mais tarde Maomé. O Crucifixo era também um símbolo político: a personagem de Jesus que nasceu na então Província Romana da Síria, condenado pelas autoridades de Roma, evocava sobretudo a ideia de vítima e mártir do poder imperial anti-sírio e anti-judaico. Finalmente, a imagem de Jesus morto na flor da vida para redimir a Humanidade e que ressuscitou, é a representação de Tamouze, Adon e Athis, filho da *Omnipotens* e *Omniparens* Iasura, como veremos.

---

<sup>14</sup> Franz Cummont, *Rel. Or.*, p. 130.

Sempre a população desta região siro-palestina se distinguiu pelo seu fervor religioso, diz Cumont em *Les Religions Orientales*. Em todas as épocas, a Síria foi uma terra de ardente devoção, e os seus filhos investiram tanto empenho em difundir os seus deuses bárbaros como o cristianismo; os comerciantes, ao estabelecerem feitorias, erigiam capelas onde praticavam os seus ritos exóticos.

Outras influências espirituais e muitas heresias são também de origem síria e palestiniana: o gnosticismo, o maniqueísmo, o arrianismo, o nestorianismo, etc. O conceito de salvação *pos-mortem* em que assenta o cristianismo e o islamismo é mais antigo entre os sírios e frígios. O zelo dos missionários de Iasura e o sacrifício da emasculação dos Gallos eram retribuídos com a vida eterna. É a primeira vez na história das religiões que a fé na vida eterna nos aparece com clareza, a qual será a cristã. A salvação *post-mortem* não se encontra no Antigo Testamento nem no judaísmo.

Foram os sírios e os frígios quem difundiu o conceito de soberania universal de Deus; está hoje assente que os fenícios-sírios foram menos politeístas do que dizem alguns historiadores; a ilusão do seu politeísmo vem do facto de venerarem *baals* com vários nomes, “muitos *baals*”. Ora o *Baal* (“Senhor”) de uma aldeia síria não era um deus diferente do *Baal* da aldeia vizinha mas sim o mesmo deus cultuado segundo os costumes locais e com o nome da localidade; entre os ibéricos também se diz “Senhor Jesus de Matosinhos”, “Senhor Jesus das Chagas de Sesimbra”, “Senhora da Oliveira de Guimarães”, “Virgem do Pilar de Barcelona”, entidades que apenas diferem pelo nome da terra e pelos costumes com que se cultuam; sendo teologicamente a mesma personagem, os naturais até apostam que o nome divino local é mais milagroso que o dos vizinhos. Os cultos populares semitas eram *tópicos* (toponímicos, relacionados com o local) e *epónimos* (fundadores da aldeia ou do povo) tal como o são os cultos populares ibéricos os quais diferem dos cultos europeus neste ponto. Para além disso, a concepção siro-fenícia de Deus assentava numa tríade; da nomeação destes três entes divinos poderá deduzir-se também que eram politeístas; ora o dogma cristão da trindade em Deus também pode levar quem não conhece a teologia cristã a dizer que se está perante uma “associação de deuses”, um caso de politeísmo.

Afeita a cultos e nomes divinos diversificados, a concepção religiosa síria era universal e supra-cultural. O símbolo da universalidade de Deus era o Baal-Sol astro comum a toda a Terra, *Baal Seiman* (“Se-

nhor do Céu”), *Mar’olam* (“Senhor da Eternidade”), *Invictus e Eternus*. Cumont garante: “Sempre que nas províncias do Império se encontra uma dedicatória ao *deus aeternus*, trata-se do deus sírio Baal-Sol” o qual se associou depois ao culto de Mitra. “Os deuses gregos e romanos tiveram origem humana e vícios como os humanos, apenas eram mais fortes e mais belos que os humanos; enquanto isso, os missionários sírios prègavam que os seus *Baals* não tinham princípio nem fim, eram incriados, contribuindo, paralelamente com o proselitismo judaico, a conferir autoridade de dogma religioso ao que até então era apenas uma teoria metafísica”.

Desde que a Síria se abriu ao exterior na sequência das conquistas greco-romanas, as divindades de Hierápolis e de Heliópolis começaram a ser veneradas por multidões de estrangeiros que aí iam em peregrinação como nota Luciano. Na concepção síria da universalidade divina reside a razão por que os seus cultos foram aceites e importados por muitos e diferentes povos do império romano<sup>15</sup>. Enquanto protectores da Humanidade, os *Baals* fizeram prosélitos no Ocidente reunindo nos seus humildes templos gentes de todas as raças e de todas as nacionalidades. Nisso se distinguiam nitidamente de Yaveh, o Deus dos hebreus que no Antigo Testamento é um deus nacional, exclusivo protector do povo hebraico. Se hoje atribuímos a origem do monoteísmo à religião dos judeus, temos de conferir a origem da actual concepção de Deus universal à religião dos seus vizinhos sírios.

Renan corrobora a presença dos sírios na Europa e o seu empenho religioso: “Havia muito que se estabelecera uma corrente de comunicações recíprocas entre os portos da Ásia Menor e as costas mediterrânicas da Gália. Não se tinham apagado de todo as velhas linhas de navegação dos Fócios [fundadores de Marselha]. As populações da Ásia e da Síria, inclinadas às emigrações para o Ocidente, habituavam-se a subir o Ródano e o Saona, levando consigo um bazar portátil de mercadorias diferentes(...). Vienne e Lyon eram os pontos de mira habituais dos emigrantes que traziam à Gália mercadores, criados, operários e médicos (...). A população laboriosa ou industrial das grandes cidades das margens do Ródano era parcialmente constituída por orientais, mais mansos, mais inteligentes e menos supersticiosos que a população indígena e susceptíveis, pelas suas maneiras insinuantes e afáveis, de exercerem uma profunda influência. O Impé-

<sup>15</sup> Cummont, *Les Religions Orientales*, p. 158

rio Romano fizera cair as barreiras do espírito nacional que estorvavam o contacto dos diferentes povos. Tornaram-se possíveis propagandas que as antigas instituições gaulesas susteriam à primeira tentativa. Roma perseguia mas não se prevenia, de modo que, em vez de prejudicar, servia o desenvolvimento de uma opinião que aspirava a ser universal. Esses sírios e asiáticos vindos do Oriente só sabiam o grego e falavam-no sempre entre si, servindo-se dele nos seus escritos e em todas as suas relações mas aprendiam facilmente o latim e o celta. O grego continuava a falar-se nas regiões do baixo Ródano e era bastante conhecido em Vienne e em Lyon.

“Oriundos de uma região bem delimitada, a Ásia [Menor] e a Frígia, quase todos compatriotas, instruídos pelos mesmos livros e ensinamentos, tinham uma invulgar unidade os cristãos de Lyon e de Vienne. Eram frequentes as suas relações com as Igrejas da Ásia e da Frígia às quais escreviam nos lances angustiados. Como todos os frígios, eram pietistas ardentes mas não tinham a mácula sectária que, em breve, fariam dos montanistas [seita da Frígia] um perigo, quase um flagelo na Igreja (...). Era um rincão da Frígia transplantado para as Gálias. Capitais trazidos da Ásia entretinham as primeiras reservas e conservavam o espírito de misticismo que lhes dera o carácter primitivo (...). Foi rápido e profundo o efeito da prédica íntima na casa e na oficina. As mulheres sentiam-se vivamente arrastadas. Naturalmente simpática e religiosa, a natureza gaulesa abria-se às novas ideias trazidas pelos estrangeiros. Iam bem a essas raças, enlevadas no sonho religioso, insatisfeitas pelos cultos das Gálias e de Roma, a religião idealista e simultaneamente realista, a crença nas visões perpétuas, o hábito de transformar sensações vivas e finas em intuições sobrenaturais. O ministério evangélico exercia-se por vezes em língua céltica. Deve notar-se que entre os conversos, a maioria era de cidadãos romanos.” Animaram a Igreja gaulesa líderes sírios notáveis e instruídos que se votavam às obras de misericórdia; alguns eram tidos como taumaturgos: “tal foi a Igreja, que subitamente atingiu os privilégios das mais altas Igrejas cristãs da Ásia e se ergueu no centro de um país semibárbaro, como um luminoso farol. Ébrios com o Evangelho de João e o Apocalipse, os cristãos de Vienne, sem necessidade das escolas rudimentares que o cristianismo exigia, atingiram de começo o cume da perfeição. Em parte alguma houve vida mais austera, entusiasmo mais sério, mais intensa vontade de criar o reino de Deus. Entrou triunfal a Gália na Igreja de Jesus. Lyon foi a capital religiosa

desse país”<sup>16</sup>. Digamos ainda que teve um grande impacto o culto de Maria nesta região gaulesa. Data dessa época a fundação dos santuários marianos provençais de *N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Rocamadour* e de *Saintes Maries de la Mer*, entre outros.

O culto de Maria também tem origem na Síria, como veremos.

---

<sup>16</sup> Ernest Renan, *A Igreja Cristã*, pp. 311 e seg.

## Capítulo 2 A DEUSA-MÃE CALDAICA E FENÍCIA

### UMA ANTIGA SIMBÓLICA

A brevidade e a singeleza com que Luciano fala das “danças frenéticas”, da prostituição sagrada e da castração dos Gallos não são de molde a compreendermos cabalmente esses rituais esquecidos; menciona-os de passagem porque os leitores do seu tempo conheciam-nos. Procedamos então a uma explicação. O culto da Deusa-Mãe teve suma importância nas sociedades mediterrânicas. A religião destes povos foi sobretudo a religião da Mãe. É um reflexo do matriarcado que vigorou juridicamente no Médio Oriente e no mundo semita até ao sec. VIII a.C. e que ainda se nota com muita acuidade nas culturas mediterrânicas que se tornaram católicas.

As religiões matriarcais são as que tomam por referência uma personalidade divina feminina fazendo dela o objecto prioritário ou exclusivo das práticas. E, aqui, pode haver desencontro ou uma apreciação defeituosa na análise, entre a doutrina e a prática. As doutrinas podem referir-se à existência de um deus masculino no topo da pirâmide mas as atenções dos crentes irem para a sua paredra, consorte, esposa ou filha. Segundo as mitologias clássicas, as religiões grega e romana são patriarcais mas a prática era outra. As mitologias que chegaram até nós através da literatura não correspondem às práticas religiosas dos povos. Esses nomes divinos, constituindo cadeias de deuses para todas as funções, engendrados ou cooptados uns pelos outros e frequentemente concorrentes ou inimigos entre si, não passavam da poesia. A mitologia clássica antropomorfiza as divindades ao ponto de elas, no Olimpo, se tratarem entre si de forma mais baixa e traiçoeira do que os humanos o fazem na terra. Essa mitologia e essa arte não são o reflexo das práticas religiosas populares; dir-se-ia hoje que «essas histórias são coisas de artistas» tanto mais que os poetas, escritores ou filósofos clássicos eram frequentemente agnósticos. As estátuas dos diversos deuses serviam sobretudo para ornamentar os locais embora possamos dizer que alguns desses deuses correspondiam ao que hoje os católicos chamam «santos

protectores» ou «advogados» para as diversas situações da vida. As práticas religiosas populares não seriam muito diferentes das actuais; podemos dizer que se dava grande importância às deslocações aos santuários (como as actuais romarias) e invocavam-se as divindades para fins concretos (como o actual culto dos santos). Quanto à doutrina que se suporia estar subjacente a essas práticas, ela podia ser inexistente; o conceito que hoje tratamos de «superstição» era mais generalizado e assumido do que hoje e a ignorância religiosa maior do que actualmente. No passado como hoje, a prática religiosa não pressupõe o conhecimento de teologias e pode haver contradição entre a prática e a doutrina; ao nível da massa dos praticantes, a ignorância da teologia é de todos os tempos.

A Deusa Siria de Hierápolis era a mesma que Istar (Mesopotâmia), Astarté (Fenícia e Palestina) Cibele (Frígia e Roma), Salambo (Cartago). Tinha um vago parentesco com a Afrodite grega e a Venus romana tais como as conhecemos da poesia. A diversidade de nomes da Deusa-Mãe relaciona-se com a diferença de épocas e de povos.

A Deusa-Mãe da Mesopotâmia e das regiões envolventes (Siria, Fenícia e Asia Menor) também se chamou, em tempos muito recuados, Atta, Anat, Anta e Ana. O culto mediterrânico de Santa Ana, este topónimo português assim como os monumentos arcaicos chamados *antas* podem proceder do culto de Anat ou Ana<sup>1</sup>.

O culto da Grande Mãe associa-se ao da Hera grega, ao da Juno romana (que em Cartago se chamou Celestis depois da II Guerra Púnica) e ao da Isis egípcia que também se difundiu no Ocidente. Estes últimos distinguem-se daquele num importante aspecto: a Grande Mãe de que Istar, Astarté, Diasúria e Cibele foram alguns dos paradigmas eram cultos rurais, agrícolas e populares enquanto o de Hera, Juno, Celestis e Isis tinham a preferência dos estratos ricos, urbanos e patriciais. A Grande Mãe do povo era orgíaca, possessiva, autoritária e

---

<sup>1</sup> Na tradição católica, Santa Ana passa por ser o nome da mãe de Nossa Senhora (São Joaquim seria o nome do pai); é uma adaptação *ad hoc* sem qualquer fundamento bíblico ou histórico que teve em vistas, unicamente, converter o antigo culto da Grande Mãe. A representação iconográfica de Santa Ana em Portugal é das mais sugestivas de toda a nossa estatuária sagrada: representa-se como uma mãe vigorosa e imponente que aperta com os seus braços a sua filha sentada nos joelhos e esta, por sua vez, tem o seu filho sentado nela; a Mãe sustem a filha e o neto, isto é, toda a família enquanto o pai, São Joaquim, não tem nem rastros de culto. Por vezes a mãe ensina a sua filha a ler orientando o seu dedito a percorrer as linhas dum livro.

castradora enquanto Hera, Juno ou Celestis eram púdicas, protectoras da família monogâmica e do casamento, exemplos para as raparigas e modelos da boa-mãe, modesta e fiel, segundo as boas regras da sociedade patricial. Encontramos a mesma diferença no culto mariano católico português: a Nossa Senhora dos rurais é festiva, compraz-se com a libertinagem das romarias e é rebelde (nos mitos das aldeias) às manobras do clero: é a *magna mater* - sem concorrentes - do povo, das aldeias e da Nação, enquanto a Virgem Maria da igreja católica e da burguesia urbana é imaculada e submissa ao Pai.

O culto da *Magna Mater* Foi um culto com forte impacto no psiquismo dos rapazes porque estes estão mais dependentes dos arquétipos da mãe e da mulher. A Grande-Mãe fascinava os homens ao ponto de fazerem por ela sacrifícios desmedidos. O impacto sobre as mulheres não era menor, as mulheres identificavam-se com a Mãe.

Os seus santuários eram teatro de danças frenéticas, de delírios orgíacos multitudinários e de formas de prostituição sagrada. Por “prostituição sagrada” entendia-se um voto temporário que faziam algumas raparigas e alguns rapazes de oferecerem o seu corpo aos forasteiros no espaço do santuário. Por vezes era uma obrigação do adolescente que passava a adulto (um rito iniciático de puberdade) e, com os tempos, foi substituído pela oferta dos cabelos da rapariga (ou criança) e da primeira barba dos rapazes, como fez Luciano. A prostituição cultural era uma instituição corrente na Fenícia-Canaã e nas suas colónias. O templo de Jerusalém também comportou cubículos para as prostitutas e prostitutos sagrados, os quais foram encerrados pelo rei Josias (640-609 a.C). Este rei de Israel, numa reforma da religião bíblica, demoliu as moradas onde se albergavam as prostitutas e os prostitutos sagrados que faziam uma promessa (um voto) de se prostituir no santuário. Nos tempos livres, as prostitutas «teciam ou bordavam mantos para as imagens de Astarté» (II Reis 23-7) e que seriam estatuetas (ou cones de madeira revestidos) para vender aos visitantes como ex-votos, recordações ou imagens domésticas, cópias das imagens da deusa que figuravam no templo desde Salomão (séc. VIII a.C.). Diz Deus ao rei Josias: «Não haverá prostituta sagrada entre as filhas de Israel nem prostituto sagrado entre os filhos de Israel. Tu não levarás ao templo de Yaveh, teu Deus, o salário duma prostituta nem o salário dum *cão* (quer dizer, efeminado, sodomita), mesmo que isso seja justificado por uma promessa que tenhas feito a Yaveh teu Deus» (Deut. 23:19). Os

homens prostitutos designa-os a Bíblia por “cães”<sup>2</sup>. Os actos da prostituição sagrada no templo de Jerusalém eram remunerados e revertiam (pelo menos em parte) para o santuário, como no país de Luciano. Segundo o texto bíblico, a prostituição sagrada feminina nos santuários cananitas foi utilizada pelas raparigas para corromper e desmoralizar os soldados hebreus em guerra com os cananitas<sup>3</sup>.

A Deusa-Mãe andava associada a um jovem conhecido por nomes que variaram segundo as línguas, os povos e as épocas. Não nos devemos deixar iludir pela variedade dos nomes: é um arquétipo das culturas matriarcais e foi sempre o mesmo culto. O nome mais antigo é *Tamouze* referenciado desde o sec.XX, na Mesopotâmia, Síria e Palestina o qual era tratado por *Adon* ou *Adoni* na Palestina, Fenícia, Grécia e colónias fenícias do Mediterrâneo; temos depois *Dagon* e *Eshmun* (Fenícia e Cartago), *Sebas* e *Athis* na Asia Menor, Roma e império romano. São variantes do mesmo modelo arquetípico, isto é, o do filho que morre por amor à Mãe poderosa e porque é incapaz de a atingir ou possuir. Nos meios literários ficou conhecido pelo nome de *Adon* que significa em hebraico “senhor” (*Adoni* “meu senhor”, *Adonai* “nosso senhor”) que era o tratamento que os fenícios e hebreus davam a *Tamouze*. Os gregos, que difundiram o mito e o traduziram em poesia, tomaram o tratamento por um nome próprio chamando-lhe *Adonis*. Por intermédio dos poetas gregos, os ritos fenícios do jovem-deus ficaram a ser conhecidos no Ocidente por “culto de Adonis”. No entanto, segundo todos os historidores da antiguidade, cabe aos fenícios o prestígio de terem difundido o culto de *Tamouze-Adonis* babilónico em todo o Mediterrâneo.

<sup>2</sup> *Kelb* (“cão”) era frequentemente utilizado entre os fenícios na acepção de “cão de Deus” (servidor de Deus) tal como *abd* (escravo). São Jerónimo, na Vulgata, traduz *kelb* por “efeminado” porque os prostitutos sagrados entregavam-se à homossexualidade tal como os castrados de Cibele; *kelb* foi também um título ou um nome de Heracles de Tiro, o herói dos Doze Trabalhos, fundador mítico das colónias fenícias do Ocidente. Os mitos gregos apresentam Heracles enamorado por um dos seus companheiros de viagem.

<sup>3</sup> Num.25:1-17: Na guerra contra Madian, Israel estabeleceu-se em Shittim e entregou-se à prostituição com as raparigas (cananitas) de Moab; estas convidavam-nos para os seus sacrifícios, de modo que o povo comia e sacrificava aos deuses delas. Israel estava assim comprometido com o Baal de Peor (Balfegor). Moisés ordenou que se fizesse uma busca ao local e se capturassem os chefes que se tinham prostituído com as raparigas e eles foram executados com golpes no baixo-ventre e de face voltada para o Sol.

O jovem Tamouze-Adonis foi um ente carnal divinizado; fazia parte duma tríada, entre a Deusa-Mãe e uma teórica divindade masculina mais velha que era a representação simbólica do Pai - que na religião duma sociedade matriarcal ocupa um lugar irrelevante e sem culto; com os séculos sucessivos, o jovem-deus suplantou e fez esquecer a figura do deus-pai. O jovem era tido como o salvador, o prometido, o messias que morria e ressuscitava anualmente. Evocava a renovação cíclica da Vida, morte e renascimento das espécies de que o exemplo comum são as plantas. Os seus nomes locais são qualidades referentes à renovação da Natureza<sup>4</sup>.

As relações do jovem com a Grande-Mãe são confusas: ora é um rapaz adepto da Deusa, ora é filho dela, ora é o seu divino esposo, ora é o seu assistente na obra da Criação<sup>5</sup>. Com a variedade dos locais e das épocas, o jovem deus-filho suplanta o deus-pai que desaparece das referências cultuais como é comum nas antigas religiões do Mediterrâneo. Nos cultos mais rústicos, ele é um ente humano filho carnal da Deusa-Mãe; em épocas e meios mais civilizados ele é um humano adepto da Deusa que o fascinou e o levou à castração, promovendo-o em consequência à categoria de deus, do mesmo modo que ela fascina os homens e os leva a emascularem-se com vistas à obtenção das preferências da Mãe e à imortalidade.

\*

Este culto, que veremos, como todos os outros, não tem origem nos mitos que lhe dizem respeito como pretende o senso comum. Já abordamos este ponto na *Introdução ao Tratado* de Luciano e vamos repeti-lo. Os cultos não existem para perpetuar acontecimentos que

---

<sup>4</sup> Os nomes são do fenício e acadiano: *Adónis* (*adonî*) "meu senhor, meu Deus; *Dagon* "trigo"; *Esh mun* "crisálida ou metamorfose das plantas"; *Tamouze*, não obstante alguns autores dizerem que este nome significa "verdadeiro filho" (sem precisarem em que língua e em que termos) é igualmente do acadiano: reproduziu-se com várias grafias: *tam isu* "tecido, textura da planta", *ttam usu* "tecido do salgueiro", *tam usu* "esconjuro do salgueiro", *tem iss* "ordem das plantas", *tem awze* "a ordem emerge", *tham awse* "do oceano, do abismo, da destruição emerge"; *Athis* (*at ish*) "salvador do homem", *bat iss* "rege a vegetação, a árvore", *oet iss* "cobertura, envolvimento, segredo da planta", *ot iss* "tempo, época das plantas", *at iss* "junto da árvore", e *at iss* "tu és a árvore".

<sup>5</sup> Confusão semelhante encontra-se na relação entre Maria e Jesus no culto popular português: M. E. S., *Orig. Or.* p.205.

tiveram lugar *in illo tempore, no principio*, fossem eles acontecimentos de extrema importância, fundadores da sociedade e da civilização actuais e a que alguns chamam “mitos fundadores”. Ora, os mitos fundadores e as histórias sagradas são discursos mais ou menos ingénuos e maravilhosos por meio dos quais se pretende explicar os actos e os valores do presente, são *tentativas de racionalização dos arquétipos do presente*. Existem de facto cerimónias e cultos comemorativos de antigos actos heróicos, acontecimentos humanos ou divinos impostos ou importados por uma instituição ou por alguns indivíduos; mas esses cultos ou cerimónias, procedentes mais do voluntarismo do que da cultura, se forem estranhos à cultura não prosseguirão forçosamente segundo a sua natureza ou forma original: ou morrem à nascença ou são apropriados pela massa que os transforma e corrompe segundo a índole da cultura. Contrariamente aos antropólogos clássicos segundo os quais os cultos se justificam pelo mito, que o mito precede o culto e que o culto é a perpetuação do mito, a Etnologia moderna e a Etnopsicanálise entendem que no inverso é que está a verdade, *o culto é anterior ao mito, o mito fundador é uma criação a posteriori com origem no culto*. Vejamos melhor: No fundo do inconsciente existem os arquétipos da cultura. Os arquétipos pré-existem aos comportamentos sociais e condicionam-nos, ou porque sejam herdados como defende Jung, ou porque sejam transmitidos desde a infância ou mesmo durante a fase pré-natal passando a integrar o estrato do inconsciente, segundo alguns etnólogos e psicólogos. Para viver o impulso dos arquétipos, tomam-se atitudes corporais, sociais e simbólicas; as culturas criam mitologias e readaptam os deuses à sua índole, por processos relevantes do inconsciente, e a dinâmica colectiva estrutura cultos em conformidade com a visão que a cultura se faz das divindades. Ora, uma vez que os arquétipos e uma grande parte da própria cultura são indizíveis e irracionais, os actos sociais e os cultos passariam também a sê-lo; um acto sem justificação racional é conotado negativamente pelo meio envolvente, classificado como “de loucos”. Então, para apaziguar a consciência racional *inventam-se acontecimentos primordiais relevantes*, mitos sagrados, histórias maravilhosas com algum tipo de lógica ou racionalmente compreensíveis e conformes com a prática do culto em determinado momento histórico, e é esse mito arquetípico que passa a justificar o culto. Por seu lado, o culto também está sujeito à mudança; em determinado momento histórico o mito não é o que era uns séculos antes, portanto sem relação exacta

com o mito fundador precedente. Os mitos são “fundadores” mas, sim, *da explicação, da racionalização do culto*. Na prática, o mito faz com que a cultura se não questione e evite uma reflexão sobre si-própria; sem reflexão e, portanto, sem correr o risco de ser posta em causa, a cultura procura transmitir-se fiel a si própria ao longo dos milénios. A explicação do praticante é uma escapatória e um bode expiatório na medida em que empresta uma razão ao que era irracional, descarrega sobre o mundo maravilhoso do *in illo tempore* o que é inquestionável.

Os mitos fundadores (racionalizantes) sucedem-se, substituem-se uns aos outros com o evoluir das civilizações e das religiões; são conjunturais, participando da estrutura da personalidade colectiva que, sujeita também a um menor ritmo de mudança, vai-se justificando em conformidade. Por isso encontramos numa aldeia como numa vasta área cultural cultos que já eram idênticos aos do passado mas justificados por mitos fundadores e racionalizantes muito diferentes, isto é, vão sendo adaptados às épocas civilizacionais e às percepções religiosas sucessivas.

### A MORTE DO JOVEM DEUS

O protótipo do mito de Tamouze são as versões sumero-acadianas dos textos cuneiformes do sec. XX a.C., na Mesopotâmia, difundido numa época recente pelos poetas gregos com intuitos romanescos sob o título de “Mito de Adónis”. Segundo a versão sumero-acadiana, Tamouze era um jovem pastor (ou talvez filho dela) por quem Istar se enamorou e a quem exigiu fidelidade. Ele aceitou mas faltou ao seu compromisso relacionando-se sexualmente com a filha do rei. Chamado à razão e roído de remorsos, arrumou-se a uma árvore, pegou dum cutelo de sílex e castrou-se morrendo da sua ferida. Passou-se isso “na época do ano em que os segadores atavam os feixes de trigo e os levavam para a eira”, analogia entre o corte do penis e a ceifa do trigo maduro. Outros diziam que, ciumenta, Istar mandou contra o infiel um javali que o castrou e matou pelo que ele ingressou no *sheol*, domínio de Hadad, Deus-pai. Entretanto, Istar comiserou-se do rapaz, desceu aos infernos a fim de o reaver, passou pelas sete portas do inferno onde cumpriu as diligências iniciáticas exigidas por Hadad que consistiam em despir-se progressivamente das suas vestimentas. Dizia a teologia que, se Istar não tivesse regressado e se Tamouze não ressus-

citasse, não haveria mais procriação, nem produção de plantas. Istar rogou a Hadad que deixasse reviver o seu adepto e ele condescendeu. Um cúmplice derramou sobre ele a Água da Vida que o fez reviver; ambos recuperaram os seus atavios nas portas iniciáticas e regressaram à vida tornando possível a renovação da Natureza. Ressuscitado, Tamouze-Salvador ascendeu à condição de ser divino; desde então passou a morrer anualmente pela época das ceifas pelo bem da Humanidade e a ressuscitar, pela graça de Istar que na sua viagem iniciática aos infernos aprendera o processo de o ressuscitar ciclicamente.

Esta descida aos infernos de Istar para resgatar Tamouze-Adonis acabou por entrar na teologia cristã. Foi (ainda é) dogma católico definido no Concílio de Trento (1570) que Jesus, enquanto esteve morto (ou antes de ressuscitar), desceu aos infernos para resgatar os justos que haviam morrido antes dele, e essa verdade consta da fórmula do Credo ou Símbolo dos Apóstolos saída do Concílio em uso até aos anos 60 do século XX: «(...) Creio em Jesus Cristo (...) foi crucificado sob Pôncio Pilatos; **desceu aos Infernos**; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos; subiu ao céu onde está sentado à direita de Deus Pai...».

Tamouze era o trigo hipostasiado e celebrado em Junho “quando os segadores levam os seus feixes para a eira”. Tal como o trigo se ceifa em Junho, assim o jovem-deus morria anualmente castrado (“ceifado”). Na Bíblia e na liturgia judaica ainda hoje o mês de Junho tem o nome *mês de Tamouze* herdado do calendário da antiga Babilónia.

A morte e a ressurreição de Tamouze eram celebradas anualmente para tornar possível a renovação da Vida. Eram as festas anuais associadas às ceifas conhecidas por Adónias ou Prantos de Adonis, de que há muitas referências em todo o Mediterrâneo antigo, sobretudo nas colónias fenícias. Os difusores deste culto babilónico foram de facto os fenícios que lhe erigiram locais de culto (nas nascentes ou nas margens dos rios) em todas as suas colónias durante mais de dois mil anos. Junho era o mês das Adónias ou dos Prantos. Todo o Médio Oriente e o Mediterrâneo fenício tomava o luto durante três dias segundo os testemunhos coevos<sup>6</sup>. Os homens rapavam o cabelo, as

<sup>6</sup> Macrobe, *Satyriques*, 21,1. Cyrilo de Alexandria, *In Isaiam*, lib. II tomo III, Migne, *Patrologia Graeca*, LXXX, 441, LXXI, 136. Ernest Renan, *Mission en Phenicie*, Paris, 1864, 216-235. J.G.Frazer, *Adonis-Le Rameau d'Or*, Paris, Lafont, 1983. Edouard Dhorm, *Les Religions de Babylonie et d'Assyrie*, Paris, PUF, 1949, Dussaud, *La Religion des Pheniciens*, Paris, 1949, Edouard Herriot, *Sanctuaires*, Paris, 1938, J.O. James *Os Deuses Antigos*, Lisboa, Arcádia, 1960, trad. de Jorge Sampaio.

mulheres com a saia desfeita e os cabelos desgrenhados pranteavam a morte do deus com a musica estridente de flautas e barulhos de pandeiros. Erguiam-se em sua honra altarcinhos nas ruas e nas janelas com a sua imagem. Deambulavam procissões pelas ruas, cantando elegias e loas em honra do salvador; representavam-se cenas teatrais sobre a sua epopeia e as consequências benéficas do seu sacrifício. O costume mais fielmente seguido e que chamava a atenção de todos eram os *jardins efêmeros, vasos de Adonis* ou *jardins de Adonis* como lhes chamaram os gregos: na madrugada do primeiro dia dos Prantos, as cidades e aldeias apareciam recheadas de vasos com plantas frescas salpicadas de vermelho, que ornavam as ruas e as praças, janelas, telhados, templos, todos os espaços da vida social e de convívio. O efeito era surpreendente segundo os testemunhos. Conhece-se até a composição floral dos vasos e o processo de os semear: no escuro das casas (sob a cama por exemplo) em terra húmida, semeava-se trigo, grão-de-bico, ervilhas e plantas aromáticas; por influência simultânea do calor, da humidade e do escuro, as plantas cresciam rapidamente, belas, viçosas mas muito frágeis, e desde que fossem expostas à luz, duravam poucos dias, o período dos Prantos. Enfeitavam-se os vasos verdes com as papoulas que crescem nos trigais cuja cor vermelha representava o sangue do redentor. Os vasos eram esplêndidos mas a sua vida e beleza eram efêmeras, sugerindo a brevidade da existência e o seu movimento cíclico, isto é a Vida. No último dia dos Prantos montava-se um cadafalso nos templos e nos lugares altos com a imagem do deus morto e velava-se. De madrugada organizava-se uma procissão fúnebre em que as mulheres levavam os vasos à cabeça, até ao mar, rio, abismo ou gruta onde era lançado um cofre com a sua imagem ou a sua cabeça e, com ela, os vasos de flores. As mulheres sírias cantavam ao som de flautas plangentes melopeias de que se conhecem vários exemplares, uma das quais “improvisada por Istar” com este teor:

Até quando ficará o germe cativo?  
Até quando ficará a verdura prisioneira?

E depois:

Desaparece ele e ela lementa-se  
“Meu filho!” proferindo gritos

Ela geme sobre a erva sem raízes  
 Geme sobre o trigo sem espigas  
 A sua mansão não tem alegria  
 Uma mulher desfeita, um filho exausto  
 Pranteia o rio onde não cresce o salgueiro  
 Pranteia o campo onde não cresce trigo nem ervas  
 Pranteia a lagoa donde o peixe fugiu  
 Pranteia a clareira despida de caniços  
 Pranteia a floresta donde a tamareira se ausentou  
 Pranteia o pomar sem enxames e sem vinhas  
 Pranteia as pradarias despojadas de flores  
 Pranteia um palácio donde fugiu a vida<sup>7</sup>.

No dia seguinte os sacerdotes anunciavam que o Senhor ressuscitou e o ambiente passava a ser de euforia. Estava assegurado o movimento normal da Vida.

A morte do deus podia ser sugerida pelo lançamento ao rio ou ao mar duma arca com a imagem da cabeça de Adon (a Santa Cabeça) e a sua ressurreição, pela chegada da arca à outra margem<sup>8</sup>. O rio era um outro arquétipo de Adon. Nas colónias fenícias os rios tinham frequentemente o nome de Adon. Nas épocas arcaicas, parece que, com o lançamento da imagem de Adon à água ou no precipício, se sacrificava o rei velho que incarnava o deus atingido de senilidade<sup>9</sup> ou um homem que substitua o deus, ou várias vítimas (como veremos em Sevilha). Sacrifícios sangrentos podiam ter lugar nas eiras durante as ceifas de que há vestígios no folclore<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> Moret, *Histoire de l'Orient*, I, p. 326.

<sup>8</sup> É o episódio do regresso da Santa Cabeça ao qual Luciano diz ter presenciado e de que existem vestígios, entre nós, no Porto e em Gaia, sob o nome da Santa Cabeça de São Gonçalinho..

<sup>9</sup> James Frazer interpreta muitos casos em várias regiões do Mediterraneo e algures, em *Le Rameau d'or*, e *Le Dieu qui meurt*, trad. franç. Paris, Lib. Orientaliste, 1931.

<sup>10</sup> Encontramos na Bíblia referências a sacrifícios humanos (ou de animais que substituíram os humanos) durante a ceifa (*Juiz.15:1*, II *Sam.21:9* e *23:17*); David, rei de Israel, sacrificou numa eira durante a debulha a própria junta de bois que debulhava o trigo porque Deus ameaçou o país com a peste por causa dum pecado cometido pelo próprio rei. Com os tempos, o sacrificio passou a ser simulado pelos agricultores com um rito agrário chamado entre nós "ultimo feixe" em que os cegadores, terminada a zafra, caem sobre um companheiro, o patrão, um transeunte, etc. e fingem que o sacrificam ou que praticam um coito com ele.

O jovem deus tinha a amplitude pluridimensional dos arquétipos da Natureza: era a vegetação cheia de seiva na primavera, o rejuvenescimento das plantas e a sua maturação à qual se sucede o inverno, o rio que nasce, irriga a vegetação e que seca, o sol da Primavera que faz germinar os grãos e que os queima no Estio. Adon era sobretudo o trigo semeado no rigor do inverno e nascido na Primavera e que se sujeita à violência dos homens que o ceifam e o esmagam para seu alimento. O seu nome em Cartago era *Dagon* que quer dizer “trigo”; Adon também era a água regeneradora e vivificadora, o Espírito Santo bíblico. O origem do culto de Adon poderá datar do início da agricultura. Nenhuma outra planta gozou dum simbólica mais rica do que o trigo a qual deriva tanto da poesia quanto da agricultura: enterrado pelo solstício do Inverno, emerge do abismo no equinócio da Primavera, cresce energicamente e morre ceifado no solstício do verão; planta viva durante seis meses, grão seco e palha morta durante os outros seis.

Os meios mais zelosos do monoteísmo não resistiram ao simbolismo do culto de Adon-trigo. Isaias refere-se à prática dos prantos e dos vasos efémeros entre os hebreus<sup>11</sup> e o profeta Exequiel conta que lhe sobreveio esta visão: “No dia 5 do sexto mês, estava eu sentado na minha casa quando a mão de Yaveh caiu sobre mim [= entrei em êxtase]. Levou-me à porta do templo virada ao norte e vi nas escadas umas mulheres sentadas a chorar por Tamouze. E Yaveh disse-me: ‘Estás a ver, filho de homem? Ainda verás coisas mais abomináveis do que esta’. Depois levou-me para o átrio do Templo e vi à entrada, entre o vestíbulo e o altar, uns vinte e cinco homens de costas para o tabernáculo de Yaveh, voltados para o Oriente, prosternavam-se para a direcção do Oriente, diante do Sol; e Yaveh disse-me: ‘Estás a ver, filho de homem?’”<sup>12</sup>. Quer dizer, lado a lado, os prantos de Adon e o culto masculino do Sol. São Jerónimo (séc. V) transmitiu-nos uma referência muito útil para a História das Religiões: diz ele que viu “Em Belém um bosque consagrado a Adonis e que, na própria gruta onde nasceu Jesus, os fiéis pranteavam a morte de

<sup>11</sup> *Isaias, 17:10*: “Esqueceste o Deus da tua salvação e não te lembraste da rocha da tua fortaleza; pões-te a semear plantas de deleite e a plantar sarmentos estranhos; no dia em que as sementes as vês crescer, no dia seguinte as tuas sementes florescem mas a colheita esvai-se por uma moléstia incurável. Desgraça! Oíço um rumor de povos imensos, como um rumor de mares. Bramam povos! Bramam como as águas potentes, povos que bramam como bramam as grandes águas.”

<sup>12</sup> *Exeq. 8:14*

Adonis; explica ainda que, “nós (de língua grega) chamamos Adonis ao que os sírios e os hebreus chamam Tamouze; a gentildade celebra a sua memória no mês de Junho; as mulheres choram-no como se ele tivesse morrido e depois regozijam-se como se ele tivesse ressuscitado»<sup>13</sup>. Aliás, *Belém* significa “casa ou templo do pão” (*bet lehem*).

As figuras da deusa-mãe e do seu filho morto assemelhar-se-iam (se não inspiraram) as nossas imagens da Senhora da Piedade, da Soledade, do Pranto ou das Dores que se representa com o seu filho morto nos joelhos; esta filiação é tanto mais legítima quanto a simbólica da morte do jovem deus se transferiu para a nossa *Semana Santa* nomeadamente para a “Festa do Senhor dos Passos”<sup>14</sup>, como veremos adiante, em Sevilha, e para o culto popular de Santo António.

---

<sup>13</sup> São Jerónimo, *Epistolae*, LVIII (Migne, *Patrologia Latina*, XXXII, 581); Vigouroux, *Dic. Arq. Chrétienne*, art. *Tamouze*. Note-se que foi também em Belém que se desenrolou a cena do *Livro de Rute*, ascendente de David e de Jesus, na época e nos campos da ceifa.

<sup>14</sup> O culto do Senhor dos Passos português corresponde perfeitamente às descrições que conhecemos sobre os prantoss e o enterro de Tamouze. V. outro capítulo deste estudo. Tratei longamente dessa comparação em *Orig. Or.* pp: 40-43 e 64-72.

## Capítulo 3

### A MÃE DOS DEUSES DA FRÍGIA

#### MÃE CASTRADORA

Existiu na Ídea da Frígia (Ásia Menor, actual Turquia) uma divindade famosa, *Ma Cibele*, que passou a ser conhecida no Ocidente desde o séc. III a.C. por *Magna Mater*, *Mãe dos Deuses* e *Cibele*. Foi uma divindade de primeira ordem nas regiões banhadas pelo Mar Egeu. Entre os seus mul-tiplos santuários, na Asia Menor como nas ilhas, o mais célebre foi o de Pessinonte (hoje sul da Turquia) não longe do sítio onde existiu Tróia e donde partiram os Argonautas a quem a deusa esteve ligada segundo os mitos.

Cibele era a mãe fecundadora de todas as coisas, a Terra, a Água, a Árvore e Senhora das florestas e das montanhas<sup>1</sup>. Nos tempos mais arcaicos foi uma divindade andrógina que reunia em si os princípios masculino e feminino com o título de *Agdistis* (“unidos mulher e homem”)<sup>2</sup>. Tinha grande fama nos meios populares mas era objecto de aversão entre os letrados helenizados.

*A Mãe dos Deuses-Agdistis* não se representava com figura humana mas como uma pedra negra em forma de cone que se dizia caída do céu<sup>3</sup>. O seu culto era o mesmo do da Deusa Síria descrito por

---

<sup>1</sup> Cibele significa em hebraico-ugaritico que foi também a língua da região da antiga Asia Menor, “gazela celeste” (*sby el*).

<sup>2</sup> *Agdistis* Os autores não entendem este nome; de facto, não seria propriamente um nome mas uma qualidade; em ugaritico (ou fenício antigo que foi usado na região) decompõe-se em *agd isht ish* “união mulher homem”; *isht* é uma forma arcaica do feminino de *ish* “homem” (cf. Del Olmo Lete, *Mitos y Leyendas de Canaã segun la tradicion de Ugarit, Glossario*).

<sup>3</sup> No Médio Oriente antigo era frequente encontrar divindades representadas por cones de pedra que dum modo geral se diziam caídas do céu; Astarté e a Deusa Síria também eram representadas desta forma em alguns santuários. Considera-se que essa forma de representar as divindades é particular aos antigos fenícios. O cone de pedra sugeria a androginia dos deuses: enquanto coluna é masculino enquanto cónico é feminino. Desta configuração iconográfica derivaram as imagens marianas desenhadas em forma de triângulo que encontramos em Portugal e sobretudo na Andalusia. A esses cones

Luciano: procissões com árvores no equinócio da primavera, delírio orgiástico, danças frenéticas, flagelações e castrações de rapazes. Aldeias distantes estavam obrigadas a ir ao seu santuário de Pessinonte para o que se constituíam em confrarias a que os gregos chamavam *metragirtas* e os fenícios *marzeba*, para além de missionários ambulantes que, pelo seu desprendimento, encontraram simpatia entre os estoicos gregos que ao mesmo tempo nutriam pela prática desse culto uma certa repugnância. Era um culto orgiaco multitudinário mas também misterioso, com conciliábulos de iniciados (*mystes*) a quem se comunicava a sagesa da santidade e a significação dos símbolos religiosos.

Protótipo do culto matriarcal tanto no seu local de origem como mais tarde no Ocidente, a *Magna Mater* de Frígia era a representação onírica de uma mãe simultaneamente autocrática, sedutora e possessiva levando a que certos rapazes que ela *vocacionava* entrassem em delírio durante as cerimónias anuais e se castrassem.

No seu pais de origem foi parceira, mãe ou esposa de Sebas (helenizado *Sebasios*) que era uma divindade masculina representativa do espírito da Natureza; associou-se depois a um jovem, Athis, que ora se entendia como seu filho ora como adepto e que era castrado. O nome de Sebas enquanto Deus-pai desapareceu das referências eruditas sendo sobretudo conhecido o parceiro Athis. Athis e Sebas representavam-se por um pinheiro.

A história de Sebas-Athis era a do Tamouze babilónico (o Adonis fenício) e simbolizava, tal como Tamouze e Osiris, o princípio da renovação cíclica, tudo o que morre e renasce, como a Natureza. Na Fenícia e em Cartago até se chamou Eshmun (*esh mun*, “árvore metamorfoseada”).

Vejamos a história de Cibele e de Athis contada em Pessinonte. Pelo seu naturalismo reflecte o pensamento religioso duma sociedade «selvagem», próxima da natureza, o que abona da sua grande antiguidade; é uma história de contornos imprecisos e circular em que a di-

---

também se dava o nome de bétilos (heb. *bet ilu*: “casa de Deus”). As antigas religiões semitas relacionavam-se muito estreitamente com as pedras. O principal objecto de culto do actual santuário islâmico de Meca é a célebre Pedra Negra caída do céu, incrustada num canto da Kaaba. Antes do islamismo, cada tribo árabe venerava nesse lugar o seu deus sob a forma duma pedra, 360 idolos no mesmo santuário, segundo se diz hoje; aquando da conquista de Meca, Maomé destruiu todas as pedras tendo apenas poupado a da sua tribo, que é a actual Pedra Santa.

vindade se reproduz por si própria: na Frígia, uma enorme rocha chamada Agdo (ou Agdistis, ou Cibele) adoptou a função da Grande Mãe (era uma *petra genitrix*, pedra-mãe)<sup>4</sup>. O deus supremo tentou acasalar-se com ela mas ela resistiu e o semen divino espalhou-se no solo. Desse chão nasceu um ser bissexual chamado Agdistis (isto é, «mulher e homem num só»)<sup>5</sup>. Uma divindade aterrorizou-se com o fenómeno, cortou-lhe o sexo masculino e lançou-o à terra. Desse solo nasceu uma amendoeira; uma ninfa das águas colheu uma amêndoa e guardou-a no seu seio donde nasceu um menino que ela abandonou junto do rio e um bode criou. Com o tempo tornou-se o mais belo dos rapazes - Athis - pelo qual se enamorou Agdistis-Cibele que era o nome da Rocha/Terra e o da sua própria origem. A história tem semelhança com a de Moisés (deixado junto do rio, salvo por uma princesa) e de outros profetas ou deuses incarnados, como Mitra. Quando o jovem se preparava para casar com uma princesa local, a mãe dos deuses Agdistis-Cibele apareceu-lhe e ele ficou de tal modo enamorado pela Mãe que lhe jurou fidelidade e, como garantia, cortou o penis; e morreu na sequência da hemorragia. Condoída, a deusa solicitou ao deus supremo que tornasse o seu corpo incorruptível ou que o ressuscitasse. Outra versão diz que foi Cibele ou Agdistis quem o levou para a sua caverna e o convenceu a emascular-se agarrado a um pinheiro por amor a ela. Outra versão diz que um deus ciumento lançou contra ele um javali ou um leão que o emasculou tendo ele morrido da sua ferida e sido ressuscitado pela Mãe, associando-se esta versão à história de Tamouze-Adonis. Uma versão reproduzida por Ovidio e pelo imperador Juliano (a quem os cristãos apelidaram de “Apóstata”) que foi em peregrinação a Pessinonte onde escreveu um texto intitulado *Discurso à Mãe dos Deuses*, diz que o rapaz chamado Athis havia sido exposto junto do rio Gallus e salvo por Cibele; uma vez crescido, ela enamorou-se dele e reciprocamente, fê-lo prometer fidelidade perpétua; ele jurou mas acabou por trair o seu voto. Chamado à razão e arrependido, emasculou-se, morreu, ressuscitou e juntou-se a ela passando a conduzir a quadrilha de leões que transportavam a Grande

<sup>4</sup> A pedra seria a que foi levada para Roma sob o nome da Grande Mãe da Frígia. Era uma pedra negra.

<sup>5</sup> *agad ist ish*, literalmente: «num só mulher homem», isto é, hermafrodita. A língua acadiana foi a da região no sec. XX a.C., comum à Síria e à Fenícia. A pedra teria a forma dum cone que é «feminino» na base e «masculino» no tronco.

Mãe pelas montanhas da Terra sobre as quais domina. Sejam quais forem as versões, todas concordam que o rapaz se fascinou pela Mãe dos Deuses e ela por ele e que, num delírio orgiástico, se castrou.

As relações de Athis com Cibele, tal como as de Adonis com Istar/Astarté, são ambíguas e tendencialmente incestuosas. O jovem-deus foi membro duma trindade (pai, mãe, filho) mas a figura do pai desapareceu, ausentou-se, ficando apenas a mãe e o filho jovem. Com o crescimento, o filho destronou o pai ficando a-sós com a mãe. Tendo a Deusa sido confundida com uma divindade andrógina (Agdistis), tanto era mãe como pai. O homem representado com a Senhora passava por filho, por esposo, por adepto, por pai ou por tudo isso em simultâneo, sendo ela sempre a Mãe. Frazer diz que a Deusa da Frígia também era considerada virgem mãe e, ainda, que Juliano lhe chama «virgem sem mãe»<sup>6</sup>, o que vem complicar ainda mais as relações entre os dois. O jovem que acompanha a Senhora podia ser marido da sua própria mãe, o que reverte numa forma de incesto sagrado. O rapaz que se dedicava à Deusa veria nela uma mãe e uma esposa ao mesmo tempo. Deste modo, todas as relações e papéis sociais masculinos se projectavam no homem que acompanha a Senhora, enquanto a mulher, fosse qual fosse a sua situação, se revia sempre na Deusa como mãe. O incesto sagrado, sugerido pela indefinição das relações entre a *Mater* e jovem-deus que a acompanha, é uma característica das religiões orientais e mediterrânicas que vamos encontrar também na iconografia católica de Maria; constitui um traço psíqué-arcaico duma visão matriarcal da religião e da cultura.

### A MAGNA MATER CONQUISTA ROMA

Uma chantagem política fez com que a Mãe dos Deuses da Frígia gozasse em toda a extensão do império romano dum dos maiores sucessos religiosos da Antiguidade e essa chantagem foi esta: com a Segunda Guerra Púnica (séc. III a.C.) Roma vivia na obsessão da invasão por Cartago. Os decênviros, devotos desse culto oriental, passaram a dizer que, em tempos, haviam descoberto nos Livros Sibílicos um oráculo que garantia a vitória sobre os cartagineses se a Mãe dos Deuses da Ídea da Frígia fosse transferida para Roma. O dito dos Li-

<sup>6</sup> *Atys et Osiris*, 1926, p. 13

vros Sibilinos passou à opinião popular cujos escravos orientais conheciam o culto. O poder político procedeu à consulta da Pitonisa que confirmou a previsão dos velhos livros; aliás, as Sibilas, profetizas das desgraças, eram naturais da Ásia Menor e o culto havia sido a sua primeira devoção. O poder convenceu-se. Em 205 a.C. o governo de Roma enviou uma embaixada solene ao rei frígio para tratar dessa transacção; o rei, por sua vez, solicitou aos deputados locais “a pedra que, aos olhos da gente da terra, era considerada a Mãe dos Deuses”, que a confiassem aos emissários de Roma que se fariam acompanhar pela corte dos sacerdotes. Um deputado frígio anunciou depois um oráculo de Delfos segundo o qual a deusa deveria ser recebida em Roma pelo homem mais honesto do país. Fez-se a transacção da Pedra Negra das mãos dos frígios para as dos romanos com todas as regras do protocolo. A Mãe dos Deuses foi recebida com todas as honras em Ostia tendo sido designado Públio Nasica como sendo o homem mais honesto da República, acompanhado por uma comitiva de matronas. A Pedra Negra-Mãe dos Deuses foi desembarcada pelos sacerdotes para as mãos do homem mais honesto e depositada nas mãos das matronas que se revezaram nessa caminhada triunfal até que foi intronizada no templo da Vitória, no monte Palatino. Foi um dia dos mais solenes e oficiais. No teatro da guerra, Scipião atacou Cartago, desviou Aníbal do seu projecto e ganhou a Segunda Guerra Púnica. A Pedra Negra era de facto prodigiosa. A ela se deveu a vitória.

O culto foi instaurado em Roma tal como existia na Frígia (foi a condição) o que levou a manter as características do culto estrangeiro. As crónicas atestam que levadas sucessivas de rudes frígios desembarcavam em Roma e percorriam a cidade a fazer missão pela sua deusa nacional. O calendário festivo era o mesmo que na Frígia: a 22 de Março (equinócio da Primavera) era o início dos Prantos com a *Introdução da Árvore*, um pinheiro que simbolizava Sebas ou Athis e a Natureza sob a sua forma perene e vivaz; levado em procissão envolvido em faixas, como um morto, era Athis envolvido na mortalha. O corte e o porte do pinheiro estavam confiados ao colégio ou confraria oficial dos *Dendróforos* (portadores do pinheiro). A 24 de Março era o “dia do sangue”, como em Hierápolis, com as procissões de flagelantes e a castração dos Gallos; a 25 era o “banho da deusa” em que a Pedra-Mãe dos Deuses era mergulhada na água do rio e trazida em grande pompa. No dia seguinte Athis ressuscitava e começavam as *Hilárias* ou Festas da Alegria em memória da ressurreição de Athis.

As massas aderiam aos rituais de flagelações e de castrações e retribuíam com esmolas mas esses espectáculos causavam um choque nas elites de Roma que os consideravam bárbaros. A reacção oficial foi a de impedir o contágio uma vez que não podiam suprimir o culto. O senado começou por proibir aos cidadãos romanos de usar roupas garridas como as dos frígios, de tocar flauta e de participar fosse como fosse nessas festas delirantes. O culto passou a ter carácter estrangeiro embora, por força do compromisso diplomático, os romanos se associassem com actividades paralelas, jogos, teatro no circo e banquetes entre patrícios a que chamavam “trocas de convites”. Posto o culto sob controle policial, os Gallos limitavam-se a sair do seu reduto do Palatino para o peditório público, aliás, privilégio raro. Cibele foi ficando esquecida.

Um século antes da nossa era, sob o imperador Cláudio, o culto ganhou novo impulso. Foi pela mesma brecha síria e por uma idêntica chantagem política que ele irrompeu em força. Eis a nova chantagem: durante a guerra do Taurus, os soldados de Roma haviam-se iniciado no culto de uma outra Grande-Mãe da Anatólia (centro da Àsia Menor) chamada *Ma Belone*, personificação da Natureza. Ma Belone apareceu depois em sonhos ao ditador Sila para lhe dizer ter sido ela quem promoveu as suas vastas vitórias no Taurus e na Asia as quais o levaram ao poder e pediu-lhe para a introduzir em Roma. Ele acedeu.

O culto de Ma Belone ainda era mais exibicionista, orgiaco e sanguinário do que o de Ma Cibele: os *mystes* e os Gallos não apenas se cortavam como aspergiam os fiéis com o seu sangue e até o bebiam. Depois, tomados pelo delírio, previam o futuro dos assistentes. Esquecidos que estavam os Gallos de Cibele, o culto excitou a curiosidade popular e tinha inúmeros aderentes. Porém, não tinha as honras públicas nem a protecção do Estado. Procedeu-se então a este estratagemma: como Ma Cibele, por lei, beneficiava da protecção do Estado, Ma Belone apresentava-se como a “serva, a seguidora, a discípula, a adjunta, a substituta de Ma Cibele”; as restrições policiais impostas a Ma Cibele não atingiam Ma Belone. Foi-se esquecendo o nome de Ma Belone. Finalmente, apagou-se a discípula e regressou a mestra Cibele e os Gallos, e com mais vigor do que tiveram antes. O chefe dos Gallos (Arquigallo) passou a ser escolhido entre os cidadãos romanos e a intitular-se *Athis Público do Povo Romano* enquanto os adeptos se organizavam em confrarias ou colégios do direito romano, sob a égide do poder. As festas passaram também a ser romanas reproduzindo

inteiramente o calendário e os rituais frígios com mais pompa do que eles tinham quando vieram de Pessinonte<sup>7</sup>.

Com o correr dos tempos Cibele deixou de ser figurada pela pedra negra para tomar a forma de uma deusa clássica: representada encostada a um leão, puxada por leões ou cavalgando-os, com uma coroa em forma de ameixas (protectora da cidade e da organização social), um tamboril aos pés e empunhando um ceptro ou um fuso, tal qual era representada a Deusa Síria. Sebas ou Athis passou a ser representado como um jovem com um chapéu frígio: “a moleza do seu corpo, a languidez e a expressão melancólica do seu rosto sugerem a sua triste história; também se vestia com um fato colado ao corpo que deixava prever um ventre muito desenvolvido e as carnes empastadamente gordas dum eunuco<sup>8</sup>”. A *Magna Mater* também se fazia acompanhar por um touro, por um pinheiro e por espigas de trigo.

Lembremos que a religião de Cibele tinha foros de religião oficial, com favores imperiais, mantida por várias confrarias que reagrupavam a fina-flor da aristocracia, como os *dendróforos* (do gr. «portadores do pinheiro») e as *cernáforas* (gr. «portadoras de vasos» que eram mulheres). O culto era servido por uma casta rica de sacerdotes chamados *coribantes*, nome que o imperador-filósofo Juliano (o Apóstata) faz derivar de Coriba, um antigo nome do Sol, engendrado numa relação mística entre Jasson e Cibele. Eram célebres e muito concorridos os rituais em que participavam os *coribantes*, especialistas no exercício de danças sagradas. Nessa mesma região donde são originários os coribantes, a actual Turquia, são hoje célebres os «derviches torneantes», sufis islâmicos que, no seu transe, dançam apoiados unicamente no dedo polgar do pé.

Os autores clássicos estranham este regresso do culto de Cibele que havia sido circunscrito ou proibido, mas sabemos a partir de Cummont que as religiões do Oriente mediterrânico haviam tomado todo o espaço religioso popular; só as religiões do Médio Oriente impulsionadas pelos escravos e emigrantes suscitavam a adesão popular. As formas religiosas do Medio Oriente impunham-se a Roma, apenas os nomes das divindades variavam de um santuário a outro.

<sup>7</sup> Cummont, *Dictionn. des Antiquités, Art. Cibele, Les Relig. Or.* p.68.

<sup>8</sup> P. Dechame, *Dic. des Antiq. Grecq. et Rom.*, art. *Cibele*, p. 1688.

## OS GALLOS EM ROMA

Os Gallos não eram propriamente sacerdotes mas uma espécie de ordem estabelecida nos arredores dos templos. O seu superior tinha o título de *arquigallo* e o seu emblema era um galo, animal de capoeira. Diz Salústio (e a partir dele os autores modernos) que o nome lhes vem do facto de praticarem esse culto orgíaco junto do rio *Gallus* em Pessinonte mas pode ser uma etimologia popular e ocidental; o rio é que teria adoptado o nome do culto<sup>9</sup>.

Conhecem-se hoje bem os momentos altos do culto da Mãe dos Deuses em Roma no equinócio da Primavera, durante o último século do império, quando o cristianismo já fazia concorrência à religião da Mãe dos Deuses:

A 22 de Março, organizava-se uma procissão em que participavam as *cernáforas* («que levam os vasos») atrás dum pinheiro envolvido em faixas (como um defunto) representando o deus morto. O pinheiro (árvore de folhagem persistente), agarrado ao qual Athis morreu, simbolizava a perenidade da vegetação e as potencialidades do deus que ressuscita.

O 24 de Março era o «Dia do Sangue»; percorria a cidade uma procissão exibicionista de penitentes e flagelantes com o mesmo pinheiro enfaixado: à frente posicionava-se o colégio dos *coribantes* carregados de joias e amuletos que dançavam ao som de flautas, cornetas, adufes, símbalos e tambores (dizia-se que foram eles quem inventou os tambores). Eram danças extáticas, orgíacas e contagiantes; lançavam uivos, gritos estridentes e lamúrias, batendo a espada no escudo com grande estrépito para representar a desolação de Cibele pela morte do jovem-deus. Seguia-se o cortejo dos Gallos encabeçado pelo arquigallo que tinha o título oficial de *Athis Público do Povo Romano*. Este começava por se sangrar no braço e apresentava o seu sangue como oferenda à Grande-Mãe. Inebriados pelo som dos instrumentos, pelos gritos e lamúrias, os Gallos revolteavam o corpo em cadência, rodavam a cabeça, desguedelhados; perdidos no seu frenesim, insensíveis à dor, cortavam-se com cacos ou com cutelos aspergindo os próprios assistentes que, contagiados, se precipitavam na dança, rasgavam-se e reproduziam os actos de flagelação. Depois

<sup>9</sup> Em ugarítico, *galy* significa “cair, magoar-se”; *galal* “fundir-se, derreter-se” e “embriagar-se, intoxicar-se” o que concorda com o orgiasmo do culto.

desta orgia de sangue, os Gallos recolhiam aos seus conventos onde os rapazes que se julgavam vocacionados pela Grande Mãe se castravam. Mas, diferentemente de Hierápolis em que a castração se fazia em orgias contagiantes de rua como atesta Luciano, o rito romano processava-se na *intimidade com a Mãe* de que não há testemunhos. Sabe-se apenas que o vocacionado entrava num local secreto do santuário chamado *tálamo da Mãe* coberto por uma cortina e que aí se emasculava.

O 25 era o dia do «Banho da Mãe» no rio, equivalente à descida da Deusa aos infernos para trazer o filho-esposo à vida, do mito de Adonis.

O 26 era o dia da ressurreição de Athis e o começo das «festas da alegria ou *Hilárias*», uma variante do Carnaval.

Firmicus Maternus<sup>10</sup> refere o rito seguinte como «uma contrafacção diabólica do culto cristão»: «Certa noite deitam a imagem do ídolo numa maca e gemem sobre ele a um ritmo cadenciado. Depois de se fartarem com estas fingidas lamentações, alguém traz um archote. Então o sacerdote unge a garganta de quantos choraram. Depois desta unção, o sacerdote, lentamente, murmura-lhe estas palavras:

Tende confiança, ó *mystes*. O deus está salvo

E a nossa salvação resultará dos nossos sofrimentos»<sup>11</sup>.

O archote significa a ressurreição do deus, após os dias do pranto. A unção com óleo evoca a regeneração; os fiéis revigoram como o deus ressuscita.

Não é difícil admitir o que muitos historiadores e etnólogos das religiões defendem: os prantos pela morte de Athis/Adonis, o Salvador, deram os ritos católicos da Semana Santa que se celebram pela mesma época sob as designações populares de Endoenças (prantos), Senhor dos Passos, Senhor Morto, etc., com simulações de carpidos e de flagelações (até aos anos 70 foram célebres os flagelantes de Sevilha). O anúncio do sacerdote pagão a dizer que o deus está salvo (reviveu) equivale às palavras da liturgia católica do domingo da Ressurreição: «Ressuscitei, Senhor, e a partir de agora estou contigo. Pusete sobre mim a tua mão; pusete-me à prova; conheceste o meu

<sup>10</sup> Escritor cristão (sec.IV), autor do tratado *De Errore religionum paganarum* («Sobre o erro das religiões pagãs» onde pede ao imperador Constantino a sua proibição); traduzido em francês por Robert Turcan, Paris, Les Belles Lettres, edição bilingue, 1982.

<sup>11</sup> Firmicus Maternus, *De Errore*, XXII, 1.

estado e a minha ressurreição»<sup>12</sup>. Notem-se estas coincidências: «O sacerdote unge a garganta dos pranteadores» - na quinta-feira santa, o clero católico também procede à bênção dos óleos que vão servir para os sacramentos do ano como símbolo de regeneração ou revigoramento (porque é que a bênção dos óleos havia de ser neste dia da morte de Jesus?); «Alguém traz um archote» - na liturgia católica a presença de Jesus ressuscitado também passa a ser sugerida nas igrejas por um círio. Há portanto identidade de ritos e de simbólicas.

Também houve sobreposição de datas: até ao séc. VI, os cristãos do Oriente, de Roma e da Gália celebraram a morte de Jesus no dia 25 de Março segundo muitos testemunhos baseados na Patrologia cristã<sup>13</sup>. Santo Agostinho diz expressamente que «Jesus morreu a 25 de Março e ressuscitou ao terceiro dia»<sup>14</sup>. Portanto, a paixão e ressurreição de Athys e de Jesus festejaram-se nos mesmos dias. Os cristãos sobrepuseram - e com certeza imitaram - os seus festejos sobre os de Magna Mater/Athis.

O 25 de Março, para a igreja católica, passou a ser o da «Anunciação de Maria», quer dizer, em memória do episódio em que o anjo anunciou a Maria que ela ia ter um filho concebido do Espírito Santo (o 25 de Março não é uma data evangélica). Quer dizer, o 25 de Março tanto foi o dia da encarnação de Jesus como o da sua morte. A encarnação e a morte caíram no mesmo dia do ano? «Se Jesus viveu na terra 33 anos, é natural que tenha vivido um número exacto de dias e Santo Agostinho também parece aceitar que a concepção de Jesus no seio de Maria e a sua morte tiveram lugar no mesmo dia do ano»<sup>15</sup> com uma diferença de 33 anos. Esta data para a anunciação de Maria e encarnação de Jesus também foi inspirada no culto de Athis: o 25 de Março era o dia em que os vocacionados entravam no tálamo da Magna Mater para lhe dedicar a sua virilidade. Passou-se do rito do sangue no *tálamo da Mãe* à fecundação da palavra de Deus no *seio de Maria*. E porque Jesus viveu um período certo de dias, festejava-se a encarnação de Jesus e a sua morte no mesmo dia, com a imedita

<sup>12</sup> *Missale Romanum, ex decreto Sacrossanti Concilii Tridentini restitutum*, Intróito da missa do domingo da ressurreição.

<sup>13</sup> James Frazer, *Atys et Osiris*, 1926, nota 160.

<sup>14</sup> *Cidade de Deus*, XVIII, 54.

<sup>15</sup> James Frazer, *Atys e Osiris*, 1926, nota 155. Santo Agostinho, *De Trinitate*, IV, 9, *Patrologia Latina de Migne*, XLII, 894.

ressurreição<sup>16</sup>. O solstício da Primavera, com o renascer da Natureza, era portanto o momento de festejar um eterno retorno da Vida.

As flagelações no cúmulo do delírio associavam-se ao desejo impossível de possuir a Mãe e funcionavam como catarses colectivas. A castração era simultaneamente um meio brutal de responder à impossibilidade de possuir a Mãe ou a Mulher e o equivalente ao cumprimento dum voto de castidade. Com esse corte os homens tornavam-se andróginos adquirindo os dois princípios, masculino e feminino, que seria a natureza do Criador e que é a do Homem no seu estado embrionário: enquanto homens, possuíam a Mãe e enquanto *fêmeos*, imitavam-na; enquanto mutilados, reservavam-se para ela. As divindades representativas da Terra e da fecundidade eram sugeridas por uma Mãe lasciva que se fazia servir por homens andróginos.

A flagelação e a castração não tinham o efeito mágico de fazer reviver a vegetação ou o deus morto, como pretendem os racionalistas que reduzem as religiões populares a ritos mágicos. Os Gallos praticavam esse acto num momento em que estavam enebriados do desejo da Mãe e passavam depois a viver na sua carne o mistério da paixão dolorosa do Filho; identificando-se com o modelo, esperavam participar na imortalidade (os frígios e os trácios foram dos primeiros povos a admitir a imortalidade da alma).

Estes ritos um tanto bárbaros como a castração que provocam hoje uma certa repugnância, sugerem a altura dos sentimentos que os inspiravam, diz Lagrange. A castração tinha o carácter de um acto de amor para com a Mãe, servia para lhe demonstrar um desejo imenso de lhe agradar, de renunciar a algo em favor dela e de se parecer com ela. Sendo Mãe dos Deuses, só lhe agradavam os seres que se parecessem com ela, que não tivessem outra família se não ela, que lhe fossem dedicados de carne e alma. Nessa possessão sagrada, com tais mutilações voluntárias, manifestava-se uma aspiração ardente a libertar-se dos instintos e dos laços da matéria<sup>17</sup>. Diziam os vocacionados à castração que eles «ceifavam a sua espiga madura» para se dedicarem em exclusivo à Magna Mater à imitação do salvador. Santo Agostinho, para quem

<sup>16</sup> A confiar neste cômputo, os 33 anos em que Jesus viveu como homem não começam no momento em que veio à luz mas no dia em que foi concebido; o critério é o tempo da sua humanidade. A data em que se festeja o nascimento de Jesus, 25 de Dezembro, procede do culto do Sol-Mitra (ver adiante). Há coincidência temporal (o nascimento tem lugar nove meses depois da concepção) em razão do cômputo solar.

<sup>17</sup> Cit. Cummont, *Rel. Orient.* p. 63 e M. Meunier, *La Deesse Sirienne* pp. 122-125.

os «mistérios torpes» da religião da Magna Mater «superam a todos não pela grandeza da sua divindade mas pelo seu crime», justifica o mito de Cibele e de Athis como uma invenção de poetas. Diz ele que «o célebre filósofo Porfírio considera Athis como o «símbolo das flores o qual foi castrado porque a flor cai antes do fruto» (para que haja fruto é necessário que a flor morra antes) o que Agostinho contradiz: «as flores foram desperdiçadas; perdida a flor não houve fruto nenhum depois, mas só esterilidade»<sup>18</sup>.

O costume da castração não passou da Frígia para a Síria, mas o contrário: é de origem semita<sup>19</sup>. O rito explica o grau supremo de catarse que realiza a comunhão perfeita entre o homem e a Deusa-Mãe. Nesta época, a efusão de sangue já não tinha o efeito de redenção dum crime, equivalente ao castigo penal, nem era para redimir os seus pecados ou os alheios; noutros povos derivou na circuncisão. Entre os frígios e os sírios este rito guardava todo o seu carácter selvagem mas também a sua virtude plena. Nenhum sacrifício agradava mais a divindade; era a mais perfeita das doações, conferia a castidade perpétua segundo Lagrange. Os Gallos eram separados do estado profano, marcavam-se com o labelo da distinção e de aliança com a divindade, o que lhes assegurava a bem-aventurança eterna. Na sua linguagem, esse acto sangrento era a “*ceifa sagrada* e inefável de Athis” (representação do trigo) e estes segadores que “*cortavam a sua espiga madura* sabiam que dos grãos cortados nasce uma vida nova; a sua ceifa assegurava-lhes uma felicidade futura” junto da Mãe. O Gallo colocava-se no mesmo plano da mulher virgem e da criança: a emasculação sugeria-lhes a passagem à existência eterna onde não há masculino nem feminino mas uma criatura nova que é andrógina<sup>20</sup>.

O culto da Mãe dos Deuses castradora tinha os homens como actores ou vítimas mas era encorajado pelas mulheres que nutriam pela *Magna Mater* toda a devoção; eram elas que incentivavam a castração dos rapazes. É próprio da figura da mãe possessiva - de que a *Magna Mater* era o protótipo - que o filho se torne inacessível às outras mulheres, incapaz de sair da companhia da mãe; antes morto que no colo de outra.

<sup>18</sup> *Cidade de Deus*, VII, 25,26.

<sup>19</sup> M. Meunier, *La Deesse Sirienne*, p. 125-126.

<sup>20</sup> Mario Meunier, *La Deesse Sirienne*, p. 123.

## «EUNUCOS PELO REINO DOS CÉUS»

A condição de eunuco estava muito difundida no Médio Oriente embora as razões dessa condição possam ser diversas. Há uma referência no Evangelho à condição de eunuco que nos dá uma justificação particular para a castração; transcrevemo-la no seu envolvimento textual:

«Os fariseus perguntaram a Jesus qual era a sua posição quanto ao direito que cabia ao marido de repudiar a sua mulher e ele respondeu: 'Não lestes aquela passagem: no princípio o Criador fê-los varão e fêmea; por isso o homem deixará os seus progenitores para se unir à sua mulher e ambos farão um só ser'. 'Então, retorquiram eles, porque é que está escrito na Lei de Moisés 'conceda-se à mulher acto de divórcio antes de a repudiar?', ao que Jesus respondeu: 'Porque éreis incorrigíveis, Moisés consentiu que repudiásseis as vossas esposas, mas no início não era assim. Agora eu digo-vos: o que repudiar a sua mulher - não me refiro em caso de prostituição - e casar com outra comete adultério'. Os discípulos replicaram: 'Se tal é a condição do homem, mais vale ao homem não se casar'. E Jesus respondeu: 'Nem todos compreendem o que dizeis mas unicamente aqueles a quem foi comunicado o dom. Há eunucos que nasceram assim do seio da mãe e há-os que se fizeram a eles próprios eunucos pelo Reino dos Céus; quem puder entender, entenda [segundo alguns tradutores: 'quem puder, faça-o']'. Acercaram-se dele então umas crianças para que lhes impusesse as mãos e os discípulos repeliram-nas, mas Jesus repreendeu-os: 'Deixai vir as crianças, não as impedis de me cercarem, porque os que são como elas terão o Reino dos Céus'. Impôs-lhes as mãos e seguiu o seu caminho»<sup>21</sup>.

Este texto evangélico justifica a autocastração; o acto resulta duma vocação. É sintomático que o evangelista passe deste discurso ao episódio das crianças com as quais se comparam os eunucos.

São Justino (teólogo sírio do séc. II), justifica também a castração entre os cristãos: "Como temos esperança na vida eterna, depreciamos as coisas do presente e ainda os prazeres da alma, tendo cada um de nós por mulher aquela que tomou conforme as leis por nós estabelecidas, com vista à procriação. Tal como o lavrador lança a semente à terra, espera pela ceifa e não continua semeando, assim, para

<sup>21</sup> Mat.19:1-12.

nós, a função do desejo [sexual] é a procriação dos filhos. E até é comum encontrar entre nós muitos homens e mulheres que chegaram celibatários à velhice, com a esperança de mais íntimo trato com Deus. Se, pois, *o viver em virgindade e castração aproxima mais de Deus*, só o pensamento e o desejo afastam; se fugimos dos pensamentos, quanto mais não rechaçaremos as obras? A nossa religião não se cifra no cuidado das palavras mas na demonstração e ensinamento das obras: ou permanecer tal qual se nasceu ou não contrair mais do que um matrimónio, pois o segundo é um adultério”<sup>22</sup>. Diz ainda S. Justino: “Evitamos a exposição dos meninos, por temor de não serem recolhidos os enjeitados, venha algum a morrer e nós sejamos réus de homicídio. Nós, ou nos casamos com o único objectivo da geração dos filhos ou, a renunciar ao matrimónio, permanecemos absolutamente castos. E já se deu o caso de um dos nossos, para demonstrar que as nossas reuniões não são uniões obscenas com mulheres, fazer um requerimento ao prefeito Félix, em Alexandria, para que autorizasse o seu médico a *cortar-lhe os testículos*, uma vez que semelhante operação não podia fazer-se sem a permissão do governador. Félix recusou-se a assinar a autorização e o jovem permaneceu solteiro, contentando-se com o testemunho da sua consciência e o dos seus companheiros na fé”<sup>23</sup>.

Do primeiro século, encontramos a crónica de dois mártires, Nereu e Aquileu baptizados por Pedro, que eram eunucos. Diz a *Lenda Dourada*: “Eram criados de uma casa rica onde havia uma rapariga de nome Domitila que se encontrava noiva. Os eunucos incitavam Domitila a desistir do matrimónio: faziam-lhe ponderar as excelências da virgindade que faz as almas irmãs dos anjos, enquanto a vida do matrimónio é uma cadeia de dissabores, sobretudo para a mulher: desde que se casa, diziam eles, fica submetida ao marido e exposta aos seus caprichos, que a maltrata com socos e pontapés. A isso acrescenta-se as dores do parto, o medo frequente de os filhos nascerem deformados, etc. As mulheres que esperam com ilusão o dia da boda, continua o autor da crónica, devem considerar muito seriamente todos os inconvenientes que o matrimónio comporta e ter em conta que, se em solteiras suportam mal as advertências que as mães lhes fazem, pior suportarão, uma vez casadas, as pesadas e caprichosas imposições dos

<sup>22</sup> São Justino, *Apologia*, II, 33

<sup>23</sup> São Justino, *Apologia*, I, 29

seus esposos. Antes de se casarem, todos os homens parecem benignos e bondosos; uma vez casados começam a tratar as suas esposas como tiranos, humilham-nas, desprezam-nas e todas as suas atenções vão para as criadas com quem costumam manter relações desonestas. Todas as virtudes são recuperáveis, só a virgindade é que o não é". E os eunucos convenceram Domitila que aderiu ao cristianismo sendo os três martirizados no tempo do imperador Domiciano<sup>24</sup>.

Sabe-se que alguns protocristãos apregoavam e procederam à auto-castração, nomeadamente Origenes tendo sido este acto, segundo parece, a razão invocada para que ele não tivesse sido inscrito no rol dos santos. O imperador Juliano o Apóstata (assim apelidado por ter abandonado o cristianismo em favor da *Magna Mater* e de Mitra) ter-se-ia também castrado em honra da Mãe dos Deuses, e escreveu (ano 362 d.C), no próprio santuário de Pessinonte, um texto filosófico intitulado *Discurso ou Hino à Mãe dos Deuses* no qual diz estar "infinidamente grato à Mãe dos Deuses por lhe ter pedido que se mutilasse, não do corpo mas de todos os apetites desrazoáveis"<sup>25</sup>.

### A MAGNA MATER CONQUISTA O OCIDENTE

Voltemos a Cibele. Com o mesmo entusiasmo que conheceu em Roma, o culto da Mãe dos Deuses Cibele expandiu-se pelas províncias, Espanha, Bretanha, países do Danúbio, África e Gália. É um facto que alguns imperadores, nomeadamente Claudio e Juliano, visavam a unidade do Império ao encorajar esta religião e esse desejo aflora em numerosas inscrições<sup>26</sup>. Os autores franceses testificam a importância do culto pelo exemplo de, em Autun (França), no séc. IV d.C., um carro da Deusa puxado por bois percorrer com grande pompa os campos e as vinhas para assegurar a fertilidade: porém, o culto estava extremamente difundido sobretudo no mundo latino. Por todo o império se constituíram confrarias que difundiam o culto, confrarias de *dendróforos* e outras associações reconhecidas pelos municípios, de

<sup>24</sup> Autor anónimo, *Legenda Dourada*, II p. 317; A *Lenda Dourada* é um conjunto de relatos hagiográficos datado do séc. XII muito utilizado na catequese e na homilética.

<sup>25</sup> *Oratio V or Hymn to the Mother of the Gods*, traduzido por W.C.Wright, Cambridge, Massachsetts, Harvard University Press, 1980. Polymnia Athanassiah, *Julian, An Intellectual Biography*, London and New York, Routledge, 1992.

<sup>26</sup> Henri Peyre, Introdução de James Frazer, *Atys et Osiris*, p.376.

direito público, órgãos da vida municipal, que se encarregavam simultaneamente de certos serviços cívicos como a assistência e a solidariedade social, chegando até a cumprir tarefas como as dos actuais bombeiros. O Estado conferia as insígnias aos arquigallos.

Nas províncias do Império os rituais não era diferentes dos de Roma tanto mais que se tratava dum culto oficial. Temos algumas notícias, para além duma grande quantidade de inscrições epigráficas (veremos algumas encontradas na Península Ibérica). Santo Agostinho, bispo de Hipona (perto de Cartago), que conheceu as religiões pagãs, que apregoou a sua proibição em favor da cristã e, também, que viveu o fim do império, lembra os Gallos de Cartago desta forma: «Invertidos consagrados contra todo o pudor, homens e mulheres, à mesma Grande Mãe. Ainda os vejo hoje, como quem diz, com os cabelos perfumados, rosto maquilhado, membros relaxados, andar mulheril, a deambular pelas praças e bairros de Cartago pedindo com insistência ao povo com que manter as suas torpezas. Superou a Grande Mãe a todos os outros deuses, não pela sua divindade mas pelo seu crime. Nem a monstruosidade de Jano (com duas faces) nem a de Júpiter (adúltero e incestuoso) se pode comparar com as torpezas da Grande Mãe, com esta suprema vergonha, com tantos invertidos profissionais e públicos. Esta Grande Mãe dos deuses chegou a exigir castrados nos templos romanos e aí conservou este costume cruel fazendo crer que amputando as partes viris dos homens aumentava o poderio dos romanos»<sup>27</sup>.

Dos ritos místéricos da *Magna Mater* sabe-se pouco, por serem secretos. Firmicus Maternus sabia que se usavam “palavras de passe, sinais e símbolos com respostas apropriadas que um ensino diabólico lhes comunicou em conciliábulos sacrílegos e que permitiam a um bando de miseráveis reconhecerem-se no momento das suas liturgias supersticiosas”. Diz depois que “há um templo em que, para ser admitido nas suas partes mais secretas, o candidato votado à morte [morte simbólica, iniciação] declara:

Já comi pelo tamborim  
Já bebi pelos símbalos

<sup>27</sup> *Cidade de Deus*, VII,27. Quando Agostinho escreveu estas referências a religião da Grande Mãe havia sido proscrita havia trinta anos.

Instruí-me a fundo na religião  
Fiz-me *myste* de Athis<sup>28</sup>»

Os autores defendem que *comer pelo tamborim* e *beber pelo cíbalo* se referem a uma eucaristia em que se consumia pão e vinho em memória do divino Athis, messias ressuscitado que regressaria<sup>29</sup> e isso é corroborado por Firmicus que considera o rito como «interpretações aberrantes e exegeses contraditórias» do Evangelho, uma contrafacção que um «ensino diabólico comunicou a esses miseráveis». Assim, convida-os a que busquem o pão e o cálice de Cristo, alimento inalterável, porque «Eu sou o pão da vida, o que vier a mim não terá fome», «se alguém tiver fome, venha a mim e o que crê em mim beba», «quem não comer a carne do Filho do Homem e não beber do seu sangue não terá a vida nele (...) Então, não toquem no alimento do tamborim!»<sup>30</sup>. O rito do pão e do vinho também existia no mitraísmo.

O culto incluiu lutas com touros, sendo o touro a representação da natureza indomável, obra da Grande-Mãe Cibele que se representava galgando os espaços naturais acompanhada ou montada em leões.

O mais célebre destes ritos era o *touróbulo*. Tratava-se dum baptismo de sangue, em que o catecúmeno era aspergido com o sangue dum touro («touro» pode estar por «boi»). Praticaram-se touróbulos em Roma (no sítio do actual Vaticano) até ao momento da proibição das religiões pagãs (ano de 394). De origem frígia, o rito sangrento tinha um sucesso extraordinário. O neófito era introduzido numa fossa tapada por uma prancha com buracos; degolava-se sobre ele um touro e o sangue inundava-o<sup>31</sup>. Temos notícias dos touróbulos espanhois vindas dum clérigo cristão chamado Prudentius, testemunha ocular que os descreve deste modo: «Através das mil fendas da madeira, o orvalho do sangue corre para a fossa. O sacerdote recebe as gotas que caem sobre a sua cabeça, o vestuário e o corpo. Lança-se

<sup>28</sup> Firmicus Maternus, *De Errone profanarum religionum*, XVIII, 1.

<sup>29</sup> Raoul Vaneigem, *La Resistance au Christianisme - Les heresies des origines au XVIII siècle*, p. 174.

<sup>30</sup> *De Errone*, XVIII, 8.

<sup>31</sup> Os textos referem «touros» mas podem ter sido bois ou vitelos mansos uma vez que o abate de touros, bois bravos e violentos, não se coaduna com a prática do rito sobre a fossa.

para trás para que a face, as orelhas, os lábios e as narinas fiquem humedecidas pelo sangue. Escorre o líquido para os olhos e para a boca humedecendo a língua e bebe-o com avidez. Depois de se expôr a esta aspersão repugnante, o oficiante - ou antes, o paciente - oferece-se à veneração da multidão. Ele acredita que por meio deste baptismo vermelho fica purificado dos pecados e equiparado à divindade»<sup>32</sup>. Graças à aspersão sangrenta, o neófito regressava da fossa rejuvenescido - era um *renatus in aeternum* (renascido para sempre). A descida à fossa evocava a morte tanto mais que uma melopeia fúnebre acompanhava a descida do neófito. Segundo Salústio, «esta ficção do renascimento prolongava-se depois por algum tempo ficando o neófito em regime de alimentação láctea, como um recém nascido. A regeneração do neófito tinha lugar ao mesmo tempo que a regeneração do seu deus, isto é, no equinócio da Primavera»<sup>33</sup>. A aristocracia e os funcionários ofereciam touróbulos, com grande pompa, em datas festivas como, por exemplo, a 4 de Abril que era o aniversário da chegada da Deusa a Roma e a 10 do mesmo mês em que se comemorava a dedicação do templo no Palatino (*dies natalis* da deusa)<sup>34</sup>. A Artemísia grega (Diana romana) também foi venerada com o touróbulo<sup>35</sup>.

Houve polémicas entre os fiéis de Cibele e os cristãos sobre qual dos baptismos é uma cópia do outro. Se alguém copiou, diríamos que só podiam ter sido os cristãos uma vez que os ritos de Cibele/Athis eram anteriores. É provável que ninguém tivesse copiado, o arquétipo é que era o mesmo, isto é, o duma morte e duma regeneração. Já o baptismo pela água era comum a muitas religiões antigas, nomeadamente à dos essênios praticado pelo profeta João Baptista (Mat. 3:5-7) e que Jesus e os cristãos adoptaram.

«Entre todos os ritos pagãos, diz Renan, o touróbulo é o rito de que os cristãos mais temiam a concorrência. Ele foi por assim dizer o último esforço do paganismo moribundo contra o mérito cada dia mas triunfante do sangue de Jesus»<sup>36</sup>. Segundo Cumont, «no recinto ocu-

<sup>32</sup> Prudentius, *Peristephanon*, X, f.1011, cit. por Cumont, *Las Religiones Orientales*, p. 63.

<sup>33</sup> Cit. por Frazer, *Atys et Osiris*, p. 9.

<sup>34</sup> C.J. Bleeker e G.Widengren, *Historia religionum*, p. 504.

<sup>35</sup> Segundo Strabão, XII, 2-7 cit. por Frazer, o.c. p. 240. Neste caso o rito chamava-se *touropolium* e a deusa, *Artemis Tauropolis*. Trata-se da mesma divindade com nomes diferentes.

<sup>36</sup> *Oeuvres II, Marc Aurèle*, p. 1031.

pado pelos Gallos de Roma chamado *Phrygianum* (dos frígios) onde em 370 se praticaram os últimos touróbulo, eleva-se hoje a basílica do Vaticano»<sup>37</sup>.

Para além do touróbulo, os fieis da Magna Mater praticavam o *crióbulo* que consistia na imolação dum cordeiro no templo com aspersão do sangue com a particularidade, segundo algumas notícias, de serem cortados os testículos do animal<sup>38</sup>. Para o neófito que não era chamado à emasculação, o corte dos testículos do animal simbolizaria a sua própria castração, na lógica da origem do sacrifício: o animal substituiu o ser humano. Entretanto não vemos a diferença entre o touróbulo e o crióbulo uma vez que a simbólica é a mesma; talvez estivesse na riqueza ou no grau dos neófitos. A imolação do cordeiro, certamente com aspersão do sangue, também era um baptismo que apagava os pecados. Também foi objecto de polémica com os cristãos que entretanto instituíram a simbólica do «cordeiro de Deus» redentor; diziam que os concorrentes usurparam o rito (os ritos da Grande Mãe são anteriores ao cristianismo). Dizia-lhes Firmicus: «Que o cordeiro designa bem Nosso Senhor é o que uma santa escritura nos demonstra, expressamente o Apocalipse: 'E eu vi no meio do trono, dos quatro animais e dos anciãos, um cordeiro de pé e ferido de morte com sete cornos e sete olhos que são os sete espíritos de Deus enviados ao mundo' (...) João dá ainda o nome de cordeiro ao Filho de Deus para fazer também eco à promessa dos profetas 'Eis o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo' (...). Saibam que o sangue derramado aos pés dos ídolos polui mais do que redime. Infelizes os que se tingem com esse sangue sacrílego! O teu touróbulo e o teu crióbulo inundam-te com as sujidades sangrentas do malefício. Urge limpar essas porcarias que acumulas sobre ti. Procura as fontes naturais, as águas puras a fim de que, após tantas contaminações, o sangue de Cristo te branqueie com a ajuda do Espírito Santo»<sup>39</sup>. De facto, também havia o abate dum cordeiro na páscoa judaica (que Jesus praticou na «última ceia») que incluía, nos tempos antigos, a aspersão do sangue nas ombreiras das portas; no islão continua a praticar-se em memória do sacrifício de Abraão que substituiu a morte do seu filho Isac. Portanto, o crióbulo era um rito muito comum no Médio Oriente, com variantes.

<sup>37</sup> *Les Religions Orientales*, p. 87.

<sup>38</sup> Saglio, *Dic. des Antiquités*, p. 1686.

<sup>39</sup> Firmicus Maternus, *De Errore*, XVII 7-8.

## MÃE DOS DEUSES ECUMÉNICA

A religião da Mãe dos Deuses era tolerante e até aceitava que as religiões com pouca expressão ou proibidas (mitraica, judaica e cristã) se colocassem sob a sua protecção e fizessem parceria com ela. Temos então um interessante fenómeno de ecumenismo. Antes de mais, uma forma de ecumenismo com a religião judaica que foi frequentemente proibida no império. Cummont diz que o culto de Cibele já outrora havia encontrado simpatia entre os judeus na Ásia Menor e noutras partes do Império os quais associavam foneticamente o nome do Deus bíblico *Sabaotb* (“Deus dos Exércitos”) ao nome de *Sebasius* parceiro de Cibele; *Sebasius* era venerado com refeições sagradas como o Deus bíblico. Onde quer que a religião judaica fosse proibida, diz Cummont, como aconteceu em Roma frequentemente, os judeus tendiam a associar a sua religião à da Mãe dos Deuses e os templos desta albergava-os.

Pelo nosso lado, digamos que são múltiplas as possibilidades de confusão entre a Grande Mãe Cibele e Athis com o antigo judaísmo popular. Por a antiga língua da Ásia Menor ter sido o ugarítico-acadiano (que é um estádio antigo do hebraico) os nomes divinos do culto de Cibele eram reconhecidos pelos judeus. Depois, Tamouze (neste caso Athis) assumia uma dimensão messiânica.

O culto da *Magna Mater* foi para os judeus um culto messiânico. Cibele que era a “corça das montanhas” confunde-se em hebraico com “corça ou gazela celeste” (*zeby 'eli*) epíteto de guerreiros hebreus e com “exército celeste” (*zab 'eli*) relacionado com Deus dos Exércitos; na Bíblia *sebul* era “morada de Deus”. Cibele tem algo a ver com a Rainha dos Céus cananita (Istar, Astarté) enquanto senhora dos espaços celestes. O messias na Bíblia é sugerido como um guerreiro e é como tal que os hebreus antigos e os judeus medievais o esperavam. O primeiro nome do rei David era *Dôdi* (“meu amado”) que era também o tratamento que os meios populares davam a Tamouze (Adonis e Athis). Curioso também este facto: num episódio bíblico referente à história de David, encontramos o nome dum guerreiro (*zib'ely*) partidário de David que se confunde com o nome de Athis ou tinha o mesmo nome. Vejamos o texto: “Eram valentes, homens de guerra, prontos ao combate, sabendo manejar o escudo e a lança; pela agilidade pareciam “gazelas da montanha” (*zib'ely*); eram os seus nomes: Ezer, Obadias, Eliab, Mashamana, Yemeya, Attei e

Eliel”<sup>40</sup>. *Athis*, em grego, dizia-se exactamente *Attei*. Mais: a personagem masculina do Cântico dos Cânticos é tratada de *dôdi lzeby* (“o meu amado é como a gazela”)<sup>41</sup>: “O teu pescoço é como a torre de David em patamares; os teus seios são como os gêmeos duma gazela que pastam entre os lírios. Antes que venha o dia e se dispersem as sombras, foje, meu bem-amado como a gazela da montanha (*dôdi lzeby*)”<sup>42</sup>. A *Magna Mater* da Frígia confundir-se-ia também com a Rainha dos Céus fenícia ou Rainha dos Exércitos Celestes a quem os judeus populares se diziam ligados por uma promessa perpétua, no tempo de Jeremias, a qual promessa consistia na oferta de bolos e incenso contra a seca<sup>43</sup>. Com todas estas achegas e confusões procedeu-se primeiro a um ecumenismo e depois a um sincretismo de tipo *marrano* entre o judaísmo e a religião oficial da Mãe dos Deuses. Esta confusão também existiu no cripto-judaísmo português, talvez desde o império romano; os vestígios actuais do cripto-judaísmo encontram-se nas mesmas constelações de ritos e de costumes da religião de Adonis, de Cibele e *Athis*<sup>44</sup>. O culto de Cibele e o costume da castração também se confundem no culto de São Sebastião, como veremos.

Também Apuleo refere que os missionários da Deusa Síria em peregrinação pelas aldeias recolhiam durante a noite a sua santa imagem num templo da Mãe dos Deuses-Cibele.

Esta fórmula antiga de ecumenismo funcionou mais eficazmente em favor da religião de Mitra de origem persa e babilónica. Mitra era o Sol, filho ou messias de *Aura* (hb. “luz, Sol”); era o garante dos

<sup>40</sup> I Cron.11:9-10.

<sup>41</sup> Cant. 2:9 e 17.

<sup>42</sup> Cant.4:5.

<sup>43</sup> Os judeus do Egipto ofereciam bolos e incenso à Rainha dos Céus porque a isso, diziam eles, estavam ligados por uma ancestral promessa colectiva; Jeremias até menciona a azáfama que provocava a festa: os homens apanham a lenha, os rapazes acendem o lume e as mulheres amassam o pão. Chamadas à responsabilidade pelo profeta, as mulheres mandaram-lhe dizer que nem sequer o queriam ouvir, que havia fome no país porque alguns deixaram de praticar esse rito, que enquanto o costume foi respeitado havia pão e vinho em abundância e que elas procediam como os seus antepassados sempre fizeram (Jer. Cap.44).

<sup>44</sup> Algumas sugestões em M.E.S. *Orig. Or.*, pp. 178 e sg. pp. 190 e seg.e Cap. *Culto do Divino*. Em Monsanto, onde atestamos facilmente um culto a Adonis e a Cibele (como se dirá adiante), são lançados vasos de flores para um sítio onde se encontra a Capela de *Vira ou Ver a Corça*.

contratos como o Baal fenício e o Deus de Israel<sup>45</sup> associava-se a ritos taurinos, vencia o Touro, sacrificava touros, fazia-se acompanhar por um leão como Cibele, ou vencia o leão (ver adiante). Era igualmente uma religião misteriosa mas mais filosófica e esotérica do que a da *Magna Mater* que tinha as suas festividades de massa. A religião mitraica tinha-se igualmente propagado pelas províncias latinas a favor dos militares e dos altos funcionários e sobretudo de alguns imperadores como Juliano que também escreveu um *Hino ao Rei Sol* (i.é, Mitra). Os sublimes segredos de Aura-Mitra eram sobretudo reservados aos homens, seleccionados com critério rigoroso e elitista, animados por um espírito militarista e guerreiro. O imperador Juliano, sendo *myste* de Cibele, também o era de Mitra em cujas qualidades guerreiras e nobreza de carácter confiava para dar uma nova ideologia ao Império.

Acontecia porém que os homens dos conventículos mitraicos tinham necessidade das mulheres, que podiam ser as suas esposas, mas estas eram atraídas pelo culto da *Magna Mater* Cibele; os maridos guiavam-se pelo espírito de hombridade e de honra que eram apanágio da religião de Mitra mas as mulheres preferiam a conduta de Athis e dos Gallos. Procedia-se então ao compromisso ecuménico: os templos da *Magna Mater* comportavam uma cripta onde eram iniciados os *mystes* de Sebas ou Athis; os homens de Mitra passaram também a frequentar a cripta para aí se iniciarem na filosofia astral de Mitra enquanto as suas mulheres veneravam a Mãe dos Deuses e Sebas no rés-do-chão, em plena luz. Sob o beneplácito oficial dos sacerdotes frígios, os mitraicos recebiam o apoio da religião oficial e a protecção do Estado<sup>46</sup>. As duas religiões viveram em comunhão íntima durante todo o Império ao ponto de se confundirem. “Onde houvesse um culto da *Magna Mater* e Athis é certo que havia também uma duplicação de Mitra”, segundo Cummont. Para uns e para os outros tal coabitação não seria difícil de admitir uma vez que ela era a “Mãe dos Deuses”, nacionais e estrangeiros, portanto mãe também de Mitra. Esta tendência foi mais do que um sincretismo: no sincretismo, a associação dos cultos processa-se ao nível do inconsciente, da rotina ou da ignorância da teologia, enquanto este ecumenismo era um comportamento religioso dos mais desenvolvidos que partia da tomada de consciência da realidade, da relatividade dos valores culturais e do respeito pela diferença. O sincretismo posterior entre os cultos de Athis e de Jesus acabou também por ser inevitável com o

<sup>45</sup> O nome *Mithra*, em acadiano, significa «parceiro».

<sup>46</sup> Cummont, *Les Religions Orientales*, p. 81.

decreto imperial de Teodósio que proibiu e expropriou todas as religiões em favor do cristianismo (394).

O cristianismo difundiu-se paredes-meias com o culto da Grande Mãe. Uma religião tão acessível às massas como a da Mãe dos Deuses devia intervir no cristianismo e vice-versa. Por testemunhos explícitos de escritores eclesiásticos, sabe-se que os mistérios frígios se opuseram aos da igreja cristã ou reciprocamente: “Sustinha-se que o tauróbolo era mais eficaz do que o baptismo cristão para fazer *renascer* o neófito; as refeições sagradas dos *mystes* de Athis (e de Mitra) eram comparadas ao pão e ao vinho da comunhão cristã por São Justino. A Mãe dos Deuses passou a confundir-se com a Mãe de Deus cujo filho havia igualmente ressuscitado. O clero de Cibele (segundo um autor cristão de 375, momento da interdição do culto) defendia que a igreja cristã copiara os seus ritos mais santos instaurando no equinócio da Primavera e no Dia do Sangue e a sua Semana Santa para comemorar o sacrifício da Cruz em que o sangue do Cordeiro divino resgatou a Humanidade. Santo Agostinho, indignado com essas comparações blasfematórias, contava ter encontrado um sacerdote de Cibele que associava Athis a Jesus para evitar que a sua religião fosse proibida. Dizia esse sacerdote que *et ipse Pileatus christianus est* (até o do barrete frígio - Athis - é cristão).

Em anexo às obras de Santo Agostinho foi reportado um testemunho anónimo do sec. IV (que não é de Agostinho) onde se diz, em resumo: «Os cristãos e os pagãos estavam igualmente admirados da coincidência entre a morte e a ressurreição do respectivo deus, no equinócio da Primavera. Esta coincidência alimentava uma áspera discussão entre os aderentes das religiões rivais. O pagãos pretendiam que a morte e ressurreição de Jesus era uma imitação fraudulenta dos ritos de Athis. Os cristãos repondiam com o mesmo fervor que a religião de Athis era uma contrafacção diabólica da religião cristã. Nestas disputas, o pagão tinha a vantagem de poder demonstrar que o seu deus era mais antigo e, provavelmente portanto, o original, e não uma cópia porque o original é anterior à cópia. Os cristãos não viam nenhuma dificuldade em refutar este argumento: eles admitiam de facto que Jesus era mais recente mas provavam triunfalmente que, na realidade, ele era mais antigo: denunciavam a subtileza de Satã que, numa ocasião muito importante, ultrapassou-se a si próprio invertendo a ordem habitual da natureza»<sup>47</sup>. Argumento

<sup>47</sup> *Atys et Osiris*, 1926, p. 33 e nota 171. O testemunho vem na 48ª das *Quaestiones Veteris et Novi Testamenti* (*Patrologia Latina* de Migne, XXXV, 2279).

demasiado filosófico... O mais utilizado era o de Satã que, conhecendo as profecias referentes a Jesus, se adiantou em espalhar pelo mundo arremedos e contrafacções da verdadeira religião; este argumento ainda era citado pelos missionários católicos das Américas no séc. XVI, face às muitas e curiosas semelhanças que eles encontravam entre as religiões indígenas e a católica<sup>48</sup>.

### MAGNA MATER MARIA

O cristianismo impôs-se proscrevendo a Grande Mãe, mas as culturas são imorredouras. O espírito da grande Deusa vai continuar com o nome de *Maria* (sob o manto de cada imagem de Maria há uma Magna Mater que resiste). O sincretismo entre a Deusa da Frígia e Maria até triunfou oficialmente, por meio um dogma católico declarado em Éfeso (Frígia) em 431. Os bispos reunidos em concílio nesta cidade e na basílica da Mãe de Deus (*Theotokos*) declararam como dogma de fé, contra Nestorius, que Maria não é apenas «mãe do Enviado» (Cristo) como esse pretendia mas Mãe de Deus e Mãe do Criador. Ela engendrou o Criador.

O título de *Maria Mãe de Deus e do Criador* não podia ter sido decretado em melhor lugar. Éfeso era célebre pelo culto de Diana (a Artemísia dos gregos), deusa da Natureza. Era um local de muita romagem e a tal ponto era célebre o templo de Diana que estava classificado pelos antigos como a Sexta Maravilha do Mundo; da estátua de Diana se

<sup>48</sup> Em 1589 escrevia um missionário jesuita: «O que espanta mais quanto à inveja e à presunção de Satã é que ele contrafaz não apenas nas idolatrias e nos sacrifícios mas também, de certa maneira, nas cerimónias e nos sacramentos que Jesus Cristo Nosso Senhor instituiu e que a sua Santa Igreja pratica, tendo especialmente pretendido imitar o sacramento da comunhão (que é o mais alto e o mais divino) para o grande prejuízo dos infieis». E explica, com muitos exemplos ao longo de vários capítulos, as espantosas semelhanças: como os incas já tinham a «comunhão», a «confissão», a «extrema-unção», a «ordem», o «matrimónio» e as «muitas cerimónias que coincidem com as nossas» como a «procissão do *Corpus Christi*»; como já havia «mosteiros de virgens que o demónio inventou para a sua superstição» e o dogma da Trindade ou o do «mistério dum deus que é três em um e um em três», etc. Joseph Dacosta, missionário jesuita, *Histoire Naturelle et Morale des Indes Occidentales* (1589), trad. de J. Remy-Zéphir, Paris, Payot, 1979, p. 273, e Caps. 23-28. Bastou aos missionários mudar os nomes das divindades e corrigir as liturgias para que, em cinquenta anos mas com uma perseguição feroz, toda a América Central se tornasse católica.

dizia que tinha caído do céu (seria uma pedra cônica como a de Cibele e outras da região). As notícias deste santuário de Éfeso também nos vêm através dos *Actos dos Apóstolos* (19:23-40) que nos contam um curioso episódio passado com São Paulo: um empresário chamado Demétrius e os artesãos especializados no fabrico de estatuetas e outros objectos sagrados, em prata, referentes a Diana, organizaram uma manifestação nas ruas e depois no teatro contra a doutrina de Paulo, gritando «Grande é Diana dos efésios». Na grande confusão do teatro, o chanceler do município conseguiu tomar a palavra e manter a ordem evitando que a equipe de Paulo fosse chacinada. Éfeso também estava sob a influência do vasto santuário de Pessinonte, distante de cem quilómetros, dedicado em 330 a.C. à Mãe dos Deuses Cibele. Diana/Artemísia correspondia à Cibele dos Frígios, à Astarté dos fenícios e à Criadora/Deusa Síria de Hierápolis. O culto da Artemísia dos efésios também tinha uma ordem de sacerdotes castrados, segundo Estrabão<sup>49</sup>. Os cultos destas três grandes deusas eram em tudo semelhantes de modo que as deusas se confundiam, segundo Luciano<sup>50</sup>. Aqui nasceu oficialmente o culto católico de Maria, emergência evidente do culto da Magna Mater oriental.

São Cirilo que presidiu o concílio declarou que Maria era «verdadeiramente Mãe de Deus porque ela era o templo indestrutível, a morada do Infinito, mãe e virgem por intermediário da qual veio Aquele de que os Evangelhos dizem: ‘Bendito o que vem em nome do Senhor’»<sup>51</sup>. E assim, com esta teologia simplista e sensualista, excomulgados os nestorianos, se separaram os cristãos do Oriente do conjunto da Igreja (e mais tarde os protestantes). Também, de nada valeram os esforços de Santo Epifânio, teólogo da Palestina (315-403), em «pôr de sobreaviso os cristãos contra a tentação de tratar Maria como uma deusa, visando a prevenir a sobrevivência dum culto pagão: ‘Que Maria seja honrada mas que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam adorados’»<sup>52</sup>. Os bispos orientais sabiam que, a coberto da teologia romana, eram as vozes da Magna Mater que se transferiam para o catolicismo. Para o vulgo - que não prescinde da sua cultura apesar dos concílios - Maria teria passado a ser um outro nome da Deusa dos sírios e dos frígios, esposa

<sup>49</sup> *Geographia*, XIV, I, 23.

<sup>50</sup> *Deusa Síria*, art. 15.

<sup>51</sup> E.O. Jones, o.c. p. 226.

<sup>52</sup> E.O. Jones, o.c. p. 224.

de Deus, membro duma trindade como outras tríadas conhecidas na região - Deus-pai, Deusa-mãe, Jesus-filho<sup>53</sup>.

A basílica da Mãe de Deus (em grego, *Theotokos*) foi construída sobre o templo de Diana-Artemísia ou nas suas imediações? Aproveitou-se a estrutura do antigo templo? Suspeitamos que sim porque era regra os templos cristãos substituírem os templos pagãos expropriados. E nada obstava a que as romagens continuassem no mesmo local, com uma diferença: a multidão que aí gritou, contra Paulo, «Grande é Diana dos efésios» passou a dizer «Avé Maria Mãe de Deus» com que Paulo nunca sonhou.

Diana (parceira de Janus, o Sol) era a deusa-mãe que velava sobre a Natureza e as espécies animais de que seria a criadora; era-lhe dedicado o 15 de Agosto, data que marca, dia por dia, o meio do ano agrícola (que começava em Março)<sup>54</sup>. Ora, também esse dia se converteu em Nossa Senhora (da Assunção)<sup>55</sup>, a Santa Maria de Agosto que põe, ainda hoje, centenas de aldeias portuguesas em estado de festa<sup>56</sup>.

## O CELIBATO E A IGREJA-MÃE.

O celibato do clero católico é a continuação da castração dos Gallos sírios e frígios, como uma réplica. Foi sendo adoptado desde o

<sup>53</sup> Diz-se que que Maria viveu em Éfeso o fim da sua vida e que aí se manteve a casa onde morreu. Da antiga Éfeso que na época do Apóstolo Paulo era uma cidade rica e cosmopolita habitada por variadas populações e etnias, resta hoje uma aldeia miserável. O islão avassalou a região imediatamente depois da morte de Mohamed e por onde passou o islão todos os vestígios das religiões precedentes, do tempo da *Jailia*, foram sistematicamente destruídos.

<sup>54</sup> Diana era a deusa da Natureza e dos animais bravios (representou-se acompanhada dum veado) tal como a Cibele dos frígios era a criadora da Natureza e das espécies animais (acompanhada dum leão); por Diana ser invocada pelos caçadores contra os animais selvagens, diz-se hoje, erradamente, que era a «deusa da caça».

<sup>55</sup> Ver cap. Instituição das festas marianas.

<sup>56</sup> Diana também derivou em São Mamede, protector das fêmeas animais e das mulheres em favor do leite, festejado a 17 de Agosto. Junto do templo de Diana de Évora encontra-se a igreja de São Mamede. Teve muito culto nesta região a deusa *Atégina* que descobrimos ter sido a associação de Atta (Astarté) e Djana (Diana, parceira de Janus, o Sol), M.E.S. *Origens Orientais da Rel. Pop. Port.* p. 228. Na aldeia de Janas (Sintra) celebra-se uma festa em honra de São Mamede com uma benção de animais que os criadores fazem rodopiar em torno da capela. O topónimo Janas é uma deformação de Djana; são exemplos, entre outros, de locais dedicados a Diana e São Mamede no meio do mês de Agosto.

montanismo, corrente rigorista com origem na Frígia desde os princípios do séc. II (ver adiante) em que os cristãos competiam, face à sociedade profana e às outras religiões, em rigorismo, ascese e desprendimento da vida (como é comum às religiões nascentes e às seitas). Os adstritos ao celibato situavam-se fora deste mundo como, aliás, certas seitas de filósofos da época. Vimos que alguns cristãos, coevos do culto de Cibele e da Deusa Síria, nomeadamente os teólogos Orígenes e Tertuliano, se castraram e que São Justino justificava a castração dizendo que «o viver em virgindade e castração aproxima mais de Deus» e defendeu um cristão que pediu ao médico que lhe cortasse os testículos. Sendo o onanismo, a homossexualidade e a relação entre não-casados actos pecaminosos desde os princípios da Igreja, a imposição do celibato equivale simbolicamente a uma castração. Era um meio de assegurar um valor supremo para os montanistas, a recusa deste mundo cujo fim estava iminente, mas também distinguia os puros dos «corruptos». O uso das vestes longas do clero que o aproxima dos trajes femininos tende para disfarçar ou diluir a condição masculina do sacerdote: é homem mas tem uma aparência feminina. É simbolicamente andrógino como os Gallos da Magna Mater.

O celibato do clero católico constitui uma excepção no leque das religiões e confissões conhecidas, monoteístas e politeístas, só tendo equivalente na da Magna Mater. A razão que a Igreja avança para esse costume (que não tem origem bíblica) é a necessidade de os clérigos se dedicarem exclusivamente à Igreja - a Igreja-Mãe. Era também essa a justificação dos Gallos: para se entregarem exclusivamente à Mãe para o que utilizavam uma linguagem nupcial e voluptuosa: a castração tinha lugar numa cave chamada «tálamo» (leito do casal); a Deusa pedia aos vocacionados a dávida total da sua libido, como uma noiva ou como a mãe que os psicanalistas classificam de «castradora», a qual prefere os filhos impotentes, estropiados ou mortos a vê-los nos braços de outras mulheres.

A castração voluntária «associou-se sempre ao culto da Deusa-Mãe» segundo O.E. Jones historiador das religiões. As religiões, dum modo geral, até exigem que os sacerdotes sejam casados. «Os eunucos não podiam ser sacerdotes nas leis babilónicas, gregas e judaicas para as quais os que serviam os altares, fossem eles da Deusa ou de outras divindades, deviam ser viris e sem defeito físico como as vítimas que eles ofereciam à Fonte da vida. Como e em que época nasceu o costume da emasculação voluntária é um problema sem resposta mas parece que,

nesta época, procede dum ardente desejo de comunhão perfeita com a Magna Mater, desejo esse que se tornou um aberração mental. O sacerdote eunuco, tomando-se pela contrapartida masculina da Deusa mas sacrificando-lhe a sua virilidade, associava-se tão completamente a ela que participava do seu poder dispensador da vida. Então, votado ao serviço da Deusa ao preço da sua virilidade, vestia-se de mulher»<sup>57</sup>.

A Igreja passou também nesta época a ser comparada a uma mãe, esposa e virgem, e ser referida com alegorias nupciais. Note-se que é na Epístola aos Gálatas (4:21-31) que São Paulo inaugura as alegorias da «Igreja-esposa» simbolizada na «mulher legítima», «Jerusalém do alto mãe de todos os crentes, a segunda Eva». Ora, os gálatas a quem se destinou a Epístola era um povo da Frígia, se é que não eram os próprios frígios devorados pelo amor da Mãe. São Paulo conhecia bem o povo a quem escrevia; os floriados nupciais sobre a «fidelidade à legítima» e os «filhos da promessa» coincidem com a linguagem dos frígios. Num acesso de ira, ou de decepção, até propõe aos seus detractores «que se levem até à mutilação»<sup>58</sup>.

Tertuliano (155-220) que pertenceu à seita extática e puritana dos montanistas proveniente da Frígia, pôs em relevo a «virgindade da Igreja que é a de uma virgem ilibada de qualquer fornicção»; o simbolismo nupcial foi o seu tema predilecto e, «a propósito dos vestígios do culto da Deusa na Ásia Menor, desenvolveu as concepções de São Paulo mostrando que o Cristo é a fonte de toda a verdadeira vida; do mesmo modo que a vida física nos veio de Adão assim a Igreja é a segunda Eva, a verdadeira mãe dos viventes»<sup>59</sup>. Clemente de Alexandria (150-220) «adoptou a mesma interpretação alegórica segundo a qual os convertidos, em virtude do seu renascimento baptismal, se tornam filhos da Virgem-Mãe que é a Igreja: 'Só há uma Virgem-mãe, eu atribuo esse nome à Igreja. Ela é Virgem e Mãe; ela não perdeu a sua integridade, é pura como uma virgem e tem a ternura duma mãe; ela cuida dos seus filhos e nutre-os com o leite da Palavra'»<sup>60</sup>. Segundo Origenes (185-253), discípulo de Clemente, «todos os que estão

<sup>57</sup> E.O Jones, *Le Culte de la Deesse-Mère*, Paris, Payot, 1960, p. 184.

<sup>58</sup> «Eu, irmãos, se prego ainda a circuncisão porque é que sou perseguido? Logo o escândalo da cruz está aniquilado. Que os que perturbam as vossas almas se levem até à mutilação» (Gal 5:12) (alusão aos seguidores de Cibele, segundo o comentarista da Bíblia de Jerusalém). E na Epístola aos Filipenses: «Fazei atenção aos cães (pagãos? eunucos?)! Fazei atenção aos autores de incisões» (3:2).

<sup>59</sup> *De Pudicitia*, XVIII, cit. por Jones, p. 214.

<sup>60</sup> E. O. Jones, p. 214, que cita as fontes originais.

unidos numa maneira mística ao Logos pelo casamento espiritual constituem a Igreja visível na terra, a verdadeira Noiva de Cristo, se bem que composta de todos os crentes muitos dos quais estão longe de ter atingido a verdadeira perfeição»<sup>61</sup>. Outros autores do tempo desenvolveram estas alegorias nupciais que «lembram nitidamente o berço frígio onde elas nasceram; em plano de fundo, apercebemos o culto da Deusa que, na Ásia Menor, interpretava em termos dum poderoso misticismo a maternidade da Igreja-Virgem que concebia filhos espiritualmente mas pelo processo habitual dos nascimentos, com dor e esforço. O princípio fêmea personificado inicialmente na *Magna Mater* mudou-se em *Mater Ecclesia*, simultaneamente Esposa e Corpo de Cristo, a Mãe dos fiéis que marcha para a perfeição e que se confunde com a Esposa»<sup>62</sup>.

Santo Agostinho (354-430) leva ao extremo o simbolismo sensual da Esposa unida ao Esposo: «A Igreja inteira é a esposa de Cristo e os seus primeiros frutos são a carne de Cristo porque havia uma Esposa unida carnalmente ao Esposo. A união nupcial é a do Verbo e da Carne e o tálamo nupcial onde se faz esta união é o seio da Virgem. A própria carne foi unida ao Verbo e é por isso que está dito 'Doravante eles já não serão dois mas uma só carne'. A Igreja saiu da raça humana para que a própria carne, estando unida ao Verbo, possa ser o Chefe da Igreja e os crentes possam ser membros do Chefe. No seio da Virgem, a Esposa já estava unida a Cristo e posta à cabeça da Igreja, tanto mais que, aquando da sua natividade, a Igreja já era o seu Corpo»<sup>63</sup>.

Depois da fase de coabitação com os cultos da Deusa-Mãe em que se instituíram as alegorias nupciais da Igreja Mãe e Esposa, na Idade-média a mesma linguagem nupcial passou também a aplicar-se a «Maria-Mãe de Jesus e nossa Mãe», em que a Mãe é Virgem e noiva. O triunfo da Mãe-Igreja passou a ser o de Maria-Virgem-Mãe. Na esteira de São Bernardo de Claraval (sec. XII) a quem Maria deu a beber do próprio leite segundo os seus biógrafos e que tem o título de Doutor Melífluo, os teólogos exploraram quanto puderam este simbolismo sensual fundindo as figuras de Maria-Virgem-Mãe e de Igreja-Mãe-Esposa a quem é dedicado o celibato. Estas metáforas nupciais reflectem culturas matriarcais com raízes na mística frígia entretanto desaparecida, quando o cristianismo paulino se vota exclusivamente a Cristo.

<sup>61</sup> *Paedagogus*, I, 6, 42 cit. por Jones, o.c. p. 215.

<sup>62</sup> E. O. Jones, o.c. pp. 214 e 218.

<sup>63</sup> Cit. por E.O. Jones, o.c. p. 218-219.



## Capítulo 4

### A MAGNA MATER NA LUSITÂNIA

A Magna Mater-Cibebe teve culto na Lusitânia. Leite de Vasconcelos<sup>1</sup> apresenta três monumentos epigráficos referentes à Mãe dos Deuses-Cibebe. Um apareceu em Lisboa, no séc. XVIII no sítio das Pedras Negras, nos alicerces duma casa. No tempo de L. V. ainda existia encravada na parede de uma casa na Travessa do Almada. L. de Vasconcelos transcreve a inscrição e lê:

MATRI DEUM MAG ID  
AE PRHYG FI  
TICHE CERNO  
PHOR PER M JUL  
CASS ET CASSI SEV  
M AT ET GAL COSS

Leite de Vasconcelos, depois de vários autores entre os quais Hubner, reconstitui a inscrição desta forma:

*Matri deum magnae, id(a)e(ae) Pbryg(iae) Fl(avia) Tychē Cernophor(a) per M(arcum) Jul(ium) Cass(ianum) et Cassi(am) Sev(eram), M(arco) At(ilio) et An(nio) Gal(lo) co(n)s(ulibu)s* e cuja leitura seria:

«À Mãe dos Deuses Magna da Ídea da Frígia (consagrou esta memória) a Cernófora Flavia Tychē, por intervenção de Marco Júlio Cassiano e Cassia Severa, no consulado de Marco Atílio e Annio Gallo», isto é, no ano de 108 da era cristã». Diz que *Tychē* é a dedicante e que *Cernáfora* designa uma «sacerdotiza, ministra ou acólita encarregada de levar à cabeça o vaso nas procissões que, a julgar pelo que sabemos das cerimónias de Eleusis, continha as primícias dos frutos da terra»; a dedicante «teria um nome grego». Hoje estamos melhor informados desta linguagem: *tiche* é o termo grego para «confraria cultural», muito referenciado nas notícias dos cultos místéricos desta

<sup>1</sup> *Religiões da Lusitânia*, III p. 328-334

época. Os governadores e funcionários helénicos tinham as suas *tiches* pessoais, com os seus amigos e próximos; *cernophor* era o nome da confraria das mulheres portadoras de vasos (*cernophorum*) à cabeça, mas vasos de flores como os jardins de Adonis para simbolizar a efemeridade a vida do deus Athis/Adonis e a renovação da natureza, ou vasos com partes do animal sacrificado (como os testículos do carneiro) que eram enterrados em louvor da Terra-Cibebe (como havia as confraria dos *dendrophoros*, de homens portadores do pinheiro). Portanto, *tiche cernofor(um)*: «confraria das cernóforas». A penúltima palavra pode ser *Gallus*, o sacerdote castrado. Segundo Jorge Alarcão, o culto de Cibebe está atestado em Faro, Lisboa, Chaves, Marco de Canavezes, Beja e Estremoz. Das 17 inscrições encontradas na Península, 7 provêm do território português». Alarcão atribui este culto à «presença de orientais na Península que não seria maior que no resto da Península» quando, diferentemente, os especialistas consideraram que os autóctones aderiram ao culto, que era oficial. As inscrições de Faro e de Beja mencionam um *criobulum*<sup>2</sup>.

Um outro monumento encontrado no mesmo local contém:

DEUM MATRI  
T.LICINIUS  
AMARANTHUS  
V.S.L.M.

Que será: «À Mãe dos Deuses T. Licínio Amaranto (ou Amarante) pagou a promessa de livre vontade».

Um terceiro monumento foi encontrado em Mérida, antiga Lusitânia. L. de Vasconcelos, que não apresenta a fotografia do original, diz que ele contém, sem o explicar:

M.D.S.  
VAL \* AVITA  
ARAM. TAURIBOL  
SUI. NATALICI. RED  
DITI. D. D. SACERDO  
TE. DOCIRICO VALE  
RIANO ARCIGALLO  
PUBLICIO MYSTICO

<sup>2</sup> Portugal Romano, p. 184.

As siglas M.D.S. significam *Matri Deum Sacrum* (consagrado à Mãe dos Deuses). Refere-se a um «tauróbulo no seu dia natalício» dedicado pelo «Sacerdote Docírio Valeriano Arquigallo Publico Myste». Sob Cláudio, o arquigallo (sacerdote máximo dos Gallos) passou a ser um alto funcionário imperial com o título de *Athis Publico do Povo Romano*, um pontífice (aqui será o arquigallo da província da Lusitânia com capital em Mérida). O dia natalício da Deusa era o 10 de Abril, em que se comemorava com grandes festejos e banquetes a data da entrada da Deusa no seu templo do Palatino.

Na Espanha têm sido encontrados outros monumentos epigráficos dedicados à *Magna Mater* Cibele<sup>3</sup> para cuja bibliografia remetemos os interessados.

#### OS PRANTOS DE ADÓNIS EM SEVILHA (ANO 287 d.C.)

O *Breviarium Eborensis*, reproduzido em 1548 em Lisboa, e que repertoria a vida dos santos com culto na igreja católica ibérica, transmite-nos uma notícia do martírio de Santas Justa e Rufina padroeiras da cidade de Sevilha, ocorrido em 287 da nossa era. Diz o texto, em resumo:

Quando as duas irmãs Justa e Rufina vendiam loiça no mercado de Sevilha, andavam os fiéis do *monstro Salambo ou Salabo* em procissão pelas ruas. Quatro levavam aos ombros um andor com o ídolo, outros dançavam em volta dele e um grupo de mulheres fazia o peditório entre os vendedores do mercado. As mulheres que procediam à colecta dirigiram-se às raparigas e pediram-lhes que, por esmola, lhes dessem um vaso para venerar o Deus. As raparigas responderam-lhes que «não davam vaso nem esmola, que não veneravam coisas feitas por mãos dos homens mas só o Deus incriado que fez todas as coisas e que não tem pés nem mãos». De raiva por esta resposta, as mulheres atiraram-se à loiça das raparigas e partiram-na toda. As duas irmãs, «animadas pelo zelo cristão», lançaram-se ao andor e partiram a imagem do *monstro Salambo ou Salabo*. Foram presas por ordem do governador Diogeniano. Num primeiro momento, foram torturadas na prisão; seguidamente foram obrigadas a integrar uma procissão em que

<sup>3</sup> A. Tovar y J. M. Blazquez, *História de la Hispania Romana*, p. 173 e também Jorge Alarcão, *Portugal Romano*, p. 181, 183, 184

os fiéis caminhavam descalços ao longo dos caminhos do Monte Mariano (nome antigo da Serra Morena). Terminada a procissão, foram reconduzidas à prisão; no dia seguinte em que havia outra procissão, obrigaram-nas igualmente a incorporá-la. No fim da procissão, foram lançadas para um abismo. Tal é a história de Santas Justa e Rufina padroeiras de Sevilha. O seu crime não foi o de serem cristãs mas o de derrubarem o «ídolo», actos a que se dedicavam os cristãos ostentória e provocatoriamente para serem condenados e inscritos no «catálogo dos santos»; o Concílio ibérico de Elvira (306) passou a desvalorizar essas proezas.

Seria a época das ceifas? A festa das duas santas sevilhanas tem lugar em Julho. A religião cristã não era proibida, os actos sediciosos ou provatórios dos cristãos é que eram severamente perseguidos. O culto era oficial ou, pelo menos, tinha os favores do Império, razão por que o governador encabeçou a procissão.

Esta crónica é de grande interesse para a história das religiões peninsulares, refere-se aos Prantos de Adonis<sup>4</sup>. Tem uma importância suplementar: demonstra-se que a Mãe dos Deuses que se celebrava na Ibéria era a versão de Cartago, ou, pelo menos, que o culto romano de Cibele era referenciado na língua púnica. Isto deduz-se do nome do *monstro Salambo ou Salabo*.

*Salambo* é o nome popular que tinha em Cartago a Deusa Síria ou Cibele (entre os colonos romanos o seu nome era *Celestis*). De entre os cultos de Cartago, o de Salambo era o mais conhecido ao ponto de dar o nome ao bairro da cidade onde se encontrava o templo. A identidade da deusa cartaginesa, Salambo, não é problemática; o que os autores confessam desconhecer é a significação do nome *Salambo* e como seria representada a sua imagem. Ora, com a duplicação ou hesitação do texto sevilhano (*Salabo* ou *Salambo*) a dificuldade resolve-se: *Salabo* é que seria o seu nome (que é mais um atributo). *Salabo* é do púnico-fenício (e acadiano):

*sa labbu* - a que monta o leão.

*Salambo* é o plural sujeito a uma metátese:

<sup>4</sup> Franz Cummont, *Les Syriens en Espagne et les Adonies à Seville*, Paris, Lib. Orientaliste, 1890.

*sa labbum* > *sa lambu* - a que monta os leões<sup>5</sup>.

Ora tanto a Deusa Síria-Iasura como Cibele se podiam representar puxadas ou encostadas por leões, posição que numa certa perspectiva dava a ideia de que ela os montava. Algumas gravuras representam Cibele sentada sobre um leão. Portanto *Salambo* é o nome popular em púnico de Iasura-Cibele. Um pequeno entorse fonético fazia com que *sa labbu* também desse:

*sa libbu* > *sa libum* > *sa limbbu* - a que monta os corações

Conclui-se que os sevilhanos não veneravam a divindade romana mas a cartaginesa, ou veneravam a romana com o nome cartaginês.

As confrarias da Mãe dos Deuses eram das raras colectividades religiosas que tinham o direito - conferido pelo imperador - de organizarem peditórios públicos como o de Sevilha. A festa compreendia o porte de vasos de flores, os chamados "jardins de Adonis". A procissão de penitentes através dos caminhos da Serra Morena era um elemento do programa dos Prantos com a imagem do deus morto que no cristianismo popular derivou na procissão do "Enterro do Senhor" muito em voga nas aldeias do Minho e das Beiras. No fim do percurso, como disse, a imagem era sepultada no mar, caverna, poço ou precipício e com ela eram lançados os vasos e eventualmente vítimas humanas. Em Sevilha, as raparigas rebeldes foram lançadas no abismo com a imagem e os vasos. Os fiéis sevilhanos que dançavam em torno do andor eram as prantuadoras como as que se integravam na procissão do Pinheiro em Hierápolis e em Roma, ou as mulheres a que Luciano chama "frenéticas" por executarem danças convulsivas; o *flamengo* sevilhano dar-nos-á uma vaga ideia dessas danças. Na actual procissão do Senhor Morto de Braga chamam-se "carpideiras"; em Lisboa no seculo passado, eram as "mulheres do béu" por executarem uma melopeia que dizia *Heu, Heu, Salvator Noster!* Hoje, é a Verónica que arrasta um cântico lânguido, o *Oh vos omnes*. Finalmente estes Prantos sevilhanos derivaram na célebre Semana Santa de Sevilha que até há poucos anos compreendia impressionantes manifestações de flagelantes. A Deusa-mãe *Salambo* ou *Salabo* deu lugar à Senhora da

<sup>5</sup> *Sa*, em fenício/púnico, significa simultaneamente «a que» e «montar, trepar».

Soledade ou das Dores. Em Sevilha a imagem da actual procissão chama-se *A Macarena* que também é do fenício:

*makar 'ena* - abandonada triste  
*maka r'ena* - chaga viva<sup>6</sup>.

A iconografia sevilhana de Iasura-Cibele aproximava-se da de Mitra o qual também montava ou afrontava um leão ou um touro; essa iconografia era um efeito da colaboração ou do sincretismo das duas religiões.

Governava em Roma Dioclesiano, um sanguinário que deixou rastros de sangue por toda a Península, contribuindo para o *lançamento* do cristianismo, nesta região o qual funcionou como uma reacção popular à opressão estrangeira simbolizada na religião imperial. Dezenas de nomes de santos e de santas que constam hoje na toponímia lusitana, oragos de freguesias e comunidades cristãs dos primórdios, segundo os historiadores eclesiásticos, datam desta época; os nomes destes santos e santas foram resistentes contra o império<sup>7</sup>, em paralelo com Justa e Rufina de Sevilha.

<sup>6</sup> São muitas as possibilidades que oferece esta expressão e todas condizem com a situação da Senhora da Soledade ou do Pranto, em hebraico bíblico (que corresponde em geral à língua púnica): *mekar'ena* “abandonada (diz-se referente a Deus), triste”, *mekar'ina* “abandonada por Deus maltratada”; *mekar'una* “abandonada afligida”; *mekar'ni* “abandonada oprimida”, *miqere'na* “destino, ocorrência triste”; *meqera'ena* “alívio, refrigério da tristeza: *mekar bn* “abandonada eis-me aqui”; *miqera'eina* “ler o canto ou a resposta”; *meka r'na* “chaga viva”; *maqôr'ena* “fonte de lagrimas triste”. Em português havia a expressão *cantar o makareno* que significa “cantar o fado”.

<sup>7</sup> M.E.S. *Orig. Ori.* p. 315

## Capítulo 5 SINCRETISMOS

### SANTO ANTÓNIO

As relações entre os cultos sirio-fenícios precedentes com a religião popular portuguesa encontram-se a cada passo. Para não me repetir relativamente a *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa* vou apenas referir estes casos:

Santo António é festejado actualmente no dia 13 de Junho (época das ceifas). A identidade deste santo é um imbróglio; tanto é Santo Antão do Deserto, como Santo António de Pádua (ou de Lisboa) ou o nome fenício Adon. O culto antoniano português do 13 de Junho não tem nenhuma relação, nem de perto nem de longe, com o santo franciscano que nasceu em Lisboa e morreu em Pádua; quer dizer, não é o santo português que se festeja, o culto não é dele. Na mitologia e na iconografia do santo de Lisboa acumulam-se várias personalidades que não têm a ver com o santo franciscano. As fogueiras e orgias noturnas do 12 de Junho são do Baal-Sol fenício festejado durante o solstício (com início exactamente a 12 de Junho). Outros elementos como as marchas (que não são apenas lisboetas mas de todo o País), as loas, os manjericos, os altazinhos nas ruas, etc. são de Tamouze-Adonis.

Muitas aldeias do País, e também Lisboa, festejam o seu dia com deambulações de rua chamadas “marchas de Santo António” durante as quais se cantam “loas” ou poemas mais ou menos improvisados e, em todo o caso, inventados para a circunstância; em algumas terras, organiza-se um cortejo noturno com archotes e cavalos em que um pregoeiro vestido de anjo canta as “loas” a recordar a vida, sacrifícios e feitos heróicos do santo. O mais característico das suas festa de Lisboa são as marchas (hoje com cânticos bairristas) e os vasos de manjericos, plantas aromáticas nascidas na sombra, relativamente efémeras, vendidos com um poema e que as donas de casa e as vendedeiras (que fazem do seu cultivo um segredo) só começam a expôr no primeiro dia da festa. São plantas rituais porque dão sorte,

favorecem os namorados, etc. Num passado ainda recente, nas aldeias, as plantas podiam ser cereais (trigo, grão de bico, ervilhas, cebolas) semeados no escuro e no fresco das casas. Os vasos dos manjericos de Lisboa são salpicados com uma flor vermelha de papel sobre a qual se espeta um poema original relacionado com o erotismo. Em Alfama (a velha Lisboa) montam-se altarzinhos nas ruas com a imagem de Santo António e os miúdos pedinham aos transeuntes para o santo (dizem eles). Durante a noite há danças espontâneas na rua e tendências orgiásticas. No norte do País (especialmente Braga e Porto) faz-se o mesmo mas em honra de São João que aqui é representado como uma criança; aos altarzinhos chamam “cascatas”.

Santo António de Lisboa é o principal herdeiro de Tamouze-Adonis e as suas festas (sobretudo as lisboetas) são a continuação das antigas Adónias das cidades fenícias. Note-se também: o que os gregos chamaram “jardins de Adonis” dizia-se:

em fenício	leitura	tradução
<i>ba-ntou ôniu</i>	> <i>âantoónio</i>	- a planta do pranto
<i>ba-ntou adoniu</i>	> <i>âantouadónio</i>	- a planta do senhor

A fonética das expressões fez com se inventasse um santo *António*. Os manjericos foram as “flores do pranto”<sup>1</sup>. Ouvindo o nome da planta ritual, o meio eclesiástico (ou outro) imaginou que as festas do 12-13 de Junho eram em nome de Santo António, e assim ficaram.

Confrontando com o que os autores antigos, nomeadamente os gregos, disseram dos Prantos de Adonis, todos os elementos das festas lisboetas procedem dos Prantos; desapareceu a referência à morte do deus que passou para o culto do Senhor dos Passos da Graça (também na velha Lisboa). Depois, Santo António é andrógino: nome masculino, cabeça de homem, rosto feminino e imberbe, com “saias” e o gesto maternal de pegar no Menino. António tanto é pai como mãe do Menino; mira-se no seu espelho que é o Menino, o Menino é o Adonis menino. A sua cabeça rapada sugere o costume de os homens rapa-

<sup>1</sup> Isaias utiliza a expressão *ba netoui noumenim* (plantas de deleite) para se referir aos jardins de Adonis que os hebreus semeavam contra a vontade de Deus e que transcrevemos em nota 11 do Cap. 2 (Isa.17:10).

rem o cabelo durante os Prantos. A hagiografia e o culto do santo franciscano de Lisboa (se de facto é o mesmo que morreu em Pádua, ou se existiu mesmo) foram corrompidos pelos cultos populares ao ponto de ficar irreconhecível sobressaindo o culto formal ou material fenício<sup>2</sup>. O culto antigo continua caucionado pelo nome novo, como é a regra do sincretismo. Fica assim desvendada a confusão entre um santo asceta e os costumes populares que são o seu contrário?

Como se tudo isto não bastasse para corromper a imagem dum dos poucos santos do país tão católico que é o nosso, Santo António assumiu a personalidade do Hermes grego (ou pelasgo) noutros aspectos da sua mitologia e naquilo para que ele é invocado: é mulhengo, erótico e casamenteiro; encontra objectos perdidos, é invocado pelos comerciantes contra os maus pagadores ou ladrões e pelos ladrões com vistas ao sucesso nos roubos, é trapaceiro; depois de tudo, na sua vida foi ubíquo. Este fundo deve-os ao Hermes grego (ou pelasgo, comum aos fenícios) com cuja iconografia se assemelha<sup>3</sup>. O Sant'Antoninho de Alfama é o exemplo acabado do hermafrodita (Hermes + Afrodite, nome grego de Istar).

No norte do País corresponde-lhe São João que aí se imagina como um menino. O culto de São João é notável no Centro e no Norte mas exclusivamente folclórico e festivo; foi comum ao judaísmo e ao islamismo populares marroquinos mas que precede essas religiões em muito. Para além de outras simbólicas que fazem dele um precursor (enviado ou messias, como no judaísmo e islamismo populares), São João é o Baal-Sol no momento da sua maior potência; encontra-se associado ao trigo ceifado (o santo foi degolado) e, por essa via, confundido com Adonis e Dagon ("trigo") que foram "ceifados da sua espiga madura" tal como o trigo por esta ocasião. A sua actual festa nortenha contém ainda muito dos cultos orgíacos e extáticos do passado<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Pelas mesmas razões se diz que Santo António nasceu à beira do rio Tagos (*tamugos* > *Tamouze?*) em plena Lisboa que os romanos tinham como fundada pelos fenícios.

<sup>3</sup> Veja-se em *Origens Orientais* a perturbante associação entre o que se diz de Santo António de Lisboa e o que se dizia do Hermes grego: Cap. *Santo António de Lisboa Hermafrodita* e, no Cap. *Retrato dos Antepassados, Hermes*; compare-se com as gravuras 39-42.

<sup>4</sup> Referências a Tamouze, aos Rios, ao Sol e aos santos que lhe sucederam, *Orig. Or.*, p. 221-226. Para o efeito de orgia e êxtase em Braga pelo São João, Cap. *A Brilhante Carreira de São João*, pp. 173-177.

## SENHORA DO CASTELO

Temos um ritual de Monsanto (Idanha a Nova) que reproduz exactamente as circunstâncias em que foram sacrificadas as santas Justa e Rufina de Sevilha. Na festa de Santa Cruz (3 de Maio) as mulheres das aldeias da freguesia organizam um procissão em honra da Senhora do Castelo padroeira tradicional da povoação, em que levam grandes potes de flores à cabeça; até há cinco anos levavam também um feixe de ramadas e de flores que era o simulacro duma vitela. Sobem o morro com os potes à cabeça seguidas pelos habitantes, um caminho longo e íngreme (verdadeira prática de sofrimento) cantando cânticos alegres em honra da Senhora do Castelo alternados de cânticos tristes em honra de Santa Cruz (Jesus morto). O instrumento musical da festa é o adufe que as mulheres da região batem com muita destreza. Chegadas ao cimo do morro, em ambiente de expectativa e de grande solenidade, lançam os potes de flores (e o simulacro de vitela) para o abismo proferindo um grito estridente, “Aí vai o pote!”. As mulheres participantes da procissão empunham bonecas de trapos chamadas aqui “marafonas” que elas manipulam com os dedos como quem as faz dançar, e que serão guardadas para proteger do “raio”, isto é, das pragas agrícolas. Uma cantiga da aldeia diz:

Eu amei qum nunca amara  
 Nem tal intento tivera  
 Eu amei o rei das flores  
 No centro da Primavera<sup>5</sup>

A invocação “Senhora do Castelo” equivale a Iasura-Salabo coroada de ameias, padroeira das cidades; para mais, a Senhora do Castelo de Monsanto ostenta na mão uma romã, tal como a Deusa Siria<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Coligida por M. Leonor Carvalhão Buesco, *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, Lisboa, Ed. Presença, 1984, p. 67, que lhe atribui a simbólica dos “ritos da abundância”.

<sup>6</sup> O padroeiro da Paróquia é o Salvador (ou São Salvador) que era também o título de Adonis e de Athis. De um modo geral, os mais antigos oragos São Salvador remetem para a cristianização dos cultos de Adoni e de Athis; São Salvador significa hoje Jesus Cristo, no entanto, o tratamento tradicional de “santo” retira-lhe a natureza divina. A acrescentar a todas estas coincidências, sugere-se ainda esta extraída da toponímia da aldeia: uma velha rua que atravessa o morro chama-se Rua do *Sol Velho* e que cruza a Rua da Senhora do Castelo, sem que se saiba a razão desse nome; *sol velho* pode bem ter sido uma associação linguística de *Cibebe e Salabo* ou de apenas *Salabo* ou *Cibebe*.

organizadora da vida social em torno do castelo. Na sua simplicidade extrema, o ritual de Monsanto corresponde exactamente à descrição das Adónias de Sevilha através dos caminhos pedregosos da Serra Morena; nem sequer foi cristianizado. Com esta simples diferença: em vez das vítimas que foram sacrificadas temos o simulacro da vitela que será possivelmente um vestígio do tauróbulo.

### SÃO SEBASTIÃO EMASCULADO

Elementos inesperados do culto de Athis-Cibebe são a imagem e o culto de São Sebastião. É o “santo máximo” da Beira Baixa segundo constatou Lopes Dias<sup>7</sup>, objecto de muito culto. Dizem os textos eruditos que o santo é o “advogado contra a peste”; nos meios populares não tem essa função, anda associado à agricultura, vela pelas sementeiras. É festejado em fins de Janeiro com jantares rituais (em favor das sementeiras, como o Espírito Santo e algumas Senhoras); os beirões oferecem-lhe partes do porco que matam por esta ocasião e a que eles chamam o “ramo”; este termo é a tradução exacta do termo bíblico (*omer*) para referir a ofrenda (um pequeno feixe de cevada) obrigatória para os judeus nos tempos antigos, pela Pascoela. É o santo das mulheres mas quem o leva nas procissões são os rapazes casadoiros ou que se encontram na idade da tropa. Também lhe oferecem simulacros (em cera) de *bexidas*, eufemismo para “sexo”. Está amarrado a uma árvore e preso pelos braços levantados. É um efebo inteiramente nu com apenas uma toalha enrolada sobre o sexo, mal ajustada, *negligé*. Pelo corpo tem espetadas cinco ou seis flechas porque se diz que ele assim foi martirizado no tempo de Diocleciano; uma ou duas flechas situam-se nas coxas e em volta das partes genitais.

Para se dizer que foi morto com flechas haverá necessidade de mostrar o corpo nu? Muitos santos do cristianismo foram flechados, pelados, despedaçados e estripados e só este jovem é mostrado nu. A nudez sempre foi imoral nas igrejas cristãs, ainda mais um santo homem. As flechas nesta imagem têm a função perversa de chamar a atenção para o corpo despido; tal como a tanga: o pedaço de pano mal enrolado sugere, lembra e mostra mais do que esconde; escondendo, mostra. Algumas aldeias da Beira (no passado muitas) têm o costume

<sup>7</sup> *Etnografia da Beira*, Vol. V p.122.

de o celebrar com um jogo de pontaria em que o alvo é um galo: enterado o animal até ao pescoço, ganha-o o jogador de olhos fechados que o atingir à pedrada, costume que vai caindo em desuso por ser considerado “cruel” pelas camadas instruídas.

São Sebastião sempre foi tradicionalmente representado daquela forma. Foi um modo de dizer que ele era castrado; a toalha escondia (e sugeria) um corte que seria impúdico mostrar. O galo com que o festejam foi o emblema do arquigallo. Sebastião foi Tamouze-Adonis-Athis. Falta analisar o seu nome: *Sebastianus* é do latim mas ter-se-ia passado com este o mesmo que se passou como o do António de Lisboa:

*sebastianus* < *sebas t'a'ana*: Sebas trespassado, mordido, atacado  
< *sebas tj'anh* : Sebas do lamento.

Pode ter havido um santo histórico de nome *Sebastianus*, mas a representação dele associou-se (talvez já em Roma entre os Sirios) ao culto de Adonis-Athis<sup>8</sup>.

As refeições rituais (costume de origem semita) com que os frígios festejavam Sebas e que levava os judeus a confundi-lo com Yaveh Sabaot, são os mesmos com que se cultua Sebastião. Em Portugal, o “santo máximo” integra-se numa constelação de cultos e de invocações onde encontramos claros vestígios criptojudáicos e marranos por um lado, e da Magna Mater por outro, restos do antigo ecumenismo que vimos. O santo liga-se também a preocupações messiânicas e sebastianistas<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> O nome do santo é sempre acompanhado pelo adjectivo *martle*, caso único entre os muitos outros santos existentes nas capelas das aldeias. Para os etnógrafos é muito cómodo dizer que *martle* é uma corruptela de “mártir” (e dizendo isso ficam como que realizados relativamente ao povo “que fala mal”). Não é corruptela; o povo diz “mártir” para todos os casos de santos martirizados, é um termo muito usado na vida corrente, e *martle* apenas para São Sebastião. É um vestígio das expressões dos prantos: *mat*, *m'r*, *mb-tl'h* “morto, doloroso, que dificuldade!”, *marut lhb* “filho ou afilhado desfalecido”, *mar tulu* “filho do seio”, *mar tl'* “filho ou rapaz enaltecido (ou suspenso, enforcado)”, *mrt l'au* “arrancado do peito” (arrancado como uma criança de peito), *mrt la* “arrancado o vigor”. Também se substitui o seu nome pela expressão *Divino Martle*. A substituição do nome do Deus bíblico por um atributo (geralmente “O Divino”) é um rito judaico.

<sup>9</sup> Em *Orig. Or.* pp. 178-180 faço uma relação entre São Sebastião, Dom Sebastião e o *sabatianismo* (de Sabatai Zevi, que foi um movimento messiânico judaico que percorreu todo o Mediterrâneo nos sec. XVI e XVII). Coloca-se o problema de o sebastianismo português ser tão somente uma versão do sabatianismo que os letrados portugueses (desconhecendo aquela corrente mediterrânica judaica ou levados pelo seu etnocentrismo) teriam relacionado com D. Sebastião; ou foram as duas correntes associadas.

### A BLANCA PALOMA DA ANDALUZIA

Na Andaluzia encontramos um culto muito concorrido que ainda está muito próximo do culto orgiástico de Astarté e da Diasura; é o da Senhora del Rocio (Almonte, Huelva). Em castelhano, *rocio* significa “orvalho”; será então a *Senhora do Orvalho*. “Orvalho” e “apanhar as orvalhadas” são referências simbólicas do orgasmo lunar e noturno, fertilizador. É tratada carinhosamente de *Blanca Paloma*. A sua importância em todo o sul de Espanha poderá comparar-se à que têm Fátima e Lourdes nos meios populares, excluído o impacto eclesiástico que é nulo em El Rocio. Nos últimos vinte anos o culto andaluz conquistou a gente nova mas estes recém-chegados não só não destruíram o seu carácter arcaico como o vêm afirmando. Cerca de um milhão de pessoas frequentam o santuário durante a semana da festa.

O culto em questão é um fenómeno estranho e irracional que escapa não apenas aos conceitos correntes da Sociologia das religiões como aos modelos religiosos vulgares. Não se vai a El Rocio para rezar; não há uma única oração nem símbolos cristãos no santuário para além da imagem da Senhora, ainda menos um sermão. Vai-se para se viver um estado psíquico que é difícil traduzir em conceitos objectivos. Estamos perante um fenómeno religioso psíqué-arcaico que escapa à racionalidade teológica das religiões actuais; vou tentar expô-lo.

O santuário está situado numa mata pantanosa a uma dezena de quilómetros do mar. Uma pequena região contígua de Almonte (sede administrativa) tem o nome de Tarsis, tal e qual o nome bíblico do país onde aportavam os barcos fenícios (sec. X a.C.), Tarshish. A Andaluzia foi a costa da Tartessos fenícia. A mata é o Parque Natural de *Donana* (Senhora Ana, a deusa-Mãe Anat). O santuário consta de uma imponente igreja (construção recente mas já havia aí uma no sec. XIII) e de várias centenas de casas de estilo burguês alinhadas ao longo de pequenas avenidas e providas de pátios e de jardins interiores; não são habitações familiares mas albergues pertencentes às povoações andaluzas e castelhanas destinadas a acolher os respectivos habitantes durante a semana da romaria. É a mesma estrutura dos santuários portugueses cultuados por círios, que não existem fora da Península Ibérica e de que só temos notícias no Médio Oriente antigo. Luciano refere um caso na *Deusa Siria* (nº 56).

O santuário de círios não pertence a nenhuma instituição religiosa mas às povoações dispersas (por vezes longínquas) que mantêm o

culto e que aí têm os seus próprios albergues. É o caso de alguns minhotos, do da Atalaia (Montijo), da Senhora do Cabo Espichel, da Senhora dos Remédios (Peniche), do Senhor Jesus de Bombarral, etc., pertencentes também às aldeias que aí se deslocam anualmente e cujas confrarias se chamam círios (ou sírios?). No passado houve muitos, sobretudo ao sul do Mondego, referidos a cada passo por Frei Agostinho de Santa Maria no *Santuário Mariano*, mas os albergues foram desaparecendo. Um círio é uma delegação da povoação; um pequeno grupo de romeiros, arvorando um pendão que tem escrito o nome da terra e desenhada a imagem do santuário em questão, representa toda aldeia, cumpre uma obrigação colectiva por delegação. Na sua primeira fase teriam sido santuários de uma etnia ou tribo dispersa que tinha a obrigação de se encontrar anualmente nesse local; depois perdeu-se a pertença identitária, a estrutura social desintegrou-se, mas a forma de culto manteve-se pelo efeito da rotina aldeã; entretanto outras povoações aderiram à fórmula religiosa e perpetuaram a ideia da “promessa antiga” e colectiva. Há santuários de círios que praticam uma forma de reciprocidade; por exemplo, o círio de Montijo-Palmela vem ao santuário do Cabo Espichel e o círio da Azoia (Cabo Espichel) vai ao da Atalaia (Montijo) onde tem um albergue<sup>10</sup>. São santuários que têm objectivos idênticos: primeiro, a povoação vai aí “pagar uma promessa antiga”, promessa colectiva (de tipo semita) à qual a povoação está obrigada desde os tempos remotos; segundo, esses santuários escapam inteiramente ao controle religioso e administrativo da igreja católica e do clero local, foram construídos e são mantidos pelos círios; terceiro, pratica-se em todos eles uma religião que os próprios consideram católica mas o clero não é indispensável (nem sempre há missa no dia da festa, nem as pessoas lá vão por isso), é uma religião sem clero; quarto, o juiz do círio, cooptado anualmente, é o responsável pela manutenção do culto; finalmente, vivem-se em todos eles rituais libertários e orgiásticos.

O de El Rocio é incomparavelmente mais concorrido do que os nossos santuários de círios cuja estrutura se vai desintegrando. O culto é mantido por mais de uma centena de confrarias com sede nas povoações andaluzas, castelhanas e de outras regiões afastadas (nomeadamente Madrid e Barcelona); as regras do seu funcionamento (e para serem reconhecidas no culto) foram impostas pela confraria-matriz de Almonte, regras selectivas e burocráticas; ficamos com a ideia de

<sup>10</sup> M.E.S. *Orig. Or.*, pp. 92-95.

terem sido a expressão duma elite social, prestigiada ou aristocrática com assento em Almonte-Huelva. Como prova de que uma povoação pertence ao culto, a confraria local possui uma imagenzinha que é uma cópia em miniatura da imagem-matriz de Almonte, e é com ela que se apresentam em El Rocio no dia da festa.

A deslocação das povoações sufragâneas reveste-se de grande imponência, alguns grupos metem-se ao caminho uma semana antes. As imagenzinhas-duplicados são entronizadas em aparatosos baldaquinos de prata (note-se: carros de prata) do tamanho dum carro de bois puxados por bois, por cavalos ou por homens, acompanhados de uma comitiva de *charretes* cobertas de antigo estilo que transportam os romeiros, puxadas por cavalos e escoltadas por cavaleiros trajados à velha moda. Os carros-baldaquinos com a imagenzinha têm o nome popular de *sin pecado*; esta expressão, apesar das aparências, não é de origem latina mas fenícia (glossários cananita e hebraico) com vários significados concordantes:

- sen paqadu* - duplicado de procuração
- duplicado da administração
- duplicado da visita ou da revista
- cópia do mandato

A imagenzinha é que era o *sin pecado* e ainda serve de atestado comprovativo de pertença. Como os carros de bois-baldaquinos não podem circular nas auto-estradas nem à velocidade exigida pelo Código, as comitivas dirigem-se a El Rocio seguindo os velhos caminhos, por matas e serras, atravessam rios e pântanos procedendo a banhos purificadores, desde Madrid e de mais longe. As povoações atrás dos *sin pecados* apresentam-se aos responsáveis de El Rocio respeitando um protocolo arcaico e que faz lembrar as regras de reconhecimento da legitimidade do poder e da dependência local; toda uma semana empregue nesse protocolo, conforme os grupos vão chegando<sup>11</sup>. Os

<sup>11</sup> A relação entre as povoações adstritas ao culto e a confraria-matriz guardam os traços das antigas relações entre o senhor do país e os seus súbditos; uma povoação ou tribo que mandava uma delegação ao local e no dia fixados pelo costume para prestar homenagem ao senhor, era povoação ou tribo que reconhecia a legitimidade do senhor; o não ir era um pressuposto de rebeldia e uma declaração de guerra; para tanto os delegados das localidades se faziam credenciar com um documento comprovativo de que eram representantes do seu grupo. Eram encontros aparatosos, paradas de prestígio para o senhor e para os súbditos. Na Península, o costume é de origem fenícia ou cartaginesa. O rei de Marrocos ainda se faz reconhecer anualmente pelas comunas,

*sin pecados* ficam expostos à entrada do albergue para testemunhar os direitos. Os pátios dos albergues passam a ser locais de dança. A festa tem lugar no domingo e segunda-feira de Pentecostes<sup>12</sup>.

Apesar deste aparato tradicional e até arcaico, a romaria de El Rocio não é uma representação folclórica e artificial mas uma manifestação religiosa popular intensamente vivida (como Fátima) mas espontânea, marcadamente orgiástica, psiquicamente estonteante e libertadora das pulsões recalcadas. Os que vão a El Rocio dizem que “vão vê-La outra vez”, mesmo que ainda lá não tenham ido, e o desejo de uma longa vida exprime-se por “conto vê-La outra vez” ; “é como uma droga, quem lá vai uma vez não pode deixar de lá ir”.

A primeira nota do visitante de El Rocio é a total ausência de símbolos ou emblemas cristãos: exceptuando duas cruzes no topo da torre da igreja, em todo o espaço do santuário nem um só crucifixo, slogan, imagem ou outra representação cristã, seja de que tipo fôr. Apenas a cruz e os sinos distinguem a igreja de um edifício profano. A igreja alberga tão-somente o baldaquino com a Senhora del Rocio, protegida por grossas e altas grades de ferro; nem um altar, crucifixo, imagem, pintura ou quadro em toda a vastidão do templo que é local de falatório e berraria, e onde dorme quem não tem albergue. Não há uma linha escrita sobre um programa litúrgico eclesiástico. Apenas o dístico do zimbório *ros tuus ros lucis* (orvalho teu orvalho de luz) nos liga a uma cultura euro-latina. Poder-se-á dizer muitas coisas do culto da *Blanca Paloma* de El Rocio: só não é um culto cristão. Quanto à imagem da Senhora del Rocio, apenas vemos um rosto feminino no cimo dum estranho aparato de ouro na forma dum triângulo e da altura duma pessoa. Tem um menino minúsculo suspenso entre as mãos, coberto de ouro, como a Mãe. A Senhora não é uma escultura mas um bloco de madeira em forma de cone com os braços articulados coberto com riquíssimas vestimentas de estilo barroco<sup>13</sup>. No

---

tribos, partidos e altos funcionários por este processo aparatoso, é a festa do Trono ou *Bajia*. Esses encontros derivaram nas cortes medievais (assembleias representativas das povoações em locais diversos presididas pelo rei) e que são específicos á Península Ibérica. O nosso D. Afonso Henriques, um independentista, teve alguns dissabores por se recusar a ir às cortes dos reis de Leão e de Castela.

<sup>12</sup> Sobre o simbolismo e o culto antigo do Pentecostes (cinquenta dias depois da Páscoa) nas sociedades mediterrânicas, na religião pré-cristã e ainda hoje nos meios populares portugueses, v. M.E.S. *Origens Or.*, Cap. *O Culto do Divino*.

<sup>13</sup> A Senhora é vestida conforme as estações e os ritos. A certo momento do ano vai visitar a sede da administração (Almonte) e então leva um traje de passeio, chapéu como o de uma dama inglesa, gabardine, etc. Noutras ocasiões sai vestida à pastora, modesta, sem joias.

domingo e na segunda-feira, no recinto e nas ruas dos albergues, juntam-se perto de um milhão de pessoas.

A festa começa de manhã com um assalto provocatório às fortes grades que protegem o andor-baldaquino da Senhora, assalto esse perpetrado por uma dezena de homens novos e potentes, privilegiados, e que despoleta no público já em alvoroço uma entusiástica algazarra como que de loucos ou possessos. É o rapto, a violação do espaço da Mulher, a tomada de posse da Mãe pela violência. A Senhora é levada para fora do templo, num berreiro delirante; os homens, como um cardume, procuram a Senhora, só há homens em volta dela. Comprimem-se como um enxame armadilhado tentando “pôr-se debaixo dela” (dizem-no eles). Neste turbilhão de gente, a Senhora “dança” (assim se diz) diante dos fiéis e sobre as cabeças da multidão, “dança” que é sugerida pelos empurrões e movimentos dos ombros de quem transporta o andor-baldaquino ou pela passagem de uns ombros para outros. O andor remexe, a Senhora avança, recua, vira as costas, ciranda. Parece que se oferece e logo se esquiva. O ambiente é de delírio e de euforia (se não de histeria em alguns casos), agudizado pelo rolar dos muitos sinos e do rufar de tambores transmitidos por altifalantes. Da berraria que envolve a Senhora distinguem-se expressões que em português são classificadas de piropos dirigidos às raparigas, *guapa y guapa y guapa, bonita y bonita y bonita* incessantemente berrados até enrouquecer. Garantem ao investigador que os romeiros nunca lhe chamam *Madre* mas sempre *nina guapa y bonita*. Dois dias anda a Senhora nisto, no recinto e nas ruas. Depois vai “visitar” (isto é, passar em revista, reconhecer) os *sin pecados* expostos diante dos albergues, um após outro, tanto para controlar a sua presença como para se mostrar e retribuir a visita, volteando-se, no meio da algazarra e objecto de luta entre os homens enxameados que procuram “pôr-se debaixo dela”.

É um ritual de homens. O grande desejo de qualquer rapaz ou homem que vai a El Rocío é “meter-se debaixo dela” (sob a saias da mãe), ao menos tocar na franja do seu manto ou, que seja, nas bordas do andor-baldaquino embrenhado no cardume. Conseguida essa proeza masculina saiem esbaforidos, transtornados, e abraçam as namoradas ou as esposas com a alegria de quem obteve uma vitória. Nessa ânsia de a tocar neste impenetrável aperto, muitos apresentam sintomas de histeria, desmaiam e caem socorridos pelos amigos. De tanto gritarem a proferir galanteios à *nina guapa* alguns rapazes perdem a

voz e passam a falar por gestos. Segundo uma canção, *La Rocina non quiere los peregrinos callados*.

Enquanto dura a festa não se ouve uma só prece, quer na igreja quer em qualquer dependência do santuário, não se vê um terço nas mãos de alguém, nem uma *avé-maria* que seja. As razões religiosas de El Rocio constam nisto: “*verte otra vez la cara*”, e os homens porem-se “debaixo dela”. Mais nada.

É um culto orgiástico e psicodramático que faz extravasar o inconsciente e viver uma realidade psíquica que se manifesta por um estado eufórico, desinibidor, descontrolado e próximo do erotismo. Não tem a menor relação com o misticismo católico nem com os desequilíbrios das assembleias espíritas. El Rocio é uma amostra dos antigos cultos inebriantes que levavam os rapazes à castração. Também representa o culto do Espírito Santo médio-oriental e bíblico, com esta diferença: na Antiguidade o frenesim orgiástico era despoletado pelo desejo de posse ou de integração de um ente divino andrógino, como consta nos nomes de *Agdistis* e de *Shequina* de Deus que é a componente feminina do Deus bíblico, enquanto os seres divinos de hoje são percebidos como sexuados. O Espírito Santo cananita e bíblico é uma representação religiosa que conservou a simbólica do ente divino andrógino, tal como ele se exprime no Eclesiástico: “Eu sou a mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança; vinde a mim todos os que me desejais, fartai-vos dos meus frutos, porque a minha lembrança é mais doce do que o mel e a minha herança mais doce do que o favo de mel: os que me comem terão ainda fome, o que me obedece não se envergonhará, os que fazem as minhas obras não pecarão”<sup>14</sup>. Este arquétipo pode ser assumido por qualquer religião, digamos que é ecuménico. Com a sexualização das divindades e numa cultura matriarcal, o antigo culto do Espírito Santo adaptou-se naturalmente a certas Senhoras medio-orientais de que a *Dona Ana do Orvalho* andaluza constitui um espécimen.

O culto de El Rocio é da religião pré-cristã. O contraste com as práticas católicas é flagrante; nestas, o praticante é induzido nos mistérios divinos por meio de símbolos, de fórmulas e de gestos instituídos; o sacerdote põe os fiéis em contacto com o sobrenatural; o sujeito da religião é o individuo, não a multidão; os objectivos do crente são teológicos e racionalizados, isto é, inscrevem-se numa sequência de

<sup>14</sup> *Eclo.24:26-30*.

intencões lógicas de causa-efeito e um tanto interesseiras: a religião visa favores materiais e a Salvação. Os cultos como o de El Rocio (os antigos cultos semitas) não visam efeitos sobrenaturais nem a Salvação mas uma libertação imediata. Agem sensivelmente deste modo: o indivíduo integra-se numa multidão predisposto a “desindividualizar-se”; a multidão está perante uma imagem que todos reconhecem como um artefacto mas carregada de muito prestígio identitário e patrimonial; não há preces individuais porque são susceptíveis de dispersar os indivíduos e contrariar a “desindividualização”; a multidão não tem líderes e é deixada à sua liberdade; repete-se um slogan simples e motivador até à exaustão. O que vai despoletar a paixão do milhão de pessoas aglomeradas no recinto é o objecto-imagem que é o único ponto de atenção, comum a todos, função que lhe é atribuída pela própria multidão; o objecto passa a ser o elo de ligação de todos entre si e com isso adquire o prestígio do numinoso. A efígie barroca da *Blanca Paloma* desempenha a função do *totem* nas religiões antigas em que uma criatura ou objecto vulgar é *numinoso* unicamente porque se convencionou socialmente que o seja, porque é comum a todos e porque põe os indivíduos em comunhão. É o catalizador dos desejos de comunhão. A Senhora tem a função de proceder à  *fusão* dos entes separados, à re-ligação (*religio*) dos indivíduos que compõem a massa, reconstitui o todo, sugere no inconsciente a re-união dos filhos à Mãe e refaz o Todo primordial anterior à dispersão dos seres. Desencadeado o efeito de fusão, o inconsciente individual liberta-se pelo efeito da multidão homogénea que repete espontaneamente e sem liderança o mesmo slogan, *guapa y bonita* com desejo de a possuir. As convenções e os recalcamientos resultantes do processo da individuação e da socialização libertam-se, e aí temos uma multidão esfusante a esmagar-se por uma imagem de Nossa Senhora, sem relação com o conceito vulgar de sobrenatural nem com a Salvação. Em vez da imagem encontramos nas regiões antigas artefactos de outro género, ou um bétilo, uma rocha, uma árvore, um bezerro. A opção pela imagem da Mãe é indicador de uma cultura matriarcal.

El Rocio é também um culto agonístico, semelhante a um desafio entre homens em que a posse da Mulher pelo herói simbolizada no “pôr-se debaixo dela” constitui o prémio; a imagem é o ponto de ligação da multidão, o *totem* com um valor inestimável, acrescido duma simbólica relevante da cultura matriarcal que é a conquista da Mulher e da Mãe, tema de luta entre os melhores e objecto de desejo dos homens.

Por detrás dos arbustos da mata e até abertamente na relva pantanosa diante da igreja, em plena luz, podem ver-se casais na posição de cópula sexual, discretos, sem o *voyeurismo* nem o reparo dos outros. Nos albergues é a mesma liberdade segundo se diz. Durante a festa não é imoral. Tais comportamentos desinibidos, no espaço do santuário, provêm do mais profundo do inconsciente como actos naturais, variantes da hierogamia (que é a união com a divindade), integração do homem na divindade criadora, uma regressão ao estado anterior à Criação que dispersou e individualizou os seres relativamente ao Todo, e a fusão dos dois sexos de modo a reencontrar a androginia primeva que foi uma qualidade do ser humano. É deste modo que se deve entender a prostituição sagrada que existia nos santuários da Deusa-Mãe. Pelas mesmas razões, o culto da Senhora do Orvalho de Almonte é um ritual de iniciação masculina; diz um autor que “para um rapaz deste povo, o conseguir meter-se debaixo dela (a Senhora) é um sinal de virilidade e prova que pode passar a ser reconhecido como homem”. Depois dessa experiência iniciática, o culto passa a ter a função de um vulgar ritual de confirmação da condição viril: “Só pode pegar no andor da *Blanca Paloma* aquele homem que ‘os’ tiver no sítio”<sup>15</sup>.

Por isso, nesta sociedade espanhola “machista” (porque matriarcal)<sup>16</sup>, o culto de El Rocio tem sobretudo os favores religiosos dos homens. São eles que gritam, pelo menos muito mais do que elas; nem elas entram no aperto para tocar a *Nina guapa*. São espectadoras e, diríamos, fruidoras. Vendo-as, parecem mais interessadas em mostrarem-se e a passearem-se, elegantíssimas, nos seus fascinantes trajos sevilhanos de estilo tradicional, folhudos e coloridos, que mandam confeccionar especialmente para esta festa. Entretanto passam horas seguidas a dançar lascivamente o flamengo nos pátios dos albergues. Em toda a Andaluzia, a única referência de festa que vale é a *fiesta rociera*, mas só os homens se esmagam no aperto da multidão para conquistar a Mulher que, revolvendo-se, se oferece e se esquiva.

<sup>15</sup> Miguel Zapata Garcia, *El Rocio*, Sevilha, Rodriguez Castillejo, 1991, p. 249.

<sup>16</sup> O machismo das sociedades ibéricas procede da sua cultura matriarcal. O desejo de o rapaz se afirmar ostensivamente como “um macho” é uma luta contra o modelos da mãe, ou a imagem (*imago*) da mãe e da mulher que foi persistentemente incutida na criança e no adolescente durante o longo contacto com a mãe e com as mulheres da vizinhança, e pela consequente inexistência, na família, do modelo de pai emancipador.

Os homens correm atrás da *Nina Guapa* enquanto as mulheres se pavoneiam. A mulher hispânica revê-se na Senhora, como num espelho; é uma cidadela a conquistar.

Podíamos aqui referir muitos cultos ibéricos e portugueses em que Maria é um símbolo emblemático duma mãe e duma mulher inacessível que se conquistam pelo esforço físico. Vejamos, a título de exemplo, o seguinte culto vizinho da Andaluzia:

### MÃE SOBERANA DE LOULÉ

Trata-se dum culto local e só é comparável com o Del Rocio no facto de a Senhora ser objecto de competição entre os homens. Ela reserva-se para os mais fortes ou mais viris. Chama-se *Mãe Soberana* - um nome que já diz tudo. Festeja-se em Maio. É uma imagem da Senhora do Pranto ou da Piedade (com o filho morto nos braços). Por ocasião da festa arranjam-se para transportar o seu andor uma dezena de homens quarentões, corpulentos e atléticos; de manhã, a equipa desses “melhores” vestidos a rigor desfila pelas ruas da vila, desportivamente a passo de marcha, garbosos como os gladiadores antes do combate nos antigos circos, para se mostrar à população a qual é testemunha do seu bom porte. O forte da festa é a procissão com a pesada imagem. Esta procissão não é um desfile comunitário e estratificado de ritmo lento e convivial como as procissões normais, mas uma correria dos “melhores” com o andor da santa imagem aos ombros, pelas ruas e por uma encosta acima, para atingir a capela no alto. Diz-se que, não tivessem eles aquela robustez física, os portadores do andor seriam fulminados por um colapso cardíaco. A população que não corre atrás do andor e se acumula nos passeios e na encosta do monte, clama, incita, chora, delira, tanto porque os atletas resistem como na expectativa de um deles cair fulminado por um colapso cardíaco.

Diz o povo de Loulé que a Mãe Soberana “tem uma riqueza pessoal equivalente ou superior ao orçamento do Estado”, o que é simbolicamente uma forma de dizer que ela desafia o mais poderoso, que pede meças ao Estado-pai. O facto de a Senhora se apresentar como uma mulher com um cadáver masculino nos braços sugere que, morto aquele homem (que tanto é filho como marido) a Mãe está disponível, mas só ao alcance dos mais potentes e corajosos; não fosse ela a Mãe Soberana.

## JESUS: FILHO OU ESPOSO DE MARIA?

Vimos que no culto da Grande-Mãe (Cibele, Istar, Astarté) há uma persistente ambiguidade quanto ao jovem deus que acompanha a *Senhora*: passa por fiel, filho e esposo. Tanto é filho como esposo: Trata-se duma confusão que passa por construções psíquicas incestuosas. Ele pode ser marido da sua própria mãe. Entramos aqui num mundo de representações inconscientes em que o filho aspira à exclusividade da sua mãe tal como ela exige a exclusividade do filho. É uma variante da simbólica nupcial da Igreja-Mãe. Essa associação ambígua continua na religião católica portuguesa; e isso testa-se no culto das imagens.

Aqui ressaltam as disparidades entre a teologia e as vivências. A teologia é uma tentativa de *racionalização do sagrado* enquanto a religião é a *experiência do sagrado*; esta é cultural. A cultura é independente da teologia e esta nada pode contra a cultura. Os fieis «sentem» a religião e vivem as conexões dos símbolos sem os teorizar. A religião vive-se ao nível do mundo psíquico, engendrada pelos arquétipos da cultura; não é a razão teológica que guia os praticantes. As práticas religiosas têm origem em associações de ideias, sentimentos de amor, de medo, de ódio, etc., sem que nessas conexões entrem forçosamente conhecimentos racionais. A fé genuína é inexplicável e as opções culturais podem ser indizíveis, diferentemente da teologia que é um discurso demonstrativo, racionalizante e, em certos aspectos, positivista e científico.

Ora, é ponto assente que o ícone e a imagem venerandos devem identificar-se com os ideais e os arquétipos que residem na mente ou no inconsciente dos crentes a fim de despoletar os seus sentimentos e acções. A bondade, a doçura, a maternidade, a autoridade, que se atribuem aos entes divinos têm de estar sugeridos na representação material; um deus autoritário representa-se masculino e arrepiante, a maternidade é sugerida por uma mulher com um menino, etc. A imagem veneranda pode portanto revelar ao analista as razões indizíveis e os segredos inconfessáveis dos seus veneradores. A iconografia de Maria, de Jesus e dos santos constituem um vasto campo para a análise do psiquismo dos fiéis ao qual se não acede pela via do discurso que é controlado e censurado pelas conveniências. Outro trabalho se demonstra que os santos da religião popular portuguesa resultam andróginos: são homens mas, pela sua bondade,

aproximam-se dos ideais maternos e, por isso, as suas imagens são efeminadas<sup>17</sup>.

«As relações dos portugueses com a figura de Maria mergulham num universo confuso de projecções psíquicas»<sup>18</sup>. O Menino que ela tem nos braços é seu filho segundo a teologia; não obstante, no plano da vivência religioso-psíquica, é o *eu-filho* projectado nos braços da Mãe protectora. São José só se representa ao lado da mãe enquanto Jesus é criança: o Jesus-criança é o *eu-filho* entre o pai e a mãe. Com a adolescência do Menino, São José desaparece; o trio José-Maria-Jesus adulto não existe na iconografia. Pretendem os historiadores eclesiásticos que José morreu entretanto - mas também os psicanalistas descobrem uma tendência infantil, inconsciente e perversa, que é o desejo da «morte do pai»! Com o crescimento, o filho tomou o lugar do pai. O triângulo José-Maria-Jesus adulto perturbaria as relações simbólicas do *eu-homem* com a Mãe; a figura do adulto ao lado da Mãe seria vivida como um concorrente do *eu-homem*. E o homem pregado na cruz junto de quem Maria está? E o homem morto que a Senhora da Piedade tem nos braços, é filho ou esposo dela? A teologia diz que é o seu filho, mas tem a idade dela ou ela até aparenta ser mais jovem do que ele (quando Jesus morreu Maria teria cinquenta anos). Sugere um casal (esposa e marido). No psiquismo podem ser a *nossa* mãe e o *nosso* pai; ela está viva, ele está morto. Para mais, se Jesus é Deus e Deus é nosso pai, a Senhora nossa-Mãe sustem nos braços o *nosso* pai. As «festas da Paixão» vividas pelos católicos sugerem, tão bem como o melhor dos teatros, a celebração do drama da «morte do pai», sobretudo as cerimónias do Senhor dos Passos (imagem de Jesus carregando a cruz) que os minhotos tratam de Nosso Divino Pai<sup>19</sup>. Nesses rituais até entra uma imagem da Senhora da *Soledade* que, num ritual cheio de dramatismo, numa encruzilhada, se despede do Senhor que segue para a morte: a Senhora fica só. Despedindo-se do seu parceiro, ela fica disponível para o *eu-filho*. O drama popular da Paixão é uma reprodução simbólica do mito freudiano da «morte do pai» pela horde dos filhos para a posse da mãe, construção do inconsciente colectivo que não forçosamente realidade histórica. Trata-se dum estado inconsciente específico das culturas matriarcais<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> *Religião Popular Portuguesa*, cap. «Nome masculino e alma feminina».

<sup>18</sup> M.E.S., *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, pp. 63 e sgts.

<sup>19</sup> M.E.S., *Origens Orientais...* pp. 64 e sgts.

<sup>20</sup> M.E.S. *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, pp.63-74

Para demonstrar como o conjunto Jesus-Maria constitui um casal (marido e esposa, pai e mãe) temos o culto moderno dos *Sagrados Corações* de Jesus e de Maria<sup>21</sup>. Nesta iconografia ela é igual a ele; as duas personagens estão em paralelo e em perfeita simetria, com o mesmo formato, a mesma idade, lado a lado em pé de igualdade mostrando cada qual o seu coração flamejante com o dedo indicador direito ou esquerdo, simetricamente. Os Sagrados Corações, passando por protectores da família são também o emblema dum matrimónio harmonioso e dum casal igualitário: ela é a esposa/mãe e ele o esposo/pai: um matrimónio místico em contradição flagrante com o discurso teológico cristão.

Jesus é membro duma Trindade mas o Pai desapareceu ficando apenas Mãe e Filho. É a ambiguidade que encontramos no culto da Magna Mater. O rapaz, com o crescimento, eliminou o pai e, subrepticamente, pela via das semelhanças entre os dois «sagrados corações», tornou-se marido da sua própria mãe; incesto simbólico. Estamos perante um traço psiqué-arcaico das culturas matriarcais, característico das antigas religiões mediterrânicas.

---

<sup>21</sup> O culto do Sagrado Coração de Jesus apareceu no séc. XVII, em França, a partir duma aparição a Margarida Maria Alacoque, religiosa da Ordem da Visitação. Subrepticamente, o culto pretendia combater o iluminismo e a autoridade do Estado democrático moderno. O culto do Cristo-Rei é uma variante desse culto anti-iluminista (o governo deste mundo reverte a Cristo, não aos homens). A basílica da Estrela, em Lisboa, foi o primeiro monumento português dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, por D. Maria I, como reparação da política anti-elesiástica do Marquês de Pombal.

## Capítulo 6 ORIGENS DO CULTO DE MARIA

### OS PRIMEIROS CRISTÃOS E MARIA

O culto mariano, hoje como nos primórdios, consta de dois sistemas de valores e de ritos: um litúrgico institucional justificado pelos textos canônicos e pela teologia católica, e um sistema de ritos associados ao calendário rural, a uma simbólica cosmogónica e a um conjunto de arquétipos maternais. No fundo são dois cultos, o oficial e o popular; não se opõem, antes se interpenetram ou são complementares. São historicamente paralelos, sem serem coincidentes.

A religião cristã primitiva era exclusivamente crística, orientada para a ideia de Cristo redentor que há-de vir em breve e praticava ágapes eucarísticos, a ascese e a caridade fraterna com vistas a essa vinda próxima. "O fim dos tempos está próximo, Jesus vai regressar". São Paulo, que foi o verdadeiro fundador da religião cristã, conferiu às igrejas um cunho totalmente novo relativamente às religiões pagãs onde predominavam os cultos de multidão e festivos. Diz Renan que "para Paulo que não conheceu Jesus, a figura verdadeiramente humana do Mestre galileu transformou-se num tipo metafísico; Jesus não é um homem que viveu e ensinou; participa-se dele e comunica-se com ele por uma maneira maravilhosa. É para o homem a redenção, a justificação, a sabedoria e a santidade; ele é o rei da glória; todo o poder do céu e da terra ser-lhe-à em breve dado (cf. I *Cor.*). Se apenas conhecessemos Jesus pela escola de Paulo, não conheceríamos Jesus-homem e poderíamos até duvidar da sua existência"<sup>1</sup> e ironiza: "Paulo foi em tudo o verdadeiro predecessor do protestantismo". A preocupação de Paulo consistiu em centrar o cristianismo na personalidade divina de Jesus e na sua mensagem de salvação. A sua natureza humana passa a segundo plano ou mesmo despercebida; o dogma segundo o qual "Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem" (tanto é Deus como homem) está desequilibrado em Paulo e no Padres da Igreja.

<sup>1</sup> Renan, *São Paulo*, Porto, p. 243 e 257

Enquanto isso, as camadas populares que aderiam ao cristianismo ponderavam a natureza divina de Jesus em simultâneo com a sua natureza humana. Os Apócrifos da Infância romanceiam a vida da família de Nazareth e apresentam Jesus-menino como um verdadeiro Deus-pequeno, traquinas e resmungão, brincando com os outros miúdos matava-os e ressuscitava-os; rebelava-se contra os mestres; recusava a escola e as lições e a cada pergunta do mestre respondia com uma pergunta mais complicada; brincava com barro e com ele fazia pássaros com vida; ajudava o pai na oficina, ensinava e dava conselhos ao pai, etc. O que falta de humanidade no Cristo de São Paulo está a mais nos apócrifos; aqui sim, Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Os leitores incautos poderão dizer que se trata dum abuso sacrílego, mas os sociólogos dirão que essa visão dum Deus-menino é correcta: sendo “verdadeiro Deus e verdadeiro homem” Jesus teve de passar pelas fases infantis que são as de todas as crianças e ser socializado na sua cultura. Se enquanto criança não fosse traquinas e indisciplinado, se já nascesse perfeito e socializado, seria um anjo ou um extra-terrestre, não era da espécie humana.

O mesmo quanto a Maria. Em tantos textos que escreveu Paulo, nem uma só referência à mãe de Jesus; para ele contou tanto como nada (uma mãe que tal filho engendrou não merecia uma referência?). São Paulo representa o tipo de teólogo misógino que triunfou no mundo árabe com o islamismo. Peocupou-se em excluir as mulheres do sacerdócio e da prègação e obrigou-as a usar o véu nas assembleias, como mais tarde Maomé. Depois dele, os Padres fundadores da Igreja de Roma, vindos da cultura clássica dominante, também foram pouco propensos aos elogios da natureza feminina.

Ao contrário disto, como para a natureza humana de Jesus, os textos apócrifos são muito generosos para com a personagem de Maria e a família de Nazareth. Textos há dos séc. II e III a que poderíamos chamar *Evangelhos de Maria*; os títulos desses livros são elucidativos: “*Nascimento de Maria, a santa que engendrou Deus*”, “*A Gloriosa Mãe de Jesus Cristo (ou Proto-evangelho de Tiago)*”, “*Livro do Nascimento da Bem-aventurada Maria Mãe do Salvador (ou Evangelho do Pseudo-Mateus)*”; “*Evangelho Arameu da Infância*”, “*Evangelho Árabe da Infância*”, “*Passagem (morte) de Maria*”, etc.

A diferença entre os canónicos e os apócrifos quanto à presença de Maria explica-se facilmente. Os apócrifos são de origem popular e exprimem a visão popular da vida de Jesus e de sua mãe, reproduzem a antiga

cultura matriarcal que se reflectia nos cultos da *Magna Mater*. Os canónicos (que foram escritos em grego) tiveram origem em autores eruditos assimilados à cultura clássica; os Apóstolos eram judeus. Havia cinco ou mais séculos que a cultura judaica dominante era patriarcal. Imbuídos de misoginia, os textos teológicos, litúrgicos e jurídicos favoreciam unicamente o homem. A valorização exclusiva do homem passou a ser total com o Islão.

Com o imperador Constantino irrompeu o cristianismo de massa. Para o cristianismo tornado religião de Estado já não contavam os indivíduos criteriosamente seleccionados através do catecumenato e das práticas iniciáticas; contavam as multidões. A identidade original do cristianismo cedeu às solicitações do poder político e da unidade do império, a qualidade cedeu à quantidade. Renan atribui essa mudança ao declínio do projecto cristão inicial, “aconteceu com o cristianismo o que acontece com as coisas humanas, triunfou exactamente quando, sob o ponto de vista moral, começava a declinar, tornou-se oficial quando não era mais do que um resto daquilo que fora; teve a sua maior voga quando havia já passado o seu verdadeiro período de originalidade e de juventude”<sup>2</sup>. O cristianismo passou a ser a única religião. Todos os outros cultos foram obrigados a adoptar referências cristãs para não caírem sob o conceito jurídico de “crime”.

Mas não existem conversões a este nível. Com a proibição das religiões pagãs, a pastoral e a liturgia cristãs reformaram-se para satisfazer a religiosidade das multidões ex-seguidoras dos cultos matriarcais de origem síria e frígia que se disseminaram com o beneplácito de alguns imperadores pelas aldeias do império e das práticas mitraicas de origem persa que tinham a adesão dos militares.

As religiões quando proibidas enriquecem e dão colorido à religião oficial; as duas acumulam-se. Com a viragem político-religiosa de Constantino e dos seus sucessores, a mãe de Jesus herdou os atributos da Mãe dos Deuses-Cibele e passou a chamar-se *Maria Mãe de Deus* (quando Maria foi apenas mãe de Jesus-homem); com o contributo da Criadora-Iasura ficou *Mãe do Criador, Mãe dos Homens, Omniparens*; com os atributos de Cibele-Celestis e da Astarté fenícia passou a *Rainha dos Céus*; com o culto de Adonis, ficou *Senhora do Pranto, da Soledade, da Piedade, Santa Macarena*.

<sup>2</sup> Ernest Renan, *São Paulo*, 1927, p. 217

Os cultos dos rurais e dos escravos invadiram o cristianismo conferindo-lhe um cariz novo (talvez uma renovação) de tal ordem que ficou irreconhecível: era crístico e austero (paulista) passou a ser matriarcal e festivo; era secreto, elitista (para os eleitos) e iniciático passou a ser de multidão. Esta mudança funcionou igualmente como uma reacção à cultura oficial e dominante que era patricial e patriarcal.

Sabemos hoje que as conversões colectivas são farsas colectivas porque se procede à transposição das simbólicas e dos ritos proibidos para a religião dominante, continuando a antiga a praticar-se sob a cobertura da nova. Mas na época de Constantino foi tudo ainda mais confuso: sendo Roma uma babel de línguas e de culturas, e imensa a variedade de escravos e de deportados do Oriente e do Ocidente desintegrados da sociedade e desinformados das mudanças oficiais, a grande massa dos seguidores dos cultos proibidos nem se devia ter dado conta da mudança oficial, tanto mais que a religião cristã passara a instalar-se nos locais dos outros cultos. A escassez de clero devia ter subido em flecha com este aumento da cristandade, o clero formado na velha escola catecumenal não bastava. Antes disso, a admissão ao sacerdócio e ao bispado já se fazia por meio de simples profissão de fé do candidato e dum petição da plebe (ou do poder local); sagravam-se sacerdotes e bispos para todas as aldeias que o desejassem. Na Península vemos bispos cristãos acusados de *libeláticos* (portadores dum atestado de religião pagã) a dirigir as comunidades cristãs com o encorajamento do Papa. Os membros das classes sacerdotais das religiões proibidas, uma vez “convertidos”, teriam sido admitidos nas ordens cristãs (já os víamos durante as perseguições, com muito mais razão sob Constantino e os seus sucessores). Havia que aproveitar a conjuntura política favorável e difundir a Religião com o Império. Assim irromperam o culto mariano e o culto dos santos.

No Oriente, porém, nunca se perdeu de vista o debate teológico entre as elites. Quanto aos judeus, que esperavam pela vinda de um messias-rei, não reconheceram Cristo por não corresponder aos requisitos, segundo eles. Na esteira do judaísmo, seis séculos depois de Cristo, surgiu entre os semitas, com base na cultura patriarcal dominante, uma religião essencialmente masculina e patriarcal que é o islamismo.

Como vimos, existia um fosso entre o cristianismo oriental e o romano por um lado, e entre o popular e o teológico por outro, no que respeita à posição de Maria. Os Evangelhos apócrifos, sírios e asi-

áticos (de origem popular) são matricêntricos enquanto os canônicos são cristocêntricos; o culto de Maria não é cristão-apostólico. É possível que as mulheres tenham ocupado um lugar importante na vida de Jesus mas os Evangelhos canônicos têm Maria em pouca conta e isso demonstra-se pelas referências dos Evangelhos às relações de Jesus com a sua mãe; essas relações - que são apenas quatro momentos - são-nos sugeridas como frias ou inamistosas, e não justificam o culto católico de Maria. Vejamos:

A primeira referência é o extravio (ou fuga) de Jesus em Jerusalém: tendo levado Jesus com a idade de doze anos à cidade, os pais perderam-no de vista; foram encontrá-lo no templo a discutir com os doutores da Lei. Disse-lhe Maria: "Porque nos fizeste isto? O teu pai e eu procuramos-te com ansiedade". Ao que ele respondeu: "Porque me buscais? Não sabeis que importa ocupar-me das coisas que são do serviço do meu pai? Mas eles não entenderam estas palavras" (*Luc:2:46*).

Segunda referência: Aos trinta anos, tendo sido Jesus e a sua mãe convidados a uma boda em Caná, Maria notou que o vinho faltava e disse a Jesus: "Eles não têm vinho" e Jesus respondeu-lhe: "Mulher que tenho eu a ver com isso? Ainda não chegou a minha hora". Maria disse no entanto aos mordomos que fizessem tudo o que ele disesse e Jesus mudou a água em vinho (*João 2:3-4*).

Numa terceira, estando Jesus a prègar, um dos presentes anunciou-lhe: "Estão lá fora a tua mãe e os teus irmãos que procuram por ti", ao que Jesus respondeu: "Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?" E estendendo a mão sobre o povo: "Eis a minha mãe e os meus irmãos" (*Mat. 12:46*).

Numa quarta, pregado na Cruz, Jesus dirige-se à mãe indicando João: "Mulher eis o teu filho", e a João: "Filho, eis a tua mãe" (*João, 19:26*) o que costuma interpretar-se como uma proposta de adopção de João por Maria e vice-versa. São as únicas referências às relações filho-mãe nos textos canônicos, e isso não justifica de modo nenhum a mitologia mariana e a importância de Maria no catolicismo. O culto de Maria não se justifica pelo cristianismo. O culto popular de Maria não assenta nos textos teológicos mas nos arquétipos da Mãe e da Mulher. Diriam alguns que os fundadores do culto mariano foram os discípulos de São João que foi um sublime visionário que se instalou numa ilha do Mediterrâneo, um poeta platónico, um saudosista. No entanto, os primeiros missionários de Maria foram os sírios (descendentes dos fenícios), emigrantes, vagabundos e desajustados à realidade, que trans-

portavam a senhora Iasura peregrina de aldeia em aldeia anichada nas costas dum burro. Mil e quinhentos anos depois, os ibéricos reencontraram a paixão dessas ancestrais vagabundagens, instalaram a imagem da Senhora na proa dos barcos, e ela floresceu no Novo Mundo.

### CULTO MARIANO PRIMITIVO

O culto católico de Maria, os seus dogmas e festas mais antigos vieram da Síria, é um dado básico da história do cristianismo.

Segundo os mais antigos textos populares do cristianismo, o culto de Maria existiu nas assembleias cristãs da Síria e da Asia Menor (actual Turquia) desde os tempos apostólicos, nomeadamente nas Igrejas que se reclamavam de serem fundadas pelo apóstolo João; diríamos com mais segurança que o culto de Maria se propagou com a segunda geração de cristãos. A ideia das primeiras festas marianas partiu destas comunidades para toda a cristandade; as referências a essa origem são explícitas; são Antioquia (na Síria, onde foi dado pela primeira vez o título de “cristãos” aos discípulos de Jesus) e Éfeso (na Frígia, actual Turquia) que se honram de ser o berço do culto mariano que é hoje o de todo o mundo católico. Efeso era um centro religioso de grande importância, pelo santuário de Diana (ou Artemis). São Paulo interessou-se especialmente pelos seus habitantes conhecendo a sua dedicação à vida religiosa; tanto entrava na sinagoga como no santuário de Diana de cujo comércio vivia uma parte da população.

Foi em Éfeso, a cem quilómetros de Pessiononte, em pleno país da Mãe dos Deuses, que foi oficialmente proclamado o dogma segundo o qual Maria é “Mãe de Deus” (ano 431).

Iniciados nos mistérios cristãos, os membros das comunidades sírias e frígias que aderiram ao cristianismo desde as primeiras viagens apostólicas, curiosos por conhecer as fontes do cristianismo, solicitaram aos anciãos que haviam sido discípulos dos apóstolos que lhes dessem informações, depoimentos directos, sobre o que deles ouviram no que respeita a Maria. Segundo os textos apócrifos. Um dos que responderam foi Meliton, bispo de Sardes, que fora discípulo do apóstolo João. A cidade de Sardes - que distava uns cinquenta quilómetros do santuário de Pessinonte - era conhecida de São João que lhe dirigiu no Apocalipse uma mensagem sibilina aconselhando os fiéis à castidade, o que faz lembrar o voto dos Gallos: “Ao anjo da igreja de

Sardes: assim fala o que possui os sete espíritos de Deus e as sete estrelas; eu conheço a tua conduta [...] Alguns no entanto não mancharam as suas vestes, eles acompanhar-me-ão de branco porque são dignos. O vencedor estará vestido de branco, e eu não apagarei o seu nome do Livro de Vida, mas responderei por ele diante de meu Pai e diante dos Anjos. Quem tem ouvidos que entenda o que o Espírito diz às igrejas.” (Ap. 3: 1-6).

O depoimento do bispo de Sardes é conhecido por *Livro da Passagem de Maria* e começa nestes termos: “ Meliton, servidor de Jesus Cristo, bispo da igreja de Sardes, aos nossos veneráveis irmãos estabelecidos em Laodiceia, saúde e paz. Vós perguntais-nos o que aprendemos do Apóstolo João; vamos escrevê-lo e dirigi-lo à vossa fraternidade, acreditando não nos dogmas que espalham os heréticos mas no Pai que está no Filho e no Filho que está no Pai, à pessoa tripla na divindade e à substância não dividida” (refere-se aos maniqueístas que negavam a Trindade). Depois de lembrar as relações entre o Apóstolo João e Maria mãe de Jesus, conta histórias sobre Maria e expõe detalhadamente em vários capítulos as circunstâncias da sua morte, a não corrupção do seu corpo e como este foi transportado ao céu (Assunção de Maria).

Um outro depoimento de um sírio é conhecido por *Livro Árabe da Passagem da Bem-aventurada Maria*; refere novos factos no tocante à não-corrupção do corpo e à sua assunção e transcreve “orações de Maria a Jesus em favor da Humanidade” em que ela aparece como “medianeira entre Deus e os Homens”. O livro tem depois a particularidade interessante de justificar o culto mariano pelas aparições e pelos milagres que a “Bem-aventurada Maria faz depois da sua morte ouvidos de pessoas dignas de fé”. Estes relatos de aparições e de milagres são do mesmo estilo que o dos quadros de milagres (ou ex-votos) portugueses dos séculos passados que cobriram as paredes das capelas e ao dos mitos das aparições marianas que conhecemos entre nós. O culto popular de Maria na Ásia Menor no século II<sup>o</sup> já era o actual culto mariano popular da Península Ibérica.

O autor do *Livro da Passagem* diz que, como fórmula de culto, os fiéis da Ásia Menor instituíram três festas para honrar Maria, as primeiras festas marianas, festas agrárias, que ainda existem no nosso meio rural. Até esse momento, as festas cristãs eram as judaicas, a Páscoa e o Pentecostes, exclusivamente litúrgicas.

Diz o *Livro da Passagem*:

“De diversas cidades e dos discípulos que estavam em Roma, foram enviadas cartas a Pedro, a Paulo e a João para lhes pedir que anunciassem o que conheciam sobre a Bem-aventurada Maria; foi por meio deles que se publicitaram os milagres feitos por Maria e se soube que ela tinha aparecido a muitas pessoas dignas de fé. Eis alguns desses milagres:

“Havia no mar 92 navios que estavam a ser levados por fortes ventos e pelas ondas; então os marujos invocaram Maria e logo esta lhes apareceu; nenhum dos navios se afundou e eles foram salvos.

“Uns viajantes foram surpreendidos pelos ladrões que queriam despojá-los; eles invocaram Maria que lhes apareceu, fulminou os ladrões e cegou-os; os viajantes continuaram a viagem, sãos e salvos e, na sua alegria, louvaram o Senhor.

“Uma viúva tinha um filho único que, tendo ido buscar água, caiu no poço e a mãe gritou: ‘Oh santa Maria, assiste-me e livra o meu filho!’ E logo a bem-aventurada Maria lhe apareceu, retirou o filho e este não se afogou.

“Um homem, afligido havia dezasseis anos por uma doença, já tinha dado muito dinheiro aos médicos e não se curava; então lançou incenso sobre o fogo e rezou: ‘Oh Santa Maria mãe do Redentor, lança os olhos sobre a minha fraqueza e cura-me esta doença’. Então ela apareceu-lhe, pôs a mão sobre ele, tocou-o e ele ficou curado; foi à igreja e deu graças à Bem-aventurada Maria.

“Um grande navio cheio de homens foi quebrado pelo mar; e os marujos gritaram todos: ‘Tende piedade de nós, oh Virgem bendita!’ Ela apareceu-lhes e conduziu-os à terra sãos e salvos.

“Um grande dragão saído duma caverna lançou-se à frente de duas mulheres que iam em viagem e avançou para as devorar; elas dirigiam-se a Maria gritando: ‘Salva-nos!’ E logo a Bem-aventurada Maria lhes apareceu, bateu com a mão nas goelas do dragão, a sua cabeça fendeu-se até às orelhas e as mulheres seguiram caminho louvando a Deus.

“Um mercador havia pedido emprestado mil dinheiros para comprar mercadorias e, no caminho, perdeu a bolsa; apercebeu-se quando já estava muito distante do suposto lugar da perda. Pôs-se a bater na cara, a puxar pelos cabelos e a chorar; depois lembrou-se de implorar Maria e disse: ‘Oh bem-aventurada Maria assiste-me!’ Ela apareceu-lhe e disse: ‘Segue-me, não te aflijas!’ Seguiu-a e ela levou-o ao sítio onde encontrou a bolsa que ele apanhou com muita alegria. Depois foi aos seus negócios, louvando a Deus-todo poderoso e glorificando Nossa Senhora.

“Quando os discípulos souberam dos milagres que se realizavam em Roma e noutros sítios, louvaram a Deus, sentiram uma alegria extrema e escreveram as coisas que Maria fez durante a vida e depois da morte, e isto foi no ano 345 da era de Alexandre. Houve também muitos milagres noutras cidades cujo relato não chegou até nós; se a gente se informasse deles e os escrevesse, muitos livros não bastavam para os conter».

“Então os discípulos disseram: ‘Queremos celebrar a sua memória três vezes no ano porque sabemos que todos os anjos celebram a sua festa com alegria e que é por meio dela que a terra será liberta’. Então, para celebrar a sua memória, os discípulos fixaram o segundo dia depois da natividade do Senhor, para que os gafanhotos escondidos na terra morressem e que as searas prosperassem, para que os reis fossem protegidos por Maria e que não houvesse mais guerras entre eles.

“Fixaram o dia 15 do mês de Aiar [Maio] para que os insectos não saíssem da terra e não viessem destruir as searas, o que acarreta a fome e faz morrer os homens contra os quais Deus está irritado. Então [durante essa festa] os homens aproximam-se dos lugares santos rezando e chorando a fim de que Deus os livre dessas pragas.

“A terceira festa, enfim, foi fixada no dia 15 do mês de Ab [Agosto], que foi o dia da sua partida deste mundo, o dia em que ela fez milagres e o tempo em que os frutos amadurecem.

“Eles estabeleceram que, quando alguém apresentasse uma oferenda ao Senhor, a oferenda seria levada à tarde à igreja, que os sacerdotes deviam rezar sobre ela e dizer: ‘Nós estabelecemos os ritos segundo os quais os baptizados devem oferecer sacrifícios que tu, na tua bondade, preparaste para os que crêem...’” O *Livro da Passagem* conta depois uma aparição ao próprio apóstolo João que passa a ser o autor do discurso em que Maria trata João por “meu filho” e João a trata de “minha mãe”, depois termina: “O número de anos que a Virgem, Mãe de Deus, viveu sobre a terra foi de 59 anos; desde o seu nascimento até ao seu ingresso no Templo passaram-se três anos; ficou onze anos e três meses no Templo; trouxe no seu seio o Senhor durante nove meses e passou trinta e três anos com o Senhor enquanto o Senhor viveu; depois da sua ascensão ao céu passaram-se onze anos, o que faz 59 anos”<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> *Livro Árabe da Passagem da Bem-Aventurada Maria*, cap. VI.

Há quem conteste a antiguidade destes textos apócrifos, alguns dos quais serão invenções medievais. Aqui interessa-nos apenas lembrar que o culto mariano nasceu na Síria e na Ásia Menor, a partir dos cultos da Grande Mãe.

Duas das festas instituídas por esses discípulos síro-frígios são hoje das mais importantes no nosso meio rural; a primeira existiu entre os cristãos de Constantinopla tal como existe ainda em algumas aldeias portuguesas, e foi a antiga festa da Senhora da Conceição<sup>4</sup>. A festa do 15 de Aiar (iyar), entre 1 e 15 de Maio e instituída contra os insectos, encontra-se hoje em torno da festa móvel da Pascoela dispersa por uma pléiade de festas rústicas com os nomes de Senhora dos Verdes, dos Prazeres, do Monte, da Serra, dos Campos, da Goma, da Seiva, da Sesta, da Esperança, das Rosas etc.: nas aldeias de antiga religião judaica também se chamou *festa da Santa Rainha Ester*. É das festas agrárias mais arcaicas que conhecemos em Portugal; caracteriza-se por idas aos montes onde foram construídas capelas em honra da Senhora e pode incluir bodos, distribuição de pães. Sendo o início do calor, a festa marcava o primeiro dia de sesta (direito a uma hora de repouso para os trabalhadores do campo) e dormia-se a primeira sesta do ano nos arredores do santuário; era também o dia em que os jovens “encontravam um namoro”. Regressava-se com flores silvestres “contra os insectos”. A importância da festa mariana popular da Pascoela, no nosso meio, fez com que o rei João V solicitasse a Roma a sua oficialização para a igreja portuguesa com o nome de *Prazeres de Nossa Senhora* que já era um dos nomes<sup>5</sup>. A 1 de Maio temos as Maias em favor das culturas e a 3 de Maio, a festa das Cruzes que continua a ser justificada “contra os insectos ou pragas agrícolas”, sendo Maio o “mês de Maria” e das flores. A 1 de Maio também existiu a festa litúrgica “da Maternidade de Maria” (leia-se fecundidade da Terra).

A terceira festa, a 15 de Agosto (“dia em que ela subiu ao céu e quando os frutos da terra amadurecem”) é a festa mais popular de Portugal desde os mais antigos tempos, a “Santa Maria de Agosto” que foi o meio do ano agrícola que começava em Março. Substituiu a festa

<sup>4</sup> Certas aldeias (exemplo: Alfirim, Sesimbra) festejam Nossa Senhora da Conceição a 26 de Dezembro.

<sup>5</sup> O termo *Prazeres* pode ser uma deformação linguística: em ugarítico (fenício antigo) *peras erez* significa “rito da terra” e “irromper da terra”, como diz o texto sírio, “para que as lagartas não saiam da terra e venham destruir as searas”. Tendo a festa um cariz hierogâmico, ficou-se no nome *Prazeres*.

de Diana/Artemísia como vimos. A esta Santa Maria de Agosto foram dedicadas as catedrais das dioceses portuguesas e inúmeras igrejas e capelas. O 15 de Agosto é ainda o dia em que mais festas há neste país, grandes romarias marianas em antiquíssimos santuários rústicos. Tendo a festa esta antiguidade, o dogma da Assunção de Maria só foi pronunciado em 1950 por Pio XII. É seguro que a origem do dogma da Assunção seja siro-frígia mas o papa justificou-o unicamente pelos “textos litúrgicos, teológicos e na fé da Igreja”, sem citar as verdadeiras fontes (é que a Síria deixou de ser cristã).

Quanto à liturgia oficial, a primeira festa católica instituída em honra de Maria foi a festa da Purificação de Maria, a 2 de Fevereiro, chamada festa das Candeias, das Luzes ou Candelária. Teve origem em Antioquia, costa siro-fenícia, e foi integrada na liturgia católica nos fins do séc. IV pela igreja romana. Ainda consiste numa procissão com lamparinas ou velas nos adros das igrejas, sendo as velas ou o azeite das lamparinas levados para casa, por se lhes atribuírem virtudes curativas. Ora, festa das *Luminárias* no princípio da primavera, era como se chamava a festa da Deusa Síria-Iasura de Luciano na qual os fiéis organizavam uma procissão com archotes no adro do templo de Hierápolis e transportavam árvores que deviam ser pinheiros, emblema da vegetação perene. Relacionava-se com o regresso da vegetação. A festa das Candeias foi muito popular no passado, um dia santificado até recentemente tanto em Portugal como em França (*La Chandeleur*, onde se teria difundido pela obra dos sírios). Com a festa da Purificação de Maria ou das Candeias celebra-se o seguinte episódio evangélico (notem-se os sublinhados):

“E quando chegaram os dias para a sua purificação (de Maria, mãe de Jesus) segundo a Lei de Moisés [*Lev. 12-2*], os pais levaram o Menino para o apresentar ao Senhor, porque está escrito na Lei do senhor ‘Todo o rapaz primogénito será consagrado ao Senhor [*Ex. 13-2*]’ e para oferecer um sacrifício porque está escrito ‘um par de rolas ou duas **pombas novas** [*Lev. 5: 7*]’. E eis que se encontrava em Jerusalém um homem chamado **Syméon**. Era um homem justo e piedoso que esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo do Senhor repousava sobre ele. E ele tinha sido avisado pelo Espírito Santo que não veria a morte sem primeiro ter visto o Cristo [eleito, ungido, enviado] do Senhor. Veio portanto ao templo impelido pelo Espírito Santo e quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir a Lei a seu respeito, ele tomou-o nos seu braços, bendisse a Deus e exclamou:

Agora, soberano Senhor,  
 já podes, segundo a tua palavra,  
 deixar o teu servo ir em paz  
 porque os meus olhos viram a tua salvação  
 que tu preparaste face aos povos,  
 luz para iluminar as nações  
 e glória do teu povo Israel

O pai e a mãe estavam estupefactos por tudo o que se dizia dele. Syméon abençoou-os e disse a Maria sua mãe: ‘Esta criança deve trazer a queda e o levantamento de um grande número de pessoas em Israel; ele será um sinal de contradição: quanto a ti, uma espada traspassará a tua alma, a fim de que se levantem os pensamentos íntimos de muitos corações’ (*Luc.* 1:22-30).

Note-se a presença das pombas neste rito. Note-se também a perturbante coincidência do nome do profeta Syméon e do nome Séméion que era o do misterioso objecto do templo de Hierápolis relacionado com “pomba” e com “água”. Por todos estes elementos, a festa das Candeias instituída pelos cristãos sírios é a festa das Luminárias da Deusa Síria a Criadora.

A segunda festa que o catolicismo instituiu em honra de Maria foi a festa da Anunciação ou Encarnação, a 25 de Março; celebra este episódio evangélico: “No sexto mês [da concepção de João Baptista por Isabel, prima de Maria], o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma povoação da Galileia, a uma virgem namorada de um homem chamado José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Ele entrou e disse: ‘Salvé, cheia de graça, o Senhor está contigo!’. Com esta palavra ela ficou perturbadíssima e interrogava-se sobre o que significava esta saudação. E o anjo disse-lhe: ‘Não tenhas medo, Maria, porque mereceste o favor de Deus. Eis que conceberás no teu seio e terás um filho, e chamá-lo-ás Jesus. Será grande, e será chamado filho do Altíssimo. O senhor-Deus dar-lhe-á o trono de David seu antepassado; ele reinará sobre a casa de Jacob pelos séculos e o seu reino não terá fim’. Maria disse ao anjo: ‘Como pode isso ser se eu não conheci homem?’ O anjo respondeu-lhe: ‘O Espírito Santo virá sobre ti e a potência do Altíssimo te tomará sob a sua sombra; por isso mesmo o ente santo que nascerá será chamado Filho de Deus; e olha: Isabel, tua parenta, também acabou de conceber um filho na sua velhice, já está no seu sexto mês, ela que as pessoas diziam estéril; a Deus nada é

impossível'. Maria disse então: 'Eu sou escrava do Senhor, que isso me aconteça, segundo as tuas palavras'. E o anjo deixou-a" (*Luc. 1: 26-38*).

A data da festa da Anunciação ou da Encarnação, no equinócio da Primavera, decalcou-se sobre o culto da Mãe dos Deuses frígia e romana: o 24 de Março era o *Dia do Sangue* e dos tauróbulos, e era o dia em que os *mystes*, numa vigília iniciática, tomavam posse da Mãe, *a sua noiva gloriosa, no tálamo do santuário*. Sabemos também que o concílio de Toledo, em 665, declarou este dia santo para a Ibéria (o que supõe que já tivesse uma adesão de massa) quatro séculos antes de ser uma festa universal para toda a Igreja.

Assim vemos o culto de Maria decalcado sobre o da Grande Mãe dos Deuses do Mediterrâneo oriental.



## Capítulo 7 O MITRAÍSMO

### OS SÍMBOLOS

Lado a lado com a Magna Mater, outra religião fortemente implantada era o mitraísmo. Diz Renan: «Poder-se-á dizer que, se o cristianismo fosse atingido no seu crescimento por uma qualquer doença mortal, o mundo teria sido mitraísta. Mitra prestava-se a todas as confusões com Athis, com Adonis, com Sebasius e com Mani (deus dos gnósticos)». Por um pouco, diz Franz Cumont, a seita mazdeísta tornava-se a religião predominante do Império»<sup>1</sup>. Apesar de ter conhecido no séc. IV uma implantação tão vasta como o cristianismo, chegou tardiamente à Península, confundida com o cristianismo, influenciando as primitivas liturgia e teologia cristãs dos galegos e lusitanos.

Mitra foi uma divindade solar da Pérsia conhecida desde o séc. VI a.C.<sup>2</sup>. O seu culto estendeu-se primeiro para a Índia, depois para a Arménia e a Ásia Menor donde passou para Roma e o Ocidente desde o séc. I a.C. Situava-se abaixo de Aura Mazda ou Ormuzd (o Bem, a Luz) e era paredro de Anahita, a Lua, deusa do elemento aquático e da vegetação, constituindo uma trindade. Tem muitas afinidades com o cristianismo, segundo todos os autores. Mitra foi um *christos* (enviado, messias) com a função de iluminar e ordenar a humanidade em oposição a Arriman, a Treva, o Caos. Participa assim das simbólicas dualistas persas e, depois, maniqueístas em que à Luz se opõe exclusivamente a Treva, e ao Bem o Mal. Em acadiano (antiga língua da região) *Mithra* significa «recíproco, contratual», significação que sintetiza os princípios de honra, hombridade, justiça. Mitra tomou a forma

<sup>1</sup> *Les Mystères de Mithra*, ed. 1899, p. VI.

<sup>2</sup> O mitraísmo encontra-se hoje relativamente bem estudado. Referimos estes autores acessíveis: Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, Paris, Les Introuvables - Editions d'Aujourd'hui, fac-simile da ed. de 1913), *Les religions orientales dans l'empire romain*, o.c., Robert Turcan, *Mithra et le Mithriacisme*, Paris, Les Belles Lettres, 1993, p.36-37 V. e um português, Prof. Almeida Paiva, *O Mitraísmo*, prefácio de Teófilo Braga, Porto, ed. José dos Santos, 1916.

humana mas não encarnou numa mulher: nasceu duma pedra, dum ovo de pedra (*petra genitrix*, pedra-mãe), numa gruta, a 25 de Dezembro (solstício do Inverno), dia do *natalis dei invicti* (natividade do deus invicto). O nascimento da pedra significava que o deus era um centelha de fogo que se produz pela fricção da pedra, um enviado da Luz que era Aura Mazda. O seu nascimento fora anunciado por uma profecia de Zoroastro segundo a qual uma estrela nova anunciará a vinda do messias. Os pastores foram os seus primeiros adoradores na gruta onde nasceu. Cresceu sozinho, sem tutores humanos, alimentando-se de frutos significando com isso que um deus não necessita dos homens para viver. Mitra travou uma epopeia heróica contra o Mal e a Natureza selvagem (simbolizada num Touro). Tal como não teve necessidade duma mulher para nascer, e porque era deus, não passou pela morte: depois da sua epopeia ascendeu em corpo e alma num carro de fogo ao céu onde se juntou ao Sol (substituindo-o) e daí o seu título, *Sol Invicto*, omnipresente nas inscrições. Mitra tomou o lugar do deus Sol dos semitas. É o «Salvador da criação»<sup>3</sup>. Primitivamente, era um puro espírito, Senhor da Luz Celeste e, com a prática da religião, acabou por ser indentificado com o Sol-astro, governador do mundo. Nas inscrições encontradas em centenas de sítios é citado com os títulos Omnipotente, Deus Invicto, Senhor do Tempo, Deus Insondável... A sua epopeia tem pontos comuns com as de heróis antigos como Gilgamesh caldaico e Melkart/Héracles fenício conhecidos desde o séc. XX a.C., com a diferença de Mitra ser um deus enviado enquanto aqueles foram homens divinizados.

Representava-se, como um estereótipo, sob a forma do «*taurótono*» (matador do touro): sobre um touro com as patas no chão e o focinho levantado, um jovem com um barrete frígio e o manto esvoaçando para trás sugerindo movimento ascensional, o joelho esquerdo apoiado no cachaço do touro, o pé direito a calcar a pata direita traseira, a mão esquerda a pegar-lhe no focinho e a direita a espetar-lhe uma faca no pescoço; de cada lado, uma figura masculina com um facho ardendo ao alto (*Cautes*) e uma outra com o facho a arder na posição invertida (*Cautopates*) - são hipostases de Mitra que se mantém vigilante dia e noite. Esta cena do *taurótono* presidia aos templos, na parede frontal, rodeada de outras cenas da epopeia de Mitra. Nos cantos de cima, em medalhões, o Sol e a Lua. Não era uma imagem de veneração mas uma alegoria ou parábola catequética.

<sup>3</sup> Robert Turcan, *Mithra et le Mithriacisme*, p. 98.

O touro animal bravo e indomável simbolizava a Natureza desordenada sob o domínio de Arriman, as trevas, o caos. Segundo a doutrina sugerida nos monumentos, do corpo do touro abatido nasceram todas as plantas e ervas salutares que cobriram a terra de verdura. Da medula da espinha dorsal e da chaga aberta nasceu o trigo, do seu sangue nasceu a vinha. O sêmen do touro recolhido e purificado pela Lua produziu todas as espécies de animais úteis enquanto Arriman lançou contra o touro abatido os animais das trevas, serpentes, formigas e escorpiões. Aura Mazda confiou-lhe a manutenção da ordem natural; Mitra foi um *christos* (messias, enviado). «Para falar a linguagem filosófica da época, ele é o Logos emanado de Deus e parte integrante da onnipotência de Deus que, depois de criar o mundo, continuou a velar sobre ele. A vitória primitiva de Arriman não reduziu Aura Mazda à impotência. A luta entre o Bem e o Mal prossegue na terra entre os emissários do soberano do Olimpo e os do príncipe das Trevas. Mitra é o ordenador do Universo»<sup>4</sup>, o Senhor da Luz celeste que premeia o bem e garante aos mortos a vida eterna com uma ressurreição no fim dos tempos.

## TEMPLOS E CULTOS

O mitraísmo era uma religião misteriosa e mística. Os templos eram criptas abobadadas imitando grutas primitivas mas profusamente iluminadas simbolizando a esfera celeste e o útero da terra. Todos os templos, da Índia à Escócia, tinham uma estrutura idêntica: um espaço subterrâneo com uma entrada guardada por duas estátuas; na parede de fundo, a efígie do *taurótono*; diante deste, um altar separado da parede para o fogo perpétuo ladeado por duas estátuas; ao longo das paredes laterais, uma ou duas filas de mesas com bancos corridos. Um templo mitraico «não era, como os templos greco-romanos, a casa dos deuses mas um lugar de comunhão entre os homens e os deuses»<sup>5</sup>. Cada local albergava um número restrito de pessoas (menos de cem) mas suficiente para «a intimidade duma grande família» segundo Cumont. Os templos podiam incluir uma piscina ou situavam-se perto dos rios ou duma fonte perene para o baptismo dos neófitos<sup>6</sup>. Outros

<sup>4</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 141.

<sup>5</sup> Robert Turcan, *Mithra et le mithriacisme*, p. 103.

<sup>6</sup> M. J. Vermaseren, o.c. p. 499.

símbolos que rodeavam o taurótono eram o sol, a lua, a serpente, o corvo, o barco e o leão<sup>7</sup>, relacionados com os «quatro elementos» uma vez que Mitra era o *cosmocrator* (senhor do universo) reinando também sobre os sete planetas e os doze signos do Zodíaco<sup>8</sup>; é a mesma mística astral que vamos encontrar no priscilianismo. Os autores explicam a presença do corvo pelo facto de ter sido essa ave quem lhe anunciou o momento em que devia sacrificar o Touro sendo o corvo, no mito, o «mensageiro do sol».

Segundo os autores, o culto dos templos era reservado exclusivamente aos homens, sem a participação das mulheres<sup>9</sup>. Desenvolvia uma mística individualista (no sentido sociológico, que apelava ao indivíduo) promotora da disciplina e da honestidade pessoal com base numa relação contratual entre Deus e o indivíduo, como o judaísmo ligado a Deus por um contrato ou promessa. Tinha os favores dos militares, políticos, funcionários, comerciantes e artífices de várias profissões, nomeadamente metalúrgicos e salineiros que podiam ser de condição modesta, profissões essas que são uma constante nos achados arqueológicos<sup>10</sup>. Mitra era o juiz dos contratos e o premiador da verdade, da honradez, da coragem viril dos combatentes (na guerra e no circo) e da honestidade dos empresários, com muitos laivos de puritanismo e de ascese sexual. «A resistência à sensualidade era um dos aspectos do combate do Bem contra o princípio do Mal. O sistema dualista do mitraísmo (a luta entre o Bem e o Mal, luz e trevas) era particularmente apto a favorecer o esforço individual e a desenvolver a energia humana. Os mitraístas não se perdiam, como outras seitas, num misticismo contemplativo. O bem residia na acção. Avaliavam mais a força do que a doçura e preferiam a coragem à mansidão. Do seu longo comércio com os cultos bárbaros talvez tivesse ficado no seu espírito um fundo de crueldade. Era a religião característica dos soldados:

<sup>7</sup> Nos templos também havia uma estátua *leontocéfala*, um monstro de corpo humano com cabeça de leão e enrolado por uma serpente: equivalia ao *Chronos* romano (o Tempo).

<sup>8</sup> M.J. Vermaseren, o.c. p. 500.

<sup>9</sup> Para afirmarem esta exclusividade os autores fundamentam-se no facto de não aparecerem mulheres nas dedicatórias a Mitra nem referências a elas nos graus místéricos. Mas podemos supôr que às mulheres estaria reservada apenas uma posição subalterna, um culto doméstico, sem relevância pública, como se passa no islão e no judaísmo ortodoxo.

<sup>10</sup> Robert Turcan, *Mithra et le mithriacisme*, p.39.

exaltava as virtudes viris e militares (...). Defensor da verdade e da justiça, protector da santidade e do antagonismo entre as potências infernais, Mitra é a 'divindade ajudadora que ninguém invoca em vão', o 'porto seguro', a 'âncora de segurança dos mortais nas suas atribulações' o 'companheiro forte que sustem o fraco', o 'invicto', o 'insuperável'; tais são as ideias que vêm continuamente nas inscrições»<sup>11</sup>.

Os adeptos dividiam-se por sete graus equivalendo às «sete esferas planetárias» aos quais ascendiam por ritos iniciáticos que implicavam transmissões de segredos<sup>12</sup>. Os iniciados ficavam ligados por um juramento. Segundo um mosaico de Óstia e também a partir das críticas de Orígens<sup>13</sup>, ficamos a saber que a teologia defendia a origem astral da alma, teoria que se encontra também nos Apócrifos do Antigo Testamento (Livro de Henoc, por exemplo) e que foi igualmente a do priscilianismo luso-galaico. Segundo essa teologia, «a alma que entra no corpo humano procede das sete esferas planetárias; ao atravessar essas sete esferas recebe as qualidades respectivas dos planetas. Quando a alma se liberta do corpo pela morte torna a atravessar as esferas dos planetas em sentido contrário e vai dispendo dessas qualidades antes de retornar à luz eterna»<sup>14</sup>. Durante a vida, o *myste* prepara-se para esta viagem através dos céus, tomando parte no culto. É verossímil que cada vez que ascendesse a um grau superior passasse por uma iniciação e uma consagração especiais.

O culto comum consistia em cânticos (cujo conteúdo se ignora), em ágapes em que se consumia carne de animais abatidos num anexo da cripta (touro e carneiros). Tinha sacramentos semelhantes aos

<sup>11</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 143.

<sup>12</sup> Os graus nomeavam-se *Coraz* («corvo», protegido pelo planeta Mercúrio), *Ninphus* («noivo», planeta Venus), *Miles* («soldado», planeta Marte), *Leo* («leão», planeta Júpiter), *Perses* («persa», planeta Lua), *Heliodromus* («mensageiro do sol», planeta Sol), e *Pater* («pai», planeta Saturno), M.J. Vermaseren, o.c. p. 501. Segundo Tertuliano, o grau do *miles* era marcado com um sinal na fronte e oferecia-se-lhe uma grinalda com a ponta da sua espada, colocando-a depois sobre a sua cabeça; o iniciado tinha que retirá-la com a mão deixando-a cair sobre o ombro dizendo ao mesmo tempo 'Só Mitra é a minha coroa'. Firmicus refere uma fórmula que os autores consideram componente da iniciação do grau de *noivo*: «Olha desposado! Salvé, desposado! Salvé, jovem luz!», comentando: «Porque precipitas assim um jovem no abismo? Não há aí luz e ninguém que mereça chamar-se desposado» (Firmicus, *De Errore*, XIX, 1).

<sup>13</sup> *Contra Celsum*, 6, 22, cit. por M.J. Vermaseren, l. c.

<sup>14</sup> M.J. Vermaseren, o.c. p. 501.

católicos (anteriores a estes): um baptismo (depois dum período de catecumenato) celebrado numa piscina existente nos templos ou num rio próximo<sup>15</sup>, uma espécie de confirmação na idade juvenil com uma unção de óleo na testa (pelo menos ao grau do «soldado»), uma *eucaristia* com pão, água e vinho para comemorar o banquete de Mitra com o Sol (o pão era ritualmente partido em quatro partes)<sup>16</sup>, uma ordenação para os sacerdotes (chamados *magos*) e ritos funerários «para que os mortos pudessem esperar em paz o dia da ressurreição»<sup>17</sup>. Sabemos da existência destes sacramentos mitraístas através das pinturas dos templos e de autores cristãos; São Justino (séc.II) depois de explicar ao imperador como se faz na eucaristia cristã, diz: «Se o mesmo se passa nos mistérios de Mitra é porque os maus demónios, imitando a instituição de Cristo, o ensinaram a fazer; porque vós sabeis ou podeis saber que o pão e o cálice cheio de água, com certas palavras que sobre eles se dizem, fazem parte das cerimónias da iniciação»<sup>18</sup>. E Tertuliano (séc. II d.C): «O demónio aplicara à adoração dos deuses aquilo mesmo em que consistem os sacramentos de Cristo (...). Também ele (Mitra) baptiza os seus adoradores e lhes faz crer que desta arte os purifica dos seus delitos (...). Eles celebram a oblação do pão»<sup>19</sup>. Os sacerdotes, chamados primitivamente *magos* (em Roma, *patres*) constituindo uma corporação estratificada, distinguiram-se dos fiéis pelo uso dum báculo, dum foice, dum anel, dum barrete frígio e dum rolo de papiro que os assemelhava aos «mestres dos mistérios sacros», representados dessa forma nos monumentos<sup>20</sup>; competiam-lhes as fun-

<sup>15</sup> M. J. Vermaseren, o.p. 499.

<sup>16</sup> Segundo consta dos baixo-relevos: «Colocava-se diante dos iniciados dispostos em grupos de dois estendidos sobre almofadas um prato com quatro pães pequenos marcados com duas ranhuras em cruz para poderem ser partidos; um oficiante estendia-lhes uma taça. Estes ágapes eram uma comemoração ritual do festim que Mitra celebrou com o Sol antes da sua ascensão», Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 163.

<sup>17</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 181.

<sup>18</sup> São Justino, *Apologia I*, nº 66.

<sup>19</sup> Prof. Almeida Paiva, *O Mitraísmo*, p. 50-61 que refere as fontes.

<sup>20</sup> M.J. Vermaseren, in C.J. Bleeker y G. Widencren (cord.), *Historia Religionum, Manual de História de las religiones, I Religiones del pasado*, Madrid, Ed. Cristiandad, p.498. Se imaginarmos que o báculo se une à foice, temos o báculo dos bispos católicos. O barrete frígio podia ter dado a mitra episcopal mas os sacerdotes de outras religiões usavam um ornamento idêntico na cabeça, para sugerir autoridade e respeito (ou medo).

ções de iniciação dos neófitos, a organização dos ofícios, a manutenção do fogo inextinguível sobre o altar e eram especialistas em astrologia. Rezava-se três vezes ao dia: de manhã na direcção do Nascente, ao meio-dia virados para o Sul e ao crepúsculo para o Poente<sup>21</sup>. Era consagrado a Mitra o primeiro dia da semana, dia do Sol (donde o inglês *sunday*) tendo-o os cristãos convertido em *dies dominicus* (dia do Senhor) por volta de 340, por uma lei do imperador Constantino.

### O MEIO CULTUAL

Tendo a religião os favores das classes altas, o imperador Cómodo (180-192) fez-se iniciar nos seus mistérios; outros imperadores tiveram «capelães» mitraístas. Diocleciano, em 307, declarou Mitra *Factor imperii sui* (autor do seu império), tal como Juliano. «Os meios senatoriais de Roma contavam muitos adeptos de Mitra mas em concorrência com Cibele e Athis, Isis e Serapis, Hecate e Dionisos (...). As populações rurais escaparam-lhe completamente, como elas escaparam durante muito tempo à conversão cristã. Entretanto, porque excluía as mulheres, o culto inibia-se de atingir uma parte influente, se não religiosamente preponderante, do género humano»<sup>22</sup>. Em contrapartida libertava os escravos que se sentavam ao lado dos senhores nos ágapes culturais e até podiam ter um grau religioso superior ao dos senhores<sup>23</sup>; «as distinções marcadas dum sociedade aristocrática apagavam-se aí»<sup>24</sup>, e isto, contrariamente ao cristianismo ibérico em que os escravos não podiam ter cargos eclesiásticos superiores aos dos senhores como ficaremos a saber pelas Actas do Concílio de Elvira. O mitraísmo «afirmou-se nos portos, em todos os vales que constituíram eixos estratégicos e económicos importantes, ao longo as fronteiras ocupadas militarmente e em certos centros administrativos ou comerciais; nas Germânicas contam-se uma trintena de *mithraea*, nas províncias danubianas meia centena, mas os vestígios autorizam a

<sup>21</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 171.

<sup>22</sup> Robert Turcan, *Mithra et le Mithriacisme*, p.43. A exclusão das mulheres podia ser apenas da liturgia oficial, no templo, ou da vida pública como no islão.

<sup>23</sup> Franz Cumont aponta vários exemplos dessas promoções socio-religiosas, *Les Mystères de Mithra*, p. 83.

<sup>24</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 181.

duplicar estes números»<sup>25</sup>. Os principais difusores foram os militares; «O soldado romano era geralmente devoto e até supersticioso. Os perigos a que se expunha faziam-lhe procurar os favores celestes e um número incalculável de lápides votivas testemunha da vivacidade da sua fé e da variedade das suas crenças. Sujeitos a sucessivas deslocações, levavam consigo os cultos. É assim que os mistérios de Mitra trazidos para a Europa por recrutas meio-bárbaros da Capadócia se difundiram com grande rapidez até aos confins do mundo antigo»<sup>26</sup>.

Assinalam-se vestígios melhor ou pior conservados de várias centenas *mithraea* nas regiões norte e leste do Império, e muitas obras em museus, dando conta duma rede compacta de comunidades religiosas ao longo dos rios e nas fronteiras com os actuais países eslavos, na Gália, Roménia, Bulgária, regiões alpinas, Itália, Balcãs e Cartago. A rede mais cerrada de *mithraea* encontra-se nos países germânicos até à fronteira do Danúbio. Diz um autor moderno que «Só o cristianismo conhecerá semelhante expansão geográfica (...) enquanto a Península Ibérica não parece ter sido fortemente tocada por Mitra, salvo na Bética e em Mérida onde uma comunidade de fiéis atesta a sua vitalidade desde 155 d.C.»<sup>27</sup>. «A Espanha (península Ibérica) é o país mais pobre em monumentos mitraicos embora a conexão da sua presença com a das guarnições militares não seja menor. Sobre toda a extensão desta vasta península, onde se pressionavam tantas *civitatae* populosas, os monumentos mitraicos faltam quase completamente, mesmo nos centros urbanos mais consideráveis. Só a custo os podemos assinalar na capital da Lusitânia (Mérida) e em Terragona. Mas nos vales selvagens das Astúrias e da Galiza, o deus iraniano tinha um culto organizado; associaremos este facto à presença da *VIIª Legio Gemina* nesta região insubmissa durante muito tempo»<sup>28</sup>. Os autores modernos assinalam para o actual território português vestígios de três *mithraea*, um em Olissipo e dois ao sul do Tejo<sup>29</sup>. Um desses sítios é na ilha de Troia (Setúbal), no estuário do Sado; do *mithreum* resta um terreiro abaixo do nível do solo, ladrilhado e com mosaicos murais, paredes-meias com a actual capela da Senhora de Troia ou dos Prazeres. Com a capela cristianizou-se o local. No

<sup>25</sup> Robert Turcan, *Mithra et le mithriacisme*, p. 37.

<sup>26</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mitra*, p.42.

<sup>27</sup> Robert Turcan, *Mithra et le Mithriacisme*, p.36-37 V.

<sup>28</sup> *Les Mystères de Mithra*, p.59.

<sup>29</sup> Robert Turcan, o.c. p. 36.

*mithreum* figurava um baixo-relevo em que se vê o banquete de Mitra com o Sol, hoje no museu Etnográfico de Lisboa<sup>30</sup>. Era um porto fluvial numa região de salgas (de que se podem ver as ruínas) e de salinas. A margem oposta do Sado, hoje ocupada por indústrias e ainda por salinas, chama-se *Mitrena* que significava «região ou gente de Mitra» como hoje dizemos cristanidade para a terra de cristãos<sup>31</sup>. Jorge Alarcão dá notícia de «34 monumentos até agora (1983) registados (entre seguros e duvidosos): 21 provêm da Lusitânia, sendo 13 de Mérida (capital da Lusitânia), 6 do território actualmente português e 2 do território espanhol da mesma província. Os monumentos portugueses foram achados em Olissipo, Pax Julia (Beja) e Troia. Os dois monumentos de Olissipo são inscrições dedicadas ao Sol e à Lua por dois delegados de Augusto (...). Uma das mais importantes inscrições mitraicas encontrou-se em Pax Julia onde houve uma confraria (*sodalitium*) de naturais de Bracara residentes na cidade pacense»<sup>32</sup>.

Teófilo Braga atribui o desaparecimento do mitraísmo à «falta dum episcopado que mantivesse sob a sua autoridade individual a obediência da multidão incoerente e dispersiva dos crentes». E diz ainda que «Renan no seu belo livro *A Igreja Cristã* pôs em evidência este facto: 'O episcopado foi o esteio conservador e disciplinador do cristianismo. Este teria acabado ao fim de três ou quatro séculos, como o mitraísmo e tantas outras seitas a que não foi dado vencer o tempo'»<sup>33</sup>. Mas outros autores interrogam-se como é que uma religião pôde construir locais de culto tão idênticos da Índia à Escócia sem uma estrutura eclesiástica superior. Ora, o judaísmo, o islão e o protestantismo também não têm estrutura internacional nem episcopado «disciplinador». Para Cumont, o mitraísmo tinha um *handicap*: a ausência das mulheres. «Enquanto a maior parte dos cultos orientais atribuía às

<sup>30</sup> Leite de Vasconcelos diz: «Com quanto, a julgar pela sua importância geral, este culto devesse estar bastante propagado na Lusitânia, deixou aí poucos documentos embora importantes e são todos eles da Lusitânia espanhola (*Religiões da Lusitânia*, vol. III, ed. de 1981, p. 335). O *mithreum* de Troia só foi descoberto em 1926.

<sup>31</sup> Se *Mitrena* é do latim, as gentes da actual Mitrena também falaram a língua dos fenícios e dos púnicos (cuja matriz é o hebraico bíblico) porque a banda costeira da Mitrena onde se situa hoje um apeadeiro de comboio chama-se Cachofarra, palavra composta procedente de dois termos fenícios e púnicos: *kash ophar* (leit: *kachoufara*) que significam «costa, litoral + estepe, poeira, terra fina e seca», que correspondem exactamente à natureza geológica dos sítios.

<sup>32</sup> *Portugal Romano*, 1983, p. 182.

<sup>33</sup> Teófilo Braga, Prefácio a Prof. Almeida Paiva, *O Mitraísmo*, p. XV.

mulheres um papel considerável, por vezes predominante, e encontrava nelas zeladoras ardentes, aqui proibia-se-lhes a participação nos mistérios e privava-se assim do concurso destas propagandistas. Entre as centenas de inscrições que chegaram até nós nenhuma menciona nem uma sacerdotiza nem uma iniciada nem uma devota. A rude disciplina da ordem mitraica não lhes autorizava a conquistar graus nas coortes sagradas e, como entre os mazdeístas do Oriente, elas só obtinham um lugar secundário na sociedade dos fiéis. Uma religião que aspirava a ser universal não podia recusar o conhecimento das coisas divinas à outra metade do género humano». No entanto, dizemos nós, no islão também as mulheres não contam para nada nem participam das liturgias das mesquitas. Não vale a pena ir muito longe para descobrir as causas da morte do mitraísmo: ele desapareceu perante a avalanche do cristianismo intolerante. «Para abater o mitraísmo foram necessários os golpes terríveis do império cristão»<sup>34</sup>. Graciano expropriou em 382 todos os seus bens; Teodósio pôs um termo a todas as religiões pagãs. Nenhuma religião misteriosa, reservada apenas a alguns eleitos sejam eles os melhores que a sociedade produz, consegue resistir a uma religião de massas que confessa abertamente o fim das minorias e que se serve do Estado para as proibir. Mas, também, uma religião tão difundida não podia desaparecer completamente, apesar da perseguição.

## SINCRETISMO

«A história do mitraísmo, continua Cumont, não seria compreensível se abstraíssemos a sua política relativamente ao resto do paganismo. Para dar um alimento à devoção feminina, a religião contraiu em Roma uma aliança que contribuiu sem dúvida para o seu sucesso»<sup>35</sup>. E já mencionamos essa aliança: um sincretismo com a religião da *Magna Mater*, Mãe dos Deuses, Cibele. Renan também diz que «é nos anos 376-377 que encontramos o número mais considerável de monumentos levantados pelos adoradores da Grande Mãe e de Mitra»<sup>36</sup>, os dois cultos juntos no mesmo local; essa época corresponde à restauração da tolerância por Juliano e Cláudio. «Famílias senatoriais muito respeitáveis a

<sup>34</sup> Renan, o.c. p. 1036.

<sup>35</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 183.

<sup>36</sup> O.c. p. 1036.

ele ficaram ligadas; reconstruíram a expensas suas os *antros* destruídos e, à força de legados e de fundações, tentaram dar a eternidade a um culto ameaçado de morte»<sup>37</sup>. Tinha-se criado assim um fenómeno de ecumenismo face ao perigo comum que foi o cristianismo depois de Juliano. Talvez, segundo nós, se tivesse procedido a um acordo doutrinal, a um concílio misto, onde se demonstrou que a doutrina fundamental era idêntica só variando alguns ritos e a linguagem. Gente ilustrada (como os senadores) compreenderia bem o fenómeno da semelhança entre duas religiões com nomes diferentes, efeito da diversidade das culturas: no topo do triângulo hierárquico reinava um deus supremo (Sebásius ou Aura Mazda). Cibele era Anahita, a Lua. Mitra equivalia a Athis e Adonis, deus-filho, fecho da trindade, com a função de redentor ou salvador. Mitra nasceu duma *petra genitrix* (pedra-mãe) equanto Cibele era ela própria a *Petra Genitrix* com o nome de Agdistis da qual nasceu Athis. O *touróbulo* de Cibele, que era o rito mais espectacular da Grande Mãe, associou-se à gesta do Mitra *tourótono* e este associou-se também às tauromaquias<sup>38</sup> que nas épocas posteriores continuaram a desenrolar-se em honra da Grande Mãe<sup>39</sup>. A teologia da ordem cósmica, da renovação da Natureza, etc. eram comuns aos dois sistemas só variando o nome do Salvador. «E podemos afirmar que o culto do deus iraniano e o da deusa frígia viveram em comunhão íntima sobre toda a extensão do império»<sup>40</sup>.

O cristianismo adoptou elementos que já eram mitraicos. O relato evangélico dos «magos do Oriente» guiados por uma estrela que encontraram Jesus em Belém a quem ofereceram presentes (Mat. 2:1-6), a referência aos pastores que foram os primeiros adoradores de Jesus (Luc. 2:8-19) e a data do 25 de Dezembro para comemorar o nascimento de Jesus (da tradição, que não data evangélica) foram importados da epo-

<sup>37</sup> Renan, o.c. p. 1036.

<sup>38</sup> Em Mérida, a actual praça de touros, na colina de Santo Albino, está instalada sobre um templo mitraico segundo os vestígios aí descobertos em 1902 aquando da construção da praça. Note-se o topónimo, Santo Albino, possível referência à aurora, ao Sol nascente. Fernando Teixeira, especialista em assuntos de tauromaquia (*Touros em Portugal - Um património histórico artístico e cultural*, p.21) faz equivaler o rito do *touróbulo* à gesta do *tourótono*, contrariamente a outros autores como Cumont. Ambos se relacionaram, de facto, com touradas sacrificiais.

<sup>39</sup> Em Portugal, nas Beiras e no Alentejo, a Nossa Senhora da Conceição foi no passado, e ainda é em certos locais, cultuada com touradas.

<sup>40</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 189.

peia de Mitra (os exegetas católicos reconhecem essas importações). Há elementos teológicos em comum: a teologia de Jesus messias que depois do seu percurso terrestre ascendeu ao céu; a ideia de que Jesus Cristo é a «pedra», a luz, o sol de Justiça; a imortalidade da alma; a compensação pós-morte para os justos; a ressurreição dos mortos; a ideia da redenção pelo sangue do touro<sup>41</sup> ou do «cordeiro pascal» que o clero de Cibele reclamava como uma ideia originariamente sua<sup>42</sup> tanto mais que praticava o *crióbulo* (sacrifício dum carneiro); os sacramentos (baptismo, confirmação, eucaristia, ordem e extrema-unção). E outros costumes: os paramentos dos bispos (anel e báculo) se bem que os trajes eclesiásticos católicos fossem comuns às religiões da Deusa-Mãe síria e frígia); o *angelus* três vezes ao dia (nascer do sol, meio-dia e pôr do sol); o fogo perpétuo (a lâmpada diante do sacrário), etc. Podem os elementos não serem adopções directas mas derivados dum arsenal de arquétipos comuns a muitas culturas e sobre os quais se fundamentam os cultos espiritualistas.

Diz Cumont que o cristianismo e o mitraísmo enquanto religiões não oficiais tiveram o apogeu da sua potência nos meados do séc. III e chegou a parecer que o mundo se ia tornar mitraísta - e tem-se repetido muito o dito de Renan segundo o qual 'se o cristianismo fosse estancado no seu crescimento por uma qualquer doença mortal, o mundo teria sido mitraísta' - mas as primeiras invasões bárbaras da Dácia (275 d.C.) trouxeram um golpe terrível á seita mazdeísta que dominava sobretudo na periferia do mundo romano<sup>43</sup>. No entanto, investigações recentes situam um grande número de *mithrea* nas Gálias e na Itália. Nesta época já o cristianismo se impunha pela política em toda a extensão do império.

Não obstante as semelhanças entre as duas religiões, uma atitude colocava cristãos e mitraístas nos antípodas: as relações com as outras religiões: «Os mazdeístas procuravam fundar um monoteísmo respeitando o politeísmo enquanto a igreja cristã era em princípio, se não sempre na prática, a antagónica intransigente de toda a idolatria»<sup>44</sup>. Aliás - dize-

<sup>41</sup> Um verso do mitréu de Santa Prisca (Roma) expressa claramente a ideia de redenção pelo sangue: *Et nos servasti eternali sanguine fuso* (salvaste-nos ao derramar este sangue eterno), M.J. Vermaseren, o. p. 500.

<sup>42</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 204, nota.

<sup>43</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 209. Esta posição data de 1899, data da 1ª edição.

<sup>44</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 209.

mos nós de passagem - é da natureza das religiões politeístas o serem tolerantes e pluralistas, uma vez que para elas há muitos sistemas de deuses, sendo regra que cada povo tem o seu sistema. Enquanto religião exclusiva de homens, o mitraísmo não seria antagónica mas complementar da Grande Mãe cujas propagandistas seriam mais as mulheres. O pai de família podia ser adepto de Mitra e a esposa ser fiel seguidora da Magna Mater. Podia uma pessoa aderir a várias religiões; o imperador Juliano era fiel de Mitra e de Cibele e outros imperadores foram-no de outras religiões em simultâneo.

Interroguemo-nos então: Porque é que, contrariamente às outras províncias do Império, o mitraísmo teve pouca expressão na Península Ibérica? A nosso ver, pelas razões seguintes: 1) predominavam na Ibéria a religião da Grande Mãe (Astarté, Cibele, a Lua, a Natureza) em que as mulheres tinham uma função prioritária na manutenção das práticas. As tendências dos ibéricos já seriam nessa época como são hoje: uma simbólica religiosa virada para uma entidade feminina, Senhora do Céu, Deusa-mãe, cultuada nas fontes, nas grutas e nos montes, a qual ofusca-va as divindades masculinas inclusivamente a do Criador, mantida pelas mulheres com a educação e com a sua presença nos cultos. Os homens teriam pouca inclinação para as temáticas religiosas, como hoje. Já então se diria como hoje que «a religião são coisas de mulheres». Um culto de homens proibido às mulheres não passaria duma seita exótica, incompatível com a cultura que, na expressão religiosa e nos costumes, seria matriarcal. 2) O mitraísmo era uma religião individualista virada para a acção, «particularmente apta a favorecer o esforço individual e a desenvolver a energia humana. Não se perdia em misticismos contemplativos, avaliava mais a força do que a doçura e preferia a coragem à mansidão», como disse o autor, enquanto as culturas da Península se compraziam com a dedicação castrante à Grande Mãe. O mitraísmo estaria mais próximo da espiritualidade dos protestantes que construíram a América do Norte (segundo os quais o trabalho é a expressão da vocação divina e um contributo para a salvação) do que dos devaneios fatalistas dos ibéricos. O mitraísmo era uma religião de homens e uma religião urbana, a cultura dos ibéricos tendia para uma religião de mulheres e de rurais. Se o mitraísmo se difundiu nos países que são hoje protestantes (Alemanha, Holanda, Suíça, Inglaterra, sul de França...) não terá sido apenas pela sua relação com os militares: seria uma mística de empresários, capitalistas e empreendedores. O mitraísmo não se difundiu na Ibéria como o protestantismo também não entrou e como o judaísmo

foi perseguido, duas religiões exclusivamente viradas para um Deus masculino que premeia a acção, o trabalho, a iniciativa individual e que desconsidera a contemplação. 3) Não haveria no mitraísmo elementos místicos ou simbólicos que servissem como incentivo para a luta contra o poder imperial, diferentemente do cristianismo cultivado pelas classes pobres e servis. 4) Devemos distinguir a instituição eclesiástica e as práticas (religião institucional e religião popular). Podiam não ter entrado a organização eclesiástica mitraísta mas só as práticas que fusionaram com as religiões autóctones. O culto do Sol com que se identificava Mitra existia aqui com muita exuberância festiva, tal como o culto da Lua parecida de Mitra, variante do culto da Natureza, tornando infrutuosa a instituição mitraica masculina. Podemos até supor que, num processo de sincretismo, o mitraísmo fosse reinterpretado dentro dos modelos dos cultos da Lua, Senhora do Céu e da Natureza regeneradora. 5) O mitraísmo foi vítima do tradicional atraso com que chegam as novidades a este canto do mundo: aparecido na Europa um século antes do cristianismo com que tem muitos pontos em comum, acabou por chegar à Ibéria ao mesmo tempo que o cristianismo e confundiu-se com este. Era na Galiza que estava mais implantado o mitraísmo, segundo Cumont; ora, vamos encontrar o mitraísmo no priscilianismo que se difundiu a partir do Minho e da Galiza: uso de caves e de subterrâneos como lugar de culto, observação escrupulosa dos astros e dos signos do Zodíaco, teoria da origem astral das almas, referências à ordem da Natureza e ao uso de grinaldas nas liturgias, adesão cúltica e doutrinal sujeita a um segredo rigoroso, liturgia com refeições ou ágapes para além da eucaristia cristã, etc. Houve assim uma (con) fusão entre as duas religiões chegadas ao mesmo tempo numa época em que ainda não estava definido o cânone dos textos bíblicos cristãos nem a liturgia eclesiástica. Por influência do montanismo em que as mulheres eram sacerdotizas, diaconizas e profetizas, numa época em que a doutrina eclesiástica era insipiente, as liturgias mitraicas foram apropriadas pelas mulheres como se passou mais tarde com o cripto-judaísmo português<sup>45</sup>.

Com a atracção monoteísta e crística dos primórdios, os ancestrais cultos da Deusa-Mãe mediterrânicos foram integrados no catolicismo

<sup>45</sup> Antonieta Garcia em *Judeus de Belmonte - Os Caminhos da Memória* (1993) e *Judaísmo no Feminino* (1998) demonstra que a organização, a teologia e a liturgia do judaísmo que, segundo a ortodoxia, eram exclusivamente masculinas, foram apropriadas pelas mulheres que mantiveram a chama religiosa em períodos de clandestinidade, assumindo-se elas próprias como «sacerdotizas».

popular constituindo ainda hoje o tom dominante da religião *matriarcal, mariana*, dos portugueses a qual relega para segundo plano a teologia do redentor masculino<sup>46</sup>.

## 25 DE DEZEMBRO, NASCIMENTO DO SOL.

Os Evangelhos nada dizem quanto à data do nascimento de Jesus enquanto é absolutamente seguro que o 25 de Dezembro veio do culto do Sol e em particular de Mitra, *Sol Invictus*. Por múltiplas fontes se sabe que os solstícios eram muito festejados em relação com o culto do Sol visto como o fecundador da Terra e senhor do Cosmos<sup>47</sup>. Entendia-se que o Sol nascia no solstício do Inverno porque nesse momento os dias começam a crescer. Também conhecemos um ritual para celebrar esse facto na Síria e no Egipto: «Os fiéis recolham-se em certos locais secretos, grutas ou sítios naturais e, à meia noite, saíam a proferir gritos estridentes: 'A Virgem deu à luz! A luz cresce!' Os egípcios até representavam o Sol recém-nascido pela imagem duma criança que se mostrava aos adoradores no dia do seu nascimento, no solstício de Inverno. A virgem parturiente devia ser a grande Deusa oriental, a Celeste ou Astarté dos semitas<sup>48</sup> ou a Pedra-mãe de Mitra. Fosse quem fosse a Mãe e o Menino, já temos aqui um presépio numa gruta. Os latinos também festejavam neste momento o deus Sol, chamado *Janus*, um deus bifronte (oriente e ocidente), donde o nome do mês que se segue, *Januarius* (Janeiro, cf. as «janeiras», cantorias populares para anunciar o nascimento de Jesus).

O 25 de Dezembro relaciona-se hoje com o 6 de Janeiro (Epifania ou dia de Reis) e com o persistente costume de acender fogueiras colectivas que duram entre essas duas datas (madeiro de Natal). Na prática, o Natal estende-se até 6 de Janeiro. Ora, essa prolongação das festas do Natal resultam duma hesitação na celebração do nascimento de Jesus. Frazer explica: «Os cristãos egípcios, sírios e, dum modo geral, todos os orientais até ao sec. IV, para não fazer coincidir o nascimento

<sup>46</sup> Cf. M.E.S. *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa e A Religião Popular Portuguesa*.

<sup>47</sup> Pode ver-se M.E.S. *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, sobretudo o cap. «A Brilhante Carreira de São João».

<sup>48</sup> James Frazer, *Atys et Osiris*, 1926, p. 30.

de Jesus com o do Sol pagão celebravam o de Jesus a 6 de Janeiro enquanto os cristãos ocidentais optaram pelo 25 de Dezembro, por volta de 375. Um escritor sírio coevo explica muito francamente: 'os Pais (da Igreja) transpuseram a festa do 6 de Janeiro para o 25 de Dezembro por esta razão: era costume os pagãos celebrarem a 25 de Dezembro o nascimento do Sol. Nesse dia acendiam fogueiras em sinal de festa, e os cristãos também participavam nessas festas. Tendo-se os Pais apercebido que os cristãos adoptavam esta festividade pagã, reuniram-se em conselho e resolveram que se devia celebrar a 25 de Dezembro a verdadeira Natividade e a 6 de Janeiro a festa da Epifania («manifestação») de Jesus. É por isso que continuou a prática de acender fogueiras até ao 6 de Janeiro». Outros doutores da Igreja, Santo Agostinho, S. Gregório, etc. aconselhavam os cristãos de referir o 25 de Dezembro, não como o dia do nascimento do Sol mas o da natividade de Jesus. «Parece portanto que a igreja cristã decidiu celebrar o aniversário do seu fundador no 25 de Dezembro para a retirar ao Sol e fazer dirigir ao que se chamava Sol de Justiça as adorações pagãs»<sup>49</sup>. Os cristãos orientais ainda celebram o Natal a 6 de Janeiro. Tem portanto lógica a explicação daquele autor: os ocidentais, com os Reis Magos a 6 de Janeiro, duplicam a festa do Natal, celebrado - a duas vezes: a adoração dos pastores a 25 e a adoração dos magos a 6.

No solstício do Verão (24 de Junho) em que o sol está no máximo da sua altura, os fenícios, hebreus, sírios e cartagineses celebravam *Baal Shamesh* ou *Baal Sheiman* (senhor Sol ou senhor Céu) e os romanos *Janus*<sup>50</sup>. Era uma festa orgiaca com danças, fogueiras, banhos santos e rituais eróticos<sup>51</sup>. A Igreja instalou aí São João Baptista (latim: *Joanes*) para confundir o nome do deus romano, *Janus*.

Os autores do calendário cristão não se ficaram por impôr apenas uma divindade cristã aos deuses solares; antes tiveram o cuidado de sobrecarregar essas duas semanas com nomes de santos João (*Joanes*), Simão (*Simon*) e Pedro (*Petrus*), não viesse o Diabo lembrar os velhos deuses. Procederam então a uma engenharia onomástica: o solstício do

<sup>49</sup> James Frazer, *Atys et Osiris*, p. 30 onde cita as fontes e a *Patrologia* cristã.

<sup>50</sup> O nome *Sheiman* (em púnico, «céu») deu *seimão*, «signo seimão» que é o nome dum desenho em forma de estrela (i.é, o Sol) usado contra as bruxas, potências da noite e cúmplices da Lua.

<sup>51</sup> V. *Origens Orientais da rel. Pop. Portuguesa*, cap. «A Brilhante carreira de São João», e também *Os Mouros Fatimidias e as Aparições de Fátima* (p.319) onde se refere a importância desta data entre os mouros de Marrocos.

Inverno, em que Jesus encobriu Mitra e Janus, foi sobrecarregado com São *João* Evangelista festejado a 27 de Dezembro como consta do calendário litúrgico. No equinócio da Primavera, para além da Anunciação (25 de Março que pertencia ao culto de Cibele) inscreveram, a 24, um São *Simão* mártir de Trento («morto pelos judeus numa sinagoga»); a 27 de Março impuseram São *João* eremita egípcio que «viveu dentro duma rocha viva durante 40 anos» (séc. IV). No solstício do Verão, para o 23 de Junho adoptou-se um São *Julião*, mártir, natural de Ordonho (Espanha); o prefeito Marcião mandou que o metessem num saco com areia e serpentes e o deitassem ao mar». São *Julião* é a réplica do imperador *Juliano myste* do Sol; depois do São *João*, a 24, vêm a 26 de Junho São *João* e São *Paulo* mártires; segundo a *Legenda Dourada*, foram dois mordomos de *Constância*, filha do imperador *Constantino* que apareceram mortos no sótão do palácio, atribuindo-se grosseiramente essas mortes ao imperador *Juliano*: sendo *Juliano* um adepto do Sol-Janus, foi substituído pelo seu mordomo *João*. No dia 29 de Junho instalou-se o apóstolo São *Pedro* cujo verdadeiro nome é *Simão Pedro - Simão* leva à confusão com o *Sheiman* sírio e cartaginês, *Pedro* é a *petra*, correspondente à *petra genitrix* donde nasceu Mitra, o Sol Invicto.

Quanto aos equinócios, vimos que a liturgia católica fixou o momento em que Maria concebeu o seu filho (Anunciação de Maria) a 25 de Março, sobrepondo-se ao culto da Magna Mater/Athis. O relato da Anunciação (Luc.1:26-38) situa o momento da anunciação «no sexto mês da concepção de João Baptista por Isabel, prima de Maria»<sup>52</sup>. Jogando com as datas, João foi concebido no equinócio do Outono (23 de Setembro); a 19 de Setembro, encaixou-se ainda São *Januário*, «mártir italiano» (séc. IV).

Contando-se nove meses depois da encarnação, que são os nove meses da gestação segundo a lógica vulgar, o nascimento de Jesus ocorrerá a 25 de Dezembro. Esta coincidência com o nascimento do Sol resulta do cômputo dos equinócios e dos solstícios sobre o qual se fixava o culto dos deuses solares. Em resumo:

### Solstício do Inverno:

*Sol Invictus* e *Janus* passaram a: *Jesus-Sol de Justiça* e São *João* (Evangelista)

<sup>52</sup> «No sexto mês (da concepção de João por Isabel, foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazareth, a uma virgem namorada dum homem de nome José, da casa de David, e o nome da Virgem era Maria.. Ele entrou e disse: Avê, o cheia de graça...».

**Solstício do Verão:**

*Janus e Sheiman* passaram a: São João (Baptista), São João Mártir e São Simão Pedro<sup>53</sup>.

O imperador *Juliano* cedeu a São *Julião* de Ordonho.

**Equinócio da Primavera:**

*Dia do sangue e paixão de Athis* passou a: encarnação de Jesus em Maria, paixão e morte de Jesus (ocorridas no mesmo dia do ano segundo Santo Agostinho).

*Janus e Sheiman* passaram a: São João eremita («que viveu numa rocha») e São Simão mártir.

**Equinócio do Outono**

*Janus* passou a: concepção de São João Baptista e São Januário<sup>54</sup>

E com este malabarismo verbal se converteram as festas solares em datas cristãs. De facto, os etnólogos notam que o que passa por mudanças religiosas profundas pode ser apenas adopção duma linguagem nova, exclusivamente palavras.

<sup>53</sup> Relativamente a São Pedro, há outra festa eclesiástica chamada São Pedro nas Cadeias (ou libertação de São Pedro das cadeias, a 1 de Agosto. Esta festa substituiu, no séc. IV, a celebração da vitória de Augusto sobre Marco-António (I sec. a.C) e a entrada do vencedor em Alexandria.

<sup>54</sup> Para o calendário:

A. anónimo, *Missale Romanum (ex decreto sacrossanti concilii tridentini restitutum)*, Olissipone, 1764.

A. anónimo, *Breviarium Romanum (ex decreto sacrossanti concilii tridentini restitutum)*, Antuerpiae, 1756.

José Carlos Alves Vieira presbítero da gloriosa arquidiocese bracarense, *A Vida dos Santos ao Alcance de Todos* (segundo os dias do ano), Braga, 1952.

II Parte  
AFIRMAÇÃO DO CRISTIANISMO



## Capítulo 1 TRIUNFO DO EPISCOPADO

Para compreendermos as resistências, na Lusitânia e na Galiza, ao cristianismo romano nos sécs. III-IV, é necessário ver como evoluiu o cristianismo com a instalação do episcopado e as reacções que esta evolução provocou, com o montanismo. Convém também conhecer uma outra corrente que alastrava independente do montanismo, o arianismo.

### NASCIMENTO DO EPISCOPADO

Nos dois primeiros séculos do cristianismo, quando ainda não havia uma dogmática definida (tudo era ainda muito vago quanto à doutrina) e quando o cânone de textos sagrados ainda não estava fixado (cada igreja adoptava os textos que entendia melhores), já o actual episcopado se instalava. As igrejas estavam dispersas e cada uma desenvolvia a sua própria teologia a partir dos ensinamentos que haviam recebido dos Apóstolos. Num ponto estas comunidades locais estavam de acordo: Jesus veio anunciar o fim dos tempos para breve. Esse tema percorria toda a extensão do ensino apostólico (e lê-se nos Evangelhos, nas Epístolas e no Apocalipse)<sup>1</sup>. Renan segue atentamente a documentação da época: a primeira igreja de Jerusalém e as igrejas de Paulo não estavam estabelecidas para durar; eram conventículos dos santos dos últimos dias que se preparavam para a vinda de Cristo pela oração e pelo êxtase. Mas as esperanças no Fim iam-se diluindo; não chegava o grande Fim; o mundo resistia. A Igreja começou então a acomodar-se para durar e a constituir-se numa verdadeira sociedade paralela à sociedade secular. Com o fim do milenarismo, nasce o episcopado.

---

<sup>1</sup> Os discípulos assistiriam ao momento em que Cristo virá na sua glória: «Esta geração não terá passado sem que o fim aconteça» (Mat.24:34); «Alguns dos presentes não conhecerão a morte antes que venha o Filho do Homem na sua glória» (Mat. 16:28, Mat. 10:23, Mat.24:3-44). E Paulo: «Não murmureis, como fizeram alguns dos hebreus que morreram pela mão do Exterminador; isso aconteceu-lhes para servirem de exemplo e está escrito para nossa instrução, nós que chegámos ao fim dos tempos. O que se gaba de estar de pé cuide-se porque pode cair» (I Cor. 10:10).

Muito rapidamente, o organização democrática e igualitarista das igrejas desapareceu. Segundo Renan, «os *presbyteri* (anciãos) e os *episcopi* (vigilantes, intendentess) tornaram-se subitamente os únicos representantes da Igreja. Mas, porque o *episcopus* se sentava no lugar anterior ao do *presbyter*, passou a ser o *presbyter* por excelência ou *episcopus*. E foi o culto que fez aparecer a importância do *episcopus*, uma vez que o acto eucarístico só podia ser celebrado por um membro. Com uma rapidez surpreendente este *episcopus* tornou-se o chefe do presbiterado e, por consequência, de toda a Igreja. A sua *cathedra*, em forma de cadeirão e colocada em frente das fileiras dos fiéis, tornou-se uma *sedes* de honra e um símbolo de primazia. Cada igreja passa a ter apenas um presbítero-chefe que se chama *episcopus*. Ao lado deste bispo figuram diáconos, viúvas e um conselho de presbíteros, mas o grande passo foi dado: o *episcopus* é o «único sucessor dos apóstolos». Do facto ocasional de se sentar no primeiro lugar para a celebração do culto tirou o *episcopus* o direito de mandar sobre os presbíteros.

Os fiéis ficaram nos bancos da assistência. «A autoridade apostólica, pretensamente transmitida pela imposição da mãos, abafou a autoridade da comunidade. Depois, os bispos das diversas igrejas entram em contacto entre si e transformarão a Igreja (dos bispos) numa espécie de oligarquia a qual se reunirá em assembleias, censurará os seus membros, decidirá das questões de doutrina e formará, por si própria, uma soberania absoluta. A transformação consumou-se em cem anos; quando Hegésipe, na segunda metade do séc. II, faz uma viagem por toda a cristandade, só vê os bispos; tudo para ele é uma questão de sucessão canónica; o sentimento vivo duma igreja já não existe. Esta revolução não se fará sem contestação mas a tendência aristocrática do episcopado acabou por vencer. Dum lado os pastores, do outro o rebanho. A igualdade primitiva morreu. Doravante a Igreja não será mais do que um instrumento nas mãos dos bispos que a dirigem, e estes obtêm o seu poder não pela comunidade mas por uma herança espiritual, uma transmissão que se pretende proceder dos apóstolos em linha contínua»<sup>2</sup>. Tal é a origem da primazia do bispo sobre os clérigos.

<sup>2</sup> Renan, *Oeuvres II*, pp. 569 e 570-571. Ernest Renan autoridade máxima da história do cristianismo (1823-1892) apoia-se exclusivamente em fontes patrísticas e em textos coevos dos factos. O seu nome não é de bom grado entre os católicos tanto mais que o primeiro livro da sua *História do Cristianismo, A Vida de Jesus*, figura no *Index* dos livros proibidos (por Pio IX em 1863). No entanto antes de os detractores recusarem a autoridade de Renan na História do Cristianismo terão primeiro de recusar a autoridade dos Padres da Igreja em cujos escritos Renan se baseia.

A organização das igrejas locais conheceu «cinco degraus de andamento segundo Renan: o primeiro é o da *ecclesia* primitiva onde todos os membros são igualmente inspirados do Espírito Santo. No segundo, os anciãos ou *presbyteri* tomam na *ecclesia* um direito de polícia considerável e absorvem a *ecclesia*. No terceiro, o presidente dos anciãos, ou *episcopus*, absorve o poder dos anciãos e por conseguinte os da *ecclesia*. No quarto, os *episcopi* das diferentes igrejas, correspondendo-se entre si, formam a *ecclesia catholica*. Depois virá um quinto degrau: entre os *episcopi* há um, o de Roma, que está destinado a um grande futuro, o papa, e a Igreja de Jesus transformada numa monarquia com Roma por capital»<sup>3</sup>.

A ortodoxia é doravante o soberano bem e a obediência ao bispo é a condição indispensável para a salvação. A salvação vem pela obediência. A fé só vale na obediência. «Obedecei ao bispo como Jesus Cristo obedeceu ao Pai, e ao corpo presbiteral como aos apóstolos. Que nada que diga respeito à Igreja se faça fora dos bispos. Onde estiver o bispo lá está a igreja católica. A aprovação do bispo é a marca do que agrada a Deus, regra firme e segura a seguir na prática»<sup>4</sup>.

## REACÇÕES: O MONTANISMO

Esta evolução era contrariada por muitos que se reclamavam da igualdade dos dons e dos direitos sacros como na Igreja apostólica. A corrente contestatária mais fecunda foi a Igreja da Nova Profecia, da Nova Jerusalém ou montanista. Percorreu as comunidades da Frígia, Síria, África, Gália e Península Ibérica. Em África resistiu até ao advento do islão. Foi uma onda de fundo, e fundamentalista, que penetrou em todos os meandros da Igreja, ultrapassando as motivações iniciais. Por oposição, a Igreja - concebida como uma hierarquia de bispos - acabou por afirmar a sua constituição, acolhendo os princípios morais dos contestatários mas recusando o basismo dos direitos e o espontaneísmo dos dons.

O seu nome deve-se a Montan (ou Montanus) que aparece por volta de 160, na Frígia, e é tomado por um profeta ou uma encarnação de Cristo (*christos*, em grego, quer dizer «enviado» e pode haver suces-

<sup>3</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 965.

<sup>4</sup> Pseudo-Inácio, *Ad Smirnensis*, cit. por Renan, o.c. p. 966.

sivos *cristos*). Segundo ele, Jesus Cristo foi apenas um homem enviado, um messias partilhando as vicissitudes comuns do género humano, mas o Espírito Santo incarnou nele ao nascer de Maria. Apregoava uma mística austera, penitente, fundamentalista, diametralmente oposta à *gnose* elitista, individualista e filosófica que também existia na época. Anunciava a iminência do fim do mundo (como Jesus e os apóstolos). Os fieis, convidados a arrepender-se, a jejuar, a purificar-se dos seus pecados, a seguirem as vias do ascetismo, inaugurariam a Nova Jerusalém que seria construída em dois locais nomeados Pépuze e Tynion (sítios desconhecidos?). Apregoava a castidade absoluta condenando a reprodução natural pelo casamento e fora dele, uma vez que o fim do mundo estava iminente. «Montanus, como todos os profetas da Nova Aliança, regorgitava de maldições contra o século e contra o império romano. Nunca o ódio do mundo e o desejo de ver aniquilar-se a sociedade secular tinham sido expressos com tão ingénuo fúria. O tema único das profecias frígias era o próximo julgamento de Deus, a punição dos perseguidores, a destruição do mundo profano, o reino das mil e uma delícias. O martírio era recomendado como a mais elevada perfeição. Morrer no seu leito passava por indigno dum cristão. Se alguns condenavam as relações sexuais embora reconhecendo a sua importância do ponto de vista da natureza, Montano nem sequer se dava ao trabalho de proibir um acto tornado absolutamente insignificante no momento em que a humanidade estava no seu termo»<sup>5</sup>.

Montanus era ajudado por duas profetizas Prisca (ou Priscila ou Quintilha) e Maximila que abandonaram os maridos, a exemplo de Tecla que abandonou o domicílio conjugal para seguir Paulo. As mulheres eram sagradas sacerdotizas, sendo mais aptas do que os homens para atrair o Espírito Santo que as fazia pregar, entrar em transe e profetizar. O transe colectivo era a «realização provisória do Reino de Deus» com base na *Iª Epístola de Paulo aos Coríntios*. «Não era apenas a profecia mas todas as funções do clero que esta cristandade pretendia atribuir às mulheres. O presbiterado, o episcopado e os cargos da Igreja a todos os níveis deviam ser-lhes entregues» e justificavam-se com passagens bíblicas<sup>6</sup>. E tudo isto apesar de Paulo ter proibido a palavra às mulheres nas assembleias. É um fenómeno comum das seitas: contra-riamente à Igreja oficial que seguia a regra traçada por Paulo proibindo

<sup>5</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 876.

<sup>6</sup> Renan, *Oeuvres II*, p.877.

toda a participação da mulher nos exercícios da Igreja, nas pequenas seitas a mulher baptizava, oficiava, presidia à liturgia e profetizava. Os gnósticos e os montanistas, sendo opostos nos costumes e na doutrina, tinham em comum o contarem ao lado dos seus doutores a mulher profetiza: Helena ao lado de Simão, Filomena ao lado de Apele, Priscila e Maximila ao lado de Montan, e um verdadeiro cortejo de mulheres à volta de Markos e de Marcion<sup>7</sup>. Veremos também um «esquadrão de mulheres» com Prisciliano.

Declararam uma forte aversão ao episcopado e Tertuliano até escreveu que «a rivalidade entre os bispos é a mãe dos cismas»<sup>8</sup>. Os bispos já eram venerados com genuflexões e beija-mãos, como se procedia com os príncipes («príncipes da Igreja», intitulam-se hoje). Para Tertuliano (155-220) «a Igreja é a totalidade dos santos e não o número de bispos»<sup>9</sup>, a «Igreja de toda a gente não vale mais do que a sociedade pagã» e ousou tratar a Igreja geral de «caverna de adúlteros e de prostitutas»<sup>10</sup>. Os bispos, «não tendo o dom da profecia nem dos milagres, serão aos olhos dos entusiastas inferiores aos extáticos. É por estes e não pela hierarquia oficial que se fará a transmissão das graças sacramentais, o movimento da Igreja e o progresso»<sup>11</sup>. O sacerdócio é individual. Qualquer cristão pode administrar os sacramentos e a inspiração do Espírito Santo também só pode ser individual. Deus revelava-se aos crentes sem mediação de sacerdotes. Os bispos não têm nenhum privilégio quando aos dons espirituais e ao perdão dos pecados.

A Nova Profecia foi predominante em Cartago com o apologista Tertuliano, donde se difundiu para a Península Ibérica e a Gália. Os textos de Tertuliano são célebres por incitarem insistentemente os cristãos ao martírio; era a grande histeria da época em que as comunidades e os fiéis competiam em fervor religioso. Dizia Tertuliano: «O sangue é a semente dos cristãos, não desejem morrer na cama, na languidez das febres, mas antes no martírio a fim de que seja glorificado o que sofreu por vós». Mas ele próprio não morreu mártir e sempre foi livre de escrever e de ensinar, assim como de se separar do montanismo

<sup>7</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 833.

<sup>8</sup> Tertuliano in *Adversus Valentinos: Episcopatus emulatio schismatum mater est* (a rivalidade do episcopado é a mãe dos cismas).

<sup>9</sup> *De Pudicitia*, 21, cit. por Renan, *Oeuvres II*, p. 885.

<sup>10</sup> *De Pudicitia*, 1, cit. por Renan, *Oeuvres II*, pp. 884.

<sup>11</sup> *De Pudicitia*, 21, cit. por Renan, *Oeuvres II*, p. 884.

para aderir à ortodoxia romana e sair desta para voltar a dirigir a sua comunidade montanista.

Cultivavam o dom das visões e o das curas com a «medicina sobrenatural» (tal como os actuais pentecostais); até os pagãos eram curados com o «óleo santo dos cristãos», segundo Tertuliano que se imaginava rodeado de milagres, segundo Renan. Atribuíam carácter milagroso aos actos humanos mais simples. De todos os lados lhes traziam possessos que eles curavam, e toda a gente reconhecia que os cristãos excediam nisso os pagãos; até acontecia que os pagãos exorcizassem em nome de Jesus, o que excitava alguns cristãos mas regozijava outros que viam nisso um testemunho da verdade. Eram muitas as mulheres profetizas que organizavam sessões e audiências de oráculos; eram tidas como «liras nas mãos do divino tocador» (enquanto um bispo desenvolveu uma tese segundo a qual «um profeta não deve falar em estado de êxtase»)<sup>12</sup>.

Acusavam de relaxamento geral o cristianismo e encontravam nas práticas exteriores um motivo de orgulho e de revolta contra a hierarquia. Diziam que, depois de Jesus, a Igreja perdia tempo, que não se devia esperar mais pela santificação da humanidade e preparar a era messiânica. Pretendiam formar uma «igreja espiritual». Todo o pecado mortal (homicídio, idolatria, blasfêmia, adultério, fornicção) fecha a via do arrependimento; «a absolvição da Igreja não tem valor; as coisas santas devem ser administradas pelos santos. Os bispos não têm nenhum privilégio para perdoar. Só os profetas, órgãos do Espírito Santo, podem garantir que Deus perdoa»<sup>13</sup>.

## ESPIRITO SANTO

Organizados em pequenas confrarias, os montanistas concebiam o cristianismo como um livre movimento de extáticos, inspirados ou possuídos pelo Espírito Santo, com sessões públicas de arrependimento, com carpideiras ou pranteadoras, que derivavam em transe gregário. A prova da eleição divina é o dom do transe, o carisma das línguas (glossolália) e o da profecia, como os primeiros cristãos dos *Actos dos Apóstolos*. Assiste-se à eclosão do Espírito Santo que estava um tanto adormecido desde os primórdios, um reavivamento da pureza inicial. A

<sup>12</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 877. que cita Epiphânio.

<sup>13</sup> Tertuliano, *De Pudicitia*, 19, 21, cit. por Renan, *Oeuvres II*, p. 880.

teologia da Trindade ainda não estando ainda construída, o Espírito Santo para uns era um *eon*, uma hipostase divina, uma centelha de Deus como se infere do Antigo Testamento; para outros era o substituto de Jesus, o seu enviado ou *paráclito*; para muitos era um *númen* feminino (o seu nome na Bíblia é feminino), segundo esta lógica: havendo na Trindade um Pai e um Filho, ela só seria perfeita com um *númen* feminino, figurando então o Espírito Santo como Mãe na Trindade; na continuação das religiões orientais que também tinham as suas tríadas, uma trindade divina com três *númenes* masculinos é uma aberração.

Havia uma relação privilegiada entre as mulheres e o Espírito Santo. Na Trindade o Espírito-feminino será o amor; ora, a mulher é que é o grande símbolo do amor. Mas se à mulher cabiam as tarefas sacerdotais e proféticas, ela tinha de se preservar das tentações humanas e das tendências da sedução a que anda ligada a imagem feminina. Condenavam o cuidado nos atractivos femininos, as toilettes e os artifícios de cabelo. Segundo Tertuliano, pelas voltas que ela dá ao cabelo torna-se tão culpada como os que incitam ao deboche<sup>14</sup>. O modelo feminino da mulher era Tecla, discípula de Paulo, mas na versão dum texto grego (seguramente de origem montanista) em que Tecla é chamada *apóstola* e onde se demonstra que as mulheres têm o direito de ensinar e de administrar os sacramentos<sup>15</sup>.

A revelação do Espírito Santo não é um dom atribuído apenas aos bispos; ela é individual e permanente, não se fechou com a Bíblia. No prefácio dos *Actos de Santa Felicidade e Santa Perpétua*, mártires montanistas de Cartago, Tertuliano justifica: «Porque é que aquilo que teve lugar no passado não se reproduz hoje? A geração actual não é mais deserdada do que as outras. O Paráclito, enviado de Cristo, não é uma fonte eterna de revelação?». Deus revela-se aos crentes de forma directa sem mediação de sacerdotes ou de igrejas<sup>16</sup>.

A partir do sec. III começou-se a suspeitar destes carismas; organizaram-se sínodos de bispos na Ásia Menor contra os «profetas frígios» que haviam paralizado a vida eclesiástica normal, o que não evitou que a corrente se estendesse por toda a bacia do Mediterrâneo com muitos martírios pelo meio, sobretudo sob o imperador Décio (de 248 a

<sup>14</sup> *De cultu feminarum e De Uxorem*, cit. por Renan, *Oeuvres II*, p. 889.

<sup>15</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 889 que cita as fontes.

<sup>16</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 878 que cita as fontes.

251) quando já uma parte dos cristãos se opunha à obsessão do martírio. Finalmente, segundo Renan, «o rebanho dos fiéis - necessariamente de média virtude - seguiu os pastores. A mediocridade fundou a autoridade. O catolicismo começa; e tem futuro. Transportado para a Igreja o princípio da inspiração do Espírito Santo, este passou a funcionar como um princípio de ordem e de autoridade episcopal. «O princípio duma espécie de 'yoguismo cristão' (como se exprimiu Clemente de Alexandria) foi abafado por um tempo». Foi a primeira vitória do episcopado, talvez a mais importante. Os êxtases, a profecia, a glossolália tinham por eles os Textos mas tornavam-se um perigo; o episcopado pôs ordem nisso. Suprimiu todas as manifestações de fé individual e do livre acesso a Deus sem mediações (como estamos longe dos tempos tão admirados pelo autor dos *Actos dos Apóstolos*!). Se a inspiração individual e a doutrina da revelação permanente levassem a melhor, o cristianismo morreria em pequenos conciliábulos de epiléticos; se todos os fiéis tivessem o mesmo direito ao sacerdócio, aos dons espirituais e pudessem administrar os sacramentos, cair-se-ia numa completa anarquia. O carisma iria aniquilar o sacramento; ora, o *sacramento* prevaleceu e a pedra fundamental do catolicismo foi irrevocavelmente estabelecida». A obediência aos bispos é o que, a partir de então, constitui a qualidade de cristão e não os dons espirituais que passarão a ser suspeitos<sup>17</sup>.

O montanismo provocou inúmeros *progroms* e martírios durante mais de um século. A maior parte dos mártires constantes no *martirologio* cristão filiou-se na mística montanista.

Diz um autor moderno que «o sincretismo de Montan bebe abundantemente na grande religião concorrente, a de Athis. Dessa época data a comunhão pelo pão e pelo vinho identificados com a carne e o sangue do Messias, como era uso no ritual de Athis. Praticavam sessões de prantos como os de Ahtis/Adonis. À castração voluntária do sacerdote de Cibele-Athis impuseram a repressão dos desejos, a abstinência e a virgindade à qual certas pessoas se mostravam tão ligadas que preferiam o suplício à proposta de casamento»<sup>18</sup> e isso consta das notícias de muitos martírios da época. A relação entre a acção das mulheres neste cristianismo frígio e a influência das mulheres dos cultos da Magna Mater é evidente.

<sup>17</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 1015 e 885-886, fundamentado em textos patrísticos.

<sup>18</sup> Raoul Vaneigem, o.c. p. 174.

Outros movimentos heréticos da época se explicam também pela aversão ao episcopado que por todo o lado derivava para um tipo de principado. Alguns aspectos do montanismo com o sacerdócio individual, o acesso directo a Deus sem intermediários, a inspiração pessoal do Espírito Santo, etc., fazem lembrar uma Reforma Protestante antes de haver catolicismo; e é essa a ideia que nos vai transmitir o priscilianismo luso-galaico herdeiro do montanismo. O actual pentecostalismo nascido na América em 1890 e que hoje ameaça submergir o catolicismo latino-americano, ibérico e africano, é uma fórmula moderna de montanismo.

### ARIANISMO

Paralelamente com o montanismo, as comunidades do Oriente foram engendrando uma corrente teológica que teve uma enorme repercussão em toda a cristandade, sendo combatida pelas armas no momento em que a Igreja se aliou ao Império. Continuou depois no Oriente e no norte d'África com o Islão com que tem muitos pontos comuns; teve repercussão na Lusitânia. O seu nome deve-se a Ário ou Ário (286-336)<sup>19</sup>, teólogo de Alexandria que se pôs a pregar uma doutrina que negava radicalmente a divindade de Jesus. Fundamentalmente, opunha-se à teologia da Trindade mas o movimento passou por muitas variantes teológicas mais *bizantinas* umas que outras. Podiam ser comuns ao gnosticismo judaico e essénio ou ao racionalismo helénico. O arianismo ou arrianismo é o reflexo das contradições provocadas pelo cristianismo na filosofia grega e alexandrina para a qual a «hominização de Deus» e a Trindade eram um escândalo racional.

Dizia a filosofia e a razão vulgar que, sendo Deus incorruptível e imutável, Jesus 'nascido duma mulher' sofredor e morto, só pode ser homem mortal; se Deus é *uno* não pode ser *trino*. Diziam os arianos que «o Filho era inferior ao Pai, posterior ao Pai, diferente por natureza, não engendrado mas *criado* pelo Pai (participando embora da natureza do Pai), a primeira das criaturas, o mais próximo de Deus, *o único directamente criado* pelo Pai para ser seu ministro na obra da criação enquanto todo o resto da criação foi obra do Filho; o Espírito Santo também é obra do Filho e não do Pai». Em resumo: Jesus não é eterno, nem igual

<sup>19</sup> O arianismo, teologia ou heresia cristã, não tem nada a ver com a ideologia ariana nascida sob o III<sup>o</sup> Reich.

ao Pai, nem é Deus mas foi investido na qualidade divina de enviado (*christo*). Particularmente eficazes foram os slogans arianistas que agiam como flechas incendiárias pela sua singeleza racional (vamos ouvi-los entre os priscilianistas): «Se Jesus é Filho veio depois do Pai», «Se é Filho não é igual mas inferior ao Pai», «Deus já era quando o Filho ainda não era», «Antes de nascer não existia», «Se nasceu teve princípio», etc.

Foi uma verdadeira tempestade cultural e política. A polémica envolveu vários imperadores que eram a favor ou contra Arius, em que uns sínodos de bispos condenavam ou reabilitavam os outros. Constantino, para salvaguardar a unidade da sua jovem Igreja imperial com Ósio bispo de Córdoba como ministro para a religião (que, antes, organizara o Concílio de Elvira, Granada) reuniu 318 bispos no Concílio de Niceia em 325. O concílio promulgou o actual Credo ou símbolo de Niceia. Ário retractou-se em parte ou fingidamente e morreu em 336. Entretanto também os arianos se dividiram em diversas facções de radicais, moderados e meio-arianos. Os radicais aplicavam à teologia da Trindade as categorias filosóficas gregas, laicas e racionalistas, ao ponto de os adversários os acusarem de fazer «não teologia mas tecnologia». A problemática debatida por estes bispos que tinham acabado de se tornar senhores das parcelas do Império, ia da *consustanciação* do Filho e do Pai às diferenças entre o *criado* e o *engendrado*, passando pela distinção entre o termo grego *homoousios* («co-essencial») e o *homoiousios* («semelhante») em que apenas um «i» separa católicos e meio-arianos<sup>20</sup>. O «i» entre os «oo» dá a ideia das questões que dividiram o Império nas mãos do clero, escondendo o implícito que era a luta pelo poder episcopal, e que o bom senso dos cristãos espartilhados passou a classificar de *bizantinas*<sup>21</sup>. A divisão entre ortodoxos eslavo-orientais e católicos romanos será depois justificada pela minúscula expressão latina *filioque* («e do filho»); para os romanos o Espírito Santo procede do Pai e do Filho enquanto para os ortodoxos procede apenas do Pai.

<sup>20</sup> René Laurentin, *L'Esprit Saint cet inconnu*, Paris, Fayard, 1977, p. 380. Na sequência do Concílio de Niceia, o de Constantinopla (381) acabou por anatematizar todas as heresias derivadas ou congêneres do arianismo: «arianos, semi-arianos, eunomianos, anomeanos, eudoxianos, pneumatomacos, marcelianos, sabelianos, photianos e apolinaristas»..

<sup>21</sup> Ficou assim redigido o Credo de Niceia: «Creio num só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, engendrado da essência do Pai, Deus saído de Deus, Luz saída da Luz, verdadeiro Deus saído do verdadeiro Deus, engendrado e não criado, co-essencial ao Pai por quem tudo foi feito, o que há no céu e o que há na terra...».

Depois da morte de Constantino o Império foi dividido entre o Oriente e o Ocidente e houve um pouco de paz pela partilha do poder; Constante (imperador do Ocidente) apoiou o partido de Niceia que também era o romano enquanto o outro filho de Constantino, Constâncio (imperador do Oriente) apoiou os arianos. Morto Constante pelos seus próprios soldados em 350, Constâncio tornou-se o único senhor do Império duplamente dividido entre arianistas e niceianos que se anatematizavam reciprocamente para reaver as suas sedes episcopais. Constâncio tentou *arianizar* o Ocidente e promover a caça aos anti-arianistas; a preocupação era salvaguardar a unidade da Igreja e do Império doravante unidos. O imperador Juliano (361-363) decretou um édito de amnistia e de tolerância, e as duas partes cantaram vitória cada uma à sua maneira graças ao imperador tolerante que ambas intitulavam de Apóstata por ser defensor da liberdade de todas as religiões. Os godos converteram-se ao cristianismo através do arianismo radical e anti-romano, invadiram a Espanha e a África do Norte onde impuseram o arianismo. Esta contenda teológica foi uma expressão das rivalidades entre as grandes regiões do Império, e que continuarão depois com a ortodoxia oriental e com o islão.

Fosse qual fosse a dissidência religiosa, heresia ou cisma, estamos sempre em oposições de culturas e, frequentemente, uma heresia correspondia a um partido decalcado sobre fundo étnico.



## Capítulo 2

### O QUE FEZ OS MÁRTIRES

A época áurea dos mártires foi a do montanismo. O que é que levava os cristãos ao martírio? Esta pergunta parece descabida porque qualquer catequista dirá que foi a sua fé. No entanto, percorrendo os relatos, descobrimos que a maior parte dos mártires provocou a morte por meio de actos socialmente proibidos quando se podia ser santo ou justo, segundo a doutrina de Jesus, sem recorrer ao expediente do martírio. O Cânon 60º do Concílio ibérico de Elvira (ano de 306 ou 308) que veremos adiante, confirma que alguns cristãos procuravam ser martirizados ao serem apanhados a destruir os «ídolos» das outras religiões; o seu intuito era passarem a «figurar no Catálogo dos Santos ou *Martirologio*». A intolerância era erigida em heroicidade. Hoje concebemos mal que alguém procure ser perseguido ou morto com a intenção de o seu nome ser incluído numa lista de santos e até teríamos essa intenção como vaidade e presunção humanas. Podem as pessoas suicidar-se por preceito duma qualquer seita: o seu objectivo não é figurar nos anais mas precipitar a passagem ao estado sobrenatural, segundo as respectivas doutrinas. Sendo o catálogo dos mártires um testemunho de fidelidade à Igreja dos santos, o martírio dos cristãos garantia o poder da Igreja.

#### ORGULHO E EXCLUSIVISMO

As fontes históricas cristãs afirmam que «os imperadores romanos perseguiram os Apóstolos não porque estes proclamassem a divindade de Jesus Cristo mas porque haviam declarado, sem permissão prévia do senado, que Jesus Cristo era Deus. O poder romano não se opunha a que alguém venerasse o deus que quisesse nem proibia nenhum deus, mas exigia uma autorização, passada pelo senado, para que um culto se instaurasse. Sem esta autorização, a actividade religiosa em torno duma nova divindade era ilícita»<sup>1</sup>. Esta explicação estará formulada com par-

<sup>1</sup> Santiago de Vorágine, *Leyenda Dorada*, cap. LXIX, *San Juan Antem Portam Latinam*, que cita Paulo Orósio (*História contra os Pagãos*, p. 371).

cialidade mas no fundo é exacta. A autorização do senado equivaleria à declaração que exigem os estados modernos para o exercício público das religiões, um registo para controle administrativo. Segundo as mesmas fontes cristãs, os imperadores e o senado nutriam animosidade contra os apóstolos porque consideravam o deus proclamado por eles como *orgulhoso, ciumento e exclusivista*. Era um pressuposto firmado no facto de os cristãos se recusarem a pedir a tal autorização para o exercício do culto. Esta antipatia herdaram-na os cristãos dos judeus a cujo deus os pagãos aplicavam sistematicamente aqueles três adjectivos que, aliás, é como o Deus do Antigo Testamento se classifica a si-próprio: ciumento e exclusivo. «Todos os cultos que tolerassem os outros estavam muito à vontade no Império. O que fez ao cristianismo e, antes dele, ao judaísmo uma situação à parte era a sua intolerância, o espírito de exclusão. De Nero a Constantino, nem um pensador, nem um sábio foi perturbado nas suas investigações»<sup>2</sup>.

Voltaire, num dos melhores textos conhecidos sobre a tolerância, lembra que o poder romano não perfilhava todos os cultos mas tolerava-os todos. Erigia em deuses oficiais alguns nomes, adoptava alguns estrangeiros, e a *Lei das Doze Tábuas* estabelece que os deuses estrangeiros não terão culto oficial sendo necessário para isso uma autorização do senado. Quanto aos que não tinham os seus favores não os proibia. A tolerância era a lei mais sagrada dos romanos<sup>3</sup>. A máxima de Jesus «A César o que é de César e a Deus o que é de Deus» podia justificar o pedido de autorização do culto. Entretanto, não estando a religião dos cristãos autorizada ou registada por recusa dos próprios, não era por isso proibida. A autorização exigida daria à religião o estatuto de pessoa colectiva<sup>4</sup>.

## INTOLERÂNCIA CRISTÃ

As religiões politeístas são por natureza tolerantes, uma vez que, segundo a sua lógica, há muitos sistemas de deuses sendo regra que

<sup>2</sup> Renan, *Oeuvres II*, pp 806-813, baseado em fontes patrísticas e autores coevos.

<sup>3</sup> *Tratado sobre a Tolerância*, Trad. e Intr. de José M. Justo, Lisboa, Antígona, 1999, cap. VIII-XII.

<sup>4</sup> Costumam os mitógrafos populares apresentar as catacumbas como locais cavados pelos cristãos para aí se esconderem e praticarem o culto. As catacumbas não foram obra dos cristãos mas sim cemitérios públicos. Os cristãos enterravam os seus mortos e cultuavam-nos aí, sem que esses locais fossem exclusivamente cristãos.

cada povo cultiva o seu sistema. Na história das religiões, as guerras religiosas e a intolerância são especificidades dos monoteísmos cristão e islâmico. Em muitas notícias de martírios se descobre que não era a doutrina ou a prática da religião que originava a perseguição aos cristãos mas outros actos derivados da sua intolerância relativamente aos outros cultos; regra geral, era a destruição dos «ídolos». Ora, para o espírito da época - como hoje - destruir um deus era um sacrilégio por definição, um acto de impiedade ou irrelegiosidade. Profanar os símbolos das religiões autorizadas era uma atentado contra o poder instituído, como hoje o é contra a ordem pública. Cristão era sinónimo de intolerante. Os gestos de intolerância preenchiam o dia-a-dia dos cristãos. Dizem os contemporâneos que «passando diante dum templo ou dum ídolo, sopravam para afastar uma coisa impura ou faziam o sinal da cruz, como aconselhava Tertuliano; não era raro ver um cristão parar diante duma estátua de Apolo ou de Júpiter, interpelá-la e bater-lhe com um pau dizendo: 'Vejam se ele se vingá' e, segundo Celso referido por Orígenes, a tentação era de prender o sacrílego, de o crucificar e dizer-lhe: 'E o teu deus, vingá-se'?»<sup>5</sup>.

Os responsáveis da religião profanada instituíam-se em acusadores. Nos *Actos dos Apóstolos* quem processa Paulo por distúrbios religiosos não é o poder romano mas os membros da religião ofendida, os judeus; para estes a condenação podia ser sumária no caso de flagrante delito enquanto o processo romano exigia a acareação: «Não faz parte dos costumes romanos entregar um homem sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação»<sup>6</sup>. Nos mesmos *Actos*, Alexandre edil da cidade de Éfeso, repreende os responsáveis do templo de Diana/Artemísia de pretenderem que os cristãos sejam julgados sem motivos: «Vós trouxestes aqui estes homens: eles não são culpados nem de sacrilégio nem de blasfêmia contra a nossa deusa; se Demétrius e os seus artesãos têm motivos contra alguém, há audiências e há pró-cônsules: que eles formulem uma queixa! Se tendes outro assunto a debater, resolvê-lo-emos na próxima assembleia» (*Actos* 19:38). No caso de Jesus, quem levanta o processo é igualmente o conselho dos chefes da religião ofendida. O único ponto de acusação foi o de «blasfêmia» ao Deus dos judeus; foi com essa base que Pilatos entregou Jesus ao suplício, sendo a blasfêmia um acto punível com a morte no Antigo

<sup>5</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 806-813

<sup>6</sup> Act. 25:16.

Testamento (dizer que um homem é Deus era blasfêmia). No processo romano, o réu era julgado por blasfemar ou profanar um símbolo religioso e, na audiência, o juiz propunha-lhe de se arrepender ou sufragar («adorar» como dizem as notícias) um símbolo da religião ofendida; caso não o fizesse, era condenado por sedição, blasfêmia, atentado à ordem, etc. Vimos os martírios das irmãs Justa e Rufina, em Sevilha, com origem no derrube duma imagem de Salambo que os seus fiéis levavam em procissão entre as tendas do mercado; sendo presas e, possivelmente, não se tendo mostrado arrependidas, foram lançadas ao abismo com os vasos de flores com que se cultuava Salambo.

O caso de São Sebastião (o santo mais presente nas nossas igrejas) relatado na *Legenda Dourada* é um bom exemplo de martírio por crimes comuns originados pela intolerância e por atentado à ordem pública: era chefe de coortes militares e tinha a amizade particular dos imperadores Diocleciano e Maximiano que o distinguiram como chefe da sua guarda pessoal. A certo momento, o imperador acusou-o «de te aproveitares do alto posto na corte e das honras que te concedi para trabalhar clandestinamente contra mim e contra os deuses do império». De facto, segundo a *Legenda*, Sebastião nas horas vagas entretinha-se a destruir as imagens dos deuses das outras religiões provocando incidentes com os seus adoradores («não destrua esta imagem que é preciosa», diz um deles), e isto, sendo ele um reconhecido oficial do palácio. Sebastião e o presbítero Policarpo quebraram numa ocasião «mais de duzentos ídolos». Sebastião foi punido não por ser cristão (Diocleciano tinha parentes próximos que eram cristãos) mas por crime a que hoje chamamos abuso de confiança, por destruir bens alheios e provocar desordens religiosas sendo oficial superior do palácio.

### ATEISMO E IMPIEDADE

Durante os dois primeiros séculos, «a mais temível das acusações contra os cristãos e a mais frequente, segundo São Justino e outros, era a de *ateísmo*. Ela arrastava a pena de morte como o parricídio», segundo Renan. Ora *ateísmo* ora *impietade* (irreligiosidade). Um *ateu* tanto era um *anti-deus* como alguém contrário ao culto das imagens-deuses; os cristãos, na febre do martírio, nem sempre desfaziam esse equívoco de *ateísmo*. Os juizes não estariam melhor informados do que a ralé acusadora quanto ao *ateísmo* dos cristãos. Casos há em que

o juiz pergunta ao réu o nome do seu deus e ele responde «não tem nome como os humanos» ou «sabê-lo-ias se fosses digno disso» (o que constitui uma recusa de resposta ao tribunal, falta suplementar).

Destruir as imagens divinas era uma posição de ateísmo ou de impiedade. O *ateísmo* dos cristãos servia de bode expiatório de todos os males (como o judaísmo medieval). «A aversão patente dos cristãos pelos templos, aras, estátuas, provocava contínuos incidentes» que os outros consideravam como provocações à ira dos deuses. Não havia flagelo ou tremor de terra que lhes não fosse atribuído. Responsabilizavam-nos pelos incêndios dos templos e outros sacrilégios. Confundiam-se neste ponto de vista os cristãos e os epicuristas e a sua presença secreta numa cidade era o melhor espantalho para agitar as multidões. A rale era assim o foco de ódio contra os cristãos. Os que nas notícias fidedignas dos martírios são visados como os maiores inimigos dos santos pertenciam à canalha das grandes cidades»<sup>7</sup>.

Tertuliano reconhece, segundo Voltaire, que «os cristãos eram vistos como gente facciosa; a acusação era injusta mas prova que não era simplesmente a sua religião que provocava o zelo dos magistrados. Reconhece que os cristãos se recusavam a ornamentar as portas das suas casas com ramos de loureiro por altura dos festejos públicos de regozijo pelas vitórias dos imperadores: facilmente se poderia tomar essa afectação condenável por um crime de lesa-magestade». Muitos cristãos foram mortos por terem desrespeitado a autoridade do imperador, derrubado as suas estátuas, partido as suas aras, rasgado os seus éditos, recusado reconhecer o seu poder, ofendido a sua pessoa<sup>8</sup>. «Pedia-se-lhes um simples juramento em nome do imperador. Era um simples sinal de adesão à ordem estabelecida, ordem que era da defesa da civilização contra a barbárie e sem o que o cristianismo teria sido varrido como tudo o resto»<sup>9</sup>. «Os cristãos assemelhavam-se exteriormente aos filósofos cínicos, fato austero, perpétua condenação do século, vida desprendida, resistência aberta às autoridades. Os cínicos, com uma organização semelhante às futuras ordens mendicantes, eram professores públicos da virtude, censores, vigilantes dos costumes; atribuía-se-lhes uma vocação pastoral, uma missão do céu para pregar e dar conselhos, missão que exigia o celibato e uma total renúncia. Cristãos e cínicos excitavam nos

<sup>7</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 664

<sup>8</sup> Voltaire, o.c. p. 65.

<sup>9</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 944.

espíritos moderados a mesma antipatia por causa do comum desprezo pela morte (...) Não há dúvida que em grande número de casos a provocação tenha vindo dos mártires. A atroz crueldade do código romano vai criar o *martirologio*, ele próprio fonte de duma vasta literatura legendária, cheia de inverossemelhanças e de exageros<sup>10</sup>.

Prova de que não era a religião que estava em causa mas outros actos puníveis, é o facto de os cristãos assistirem ao julgamento dos seus correlegionários e, no caso de suplício, poderem recolher as suas relíquias, venerá-las e assistirem às suas famílias. Os mártires montanistas de Lyon (178) foram acusados de infanticídio, consumo de carne humana e incesto, enquanto o seu bispo, Santo Ireneu, assistia os supliciados sem ter sido preso, tal como o advogado dos condenados que, em audiência, se declarou também cristão sem ser incomodado por isso<sup>11</sup>. Ireneu retomou depois a comunidade em mão. Se a perseguição fosse dirigida contra a religião, os primeiros acusados seriam os bispos. Diz Voltaire que «é difícil associar a fúria política contra os cristãos com a liberdade que os bispos tiveram para reunir 56 concílios, tantos são os que os escritores eclesiásticos contam nos três primeiros séculos. Houve perseguições, mas se tivessem sido tão violentas como se diz, seria provável que Tertuliano, que escreveu com tanta veemência contra a forma pacífica do culto cristão, não tivesse morrido no seu leito»<sup>12</sup>. De facto, Tertuliano, chefe da Igreja montanista de Cartago, passou grande parte da sua vida a encorajar os cristãos a morrer martirizados mas ele morreu de morte natural. Os instituições cristãs eram publicitadas. «A Igreja de Roma era extremamente rica. Os seus bens habilmente administrados serviam de fundo de socorro e de propaganda para as outras igrejas. Os cristãos condenados às minas recebiam dela um subsídio»<sup>13</sup>. Em Hierápolis, metade da população era cristã; organizavam associações cooperativas de operários e de socorros mútuos, havia creches e roda de expostos e faziam-se distribuições de bens na Páscoa e no Pentecostes»<sup>14</sup>. Nos relatos «quase sempre se encontra uma multidão de cristãos que entram livremente na prisão onde se encontra o condenado, que o acompanham até ao suplí-

<sup>10</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 667.

<sup>11</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 916.

<sup>12</sup> Voltaire, o.c. p. 66 e 67

<sup>13</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 815

<sup>14</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 288.

cio, que lhe recolhem o sangue, que lhe amortalham o corpo e que fazem milagres com as relíquias. Se a perseguição fosse dirigida apenas contra a religião não se teriam também imolado esses cristãos confessos que davam assistência aos seus irmãos condenados e a quem se acusava de fazer magia com as relíquias dos corpos martirizados? Não os teriam tratado como nós tratámos os vaudenses, os albigenses, os hussitas, as diferentes seitas protestantes? Chacinámo-los, queimámo-los aos magotes, sem distinção de idade nem de sexo. Haverá nos relatos fidedignos das perseguições antigas um só traço que se aproxime da noite de São Bartolomeu e dos massacres da Irlanda?»<sup>15</sup>. Contrariamente ao poder romano, a Igreja sob a Inquisição (1534-1820) perseguiu os judeus e os protestantes pela sua mera pertença religiosa, e Salazar perseguia os comunistas pelo simples facto da sua ideologia.

«Diz-se na vida de São Cipriano que este foi o primeiro bispo de Cartago a ser condenado à morte, em 258, sob o imperador Gallo. Assim durante um período muito longo nenhum bispo de Cartago foi imolado por causa da sua religião. Enquanto isto, o bispo de Roma, São Gregório o Taumaturgo que pregava nas imediações dos templos pagãos onde impedia os oráculos de funcionar, e São Dinis bispo de Alexandria, ambos grandes propagandistas do cristianismo, viviam em paz sob o mesmo imperador. Na mesma época, Orígenes ensinava publicamente em Alexandria e nunca foi mandado matar. Diz ele no seu tratado *Contra Celso* que 'há muito poucos mártires e só de longe em longe', contudo, diz também Orígenes, 'os cristãos não enjeitam nenhum meio para fazer com que toda a gente abrace a sua religião; correm as cidades, as vilas e as aldeias'»<sup>16</sup>. Quer dizer, os cristãos não eram perseguidos por o serem, e utilizavam todos os meios para difundir a religião. «Não é de todo possível que tenha sido apenas a acusação de cristianismo a provocar a morte de Santo Inácio no tempo do clemente e justo Trajano pois que foi permitido aos cristãos que o acompanhassem e o consolassem quando foi conduzido a Roma; teriam sido as acusações de sedição política em Antioquia que fizeram condenar Inácio. O próprio Eusébio de Cesareia, historiador da primi-

<sup>15</sup> Voltaire, p. 76 «Digo-o e com horror: nós, os cristãos é que fomos persguidores, carrascos, assassinos! E de quem? dos nossos irmãos (...) Todos esses falsos milagres (dos mártires) por intermédio dos quais abalais a fé que é devida aos verdadeiros, todas essas lendas absurdas que acrescentais às verdades dos Evangelhos, extingue a religião nos corações».

<sup>16</sup> Voltaire, o.c. p.67 que cita o III Livro *Contra Celso* de Origenes.

tiva Igreja, confessa que 'durante muito tempo os imperadores deram aos cristãos grandes sinais de benevolência; confiaram-lhes províncias; muitos cristãos viviam no palácio; houve mesmo imperadores que desposaram mulheres cristãs. Diocleciano tomou por esposa Prisca, cuja filha foi mulher de Maximiano Galerio, etc.'»<sup>17</sup>

## O PERSEGUIDOR

O povo era quem promovia a perseguição e, como sempre, quem inventava as calúnias. A julgar pelos relatos (e imaginamo-lo, pelo que se passava nos nossos tribunais até há poucos anos), magotes de falsas testemunhas conluiadas incriminavam os inocentes nos pretórios e nos circos. «A lei era perseguidora mas o povo ainda o era mais. Nos primeiros anos, os boatos espalhados pelos judeus e mantidos por transmissores odientos, espécie de transportadores de calúnias como lhe chama São Justino, indispunham os espíritos mais moderados e mais sinceros»<sup>18</sup>. Os mais tristes episódios das perseguições do tempo de Marco Aurélio (se. II) vêm do povo. «A cada peste, a cada crise de fome, a cada inundação, o grito: 'Os cristãos aos leões' retenia como uma ameaça sombria. Renan até sugere esta comparação que achamos exacta: a posição dos cristãos no meio da ralé de há dois mil anos «era como a de um missionário protestante estabelecido numa vila muito católica de Espanha a pregar contra os santos, a Virgem e as procissões»<sup>19</sup>, ou dum judeu português a defender a Lei de Deus entre a população de Lisboa durante a Inquisição...

A sentença de morte podia vir de funcionários locais com a função de juizes, os quais agiam como caciques e cúmplices da ralé. «Há muitos textos dos dois primeiros séculos em que personalidades cristãs interrogam os imperadores sobre a legitimidade destas prepotências» Meliton de Sardes, bispo, escreveu ao imperador Marco Aurélio: «Se tudo isso se executa por tua ordem, está bem; porque não poderia ser que um príncipe justo mandasse fazer coisas injustas; nós aceitaremos então de boa vontade uma tal morte como um destino que merecemos. Só te pedimos uma coisa: que depois de teres examinado por ti próprio o caso daque-

<sup>17</sup> Voltaire, o.c. p. 70.

<sup>18</sup> Renan, *Oeuvres II*, pp 806-813

<sup>19</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 809.

les que te são apresentados como sediciosos, aceites julgar se eles merecem a morte ou se não são antes dignos de viver em paz sob a protecção da lei...». E noutro documento: «Só os imperadores Nero e Domiciano (54-68 e 81-96 respectivamente), enganados por alguns caluniadores, se mostraram maldosos para a nossa religião; e estas calúnias, como acontece geralmente, foram aceites sem exame. Mas o seu erro foi corrigido pelos teus parentes os quais em frequentes escritos reprimiram o zelo dos que pretendiam entrar nas vias de rigor contra nós...»<sup>20</sup>. Os instintos baixos da plebe é que eram o motor da perseguição. Sempre assim foi; vemo-lo inalterável em todas as perseguições das minorias: dos judeus sob a Inquisição, dos protestantes franceses da noite de São Bartolomeu até à dos metodistas na Madeira no séc. XIX ou das «seitas» pentecostais no Portugal do séc. XX.

As calúnias lançadas contra os cristãos tinham frequentemente origem nos seus próprios costumes litúrgicos. À priori, «oposta à *secura* do paganismo, a Igreja dava ares dum conventículo de efeminados»<sup>21</sup>. Depois, o respeito religioso pelo bispo manifestado com uma genuflexão diante dele, a confissão aos presbíteros, o ósculo da paz na eucaristia, o dizer que o pão e o vinho se transformam no corpo de Deus, davam azo a fantasmagorias como adoração de pessoas, antropofagia, beijos e gestos obscenos, luxúria. As reuniões noturnas, porque proibidas por lei segundo várias fontes, eram frequentemente temas de acusação associada à luxúria, incesto e outras fantasias provocadas pelos mistérios da noite<sup>22</sup>.

A perseguição atingiu mais os orientais sob as ondas de fundamentalismo montanista e arriano (que depois deram o cisma do Oriente) e onde a recusa do Império nunca desarmou, do que os ocidentais que encobriam a sua pertença religiosa, como os *libeláticos* e os *traditores* com a caução da própria Igreja de Roma (que veremos adiante). Sob o montanismo, ao ler Tertuliano, a busca do martírio torna-se uma febre impossível de dominar<sup>23</sup>. As várias facções serviam-se de todas as calúnias para rebaixar os mártires dos seus rivais. As cisões iam até à morte»<sup>24</sup>.

<sup>20</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 902-908.

<sup>21</sup> Segundo Celso contradito por Orígenes, Renan, *Oeuvres II* p. 811.

<sup>22</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 1011.

<sup>23</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 889.

<sup>24</sup> Renan, *Oeuvres II*, p.290.

## MORTE TEATRAL

Depois de ter sido provocada, a morte era ostentatória denotando qualidades mais próximas da presunção do que da fé. Tanto os réus como os cristãos presentes nos julgamentos insultavam os juizes para os exasperar e fazer ditar a condenação desejada<sup>25</sup>. «Diante destas mortes pomposas procuradas voluntariamente, dizia Arrius Antoninus, de Cartago (em 148): 'Se quereis tanto morrer fazei-o em vossas as casas, à vontade, sem esta ostentação teatral'»<sup>26</sup> ou, tendo condenado um pequeno grupo ao suplício e despedido os outros que também reclamavam a morte: «Ide-vos, miseráveis! Se quereis morrer tendes cordas e falésias para isso»<sup>27</sup>.

Alguns responsáveis opunham-se à obsessão do martírio; «Basilides e Heracleon protestavam contra as honras desmedidas prestadas aos mártires; os valentinianos iam mais longe: nos momentos de viva perseguição aconselhavam a renegar a fé, alegando que Deus não exige dos seus adoradores o sacrifício da vida e o que importa confessar menos diante dos homens do que diante dos *eons*»<sup>28</sup>. Todos os pastores, todos os homens graves desaconselhavam os fieis de se irem oferecer ao martírio segundo São Clemente de Alexandria, mas não se podia mandar num fanatismo que via na condenação o mais belo dos triunfos e nos suplícios uma forma de voluptuosidade. E esta sede de morte era contagiosa<sup>29</sup>. Nos tempos de Diocleciano (séc. III), a igreja de Roma já caucionava a simulação de apostasia. Muitos bispos (e até papas), contrários à mística basista do martírio, passaram a «preferir um padre apóstata a um padre morto»<sup>30</sup> como veremos com os casos dos *libeláticos* ibéricos e dos *traditores* de Cartago.

Podemos comparar esta obsessão do martírio ostentatório com as tendências dos réprobos e excluídos sociais que fazem da sua morte um acto de ódio e de vingança. Os mártires estavam expostos ao mundo e

<sup>25</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 921.

<sup>26</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 947.

<sup>27</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 810 citando Tertuliano.

<sup>28</sup> Segundo Tertuliano, Renan, *Oeuvres II*. p. 833.

<sup>29</sup> Renan, *Oeuvres II*, pp 806-813.

<sup>30</sup> Raoul Vaneigem, o.c. p.174. Os *traditores* e os *libeláticos* «exploravam, para fins edificantes, a obra dos mártires como Staline excluiu da história os primeiros bolcheviques erigindo Lenine em santo apóstolo».

a sua execução era publicitada. Eram os protagonistas. Estavam na mesma posição dos gladiadores. «Está provado que o amor-próprio basta muitas vezes para inspirar um heroísmo aparente quando se junta a publicidade. Os actores pagãos sofriam sem pestanejar suplícios atrozes. Os gladiadores faziam boa figura face à morte evidente, para não confessar fraqueza diante duma multidão: o que era vacuidade pagã, transposta para o seio dum pequeno grupo de homens e mulheres encarcerados, tornava-se pia embriaguez e alegria sensual. A ideia de que 'Cristo sofria neles' tornava-os cheios de orgulho e, das mais fracas criaturas, fazia uma espécie de seres sobrenaturais»<sup>31</sup>. A vontade de protagonismo incitava ao martírio, um protagonismo suicidário que, no fundo, podia ser vaidade ou vanglória humana e política.

Até faziam um «treino análogo ao dos gladiadores» a prever a tortura. Dizia Tertuliano elogiando a eficácia do jejum e do ascetismo: 'Eis como nos endurecemos para a prisão, para a fome, para a sede, para as privações e para as angústias. Eis como o mártir aprende a sair do cárcere tal qual entrou, sem dores desconhecidas, só encontrando as macerações do dia a dia, certo de vencer no combate porque ele matou a sua carne e os tormentos não terão onde morder. A sua epiderme seca será para ele uma couraça; as unhas de ferro escorregarão como sobre um corno espesso. Tal será aquele que, pelo jejum, viu por vezes a morte de perto e se descarregou do seu sangue, fardo pesado e importuno para a alma impaciente se escapar»<sup>32</sup> «O martírio parecia cada vez mais como uma espécie de ginástica, ou uma escola de gladiadores para a qual era necessária uma longa preparação e uma espécie de ascese preliminar»<sup>33</sup>. O monaquismo veio substituir o martírio<sup>34</sup>.

A Igreja afirmou-se com a intolerância e o exclusivismo erigidos em virtudes cristãs. É uma qualidade totalmente alheia aos Textos fundadores; a força, a pressão social, a repulsa da diferença ou a exclusão por causa do erro, nem por sombras afloram no Evangelho; os dizeres de Jesus são tudo o contrário disso. A intolerância foi uma invenção da Igreja pós-apostólica e foi graças a ela que a Igreja singrou. Corresponde

<sup>31</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 918.

<sup>32</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 857.

<sup>33</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 920.

<sup>34</sup> Renan, *Oeuvres II* p. 1027.

à guerra santa do islão com uma diferença de monta: enquanto, no islão, a *gihad* é constitutiva da doutrina corânica, a intolerância cristã nasceu com a Igreja pós-apostólica. A lista de mártires serviu para demonstrar à política o que podia a Igreja. As referências a Jesus Cristo podiam ser um meio para a construção duma identidade, uma base de sustentação do poder religioso. O fito, o fim, era a Igreja. Cristo serviu de nome para uma Igreja, sendo qualquer Igreja uma forma específica de poder social. Com Constantino encerrou-se a era dos mártires e começou o poder da Igreja em toda a sua glória.

Se os cristãos tivessem seguido o preceito de Jesus que diz «Quando vos não acolherem saí dessa cidade e sacudi a poeira dos vossos pés em testemunho contra eles»<sup>35</sup>, como faziam Paulo e Barnabé<sup>36</sup>, a Igreja católica não teria os mártires para a adoração dos fieis; em contrapartida, não era hoje acusada de ter perpetrado genocídios com o fim de se implantar pela força e, com isso, aberto chagas insanáveis nos continentes de África, América, Ásia e Oceania. O objectivo da Igreja foi a própria Igreja.

Devemos também ter em conta o «sinal político» da luta dos mártires. Na época, a revolta social só se podia exprimir por uma linguagem religiosa uma vez que a linguagem política só aparece no séc. XVIII. O discurso religioso era o único disponível e compreensível para as lutas sociais. O mártir podia ser um revolucionário que combatia o poder com a temática da religião. Alguém que derrubava um ídolo do Império visava atingir o próprio poder imperial. A esperança do *fim do mundo* significava sobretudo o *fim do Império*. Ainda hoje, a simbólica religiosa pode ser mais eficaz do que a linguagem política no combate contra tirania ou a ocupação. A mitologia fornece-nos muitos dados sobre o uso da simbólica religiosa na luta política das camadas populares<sup>37</sup>.

No actual espaço português, impregnado que estava do culto do Sol, da Grande Mãe e da Natureza, e onde o cristianismo teria chegado

<sup>35</sup> Mat. 10;14, Mar. 6;11, Luc. 9;5.

<sup>36</sup> Act. 13;51.

<sup>37</sup> Na área da mitologia, é das mais significativas a lenda portuguesa da luta das Nove Santas Irmãs Gêmeas lideradas por Quitéria, que sugere uma multiforme guerrilha contra o poder de Roma sendo o pai um «governador romano responsável pelo Minho-Galiza» contra quem as filhas se revoltaram. V. M.E.S., *Origens Orientais da Rel. Pop. Portuguesa*, cap. «As guerras púnicas de Santa Quitéria» (p.187-189). Quitéria é homónima da Astarté fenícia e cartaginesa enquanto divindade encorajadora da guerra, *Kythère*, *Kutéria* ou *Kytéria*. A luta da Santa Quitéria lusitana e galega terá sido a dos lusitanos ou púnicos contra Roma.

atrasado e com pouca fé, os mártires cristãos não floresceram (não há nenhum caso certificado por documento fidedigno)<sup>38</sup>.

## CULTO DOS MORTOS: DIVINIZAÇÃO DOS MORTAIS

O *Catálogo dos Mártires* servia de exemplos de abnegação e de obediência para a coesão interna. O culto dos mortos funcionava como a glorificação dos mártires. No séc. II «o culto dos santos já ocupava um lugar tão considerável que os judeus e os pagãos acusavam os cristãos de lhes darem mais importância do que ao próprio Cristo. Eram sepultados com vistas à ressurreição e punha-se nisso requintes de luxo que contrastavam com a simplicidade dos costumes cristãos. Quase adoravam os seus ossos. No aniversário da sua morte dirigiam-se ao seu túmulo e contavam a história do seu martírio. Celebrava-se o mistério eucarístico em sua memória; era a extensão da comemoração dos defuntos, costume pio que tinha muito lugar na vida cristã. Pouco faltava para que ainda se não dissesse a missa pelos mortos. No dia do seu aniversário fazia-se uma oferenda por eles, como se ainda vivessem; misturava-se os seus nomes às palavras que precedem a consagração; comia-se o pão em comunhão com eles. O culto dos santos por meio do qual o paganismo se reservou um lugar na Igreja, as orações pelos mortos, fonte dos maiores abusos na Idade Média, tinha o que no cristianismo primitivo havia de mais puro e de mais elevado»<sup>39</sup>. O culto dos mortos também servia de imagem de propaganda para o exterior.

O martírio desembocava no culto dos mortos. Há então uma função sociológica no culto dos mártires que os historiadores não referem: o martírio podia ser visto como um projecto de culto. A *divinização* era o prémio do martírio. Esta «imagem de marca» do cristianismo podia incitar ao martírio as personalidades que hoje classificamos de paranóicas a tornarem-se **sujeitos de culto, divinizadas**. Os que dessem «tes-

<sup>38</sup> Mencionam-se em Olissipo os mártires Veríssimo, Máximo e Júlia mas «antes do séc. IX ninguém fala neles»; os mais antigos documentos litúrgicos que os mencionam são dessa época. As Nove Santas Irmãs Gêmeas (Quitéria, Eufêmia, Márcia, Vitória, Liberata, Marinha, Basilisa, Genebra, Germana, as duas primeiras com algum culto popular), Santo Adrião, São Felix, São Pedro de Rates, São Manços, etc. são todos lendários, criados na baixa Idade-Média e são frequentemente nomes vindos de algures; Pe Miguel de Oliveira, *Lenda e História*, Lisboa, União Gráfica, 1964.

<sup>39</sup> Renan, *Oeuvres II*, p. 1012.

temunho» (em grego, *martyrion*) eram premiados com um culto *pós-mortem*. Uma inovação genial. O objectivo estava mais garantido com o martírio do que com uma vida inteira de trabalho e de sofrimento.

Os historiadores prestam-se a referir o «culto do martírio», descobrem cada dia vestígios do culto dos mortos entre os primitivos cristãos, mas não revelam a intenção perversa do mártir em ser venerado, divinizado como um deus. As outras religiões tinham um leque restrito de deuses e semi-deuses, lista antiga, mítica e em que já ninguém acreditava. Os cristãos desafiavam a concorrência: inventaram uma forma de conceder a divinização em troca da vida «como testemunho». Qualquer cristão podia aceder à categoria de *ente divino*. Ao mártir cristão estavam prometidas as honras que os outros atribuíam a Apolo ou Mercúrio. Rezava-se aos «santos» (mártires) como a Deus e aos deuses. Os santos correspondiam ao *divus* e *diva*. Para mais, o morto divinizado «intercedia pelos vivos e pela comunidade que os escolhia como patrono»<sup>40</sup>. Podia o mártir ser patrono da sua aldeia ou cidade, e isso seria a glória máxima. O culto dos santos instituído pelos cristãos, ao desafio com as religiões concorrentes, consistia num *culto da personalidade divina* ao alcance de qualquer mortal. A religião dos cristãos seria vista como revolucionária porque democratizava a condição divina: qualquer pessoa podia tornar-se deus.

A este culto dos mortos deificados - inspirado no paganismo que não na Bíblia - acrescia uma intenção interesseira para os vivos: acreditando-se que o fim do mundo estava próximo e que se lhe seguia a ressurreição, «esperavam ajuda na hora da ressurreição pois que se pensava que os defuntos fossem conduzidos ante o tribunal de Deus pelos mártires ressuscitados com eles, diz um historiador eclesiástico, donde o interesse também em ser sepultado perto dos santos. Instaurou-se o culto dos cadáveres, das relíquias e as romarias às campas dos mortos. Na falta de verdadeiras relíquias, recorria-se ao expediente das relíquias por contacto (uso de objectos que havia tocado a verdadeira relíquia). A memória dos que deram *martyrion* era referida em todas as homilias por mais curtas que fossem, assim como a virtude taumatúrgica das respectivas relíquias. O calendário festivo também era pontuado pela celebração da memória dos que deram testemunho, posto que a veneração dos santos não-mártires só começasse, algo vacilante, nos meados do séc. IV»<sup>41</sup>. Todos os historiadores referem que a crença na iminência

<sup>40</sup> Hubert Jedin, *Historia de la Iglesia*, p.444.

<sup>41</sup> Hubert Jedin o.c. p.444.

do fim do mundo foi o factor do desenvolvimento do cristianismo durante os dois primeiros séculos. Poder-se-á também dizer que ele foi conquistando a gente simples pelo desejo de cada um ascender ao grau de semi-deus? É uma hipótese que merecia desenvolvimento. Ficamos entretanto com a ideia de que este cristianismo dos três primeiros séculos - bastante deformado face às origens - já continha o germe da religião calculista, mágica e pouco espiritual que é o catolicismo popular de hoje.



### Capítulo 3

## O IMPÉRIO EM BUSCA DUMA ALMA

As elites políticas pressupunham que o Império atacado de todos os lados e moralmente decadente só se sustentaria pela força da religião e da filosofia mas divergiam sobre qual religião faria melhor serviço. Diz Renan que «as exigências intelectuais do tempo eram muito fracas. Os espíritos não exigiam iluminação mas os costumes abrandavam. Precisava-se duma religião que ensinasse a piedade, mitos que apontassem exemplos susceptíveis de ser seguidos, uma espécie de moral em acção fornecida pelos deuses. A pregação moral pressupõe o deísmo ou o monoteísmo; o politeísmo nunca foi um culto moralizador. Desejava-se sobretudo garantias para uma vida ulterior onde fossem reparadas as injustiças da presente. A religião que promete a imortalidade e assegura que um dia se verão aqueles que se amaram nesta vida tem sempre vantagens. Os sem-esperança são facilmente vencidos. A religião do Império não dava nenhuma satisfação às necessidades profundas do século. O deus antigo não é bom nem mau; é uma força. Com o tempo, as aventuras que se conheciam destas pretensas divindades tornaram-se imorais. O culto imperial caía na mais grosseira e ridícula idolatria (...) Roma falhará neste montante: dará ao mundo o governo, a civilização, o direito, a arte de administrar, mas não lhe dará a religião; a religião que se difundirá não será a do Lácio ou a fabricada por Augusto. Será a religião que muitas vezes Roma pensava ter destruído: a do Yaveh». Outra razão mais filosófica: a filosofia não atingia as massas populares. O pobre, a pessoa sem instrução, não podia aproximar-se dela; este necessita de ilusões para fazer o que deve pelo amor do bem. O escravo tem necessidade de medo e de mentiras para cumprir o seu dever. Não se obtêm sacrifícios das massas se não se lhes prometer algo em troca. A abnegação do cristão não é, no fim de contas, se não um cálculo hábil, um investimento com vistas ao reino de Deus»<sup>1</sup>.

Chegou-se a pensar, continua Renan, «que as confrarias de *cultuadores de deuses* dariam ao povo o alimento espiritual de que este

<sup>1</sup> Ernest Renan, *Marc-Aurèle (Oeuvres II)* Paris, Robert Laffont, p. 1030.

necessitava. O séc. II<sup>o</sup> viu o brilho e a decadência dessas confrarias. O seu carácter religioso foi-se apagando. Em certas regiões até perderam o seu cunho mortuário para se tornarem associações de socorros mútuos, caixas de assistência e de reformas. Só os colégios votados ao culto dos deuses orientais (pastóforos, isiaques, dendróforos, religiosos da Grande Mãe) conservaram os seus devotos. É claro que estes deuses falavam muito mais ao sentimento religioso do que os deuses itálicos ou gregos. Os fiéis reagrupavam-se em seu redor e faziam-se amigos e confrades enquanto ninguém se reagrupava, pelo menos pelo coração, em torno dos deuses oficiais. Em religião só as seitas pouco numerosas conseguem fundar qualquer coisa»<sup>2</sup>.

No fim da perseguição de Diocleciano (305), eram três as grandes religiões concorrentes: a religião da *Magna Mater* (Cibebe, Deusa Síria, Isis...), o mitraísmo e o cristianismo. Tinham muito em comum mas os meios humanos diferiam. A da Grande Mãe-Cibebe era de teologia fácil ligada à Natureza com adesão das classes rurais e já era caucionada desde o fim das guerras púnicas, mas sempre teve a oposição das classes dirigentes e dos filósofos que a viam como uma agremiação de mulheres e de eunucos. A de Mitra era mais espiritualista: defendia as virtudes cívicas e morais de que o império necessitava como a hombridade, o respeito dos cumprimentos e a obediência à legalidade, mas só recrutava nas classes superiores, artífices e funcionários: era misteriosa e elitista quando as massas desconfiam sobretudo das religiões misteriosas. Tanto esta como a da Grande Mãe tinham a vantagem de ser tolerantes coadunando-se com a ética do Império que nunca perseguiu as divergências filosóficas e teológicas. A outra concorrente era o cristianismo implantado entre as classes pobres urbanas. «Os costumes dos cristãos eram a melhor propaganda do cristianismo resumidos numa palavra: a piedade. Levavam vida de gente simples, sem preconceitos mundanos, mas duma perfeita honestidade. O esperancismo messiânico abrandava de dia para dia, passava-se duma moral um pouco tensa que convinha a um estado de crise à moral estável dum mundo assente. Viam o casamento com um alto carácter religioso; não houve necessidade de abolir a poligamia; pela dupla influência do casamento romano e do casamento judaico, nasceu uma alta ideia de família. Com os cristãos, tudo o que se podia chamar luxo e mundanismo estava tocado de interdição»<sup>3</sup>. Ti-

<sup>2</sup> Renan, o.c. p. 1031.

<sup>3</sup> Renan, o.c. p. 1022.

nha uma séria desvantagem: era exclusivista e intolerante face a todas as outras religiões. Mas tinha-se constituído em religião de massas. Como é que o senso comum via a doutrina cristã?

O que pensavam as pessoas bem intencionadas da teologia cristã? «Era uma seita puritana e aguerrida que se desligara do judaísmo. A essência da religião consiste em acreditar que uma grande manifestação celeste se fez na pessoa de Jesus de Nazareth, ser divino, que depois duma vida totalmente sobrenatural foi morto pelos judeus, seus compatriotas, e ressuscitou ao terceiro dia. Assim, vencedor da morte, ele espera á direita de Deus, seu pai, a hora propícia para pôr fim ao mundo e aos homens, reaparecer nas nuvens, presidir à ressurreição geral de que a sua foi o prelúdio, e inaugurar sobre uma terra purificada o reino de Deus, isto é, o reino dos santos ressuscitados. Enquanto se espera, a reunião dos fiéis - a Igreja - representa uma espécie de sociedade de santos vivos, sempre governada por Jesus. Era assente que Jesus havia delegado os seus poderes em apóstolos que instituíram os bispos e toda a hierarquia eclesiástica. A Igreja renova a sua comunhão com Jesus pelo meio da fracção do pão e do mistério do cálice, rito estabelecido pelo próprio Jesus e em virtude do qual Jesus se torna momentaneamente, mas realmente, presente no meio dos seus. Como consolação, durante a espera, no meio das perseguições dum mundo perverso, os fiéis têm dons sobrenaturais do Espírito de Deus que animou outrora os profetas e que não se apagou. Eles têm sobretudo a leitura dos livros revelados pelo Espírito, isto é, a Bíblia, os Evangelhos, os livros dos Apóstolos e os escritos dos novos profetas que a Igreja adoptou para a leitura nas reuniões públicas. A vida dos fiéis deve ser uma vida de oração, de ascetismo, de renúncia, de separação do mundo, pois que o mundo actual é governado pelo príncipe do mal, Satan, e que a idolatria não é senão o culto dos demónios. Uma tal religião aparece antes de mais saída do judaísmo. O messianismo judaico é o seu berço. O primeiro título de Jesus, título que se tornou inseparável do seu nome, é *christos*, tradução grega do hebraico *meshia*. O grande livro do culto novo é a Bíblia judaica. As suas festas, pelo menos quanto aos nomes, são as festas judaicas; o seu profetismo é a continuação do profetismo judaico. Mas a separação entre a mãe e o filho fez-se completamente. Os judeus e os cristãos, em geral, detestam-se completamente. A religião nova tende a esquecer as suas origens e o que ela deve ao povo hebraico. O cristianismo é visto pela maior parte dos seus aderentes como uma religião totalmente nova, sem laços

com a que lhe precedeu»<sup>4</sup>. A esperança do fim do mundo próximo (ao ponto de Jesus ter dito que «alguns de vós assistirão a essas coisas») e a imediata ressurreição dos mortos eram o cerne da fé dos cristãos.

## CONSTANTINO

Constantino abriu as portas à religião cristã com o Édito de Milão de 313; mas ele próprio não aderiu só se baptizando na hora da morte. Assinou decretos teológicos, presidiu a concílios donde saíram dogmas infalíveis como o concílio ecuménico de Niceia (325) que estabeleceu o actual *Credo* ou *Símbolo de Niceia*, foi *pontifex maximus*, mas ele próprio não era baptizado. Começou por conceder ao cristianismo a igualdade perante as outras religiões mas, pouco a pouco, por influência dos bispos, ia reprimindo as outras, nomeadamente a oficial proibindo aos funcionários de oferecer sacrifícios em público; subrepticamente o episcopado católico ocupou o lugar até então reservado às classes dirigentes pagãs. Em 324 tomaram-se disposições para que alguns templos perdessem os seus frequentadores, despojados das suas imagens ou totalmente eliminados. O seu palácio em Bizâncio-Constantinopla (para onde mudou a capital) foi construído com materiais e com jóias dos templos da Fenícia e na Frígia. Durante o seu reinado decaíram consideravelmente os cultos de Mitra e de Cibele<sup>5</sup>, os mais próximos concorrentes do cristianismo.

Os cristãos passaram abertamente a derrubar os templos pagãos e a apropriar-se dos seus bens. O poder lançou-se na perseguição das divergências no interior do cristianismo. O arianismo e a poderosa Igreja norte-africana foram perseguidos pelas armas de Constantino, os seus patrimónios expropriados para a Romana e numerosos bispos heréticos exilados; era o seu ministro para a religião Ósio, bispo de Córdoba, que antes tinha organizado o Concílio ibérico de Elvira e que veremos adiante. A igreja de África conheceu então, sob Ósio, milhares de mártires, os célebres *circuncélios*, conotados com as heresias montanista e gnóstica, definidas por um imperador que não era cristão; a Igreja africana abriu cisma - com reflexos na península Ibérica. O catolicismo como o conhecemos até ao séc. XX nasceu neste momento.

<sup>4</sup> Renan, o.c. p. 1003.

<sup>5</sup> Hubert Jedin, *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. II, Barcelona, Biblioteca Herder, 1990, p.34.

Os historiadores interrogam-se sobre a personalidade do mecenas Constantino que se descobre nunca ter deixado a ideologia pagã nem o conceito bárbaro de justiça. Assim, costumam citar a sua proverbial crueldade enquanto político e militar, inclusivamente para com o seu filho e a sua mulher Fausta (madrasta do filho), assassinados pelo próprio imperador em 326, por alguém ter insinuado que o filho tivera relações ilícitas com a madrasta<sup>6</sup>. Paulo Orósio, apologista galego que viveu no fim do século III, confirma o assassinato do filho Crispo e da mulher e acrescenta que também matou o sobrinho Licínio sem dizer por que razões<sup>7</sup>. E divagam sobre a fé do imperador: uns dizem que foi esta má acção que o fez lançar nos braços do cristianismo enquanto outros dizem o contrário, que ela fez o imperador deferir o seu baptismo expiatório até à hora da morte, em 337<sup>8</sup>. Digamos nós que a sua identificação com o Evangelho era tal que, «ao mandar construir a igreja dos Doze Apóstolos, determinou que, entre as duas filas de seis estelas funerárias dedicadas, cada uma, à memória dos Apóstolos, devia colocar-se o seu sarcófago a fim de ter parte nas orações elevadas aí ao céu em honra dos Apóstolos»<sup>9</sup>, aproveitando-se das orações aos apóstolos, e isto sem ser baptizado. Diz Renan que, com vantagem sobre o estoicismo em que os pecados são irremissíveis, o catolicismo tem perdão para todos os pecados. Quanto mais se peca mais se lhe pertence. Constantino faz-se mecenas do cristianismo porque ele crê que só os cristãos têm expiações para o crime da morte dum filho<sup>10</sup>. Segundo a teologia católica, o baptismo à hora da morte redime todos os pecados da vida e conduz directamente ao paraíso (como um acto de magia?). O facto de o imperador ter pedido para ser amortalhado numa veste branca e não numa púrpura imperial basta para que os apologistas digam que ele morreu com os «sentimentos dum velho cristão»<sup>11</sup>. Conheceria ele a célebre metáfora dos sepulcros caiados de branco?

Houve um movimento medieval tendente a canonizar Constantino chamado frequentemente Santo Imperador, quando ele nem sequer

<sup>6</sup> Hubert Jedin, o.c. p.41.

<sup>7</sup> Paulo Orósio, *História Contra os Pagãos*, Univ. do Minho, 1986, p.415. «Virando contra os próprios afectos o gládio vingador e a punição destinada aos ímpios».

<sup>8</sup> Hubert Jedin, o.c. p.41.

<sup>9</sup> Hubert Jedin, o. p. 42.

<sup>10</sup> Renan, *Oeuvres II<sup>o</sup>, Marc Aurèle*, p. 1031.

<sup>11</sup> Hubert Jedin, o.c.p 44.

aderiu ao cristianismo. As honras caíram sobre a sua mãe, Santa Helena, que não foi em nada exemplo de virtudes (libertina e devassa). Sobre ela correu uma lenda que deu origem à festa católica do 3 de Maio (Invenção da Vera ou Santa Cruz). Segundo a lenda, Helena encontrou três cruzeiros no Calvário (a de Jesus e as dos dois ladrões) mas só uma delas curou doentes e ressuscitou um morto, sendo ela a Vera Cruz. Diz-se que esta foi repartida, como relíquia, pelas paróquias da cristandade; é hoje o objecto chamado *Santo Lenho* que os actuais párocos levam nas procissões e com que abençoam o povo<sup>12</sup>.

## JULIANO

Os filhos de Constantino seguiram a política do pai. Sucedeu-lhes Juliano (361-363), sobrinho de Constantino; foi baptizado no cristianismo mas regressou ao politeísmo e, daí, o título por que o conhecem os cristãos: Juliano-o-Apóstata. A intolerância católica tinha-se erigido em ideologia de Estado. O novo imperador pretendeu corrigir os erros dos seus predecessores: «Defendeu o paganismo e o helenismo conceitos que para ele eram idênticos. Apóstata para os cristãos piedoso para os pagãos e, para estes, até excessivamente supersticioso, tanto que Paganiol pôde dizer que, mais do que muitos Padres da Igreja, Juliano merece ser considerado um santo»<sup>13</sup>. Os seus próximos diziam que ele se propunha ser o restaurador da religião helénica e do espírito grego; que ele não só havia traçado um plano para eliminar as injustiças cometidas contra o paganismo mas também pensava restaurar a religião do Império, com a reorganização dos sacerdócios masculino e feminino para os diferentes santuários. Também se dedicou com um cuidado minucioso à restauração dos oráculos e dos cultos místéricos ainda que desta forma arriscasse reabrir a porta para o retorno dos adivinhos, dos horóscopos e das formas mágicas da religião popular pagã<sup>14</sup>. O reconhecimento do paganismo era uma via para restaurar a tolerância. A convivência de religiões diferentes era legítima e até útil, como modo de pertença cultural e étnica.

<sup>12</sup> Em *Origens Orientais da Rel. Pop. Port.* explico como a festa do 3 de Maio foi instalada sobre uma data judaica para combater o judaísmo.

<sup>13</sup> José Garcia Blanco, Introdução a: Juliano, *Discursos*, p.8.

<sup>14</sup> Hubert Jedin, o.c. p. 96.

Subido ao poder, como prova da sua imparcialidade face a todas as religiões e seitas, decretou uma amnistia para todos os exilados por motivos religiosos proclamando uma tolerância total. «O paganismo tinha sido duramente perseguido desde Constantino e a quantidade de expoliações de templos e santuários, cujos materiais haviam sido empregues noutras construções, foi bastante grande. Para a efectiva liberdade das religiões, Juliano teve que exigir a devolução de tudo o que havia sido subtraído aos seus antigos donos ou uma indemnização equivalente porque o Estado não estava em condições de sufragar o grande número de construções destruídas. Estas medidas provocaram os primeiros conflitos sérios; ao negarem-se os cristãos a estas devoluções ou os pagãos a exigí-las com celeridade, se produziu a morte de algum cristão que imediatamente foi considerado mártir. Entre as medidas pela igualdade das religiões retirou ao clero cristão um direito de que vinha desfrutando, o de viajar a expensas do Estado»<sup>15</sup>. Reformou a legislação anterior no sentido de mais equidade. Desenvolveu uma intensa actividade intelectual e filosófica escrevendo vários *Tratados*. Fez um retiro no santuário de Cibele em Pessinonte (Frígia) onde compôs um texto filosófico chamado *Discurso à Mãe dos Deuses* em que diz estar «infinitamente grato à Mãe dos Deuses por lhe ter pedido que se castrasse, não do corpo mas de todos os apetites desmedidos». Também era «fiel seguidor de Mitra, admirador das virtudes morais e ascéticas do mitraísmo»<sup>16</sup>, e autor do *Discurso ao Rei Hélios* (Mitra, o Sol), talvez mais referente ao culto tradicional do Sol, arquétipo do criador, fecundador e ordenador do Universo. O mitraísmo, enquanto religião exclusiva de homens, era complementar do sistema da Grande Mãe cujas propagandistas seriam mais as mulheres. O pai de família podia ser adepto de Mitra e a mãe ser uma fiel seguidora da Magna Mater. Uma pessoa podia aderir a várias religiões; Juliano era fiel de Mitra e de Cibele e outros imperadores foram-no de outras religiões em simultâneo. O culto do Sol passaria aos olhos do imperador-filósofo como um compromisso entre as várias religiões, uma espécie de via ecuménica em que cada um podia ver Deus através do sinal mais poderoso e universal da Criação.

O seu tratado *Contra os Galileus* (nome da «seita dos cristãos», por Jesus ser natural da Galileia) foi o mais conhecido; o

<sup>15</sup> José Garcia Blanco. o.c. p. 45.

<sup>16</sup> Franz Cumont, *Les Mystères de Mithra*, p. 142.

imperador revela aí alguns argumentos da sua teologia. Diz ele: «Parece-me bem expôr a todos os homens as causas por que me convenci de que a maquinação dos galileus é invenção de uns homens e construída de maldade» e explica em que se baseia a sua teoria: «Platão chama deuses aos visíveis, o sol, a lua, as estrelas e o céu mas estes são apenas imagens dos deuses invisíveis. O sol que se mostra aos nossos olhos é a imagem do Sol inteligível que não se mostra e, por sua vez, a lua que aparece aos nossos olhos e cada uma das estrelas são as imagens dos inteligíveis. Pois Platão conhece esses deuses inteligíveis e invisíveis, imanes e coexistentes que foram engendrados e procedem do próprio Criador. Este é o comum Criador, o que modelou o céu, a terra, o mar e as estrelas, e o que engendrou nos inteligíveis os arquétipos deste mundo». É a teoria antropológica dos arquétipos inspirada em Platão e desenvolvida pelos psicanalistas da escola de C.G. Jung.

Conhecedor da Bíblia, rebate a teologia do Antigo e do Novo Testamentos e a legitimidade do deus de Israel «que tem apenas por eleito uma pequena tribo que há menos de dois mil anos se estabeleceu na Palestina, em menosprezo de todos os outros povos; não é tudo isto falta de imparcialidade divina? O deus de Israel é um deus ciumento (Exodo 20;5). E porque é que há-de ele ser ciumento e castigar os filhos por causa dos pecados dos pais? Explicai-me (óh galileus): se a Lei de Moisés é eterna (Êxodo 12:14) como é que se encontra em Paulo, atrevidamente, que Cristo é o fim da Lei (Rom. 10:4)? Escutai ainda Moisés: 'Não acrescentareis nada às palavras que Eu (Deus) vos recomendo e não tireis nada; maldito seja quem não observe tudo isto' (Deut.4:2 e 27:26); contrariamente, vós (galileus) destes pouca importância ao suprimir e acrescentar ao que está na Lei». Procura demonstrar que Jesus não tem relação com Moisés fundador da lei divina, não corresponde às profecias do Antigo Testamento segundo as quais Jesus devia descender da tribo de Judá, e aponta as contradições do Evangelho de Mateus quanto á genealogia de Jesus (Mat.1:1 e sg.) «Como podia Jesus descender de David e de Judá se ele não nasceu de José mas do Espírito Santo? Ao fazer a sua genealogia, remontais de José até Judá; nem sequer isto fostes capazes de inventar bem». Compara a intolerância dos cristãos à cólera que o Deus de Israel aconselha contra os povos vizinhos: «Vós, galileus, imitais a cólera e a impiedade dos judeus derrubando os templos e os altares e degolais não apenas os que, de entre os nossos, se mantiveram nas crenças tradicionais como também, de entre os vossos, os heréticos por não carpirem os cadáveres da mesma maneira que vós.

Mas isso é da vossa especial invenção pois de modo nenhum Jesus vos transmitiu essas ordens, nem Paulo (...). Alguém que indague a verdade a vosso respeito encontrará que a vossa impiedade é um misto da audácia dos judeus e da vulgaridade dos gentios, tomando de ambos não o mais belo mas o pior (...). Dos judeus retirastes o costume de blasfemar contra os deuses honrados e venerados de entre os nossos; dos nossos cultos abandonastes a reverência a toda a natureza superior e o amor dos costumes pátrios, e apenas aprendestes que 'tudo o que se move e vive vos servirá de alimento, dou-vos tudo isto ao mesmo tempo que a verdura dos campos' (Gênesis 9;3). E, se há que dizer a verdade, vós vangloriai-vos de ter ultrapassado a nossa vulgaridade - isto, creio que sucede com todos os povos e é muito natural - mas acreditais que podeis adaptar os vossos costumes às vidas dos homens comuns, pastores, publicanos, bailarinos e proxenetas»<sup>17</sup>.

Apesar dos rancores com que os cristãos trataram o imperador e das histórias inacreditáveis que contavam, nunca ele hostilizou o cristianismo, comportando-se como um filósofo do tempo. Os cristãos apenas o podiam acusar de ter tentado restaurar a tolerância entre as religiões e considerado a «igreja dos galileus» como uma entre as outras. Diz ele em cartas ao habitantes de Edessa e de Bostra (Síria): «Eu sempre tratei os galileus com tanta doçura e humanidade que nenhum teve de sofrer violência, nem de ser arrastado a um templo, nem de ser vexado contra as suas intenções (...). Também ordeno aos que abraçam a religião verdadeira que não cometam nenhuma injustiça contra a massa dos galileus e que não os ataquem nem injuriem; há que ter compaixão mais do que ódio para com os que erram em assuntos importantes, pois se o mais importante dos bens é a religião, também entre os males o maior é a impiedade (a irreligiosidade)»<sup>18</sup>. Visto hoje, Juliano revela-se então mais integrado do espírito cristão do que a Igreja que o combateu; em todo o caso, mais religioso do que Constantino. Diz um comentador moderno que a política de Juliano não era anti-cristã mas simplesmente não-cristã. O importante não é a sua polémica anti-cristã motivada pela recusa dos cristãos a renunciar aos privilégios adquiridos no regime anterior e a serem tratados num

<sup>17</sup> Juliano, *Contra os Galileus*, p. 26.

<sup>18</sup> Juliano: *Contra los Galileos, Cartas y Fragmentos, Testimónios, Leys* - Introdução, tradução e notas de José Garcia Blanco e Pilar Jimenez Gazapo, Madrid, Ed. Gredos, 1982, p. 178.

plano de igualdade, mas a intenção do imperador em reformar o Império restaurando o direito romano como base fundamental e apoiando-se numa ética pessoal estrita e não tão idealista como se tem apontado, pois a sua moral é prática, e o seu racionalismo místico é algo de muito afastado do cristianismo pois crê e esforça-se pelo triunfo do espírito neste mundo»<sup>19</sup>. Juliano morreu dois anos depois de subir ao trono numa expedição na Pérsia<sup>20</sup>. Foi a última palavra dum Império pluri-religioso e tolerante.

O imperador Cláudio (268-270) seguiu a política de Juliano. Teodósio, entre 380 e 394, proibiu definitivamente todas as religiões excepto a cristã e condenou com a pena de morte quem as praticasse e, até, quem as discutisse em público. Expropriou os respectivos e imensos patrimónios que foram transferidos para a cristã. O Império encontrou enfim a sua parceira até se tornar seu servo. A Igreja só o largará com a Reforma pela qual a Europa teve de esperar para ver restaurado o direito à diferença e a tolerância que foi regra de Jesus e dos Apóstolos. Entretanto, veremos a oposição a esta união *contra natura* em África liderada por Donato e na Galiza-Lusitânia, por Prisciliano.

## O CATOLICISMO NASCEU

Com a conversão forçada de todas as populações do Império e com a ocupação dos respectivos locais pela cristã, nasceu um fantástico e multiforme sincretismo nos três continentes. Diremos mesmo que uma nova religião nasceu: a católica. Dogmas, culto dos santos, culto de Maria, culto das imagens, arquitectura religiosa, disciplina e direito canónicos, liturgia sacramental, alfaias e paramentos litúrgicos (da batina do padre

<sup>19</sup> José Garcia Blanco e Pilar Jimenez Gazapo, o.c. p. 275.

<sup>20</sup> Tal como se diz que uma cruz apareceu a Constantino com os dizeres «Com este sinal vencerás» (quando o imperador só aceitou o cristianismo na hora da morte) assim a lenda eclesiástica pretendeu que Juliano, ao ser atingido mortalmente por uma flecha inimiga, se virou contra o céu e disse em modos de desespero «Venceste Galileu» (i.é Jesus Cristo) quando ele não lutava contra os cristãos nem os persas (contra quem ele lutava) eram «galileus». O imperador Juliano foi uma das figuras mais evocadas durante o Iluminismo, pelo seu sentido de Estado pluriconfessional, pela sua tolerância em tempos tão conturbados e pelo seu pensamento filosófico. A esperança dum mundo plurirreligioso e tolerante morreu com ele, tendo só ressurgido com o Renascimento e a Reforma. Cf. Groupe de Recherches de Nice, *L'Empereur Julien - De la Légende au mythe (De Voltaire à nos Jours)*, Paris, Les Belles Lettres, 1981, 576 p.

à tiara do papa), calendário litúrgico, culto da Igreja-Mãe, enfim, toda uma cultura religiosa nova se implantou na Europa. O catolicismo actual nasceu nesse momento e não conheceu mudanças desde a alta Idade-Média até aos anos 60 do séc. XX.

Entretanto, as massas rurais - que ainda hoje se não interessam por teologia e apenas vivem as tradições - mal se teriam apercebido do fim do paganismo, já que a fidelidade aos ritos assegura a continuidade. Os nomes dos santuários foram substituídos (quando o foram) mas os cultos e os gestos rituais continuaram. Procedeu-se sobretudo a ajustamentos nos nomes como vimos no culto do Sol para iludir as massas populares. Os títulos de algumas divindades facilitaram a passagem: o Sol que era *Baal* (senhor) e *Adon* (senhor) mudou-se em «Nosso Senhor»; os locais de Athis e Mitra que eram *O Salvador* passaram a ser de São Salvador<sup>21</sup>. A Deusa-mãe já era tratada de «Nossa Senhora» e assim passou o título para Maria.

Até então os cristãos não tinham templos. As reuniões de culto eram locais e habitações comuns, sem arranjos arquitectónicos especiais. A *Ecclesia*, a Igreja, era uma colectividade, uma assembleia de fiéis e frequentemente um «grupo à distância» como dizemos hoje. Como os pagãos tinham templos, os cristãos passaram a imitá-los. Os templos pagãos eram a «casa» do deus Mercúrio ou Athis; os locais cristãos passaram a ser a «casa de Deus» como se Deus morasse nuns sítios e não noutros; inaugurou-se então o costume de «benzer ou consagrar» locais para Deus habitar, «locais sagrados». Até então, a religião cristã não estava separada da vida, Deus estava em todo o lado; com a promiscuidade da religião com o poder social e com os locais consagrados, a religião fechou-se em templos «onde Deus mora». Frequentando esses locais, as pessoas convertidas à força e os cristãos corrompidos com o poder político dão a ideia para o exterior de serem bons cristãos, uma vez que se encontram «com Deus» na «sua casa» uma vez por semana. Mais: passando a religião cristã a ser uma obrigação jurídica, o único meio de saber se alguém cumpre a lei é a frequência da «casa de Deus».

Os cristãos não veneravam imagens. Como os templos pagãos as tinham, inventaram-se imagens de Deus, de Jesus e dos Santos para subs-

<sup>21</sup> As paróquias mais antigas de Portugal colocaram-se sob o orago de *São Salvador* (que passou a ser Jesus Cristo.). Note-se que a expressão *São Salvador* não se pode aplicar a Jesus Cristo (que é Deus) mas a um «santo», entre outros santos, que tem a função de «salvar».

tituir as estátuas condenadas: tal é a origem do culto católico das imagens. No paganismo considerava-se que os deuses residiam ou incarnavam nas imagens; oferecia-se-lhes sacrifícios e libações. O incenso dos ofícios católicos corresponde ao perfume que se queimava diante dos altares o qual fazia a «delícia» da divindade presente no templo e que, também, favorecia a entrada em transe do adepto. Os cristãos passaram a ajoelhar-se diante das imagens e a cobri-las de afectos. A imagem pagã fazia milagres, exprimia-se ou movia-se para dar oráculos, etc. Os cristãos imitaram nisso os pagãos. As imagens são o objecto de adoração. Tal imagem do mesmo santo é mais milagrosa do que outra; o São Mateus duma aldeia e o São Mateus da aldeia vizinha são dois santos diferentes e até concorrentes. A imagem tem de obedecer a conceitos formais rigorosos; só a «verdadeira imagem» tem poder. Deus, Maria ou os santos não aceitam qualquer formalidade estética: Jesus Cristo tem de estar na cruz duma forma determinada e não doutra; Maria não pode ser representada como uma dona de casa ou a remendar os fatos dos familiares nem a trabalhar na horta. E tem de usar trajes como as mulheres da alta roda. Uma Nossa Senhora vestida pobremente seria uma blasfêmia. A imagem só é milagrosa se obedecer a certos requisitos formais, cores, formas, etc., estabelecidos pelo costume (pelas superstições dos povos...); por exemplo, um artista que pinte a Senhora de Fátima com um manto azul ou com uma túnica às riscas como usavam as mulheres da Palestina ou que lhe ponha o Menino nos braços, esse artista será acusado de heresia e a Senhora não fará milagres porque não é a «verdadeira imagem». Os cultos pagãos eram tópicos, isto é, ligados a um topónimo, a um sítio; a Diana de Éfeso era muito mais milagrosa do que a Diana duma aldeia perdida; por isso é que o seu templo de Éfeso era mais concorrido. Os cultos cristãos passaram também a ser tópicos. A Senhora da Oliveira, de Lurdes ou de Fátima só fazem milagres nos seus locais, porque só essas imagens incarnam a Senhora com esse nome; São Tiago só é eficaz em Compostela; quem quizer alguma coisa dessas personagens tem de ir ao respectivo sítio ou mandar alguém, e a promessa tem de ser paga a essa imagem e não às cópias que estão nas igrejas vulgares; essas são apenas imitações ou recordações e objectos publicitários da «verdadeira imagem». Os cultos cristãos herdaram assim o do «génio local» (*genius loci*), isto é, um deus que era senhor e proprietário dum local e frequentemente em concorrência com o «génio» doutros sítios. Todo o paganismo se passou para o culto dos santos e das imagens; o cristianismo constantiniano acolheu-o como um rio que arrasta tudo quando transborda.

A essência da religião popular traduz-se nas festas: todas continuaram, por assim dizer, nos mesmos locais, reajustados os nomes e mudadas as imagens (quando o foram)<sup>22</sup>. Se o deus do local era o púnico *Baal Sheiman* (senhor do céu), introduziu-se um São *Simão* inventado para a circunstância ou um São Pedro de *Balsemão*<sup>23</sup>. Onde havia um Mercúrio-Hermes (patrono dos mercadores, guia nas viagens representado com asas nos pés) passou a haver um São Miguel (com asas nas costas e uma balança na mão). Onde se festejava a Lua ou Lucina passou a cultuar-se a Senhora da Luz ou Santa Luzia. As rochas, as grutas, as fontes, os rios, as árvores, etc. que eram locais de culto às forças da Natureza e sobretudo à Grande Mãe, foram-se convertendo em Senhora da Rocha, do Monte, da Oliveira ou de outros nomes. Sobre a sucessão dos locais pagãos para o cristianismo, vimos o reparo interessante de Cumont: «No recinto ocupado pelos Gallos de Roma chamado *Phrygianum* (dos frígios) onde no séc. IV se praticaram os últimos touróbulos, eleva-se hoje a basílica do Vaticano»<sup>24</sup>.

Noutro trabalho explicamos como as festas populares, estando relacionadas com o estado da vegetação e o trabalho agrícola, e sendo frequentadas pelo povo desde a idade de criança, se perpetuam durante milénios, pelo efeito da memória colectiva ligada aos sítios, ao clima, ao trabalho agrícola, ao estado da vegetação, aos cheiros e às cores da terra<sup>25</sup>. Em suma, a Europa passou ao catolicismo por três vias paralelas e sobrepostas: 1) coacção administrativa e política, 2) manutenção do calendário festivo com nomes renovados, 3) continuidade dos locais de culto antigos perpetuando-se as funções sociais dos encontros. A substituição ou sobreposição não foi apenas um mero efeito de rotina das culturas populares mas uma estratégia oficial da Igreja pós-constantiniana<sup>26</sup>. A substituição de nomes dá a ideia de cristianização do calendário; se isso tiver

<sup>22</sup> Por exemplo, a imagem da Senhora da Oliveira, em Guimarães foi uma imagem de Ceres. Encontramos cultos populares que se mantêm inalteráveis desde o pré-cristianismo, V. *Origens Or. da Rel. Pop. Portuguesa*, p. 3-17.

<sup>23</sup> Existe perto de Lamego o templo cristão mais antigo de Portugal, São Pedro de Balsemão cujo nome procede de *Baal Sheiman*; São Pedro, também chamado Simão e que se festeja a 29 de Junho, é a continuação das festas solsticiais do Sol púnico ou fenício.

<sup>24</sup> *Les Religions Orientales*, p. 87.

<sup>25</sup> *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, p. 149.

<sup>26</sup> Esta estratégia é uma constante ao longo da história da igreja católica: quando esta não consegue proibir a festa, adopta-a mudando-lhe o sentido. Por exemplo, o Carnaval era uma festa de fim de inverno, libertina e irreverente; não a podendo eliminar, passou

pouco efeito na mudança dos costumes como se constata, ficará o que sempre foi mais importante que é a marca do poder da Igreja.

As alfaias e os paramentos litúrgicos católicos são também herdados das religiões pagãs. A mitra dos bispos e a tiara dos papas provêm das religiões da Síria, da Pérsia e do Egipto. Os paramentos sacerdotais (alba, casula, capa de asperges...) foram herdados dos sacerdotes da Deusa Síria e dos de Cibele tal como a batina corresponde à túnica dos *galli* que, com a castração, adoptavam um aspecto feminino.

O ritual católico também nasceu neste momento, desde a água benta na pia à porta das igrejas ou aspergida sobre os fieis que veio das religiões semitas, até aos grandes ofícios que se querem como espectáculos com cenografias imponentes e corais que podiam ser de eunucos. O antigo teatro greco-romano foi proibido por esta Igreja nascente e os comediantes de rua excomungados (V. Concílio de Elvira). Santo Agostinho atirou-se aos espectáculos teatrais e circenses com a mesma fúria com que os islâmicos condenarão o toucinho. As casas de jogo foram fechadas. Os bailes populares ainda estavam proscritos nos meados do séc. XX. O único entretenimento artístico disponível passou a ser o ritual religioso nas igrejas («basílicas») que começaram a ser construídas por todo o lado pelo Estado. Aqui nasceu a liturgia católica para a qual se passaram as preocupações estéticas que até então eram apanágio dos teatros. A imponente liturgia da basílica é a visualização do poder social da Igreja. Nada mais alheio à espiritualidade dos primitivos cristãos do que este catolicismo constantiniano, quando aqueles seguiam Jesus que disse: «Chegou a hora, e é agora, em que já não é nesta montanha nem em Jerusalém que adorareis o Pai. Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e os que o adoram é em espírito e verdade que o devem adorar» (Jo. 4:23).

Instaurou-se a missa como cerimónia dominical obrigatória (o descanso semanal também passou a ser ao domingo em vez do sábado bíblico). Até então, o essencial da cerimónia cristã era a «Ceia do Senhor» ou Eucaristia (distribuição do pão e do vinho) num convívio fraternal; a partir de agora, esse gesto fundador vai perder-se num festival de enações clericais que pode durar horas e que passa a chamar-se «missa».

---

a classificá-la de Entrudo (*introitus*, «entrada» na Quaresma); nos anos 50, a Igreja instalou no dia 1 de Maio a festa de «São José Operário» para abafar o Dia do Trabalhador conotada com as lutas operárias desde o século XIX.

O povo já não participa, «assiste» ao espectáculo da missa ao qual está obrigado por lei do Estado. O próprio vocábulo «missa» para o ofício do sacerdote, que é de origem popular, deriva da fórmula de despedida da assembleia pelo clérigo - *Ite missa est* (ide, a missa acabou) - a qual veio do processo jurídico romano em que o magistrado, proferida a sentença, despedia a audiência dizendo *Ite missa est*, «ide, a sentença está emitida, dada»; o povo passou a conhecer a cerimónia obrigatória pela fórmula com que ela é dada por terminada: *missa est*, «está dada, terminou». E nisto também o sacerdote adoptou a posição dum funcionário local, sendo a missa dominical para ele um meio de afirmar a autoridade da Igreja e, para o povo, o modo de marcar presença social e de se descartar da obrigação.

Foram-se instituindo os sacramentos (obrigatórios) como condição para a salvação - forçada - (o sacramento do matrimónio só data do séc. XII<sup>27</sup>). Tudo costumes das religiões e dos grupos místéricos tradicionais. Os formalismos e as «palavras exactas» que eram a essência das religiões pagãs passaram a ser indispensáveis no catolicismo cujos ofícios se constituem num rol de textos latinos e de gestos estereotipados imutáveis. A forma exterior prevalecerá sobre a adesão espiritual; a validade religiosa reside no gesto. Para a teologia católica, os sacramentos actuam *ex opere operato* («por obra do acto») quer dizer, o efeito sacramental reside nas palavras e nos gestos do oficiante independentemente da intenção deste ou da do utente, como os actos jurídicos, económicos ou políticos; ora, o princípio de que a eficácia sobrenatural reside na fidelidade às palavras e aos gestos (independentemente de serem compreendidos ou assumidos) é o da magia; é na magia que a eficácia sagrada reside nas «palavras exactas» (sejam elas abacadabrantes, incompreendidas) e nos gestos fixos como as figas e os feitiços. Os gestos e as palavras obrigarão Deus a aceitar o sacramento mesmo que este seja celebrado coerciva ou fingidamente. Na adesão forçada a uma religião, o único meio de controle são os gestos e as palavras sendo irrelevante o espiritual. Enfim, para não transtornar os padrões arquetípicos das culturas submetidas e pagãs, a Igreja adoptou os seus costumes e as suas simbólicas. Fica esta dúvida: o Império cristianizou-se ou foi o cristianismo que adoptou o paganismo?

---

<sup>27</sup> Jean-Claude Bologne, *História do Casamento no Ocidente*, Lisboa, 1999, p. 123 e 431.



III Parte  
ORIGENS DO CRISTIANISMO PORTUGUÊS



## Capítulo 1

### ORIGENS NORTE-AFRICANAS DO CRISTIANISMO PORTUGUÊS

#### APOSTASIAS

Os historiadores apologéticos conjecturaram muito quanto ao momento em que o cristianismo penetrou na Ibéria, mas pouco demonstraram. Pretendem muitos que São Paulo e São Tiago vieram à Península difundir o Evangelho. São Paulo prometeu de facto vir a Espanha na *Epístola aos Romanos* (15: 24 e 28), mas foi apenas um projecto. Não há disso vestígios na tradição; no cristianismo primitivo era comum guardar-se a memória do apóstolo ou discípulo que havia fundado determinada igreja local; ora não há nem houve nenhuma comunidade ibérica que tivesse guardado a memória de São Paulo nas suas tradições. Quanto a São Tiago, não se encontrou em Compostela qualquer vestígio arqueológico paleo-cristão que ateste a existência de uma comunidade cristã dos tempos apostólicos<sup>1</sup>. A lenda de Compostela é recente; a personalidade de Tiago, o público a quem ele se dirigiu na sua única Epístola (“Às Doze tribos na Diáspora”) e o seu conteúdo, levam-nos a suspeitar que a lenda terá a sua origem nos meios judaicos ou criptojudaios ibéricos, tendo o judaísmo tido muita importância na Galiza cuja língua antes do latim parece ter sido o fenício ou púnico<sup>2</sup>. A Epístola de Tiago estabelece “qual deve ser a verdadeira religião” quando se não pode praticar todo o sistema, o essencial da religião em épocas de perseguição; foi a que praticaram os cristão-novos portugueses desde os visigodos, sob nomes católicos que eles seleccionavam, virada para a solidariedade social<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Os primeiros templos cristãos da Península datam do período visigótico

<sup>2</sup> Jose Ramon Onega, *Los Judios en el Reino de Galicia*, Madrid, Editora Nacional, 1981. pp. 23-33. M.E.S. - *Origens Orientais...*, p. 184.

<sup>3</sup> Em *Orig. Or.*, p. 272 demonstro que um dos santos que os criptojudaios portugueses adoptaram foi São Tiago, em razão do endereço da sua Epístola. Essa adopção pode datar das primeiras perseguições anti-judaicas, nomeadamente da importante razia que

O primeiro facto histórico que atesta a presença de cristãos na Península é a Carta nº 67 de [São] Cipriano bispo de Cartago e de 36 outros bispos norte-africanos; foi dirigida ao “presbítero Félix e aos povos fiéis de Leon e de Astorga, ao diácono Elio e ao Povo de Mérida”, no ano 254. Para além do seu conteúdo que vamos ver, esta correspondência pressupõe uma ligação preferencial dos cristãos ibéricos a Cartago em menosprezo de Roma.<sup>4</sup>

A carta do bispo cartaginês é a resposta a uma consulta que lhe fizeram os presbíteros ibéricos aquando de um conflito que os envolveu com o papa Estêvão I (254-257) a quem Cipriano não reconhecia mais autoridade do que ao bispo de Roma. Resumem-se as circunstâncias: durante a perseguição de Décio (década anterior a 254), os cristãos eram obrigados a solicitar às autoridades um *libelum* (“certificado, atestado”) comprovativo de terem tomado parte em actos da religião do Império; face a um agente da autoridade, durante uma viagem, numa perseguição, para a nomeação dum cargo público, etc., esse certificado provava que o seu portador praticava a religião imperial, tornava-o insuspeito de cristianismo e punha-o ao abrigo de perseguições. Eram os *cristãos libeláticos* que a Igreja tradicional considerava como uma forma de apostasia pura e simples. Os bispos cristãos Basilides (Leon-Astorga) e Marcial (Mérida) eram portadores desses certificados. Não apenas os mostravam a quem lhos pedisse, como ainda, sendo já bispos cristãos, fizeram profissão de fé imperial e assistiram a actos religiosos do império contrários à regras dos cristãos; um deles até abjurou os sacramentos no momento de uma doença e

---

se sucedeu à conversão do rei visigodo Recaredo ao catolicismo (sec. V). Nos sec. XV e XVI os cristãos novos integraram e fundaram as Misericórdias locais, pondo-se “sob as asas da Shekina” (pp.46-59). O autor destas páginas analisou a implantação, o estilo e os ornamentos de algumas dezenas de igrejas da Misericórdia e constatou que esta instituição acolheu os cristãos novos (sem dúvida por sua iniciativa e para satisfazer aquelas recomendações de São Tiago). Esta ligação, formulada pela primeira vez, e promissora de interessantes descobertas, é hoje objecto de estudo de historiadores (tradicionalmente falhos de imaginação sociológica) que não citam o autor que a descobriu.

<sup>4</sup> O nome de São Cipriano é muito citado entre os Ibéricos, associado a métodos de adivinhação e feitiçaria, e a quem se atribui um livro de magia chamado de *São Cipriano*. Se a difusão do nome se poderia dever ao bispo de Cartago, a fama de feiticeiro cabe a um outro São Cipriano, natural de Antioquia (Síria) que antes de ser santo foi necromante, feiticeiro e laçao do diabo, relacionado com a vida de Santa Justina (+280), (*Legenda Dourada*, cap. Santa Justina).

o outro enterrou um filho no cemitério romano quando os cristãos enterravam os seus mortos noutros locais.

Face a estas abjurações oficiais, reuniram-se os bispos das comarcas rurais que dependiam daqueles dois bispos metropolitanos com os presbíteros e os fiéis, chamaram a contas os bispos *libeláticos* que confessaram os factos e foram depostos. Reunidas de novo as mesmas comunidades, foram consagrados outros bispos para ocupar os seus lugares, segundo as regras da organização eclesiástica do tempo. Os bispos *libeláticos* fingiram obediência e arrependimento mas dirigiram-se a Roma para recuperar as suas sedes. O papa Estêvão I deu-lhes razão e ordenou às dioceses que lhes restituissem os bispados. Perante isto, as igrejas ibéricas dirigiram-se ao bispo de Cartago. Este reuniu um sínodo com 36 bispos (em 254) que foi unânime em confirmar que a deposição dos bispos portadores de *certificados de idolatria* era legítima.

## O RECURSO DE CARTAGO

Com argumentos do Antigo e Novo Testamentos, São Cipriano explica que foi correcto o modo como procederam as comunidades, isto é, a deposição dos bispos apóstatas e a eleição de outros para os substituírem. Diz São Cipriano, “tendo os dois bispos sido infiéis ao seu mandato e reconhecido ter cometido crimes abomináveis, a sua destituição foi legítima”. Depois, “por sufrágio de toda a comunidade dos irmãos e dos bispos presentes, o episcopado foi atribuído a outros que substituíram Basilides e Marcial; esta nomeação também foi legítima”. Eis os argumentos finais da longa carta de São Cipriano:

“Vemos portanto que o ensinamento divino é a fonte donde provém o costume de eleger o bispo na presença do povo fiel, sob o olhar de toda a gente e de fazer aprovar por um julgamento público um eleito digno e apto para as suas funções, uma vez que o Senhor ordena [*Num.* 20:25] que o sumo sacerdote seja instituído diante de toda a assembleia, que as ordenações só devam ter lugar na presença de todos, a fim de que os crimes dos maus e os méritos dos bons sejam revelados; só assim teremos uma ordenação justa e regular, garantida pelo sufrágio e julgamento de todos. É o que se observou mais tarde, conforme os ensinamentos divinos, nos *Actos dos Apóstolos*, quando o Apóstolo Pedro falou em nomear um bispo para o lugar de Judas

(*Actos*, 1:15). E não é só para a ordenação dos bispos, mas também dos sacerdotes e dos diáconos, que nós vemos os Apóstolos a seguir esta conduta. Tomava-se a precaução de convocar todo o povo, a fim de impedir que um intruso conseguisse entrar no serviço do altar ou na dignidade episcopal. Que alguns indignos tivessem sido ordenados, não segundo a vontade de Deus mas pela presunção dos homens, e que Deus deteste o que não procede duma ordenação regular e justa, ele mesmo o faz notar pela profeta Oseias: Constituíram reis para si sem que Eu tenha a ver com isso [*Os.* 8:4].

“Do mesmo modo, é necessário manter cuidadosamente a tradição divina, a prática apostólica e observar o que se faz entre nós e em quase todas as províncias; onde fôr necessário ordenar um chefe para o povo fiel, os bispos da província juntem-se e que a eleição dos bispos se faça na presença do povo que conhece a sua vida e pode apreciar a sua conduta. Sabemos que assim se procedeu para a ordenação de Sabino, nosso colega. Foi pelo sufrágio de toda a comunidade dos irmãos e dos bispos presentes ou que se exprimiram por escrito que o episcopado lhe foi atribuído, que as mãos lhe foram impostas, para ocupar a sede de Basilides. Uma ordenação regular não pode ser invalidada pelo facto de Basilides (cujos crimes foram detectados e confessados por ele próprio) ter ido a Roma e obtido por surpresa de Estêvão nosso colega (que, estando longe do sítio onde os factos se passaram, conhece-os mal) e ser injustamente restabelecido na dignidade episcopal donde foi regularmente deposto. Basilides conseguiu simplesmente agravar as suas faltas em vez de as expiar, juntando a manha á impostura. Devemos então criticar não tanto quem se deixou surpreender pela negligência mas quem usou da surpresa e perfídia. Se Basilides apanhou de surpresa os homens, não pode apanhar de surpresa Deus porque está escrito: ‘Deus não se deixa iludir’ [*Gal*, 6:7]. Nem tão pouco Marcial se pode aproveitar do efeito de surpresa nem é menos culpado de faltas graves e deve ser afastado do episcopado, porque diz o Apóstolo ‘um bispo deve ser inatacável como se fosse o ecónomo de Deus’ [*Tit.* 1:7]

“Assim, meus queridos irmãos, segundo o testemunho dos nossos colegas Felix e Sabino e ainda uma carta de um outro Felix de Cesaraugusta que é um homem de fé e defensor da verdade, Basilides e Marcial conspurcaram-se com um sórdido certificado; estando doente, blasfemou contra Deus e confessou ter blasfemado. Dispondo-se a reaver a honra do episcopado, com a sua consciência atafalhada

de remorsos, Basilides pôs-se a fazer penitência fingindo-se muito contente por poder comungar como leigo; Marcial, por seu lado, depois de tomar parte durante muito tempo como membro dum colégio idolátrico nos ágapes vergonhosos e impuros e ter enterrado os seus filhos ao modo dos pagãos nos sepulcros profanos, afirmou numa sessão pública diante do procurador ducenário que passava a obedecer às ordens da idolatria e a renegar Cristo. Enfim, há um sem número de culpas graves em Basilides e Marcial. Por todas estas razões é em vão que eles pretendem reentrar no exercício das suas funções episcopais, sendo demais evidente que tais homens não deverão estar à cabeça da igreja de Cristo nem oferecer sacrifícios a Deus, tanto mais que desde há muito e de acordo com todos nós e os bispos do mundo inteiro, Cornélio, nosso colega decidiu que tais homens poderiam ser admitidos à penitência mais deviam ser afastados da cléricatura.

“[...] Que o povo fiel não pense que fica imune comunicando com um bispo pecador e aceitando o exercício ilegítimo de um tal episcopado, quando a justiça divina faz ouvir a ameaça pela boca do profeta Oseias: ‘As suas oferendas são o pão do luto, todos os que comerem delas ficam manchados’ [Os. 9:4]. Com isso diz-nos e faz-nos saber que são condenados ao pecado todos quantos se mancharam com o sacrifício de um bispo profano e ilegítimo. É o mesmo ensinamento que retiramos do *Livro dos Números* quando Coré, Dathan e Abiron se arrogaram o direito de sacrificar. O senhor pela voz de Moisés prescreveu, ao povo que se separasse deles com receio de, com o juntar-se aos facínoras, se tornasse também ele culpado do seu crime: ‘Afastai-vos, diz ele, das tendas desses homens injustos e cruéis, nem tocais em nada do que lhes pertence, arriscaí-vos de morrer com eles porque partilhais o seu pecado’ [Num. 16; 26]. Eis porque um povo fiel obedecendo aos preceitos do Senhor e temente a Deus se deve separar dum bispo pecador e evitar associar-se aos sacrifícios desse bispo sacrílego, sobretudo quando ele tem o poder de eleger bispos dignos e afastar os indignos.

“Não vos deixais perturbar, meus queridos irmãos, se constatares que no fim dos tempos a fé de alguns periclita, incerta, e que o temor de Deus vacila, fraco, ou que a união dos corações deixa de produzir concórdia. Está previsto que isso acontecerá no fim do mundo, a voz do Senhor e o testemunho dos Apóstolos nos disseram de antemão que, ao declinar dos tempos tudo o que é mau e hostil progredirá [...]

“É por essa razão, irmãos caríssimos, que nós louvamos e aprovamos de todo o coração os escrúpulos religiosos da vossa fé tão pura, e com toda a nossa força vos exortamos por meio desta carta que não tenhais nenhuma comunicação sacrilega com esses bispos profanos e culpados, e que guardeis a vossa fé e o temor de Deus na sua integridade e na sua pureza. Com isto, irmãos caríssimos, vos desejamos que fiquéis de perfeita saúde”<sup>5</sup>.

Esta carta interessa-nos, primeiramente, pelo facto de os cristãos ibéricos recorrerem directamente ao bispo de Cartago em vez de introduzirem recurso junto do papa expondo-lhe o seu ponto de vista com dados de testemunhas. Segundo, os cristãos ibéricos faziam mais confiança ao bispo de Cartago do que ao papa que se reclamava da autoridade sobre a Igreja mas que foi tratado pelo bispo de Cartago por “meu colega, que está longe e conhece mal os factos”. Terceiro, o bispo de Cartago passou além da autoridade do papa encorajando as comunidades ibéricas a desobedecerem-lhe.

Factos deste género na Igreja primitiva pressupõem um elo de fundação. Os ibéricos recorriam ao bispo de Cartago porque consideravam que tinham elos disciplinares e históricos com esse bispado de que seriam “sufragâneos”, embora também se suponha que os bispos apóstatas recorressem ao bispo de Roma unicamente porque Roma tinha fama de grande tolerância face à apostasia. Seja como fôr, a *referência dos ibéricos era Cartago e não Roma*. Já noutras ocasiões São Cipriano havia insistido que o bispo de Roma não tinha autoridade para além da sua diocese, razão pela qual os cristãos ibéricos não reconheciam idoneidade ao bispo de Roma para intervir nos seus problemas. Um quarto ponto a assinalar seria a corrupção e o oportunismo do alto clero que estes dois bispos metropolitanos representam, enquanto os cristãos ibéricos apelavam à fidelidade às origens.

Os autores modernos apontam outros elementos donde se deduz que o cristianismo ibérico foi difundido a partir de elementos militares norte-africanos. A par deste elemento militar (que havia desempenhado um papel fundamental na romanização), temos os mercadores norte-africanos que mantiveram, desde sempre, intensos contactos com o sul e sudeste da Península. Depois temos a deportação dos Sírios de que falámos. As comunidades hispânicas mais antigas situam-se ao longo da costa de Espanha e das vias de comércio com o Norte de Africa. Vários

<sup>5</sup> Saint Cyprien, *Correspondance*, Ed. bilingue, Carta 67. Paris, Les Belles Lettres, 1961.

santos espanhóis dos primórdios (São Félix, São Cucu-fate...) são de origem norte-africana. Por meio das actas do Concílio de Elvira (cerca de 310) ficamos também a saber que a organização eclesiástica e o poder de administrar os sacramentos tinham afinidades com o norte-africano e pouco comum ao Ocidente como, por exemplo, a existência de comunidades regidas por presbíteros e a administração de penitência pelo bispo. As plantas das igrejas mais antigas obedecem a protótipos sírios chegados pelo Norte de África; os mosaicos das antigas basílicas são norte-africanos e não romanos. A abundância de material arqueológico com protótipos norte-africanos é tão grande que nos leva a concluir que as fontes do cristianismo hispânico são norte-africanas<sup>6</sup>. Esta origem também se confirma pela liturgia. Demonstra-se, por exemplo, a origem africana do texto dos salmos hispanos e de outros hinos que veremos adiante, com o priscilianismo. O Breviário moçárabe contém textos aparentados com as liturgias africanas.

A contribuição judaica para o primitivo cristianismo ibérico está igualmente demonstrada. Antes do poder visigodo, o judaísmo gozava de grande prestígio, por razões de ordem teológica e de ordem económica; a religião judaica está na origem do monoteísmo a qual foi a primeira a difundir-lo; os seus membros são particularmente propensos para a reflexão teológica e metafísica. Razões, para o judaísmo, de ordem geográfica também, e prendem-se com a proximidade da Península com o Norte de África por onde a religião judaica se difundiu desde muito cedo<sup>7</sup>. Pelos métodos da Etnologia religiosa demonstramos que uma boa parte dos ritos populares arcaicos são o efeito de sincretismos entre os rituais bíblicos pré-exílicos e os imperativos da religião cristã; os mesmos ritos sincréticos, entre o judaísmo pré-exílico e o islamismo popular, existem noutras comunidades do Magrebe<sup>8</sup>.

Antes do cristianismo, a religião dos ibéricos era fundamentalmente a fenícia, a libo-fenícia ou púnica que encontramos na Bíblia e nou-

<sup>6</sup> A. Tovar y J. M. Blaquez, *História de Hispania Romana* p. 186, que cita outros autores. Por outro lado, a chamada Província Africana (que compreendia o actual Magrebe) foi a região mais florescente da Igreja primitiva depois da Síria; são os originários dessa Província os teólogos e fundadores Tertuliano, Santo Agostinho, São Cipriano, entre outros.

<sup>7</sup> Um grande número de aldeias berberes marroquinas cultivou a religião judaica muito antes da nossa era. O judaísmo ibérico poderá ser de origem norte-africana, demonstração que não cabe neste trabalho.

<sup>8</sup> Por exemplo, o culto de São João (no Solstício), culto solar e ritos equivalentes às nossas romarias às capelas dos montes

tros textos do Médio-Oriente. Os pontos de difusão foram Cartago e o sul da Bética que funcionaram durante os dois mil anos que precederam a era cristã como placa giratória entre o Oriente e o Ocidente. Também se sabe que a língua do sul da Península antes do latim era o púnico-fenício, referido pelos historiadores de Roma<sup>9</sup> e demonstra-se que a língua dos lusitanos foi o acádio-fenício, língua internacional utilizada nos negócios no séc. XII-X a. C. no Mediterrâneo<sup>10</sup>. Esta afinidade cultural deu origem à adesão massiva dos ibéricos à IIª Guerra Púnica, à rebelião de Sertório e à união que este fez com os mouros da Tingitânia (como já havia procedido Haníbal) e contribui para compreender as razões pelas quais os cristãos ibéricos sentiam uma preferência por Cartago em desfavor de Roma.

---

<sup>9</sup> Mommsen (*Histoire Romaine*, Paris, Lafont, 1985, II p. 548) aponta como uma dificuldade para a introdução do Latim a prática da língua fenícia. O mesmo autor diz que as populações da Península meridional não deveriam diferir da população berbere do Magrebe donde ela seria originária, por uma boa parte.

<sup>10</sup> M. E. S., *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, 1990. Para a escrita ibérica (que é fenícia): M.E.S., *A Escrita ibérica*, *Actas do 1º Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica*, in *Revista Mediterrâneo*, 1992, I vol

## Capítulo 2

### PRIMEIRO CONCÍLIO IBÉRICO (Eliberi – Granada)

#### A IGREJA SUBMETE-SE AO IMPÉRIO

Temos um documento precioso dos primeiros anos do séc. IV que nos apresenta o estado do cristianismo na Ibéria, são as *Actas do Concílio de Eliberi*. É o primeiro concílio ibérico de que há provas. Reuniu-se entre 300 e 310 provavelmente em 308 depois da grande perseguição de Diocleciano (280-304) e imediatamente antes da legalização oficial do cristianismo por Constantino (313). O local de reunião foi a igreja de Eliberi (Elvira, perto de Granada ou Granada mesmo). Participaram nele 19 bispos nomeados nas *Actas* entre os quais 3 da Lusitânia, Ossonoba (Faro), Mérida e Évora acompanhados dos presbíteros igualmente nomeados com a comunidade onde oficiavam, na presença dos diáconos e de “todo o povo” (*omni plebe*). Felix bispo Accitano assina em primeiro lugar, em segundo lugar assina Osio bispo de Córdoba enquanto o bispo local assina em oitavo lugar. Este Osio era um *ministeriável*, como hoje se diz, do governo de Constantino (se não era já ministro) e tinha uma concepção *muito própria* do cristianismo, a duma Igreja ao serviço da política.

Dizem alguns autores que se encontram neste concílio influências africanas, como seja o costume de o ministro do sacramento da penitência ser o bispo. Independentemente dessas influências - que se encontram em muitos aspectos do cristianismo peninsular - as *Actas do Concílio* têm um motivo de interesse de que ninguém nos falou até hoje: transmitem-nos a imagem dum cristianismo no momento da sua integração no Poder. A Igreja de Cristo vai passar a assumir a função que no nosso tempo coube ao partido e às organizações de massa dos regimes totalitários: fazer a ligação entre o Poder e as massas, romanizar os costumes.

A opção da hierarquia eclesiástica desenha-se bem neste Concílio: impôr-se como uma estrutura de controlo social que liderasse o sistema de valores do Império. Os bispos reunidos em Eliberi propuseram-se a

impôr um fundamentalismo moral, uma reforma dos costumes, sem uma única menção (repito, sem uma única menção) a Cristo ou aos Evangelhos. A Igreja ibérica legalizada passou a funcionar como uma instituição policial, uma Polícia dos Costumes com sede na Paço Episcopal, sem menções à teologia e à salvação.

Antes da perseguição de Diocleciano (280-304), o cristianismo havia conquistado imenso prestígio; os chefes da Igreja eram cortejados pelos governadores e oficiais do Império; haviam-se erguido sumptuosas igrejas que substituíam os humildes templos.

Através das *Actas* deste Concílio aparece-nos uma hierarquia eclesiástica confundida com a sociedade imperial e com propostas de compromisso com ela; a classe dirigente romanizada (proprietários, magistrados, sacerdotes do Império) gozava na Igreja dum tratamento de favor face aos cristãos das classes baixas. Havia cristãos das classes superiores que eram simultaneamente sacerdotes da religião imperial.

O concílio de Elvira teve unicamente objectivos políticos. Tratou quase exclusivamente de questões de moral sexual e matrimonial com o fim de dar à sociedade romana uma imagem de “honestidade” da sociedade cristã. A doutrina é inexistente. Não se encontram (repito) uma única vez as palavras *Jesus, Cristo, Messias, Salvador, Salvação*. A igreja cristã ensaiava o estatuto do moderno partido do Poder.

O Concílio estabeleceu em cada cânon quem tinha ou não direito à *communio* que não era o actual sacramento da Eucaristia ou Missa, mas antes a prática das relações sociais, a solidariedade, o convívio, a assistência.

Apresento aqui alguns cânones traduzidos o mais literalmente possível e proponho no fim uma explicação global. O latim em que as actas estão redigidas é deficiente e bárbaro<sup>1</sup>.

Cânon 1º: “*Aquele que, depois da fé do baptismo salutar e tendo atingido a idade adulta, entrar no templo dos adoradores de ídolos e fizer o que é crime capital (crimen capitale), porque é acto do mais elevado grau (summi sceleris), determinou-se que nem no fim/em caso extremo receba a comunhão (communione accipere)*”.

<sup>1</sup> Texto latino in Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, Vol. IV, Apêndice I. Seguimos o texto original em latim, não a tradução portuguesa que está toda ela falseada com vistas à dogmática e à apologética contemporâneas. Traduzimos textualmente em prejuízo de uma eventual melhor forma actual.

Cânion 2º: “Os flâmines [sacerdotes romanos que sacrificavam a um deus imperial] que depois da fé do banho (post fide[m] lavacri) e da regeneração, sacrificaram e duplicaram a acção criminosa accedendo ao homicídio (accedente homicidio) ou triplicaram o crime ligando-se por concubinato (coharente moechia), determinou-se que nem no fim recebam a comunhão”.

Cânion 3º: “Igualmente os flâmines que não imolaram mas deram um donativo, porque se abstiveram desses funestos sacrificios, pode prestar-se-lhes a comunhão no fim, cumprida uma legítima penitência. Se os mesmos depois da penitência contraíram o concubinato (moechia), determinou-se depois que não lhes deve ser dada a comunhão, para que não pareça que escarnecem da comunhão do senhor (dominica communione)”.

Cânion 4º: “Igualmente os flâmines, se forem catecúmenos e se abstiverem dos sacrificios, decorridos três anos, devem ser admitidos ao baptismo”.

Estes quatro primeiros cânones visam crimes que também eram punidos pela lei civil, o crime capital (morte de cristãos); a referência ao homicídio está expressa (*accedente homicidio*). O que está em causa são actos civilmente puníveis. As vítimas desses flâmines eram os cristãos sacrificados aos deuses do império. O banho (*lavacri*) refere-se ao baptismo? Se sim, havia flâmines da religião romana que também eram cristãos sem prescindirem da sua posição de flâmines. E porque se emprega para a gente vulgar “fé no baptismo” e para os flâmines *lavacri*? Seria porque os flâmines procediam a uma vulgar ablução, sem a fé no baptismo, sem o compromisso cristão? A passagem pela água que a teologia cristã adoptou como sacramento do Baptismo era um rito comum a todas as religiões. Seja como fôr, dos cânones 1º e 2º deduz-se que os flâmines que procederam ao homicídio idolátrico dos cristãos eram também eles cristãos baptizados.

A *communio*, que vai aparecer em todos os cânones, pode ter várias acepções que não a de Eucaristia como direi adiante. Idêntica ambiguidade existe quanto à expressão *in finem*, igualmente muito presente, que pode significar “em caso extremo, em última instância” (nunca aparece uma expressão como “hora da morte”, por exemplo). *Ecclesia* (assembleia) também podia não ser a actual organização eclesiástica, paroquial ou diocesana porque parece independente da *communio*.

Cânion 55º “Os Sacerdotes gentílicos que apenas trazem a coroa [uma insígnia sobre a toga] mas não sacrificam nem das suas rique-

*zas dão qualquer coisa para os ídolos, poderão ser admitidos à comunhão no termo de dois anos”.*

Depreende-se que a hierarquia cristã era tolerante para com os flâmines. Podiam ser cristãos e sacerdotes pagãos em simultâneo desde que não usassem as insígnias. Diríamos que estes cânones redimem os flâmines. Compare-se com a situação seguinte, a dos cocheiros e dos comediantes:

Cânion 62º: *“Se um cocheiro de circo e um comediante quiserem ser crentes, estabelece-se que primeiro renunciem às respectivas artes e somente então serão recebidos; que não voltem a elas. Se agirem contra esta proibição sejam ejectados da assembleia”.*

Isto é, não podia ganhar a vida laborando na sua arte enquanto o anterior podia ostentar a insígnia de sacerdote de outra religião. Note-se como se evita o termo “cristão” (*crentes*, em quê?). Segundo Renan, os espectáculos eram tidos como abomináveis. O teatro, pelo simples facto de os homens e as mulheres aí se juntarem para ver e serem vistos, era um lugar perigoso. O horror pelas termas, os ginásios, os banhos, não era menor pela nudez que aí se praticava. O cristianismo herdou nisso um sentimento judaico»<sup>2</sup>.

Cânion 56º: *“O magistrado [funcionário], durante um ano regular (vero uno anno) em que exerce o duunvirato, seja proibido, coíba-se da assembleia (ut se ab ecclesia cohibeat)”.*

O texto é sibilino e em mau latim, o funcionário do império apenas se suspendia da assembleia (não da *communio*) durante o seu mandato.

Cânion 41º: *“Os fiéis devem ser admoestados para que, tanto quanto lhes seja possível, obstem a que nas suas casas tenham ídolos; no caso de temerem a violência dos servos, ao menos conservem-se a si puros; se o não fizerem, tenham-se por estranhos à assembleia”.*

Este cânion permite-nos supor que havia conflito religioso entre os proprietários e os servos, que os proprietários aderiram mais facilmente ao cristianismo do que os trabalhadores, e que a influência religiosa do senhor sobre o povo era incerta. Os proprietários já eram os latifundiários do sul da Península; eles temiam que a diferença de religião os opusesse entre si; os bispos evitavam pôr em perigo as boas relações laborais. Note-se que o castigo para com os proprietários era: *“tenham-se por estranhos à assembleia” (alieni ab ecclesia habeantur)* e não *“privados de communio”*.

<sup>2</sup> Renan, *Oeuvres IIº - Marc Aurèle*, p. 1026.

Cânon 49º: *“Devem ser admoestados os proprietários para que não deixem que os seus frutos que receberam de Deus sejam benzi-dos pelos judeus, a fim de que não se torne nula ou inútil a nossa bênção. O que isso fizer depois desta proibição seja afastado da assembleia”*.

Quer isto dizer que a religião judaica estava muito presente no meio rural e se fazia notar; os *rabis* eram chamados pelos agricultores para que lhes benzessem as colheitas (e, pela mesma razão, as terras, os animais e as casas), o que hoje compete aos sacerdotes católicos; certos ritos agrários e festas de colheitas são variantes dessa bênção de que a Bíblia e os costumes judaicos dão numerosos testemunhos. O latifundiário não era posto fora da *communio* mas “afastado da assembleia”.

Canon 40º: *“Proibe-se aos proprietários, quando recolherem as suas rendas, de aceitar um dom que lhes tenha sido dado para o ídolo; se, estando proibidos o fizerem, serão afastados da comunhão pelo espaço de cinco anos”*.

O *ídolo* seria um culto agrário como os há ainda. Não se proibiam os rendeiros de entregar os dons, mas os proprietários de os receber (porque seriam mais receptivos às exortações eclesiásticas). Seria um gesto ritual sobre as primícias das colheitas (obrigatório no Antigo Testamento) consistindo hoje em oferecer frutos, espigas, flores, etc, às Alminhas das encruzilhadas, ao santo padroeiro, aos rios, à água das fontes, aos “pássaros”, à “cobra”, etc. Antes da proibição, o proprietário ao qual eram devidas as rendas seria quem apresentava “ao ídolo” os dons colectivos, talvez durante a festa.

Cânon 80º: *“Deve proibir-se que sejam promovidos à condição de clero os libertos cujos patrões ainda vivam”*.

Este canon sugere que o cristianismo oficial não era uma confraria de pobres, de escravos e de libertos como hoje se imagina que fosse, e como o era de facto antes da oficialização. O liberto não podia ter um estatuto religioso superior ao do seu antigo senhor.

Cânon 13º: *“As virgens que se consagram a Deus, se faltaram ao voto de castidade, nem no fim lhes será dada a comunhão. Se pecarem por fragilidade ou sedução e passarem a vida em penitência, abstendo-se da prática do coito, deve-se-lhes ser dada a comunhão no fim”*.

A falta também era punida (geralmente pela pena de morte) nas outras religiões nomeadamente a romana que integravam virgens consagradas.

Cânnon 15º: *“Por maior que seja o número de raparigas, menos as virgens cristãs deverão ser dadas como esposas aos gentios, para evitar que o ardor da flor da idade não redunde em adultério da alma”.*

Visa-se com esta proibição a norma sociológica da endogamia; também se poderá deduzir que havia mais raparigas cristãs do que rapazes cristãos.

Cânnon 16º: *“Se os heréticos não quiserem transferir-se para a igreja católica não lhes serão dadas raparigas; nem aos judeus nem aos herejes, porque nenhuma convivência (societas) pode haver entre fiel e infiel. Os pais que transgredirem, abstenham-se durante cinco anos”.*

É a regra anterior; para além de gentios (idólatras) e de judeus, havia heréticos (cristãos) que eram pressionados para que se transferissem (*transfere*) para a igreja católica.

Cânnon 17º: *“Os que derem em casamento as suas filhas aos sacerdotes dos ídolos nem no fim lhes deve ser dada a comunhão”.*

O cânnon 18º revela a condição económica e o estatuto social do clero (da classe dos bispos à dos presbíteros) e o seu absentismo:

*“Os bispos, presbíteros e diáconos não devem ausentar-se das respectivas residências para exercer o comércio nem percorrer as províncias atraídos pelo lucro dos feirantes. Se dele carecerem para obterem o alimento, mandem um filho, um liberto, um mercenário, um amigo ou qualquer outra pessoa; havendo de dedicar-se ao comércio, façam-no dentro da própria província”.*

Cânnon 20º: *“Descobrimo-se que algum clérigo exerce a usura deverá ser deposto das ordens e excluído da comunhão; se for um leigo nas mesmas condições deverá perdoar-se se prometer emendar-se e abster-se; se perseverar, deve ser banido da assembleia”.*

Cânnon 30º: *“Não devem ser admitidos à ordem de subdiácono os que na sua adolescência cometerem adultério; no caso de subrepticamente terem sido promovidos a um grau mais elevado, e ainda que tenham sido ordenados no passado, destituam-se”.*

É-nos hoje difícil compreender o que era um adultério cometido por um adolescente, a não ser que se entendesse “liberdade sexual” que hoje não existe entre os adolescentes.

Cânnon 20º: *“Se algum morador da cidade não fôr à assembleia (ecclesia) em três domingos fique privado por algum tempo, até que se veja que está corrigido”.*

Cânnon 34º: *“Durante o dia não devem estar acesas no cemitério velas de cera, porque não se devem inquietar os espíritos dos santos”.*

[quer dizer “nossos mortos”]; quem não observar este preceito seja separado da comunhão da Igreja”.

Cânon 6º: “Se alguém, usando de sortilégios ou feitiçarias, causar a morte de outrem, porque não pôde consumir o seu crime sem idolatria, nem no fim partilhará da comunhão”.

Cânon 35º: “Proibe-se às mulheres de velarem durante a noite no cemitério para evitar que, com o pretexto da oração, cometam às escondidas culpas graves”.

Subentende-se que subtraíam ossos ou objectos mortuários para as práticas de feitiçaria, costume muito usual nesse tempo e nos séculos posteriores. A feitiçaria também era punida de morte pelas leis civis de Roma tal como de outras sociedades como as orientais.

Cânon 36º: “Não deve haver pinturas na assembleia para que a alguém não pareça que se presta adoração ou culto ao que está pintado nas paredes”.

Portanto, as imagens pintadas (por maior razão as esculpidas) eram proibidas por ser um costume pagão.

Cânon 37º: “Os indivíduos perseguidos por espíritos imundos, quando se encontrarem à beira da morte (finem mortis), podem ser baptizados; se forem fiéis deverá nessas circunstâncias ser-lhes dada comunhão, proibindo-se-lhes todavia de acenderem luzes publicamente”.

Costume que ainda hoje existe, consistindo em acender velas nas encruzilhadas junto aos monumentos das Alminhas, para redimir os espíritos errantes que possuem os corpos abertos e que nesses locais se organizam em procissões de fantasmas.

Cânon 43º: “Deve emendar-se, pela autoridade das Escrituras, o abuso que se introduziu: todos deverão celebrar a festa do Pentecostes no quinquagésimo e não no quadragésimo dia depois da Páscoa; quem assim não proceder será tratado como introdutor de nova heresia”.

A celebração duma festa quarenta dias depois da Páscoa como sendo de Pentecostes, era uma festa judaica; comemora a subida de Moisés ao Sinai para receber a Lei; sob o cristianismo, esta festa do quadragésimo dia passou a ser da Ascensão que é ainda hoje muito importante no nosso meio<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Cf. Capítulo “Quinta-feira da Ascensão de... Moisés ao Sinai”, in M.E.S., Orig. Or. pp. 156-158.

Cânnon 46º: *“Se algum fiel apostatar deixando de frequentar a assembleia por larguíssimo tempo, mas posteriormente regressar e não fôr idólatra, poderá receber a comunhão ao fim de dez anos”*.

Cânnon 48º: *“Deliberou-se emendar o uso estabelecido de os que forem a baptizar lançarem moedas para dentro da concha, a fim de que não pareça que o sacerdote vende o que recebeu gratuitamente. Nem os pés dos neófitos devem ser lavados pelos sacerdotes mas por clérigos”*.

Lançar moedas à água numa fonte ou gruta incluída num santuário ainda hoje existe; é um gesto à Mãe-água regeneradora; não era (como hoje não é) para pagar ao oficiante. Os pescadores de Sesimbra têm o costume de lançar moedas ao mar ao passar de frente do santuário da Senhora do Cabo Espichel<sup>4</sup>. O costume de lançar moedas à água, nas fontes ou no mar, não representa uma esmola à divindade mas um gesto de desprendimento em seu favor.

Cânnon 50º: *“Se algum clérigo ou fiel tomar refeição em companhia de judeus deverá ser privado da comunhão para que se emende”*.

Estas refeições eram os bodos rituais em certas ocasiões do ano com a imolação de animais, prática obrigatória e ancestral do judaísmo antes de ser proibida no sec. IV a.C. pelo judaísmo ortodoxo. Ainda existem no culto do Divino (Espírito Santo) com origem nos cristãos novos<sup>5</sup>.

Cânnon 52º: *“Sejam anatematizados os que forem encontrados a colocar na assembleia escritos infamantes”*.

A orientação das comunidades era contestada por alguns cristãos uma vez que só eles podiam ser objecto de *anátema*. É a única vez que o termo aparece. Os contestatários escreviam panfletos contra a orientação ou o pessoal da Igreja.

Cânnon 57º: *“As matronas ou seus maridos não devem emprestar vestidos para ornar cortejos profanos; se o fizerem, abstenham-se durante três anos”* (triennio abstineantur). É um outro modo de proibir festas e cortejos teatrais.

Cânnon 59º: *“Deve proibir-se a todo o cristão ou gentio de subir ao ídolo do Capitólio para sacrificar ou ver. Porque se o fizer incorre em*

<sup>4</sup> Encontrei em Sesimbra um arrais de barco que, por receio de não ter moedas de certo valor disponíveis quando precisar, recolhe todas as da espécie (moedas brancas) sempre que lhe chegam às mãos e guarda-as num saquinho dentro do barco

<sup>5</sup> M.E.S. *Orig. Or.* pp. 77-92 onde lhe atribui uma origem fenícia e hebraica.

*igual responsabilidade. Se for fiel, será admitido, se fizer penitência, depois de dez anos”.*

Na região do Elvira era célebre o Capitólio de Sevilha. Por “capitólio” entendia-se geralmente um templo majestoso em honra de Júpiter e do Juno (Deus-Pai e Deusa-Mãe) mas podia ser um outro templo doutras religiões; como espectáculo, o do Capitólio romano superava-os todos.

Cânion 60º: *“Se alguém derrubar os ídolos e fôr morto nesse mesmo lugar, visto que tal procedimento não está escrito no Evangelho nem consta sob os Apóstolos, essa pessoa não será incluída no catálogo dos mártires”.*

De facto, a tolerância para com a religião dos outros foi uma conduta de Jesus (só agora é que a Igreja o diz?), mas este cânione revela um segredo: o que levava à condenação dos cristãos era a destruição provocatória dos símbolos das outras religiões e os distúrbios contra a ordem política; com isso, o autor dava «testemunho» (em grego, *martyrion*); condenado, ficava inscrito no *Catálogo dos Mártires*. O martírio era provocado pelo próprio com vistas, exclusivamente, a figurar numa lista de mártires e ter um culto. O desejo de protagonismo era uma causa do martírio. O *Catálogo dos Mártires* era também uma operação publicitária para afirmar o poder social da Igreja à qual os adeptos obedeciam «até à morte». A partir desta época, assegurado que estava o beneplácito do imperador, a Igreja deixou de caucionar esses actos pois que já conseguiu os objectivos. É a unica vez que se menciona o Evangelho e os Apóstolos (para um concílio cristão, é obra!)

Cânion 67º: *“Deve proibir-se às mulheres fiéis ou catecumenas que o seu homem use cabelos longos ou tenha a profissão de frisador de cabelo. As que não se conformarem sejam separadas da comunhão”.*

Isto é, as mulheres é que eram condenadas pela moda dos maridos: ou eram elas quem impunha a moda aos homens ou a influência eclesiástica era maior nas mulheres que nos homens como actualmente. Uma pena tão grave para uma moda de penteado? O problema é que o porte de cabelos longos era uma atitude de contestação dos valores romanos. Os Lusitanos usavam os cabelos compridos como as mulheres (contidos eventualmente com uma fita atada na frente) enquanto os cidadãos romanos usavam o cabelo curto.

Cânion 70º: *“Se a mulher se entregar ao adultério com o conhecimento do marido, estabelece-se que nem no fim lhe será dada a comunhão; se abandonar, receba a comunhão ao fim de dez anos.”*

Cânnon 78º: “*Se algum fiel, tendo mulher, cometer adultério com judia ou gentia, seja excluído da comunhão*”.

Entende-se que os solteiros podiam fazer isso; ter relações sexuais ilícitas com uma judia ou uma gentia era mais grave do que com uma cidadã romana?

Cânnon 79º: “*Se algum fiel jogar aos dados, a dinheiro, seja privado (ou abstenha-se); e se, emendado, cessar, poderá ser reconciliado em comunhão depois dum ano*”.

Diz Renan que «se os jogos, os concursos, que faziam por um dia um mortal igual a um deus e de que as inscrições conservam a recordação, caem inteiramente no séc. III, foi por causa do cristianismo; criava-se o vazio em volta destas instituições antigas; eram apodadas de *vacuidade*. Tinha razão, mas a vida humana acaba quando se consegue bem demonstrar ao homem que *tudo é vacuidade* (Eclo.1:1)»<sup>6</sup>.

Cânnon 81º e último: “*As mulheres, em seu nome pessoal e sem os nomes dos maridos, não ousem escrever aos leigos; as que são fiéis recebam de outrem cartas, o mais possível pacíficas, escritas em seu nome*”.

O original é confuso e em mau latim; não sabemos a que corresponde “fiéis”, mas ficamos a saber que existia uma actividade epistolar feminina, como fórmula literária, de evasão ou de negócio, tal como a conhecemos nos séculos recentes. Em todo o texto “fiel” está por “cristão” que o concílio não refere para não ferir o poder político.

## CORREIA DE TRANSMISSÃO DO IMPÉRIO

Dos 81 cânones do Concílio, nada menos do que 30 condenam diversas formas de adultério, concubinato, liberalidades sexuais, prostituição, cohabitação dos clérigos com as suas mulheres, sedução de “meninos” por homens adultos, homicídio por ciúmes, etc. A preocupação exclusiva do Concílio foi impôr a ordem moral do Império aos cristãos ibéricos.

O mais notório destas Actas conciliares é o facto de nem uma só vez aparecerem as palavras *Jesus, Cristo, Salvador, Filho de Deus, Divino, Messias*, como era hábito de todos os concílios e reuniões episcopais da

<sup>6</sup> Renan, *Oeuvres IIº - Marc Aurèle*, p. 1026.

época noutras regiões. Não aparece uma única citação da Bíblia nem se menciona sequer esse texto (*Escrituras* aparece uma vez, referente à festa do Pentecostes). *Evangelhos* e *Apóstolos* aparecem uma vez nas circunstâncias em que vimos (Can 60º). Não há referência nenhuma à *acção apostólica*, à *Igreja universal*, ao *Papa*, ao *dogma*, à *doutrina* ou à *fé*. Não existe uma única ideia de *salvação* ou *castigo* sobrenatural. A palavra *Deus* aparece duas vezes; *cristão*, duas vezes sendo substituída por *fiel* e por *crente*; *católico* ou *catolicismo* aparecem três vezes; *assembleia* (*ecclesia*) é mencionada sete vezes, *baptismo* e *baptizar*, 12 vezes. Em nenhum caso se utiliza a expressão canónica *anathema sit* e aparece uma vez o verbo *anatematizar* (para os que afixam textos difamatórios na assembleia); sempre que o caso o exige, diz-se “privar ou abster de comunhão”.

Todos os cânones, excepto três, se referem à *communio* (uma vez *comunhão do senhor*, cinco vezes *comunhão da assembleia*). A referência à *communio* é inócua: não é o sacramento católico da Eucaristia ou Missa. *Communio* em sentido corrente significa “relações de sociedade, sociabilidade, comunicação, convívio, ter relações com”. Entender que a *communio* era a “Eucaristia” é uma extrapolação porque o termo teológico nunca aparece, nem o de Sacramento. Por outro lado, a *communio* enquanto ágape, refeição ou festa onde se comia colectivamente, existia em todas as religiões identificadas na Ibéria.

Que a *communio* não fosse a Eucaristia também se atesta pela história desse sacramento entre nós. São Martinho de Dume, duzentos e setenta anos depois, não se refere na sua pastoral rural à Eucaristia ou missa dominical. O bispo insiste na guarda do domingo enquanto dia de repouso propondo apenas “marcas exteriores que demonstrem a santificação desse dia, visitas às igrejas e lugares santos, visitas aos familiares e aos necessitados”<sup>7</sup>. Também para São Martinho de Dume, o cristianismo eram “marcas exteriores” de afirmação socio-política e não actos espirituais de salvação.

A expressão frequente *nec in finem communionem esse dandam* significa, em bom latim, “nem num caso limite lhes deve ser dada companhia, conversa, sociabilidade”. *Communio* é o conceito popular de “convívio”. Os cristãos fieis à hierarquia católica ficavam proibidos de

<sup>7</sup> Manuel Justino Pinheiro Maciel, *O De Correctione Rusticorum de São Martinho de Dume*, Bracara Augusta, XXXIV, 78 (91), 1980, p. 548).

participar no convívio, festas ou conversas dos flâmines-falsos cristãos, assassinos, adúlteros e de ter relações com os magistrados durante o seu mandato; também neste último ponto, nada de especial, uma vez que o magistrado enquanto funcionário estaria, como hoje dizemos, obrigado a dever de reserva de funcionário, não podia participar em actos ou convívios de gente estrangeira.

Quanto à *communio*, existem ainda em certas aldeias do norte de Portugal regras arcaicas sobre quem tem o direito às relações de vizinhança. O caso extremo é o de alguém que é “posto fora de vizinhos”, isto é totalmente privado de relacionamento, comunicação, entreaajuda ou negócio. É a ideia de *communio* que se depreende destas *Actas*.

A religião cristã como a entendia a hierarquia neste Concílio relacionava-se exclusivamente com a *identidade* e a reforma dos costumes, com a adaptação dos costumes à cultura romana. Não era uma religião de Salvação, não tinha a salvação como referência espiritual. Estamos muito longe da religião de Jesus Cristo. Seiscentos anos depois da conquista da Ibéria, estamos a assistir a uma campanha de colonização, espécie de dinamização cultural ao contrário. A partir desta época, os templos cristãos teriam passado a servir (apenas ou sobretudo) para colonizar os costumes, para a dinamização cultural romana?

De entre os bispos reunidos em Eliberi, Osio, bispo de Córdova, vem em segundo lugar nas *Actas*. Teria sido o promotor do Concílio. Conhecemos bem essa personagem. Era um defensor da associação da Igreja com o Poder (que é sempre controle da religião pelo Poder). Era um homem do poder político. Osio integrou a corte de Constantino antes de 313 e foi conselheiro do Imperador, uma espécie de ministro, para as questões religiosas. Atribui-se a Osio a responsabilidade de ter despoletado o cisma donatista que levou a florescente Igreja africana a separar-se de Roma desde 313. Essa Igreja africana cismática - chamada Igreja dos Mártires e que se reclamava de São Cipriano - regia-se por uma disciplina eclesiástica austera e por rigorismos teológicos fundamentalistas. Oposta resolutamente à Igreja de Roma (ao Império) desde Constantino, foi teatro de lutas sangrentas, suicídios colectivos, guerrilhas rurais contra a classe possidente romana, em todo o actual Magrebe, durante os cem anos que se seguiram. A impossível reconciliação da Igreja dos Mártires com a Igreja de Roma (com o Império) acabou por favorecer a fulminante implantação do islamismo no Magrebe. Depois do Concílio de Niceia, Osio com a idade de cem anos, subscre-

veu uma heresia arriana referente à Trindade; mas antes disso já havia sido proscrito por todos os bispos ibéricos<sup>8</sup>.

Muitos dos actos condenados nos cânones eram puníveis pela lei civil; o Concílio limitou-se a corroborar a legitimidade penal do império. O concílio de Elvira (será um concílio cristão?) desempenhou as funções duma assembleia civil que decidiu sobre questões de moral pública, impondo ao povo (*omni plebe*) a ordem moral do Império em plena decadência. Não fossem os historiadores eclesiásticos insuspeitos, diríamos que aquela reunião de Elvira não foi de bispos, mas de magistrados do Império. Foi de bispos, mas a pensar no Poder.

Esses bispos pretenderam mostrar ao poder civil que a hierarquia cristã era ordeira, merecedora de confiança e que estava pronta para cooperar; que a vida privada dos seus membros era transparente e a sua moral irrepreensível contrariando as calúnias que no passado foram usuais a seu respeito. Porque tardava o Império a reconhecer e a privilegiar uma igreja tão ordeira? Porque é que não havia de haver cooperação entre essa hierarquia e o poder político? Teve antecedente: São Justino (da Síria, séc. II) estando a ser perseguido o cristianismo, escreveu uma obra intitulada *Apologia* dedicada ao imperador e à família deste, na qual demonstrou detalhadamente que a religião cristã era inofensiva, que os cristãos eram respeitadores das leis, da moral e do Império e que eram calúnias tudo o que se dizia das suas reuniões nocturnas com incestos e promiscuidade sexual. Depois diz que os ritos cristãos - sobre os quais se propagavam essas calúnias - eram semelhantes aos das religiões pagãs, que os mitraicos tinham os seus ágapes tal como os cristãos têm a Eucaristia, que o baptismo dos cristãos é semelhante ao dos outros, etc. Perguntava ele: "Porque é que proibem o cristianismo"? Diz depois que os gregos chamam a Deus *Zeus* e os cristãos *Deus-pai*; "Cristo (o Verbo) é como Hermes ou Mercúrio" (a quem os gregos chamavam também o Verbo, o Mensageiro). Mas aponta esta diferença: o diabo, que conhecia as profecias bíblicas e esperava os planos de Deus, antecipou-se, copiou as coisas do Deus verdadeiro e difundiu os arremedos para perder o mundo.

Não aparecendo no texto de Elvira um único compromisso doutrinal ou dogmático mas apenas de moral pública, podemos dizer que o *objectivo do concílio foi vender aos grupos influentes do Império a imagem*

<sup>8</sup> Cf. Pedro Langa, OSA - *Obras de Santo Agostinho*, Vol. XXXII - *Escritos anti-donatistas*, Ed. Cristianas, Madrid, Introdução.

*duma Igreja respeitadora da Ordem* e mostrar que ela estava disposta a lançar a tradição às urtigas de geena, a enterrar o machado de guerra. Faz lembrar as instituições políticas modernas saídas da clandestinidade: face à nova conjuntura e com vistas ao Poder, reformulam a estratégia, *põem a doutrina na gaveta*, esquecem o passado e entram no futuro com o pé direito.

Podemos reconstituir as estratégias: a predisposição do povo cristão para o martírio não correspondia aos objectivos da classe dirigente eclesástica de que alguns membros seriam funcionários. Esse idealismo estava ultrapassado (e aqui perguntamos nós: porque é que as vítimas das razias anti-cristãs eram os militantes da base enquanto os líderes, que todos conheciam, não eram inquietados?). Subscrever um *libelo* de colaboração com a religião do Império não era tão grave como a gente simples pretendia. Os líderes das igrejas locais sabiam bem que o idealismo dos cristãos dispostos a morrer por contrariarem a Lei procedia apenas da oposição política ao Império; esse idealismo (dogmatismo, fanatismo diriam talvez os líderes) prejudicava a imagem da classe dirigente cristã estabelecida. O império também já não estava interessado em manter essa guerrilha permanente contra os cristãos que provocava instabilidade e não só não acabava com a religião como a excitava. Quantos mais mártires mais opositores e mais a imagem do Poder se degrada.

Depois, as mudanças eram visíveis: a religião arcaica e a imperial tinham os seus cultos e o seu calendário festivo bem rodados mas estavam condenadas por lhes faltar uma teoria teológica actualizada; eram espectáculos, não eram uma fé. O Estado necessitava dum alma, dum fé, dum ideologia. Havia indícios, bem fundados, de que a Administração - religião por religião - preferia a *ecclesia* cristã à *ecclesia* de Mitra e à *ecclesia* da Magna Mater; as religiões místicas com os seus arcanos e as suas palavras de passe, incontroláveis, reunidas em *speluncae*, são uma ameaça à Ordem enquanto a religião cristã tivesse tornado transparente, gente séria. A *ecclesia* cristã seria privilegiada... desde que os cristãos se comportassem como bons romanos.

A hierarquia estava consciente de que os cristãos eram voluntaristas, que a sua formação doutrinal era nula (julga-la pela formação teológica dos portugueses de hoje já é demais); era uma fé de opositores políticos, uma “religião sociológica”, a teologia podia ir para a prateleira. Elemento importante nesta estratégia episcopal é o facto de os cristãos só serem perseguidos quando evocavam Jesus Cristo subversivo e inimigo do Império; ninguém os incomodava por causa ou durante a sua *communio*.

Nem os templos cristãos eram secretos. Imaginar um cristianismo de massas oficial era plausível desde que se escamoteasse a mensagem dogmática e a palavra de Jesus fosse pr'á gaveta. Ressalta a conclusão: entrar no jogo do Poder e da Ordem, submeter-se às exigências do governo; em contrapartida a hierarquia cristã seria o interlocutor do Poder para as questões religiosas; impondo-se o cristianismo pelos meios administrativos, o resto viria por acréscimo. Proibir os debates teológicos ou litúrgicos (isso é o passado). Instaurar uma Igreja sem referência a Jesus Cristo. Não opôr o cristianismo às práticas ancestrais dos rurais para os ter do seu lado; empregar o argumento do missionário segundo o qual a nova religião não se opõe à antiga antes a melhora e que a antiga prefigura a nova, corroborando com a aspiração dos fiéis à paz de consciência.

Tal devia ter sido a estratégia de Osio e dos seus correligionários para a cristianização da Ibéria. Agindo o processo de sincretismo por um lado e a repressão do Estado por outro, a massa não necessitou de duas gerações para se converter oficialmente ao cristianismo. O bispo Osio foi um ministro *politicamente correcto*.

Mas não foi de mão beijada. As comunidades nortenhas que há mais de seiscentos anos se opunham ao Império, contavam entre os seus muitas vítimas do mesmo, conheciam os textos sagrados, tinham umas luzes de teologia cristã e ouviram falar das experiências do Oriente e da África, opuseram-se a esse projecto. Daqui em diante os mártires estarão do outro lado.



### Capítulo 3

## UM CRISTIANISMO QUE RESISTE AO IMPÉRIO

Este capítulo poderia servir de ilustração de como a origem oriental e norte-africana do cristianismo ibérico se encontra também nas oposições que teve de enfrentar o catolicismo oficial, assediado por todo o tipo de heresias originárias da Síria, do Egipto e da Mauritânia Tingitana (actual Magrebe). Mas isso é apenas uma parte do que se pode extrair das lutas teológicas surgidas na Ibéria com a oficialização do cristianismo.

O acto de Constantino que declarou o cristianismo como religião oficial (no ano de 313), para além de criar a inevitável discórdia na cultura local com a proibição que se seguiu de todos os outros cultos, (394) não trouxe a harmonia ao seio das comunidades cristãs, antes pelo contrário. O modelo de cristianismo oficial adoptado pela igreja de Roma era desajustado à cultura ibérica, cristã ou pagã. Com a imposição do cristianismo, acabou a era das perseguições mas começou a dos cismas. No entanto (e isto só os sociólogos e os etnólogos o dizem) as motivações dos cristãos rebeldes, os mártires, eram político-culturais antes de serem religiosas.

A adesão popular à religião cristã proibida fora uma forma de resistência ao Império. Conhece-se a capacidade da linguagem religiosa para dar caução e cobertura ideológica aos conflitos políticos; isto é, nos seus diferendos políticos e inter-étnicos, os povos adoptam a linguagem religiosa por ser mais persuasiva do que a linguagem política; todo o conflito religioso encobre um conflito de culturas. O reinado do imperador Diocleciano (285-306) fez a “era dos mártires”; a recusa destes heróis populares a aceitar a religião do Império equivalia, pura e simplesmente, à oposição ao Império<sup>1</sup>. No momento em que a Igreja passou a identificar-se com o Império emergiram novas heresias.

O modelo religioso das camadas populares ibéricas era libertário tal como o cristianismo dos primórdios se apresentou como a anún-

---

<sup>1</sup> Sugiro alguns exemplos para o caso ibérico em *Origens Orientais*, pp. 185-190.

cio do Fim apocalíptico, nomeadamente do fim do Império. Esta promessa de emancipação escatológica encontra-se muito clara no cristianismo do Oriente e no mundo semita dos primeiros séculos; ela foi portadora de doutrinas heréticas face à ortodoxia romana, dando origem no Oriente a um encadeamento de cismas e, mais tarde, ao islamismo. O modelo católico que se implantava passava por não satisfazer as expectativas libertárias. Renan sugere o desencanto geral, no fim do Império, deste modo: “Não chegava o *Grande Dia*, apesar das afirmações de Jesus e dos profetas que Ele inspirara. Tardava o Cristo em mostrar-se; a piedade ardente dos primeiros tempos que tivera por móbil a crença nessa próxima aparição arrefecera em muitos. Sobre a terra tal como ela era, no seio dessa sociedade romana tão corrupta mas tão preocupada em reforçar os progressos, é que se pensava agora fundar o reino de Deus. Uma vez que os costumes cristãos passavam a destinar-se a toda a sociedade, eles deviam abrandar na sua severidade primitiva. Já não se faziam cristãos como outrora sob a acção de uma violenta impressão pessoal, muitos nasciam cristãos. Era cada vez menor o contraste entre a Igreja e o mundo. Abandonavam-se as prédicas tão precisas do fundador sobre o fim do mundo presente e sobre o reino messiânico que lhe devia suceder. Enfraquecia o desejo do martírio e o gosto do celibato. Aceitavam-se as relações com um mundo impuro condenado a acabar depressa (...). Era inevitável que as ideias que formavam o fundo do cristianismo nascente reaparecessem de tempos a tempos, no meio do embrandecimento geral, com o que elas tinham de severo e do atemorizador”<sup>2</sup>.

Com o édito de Constantino de 313, os ibéricos não se reconheceram no cristianismo oficial. A Igreja de Cristo passou a confundir-se com o poder do Império. Não esqueçamos que o Império para se impôr à Ibéria teve de enfrentar a resistência dos Lusitanos e dos Galegos durante 200 anos. Na ordem constantiniana, a associação do poder político e do religioso era absoluta. A mediocridade fundou a autoridade. Tardando o império do Alto em chegar, fundava-se o império eclesiástico. O critério para se ser um bom cristão passou a ser a conformidade à moral oficial e a obediência à autoridade civil.

Os carismas e outros exercícios espirituais que alimentavam o fervor das pequenas comunidades de iluminados eram impraticáveis nas

---

<sup>2</sup> Ernest Renan, *História das Origens do Cristianismo, Marco Aurélio ou o Fim do Mundo Antigo*, p. 136.

grandes igrejas. Admitia-se que se poderia ser membro da igreja sem ser herói, crente ou asceta: bastava para isso submeter-se às determinações do seu bispo. A hierarquia preferiria o pecador que empregava os meios ordinários de reconciliação ao asceta orgulhoso que prescindia da Igreja<sup>3</sup>. Em muitas partes do Império a frustração era grande, sobretudo no Oriente e na Província Africana. Enviou Deus o seu Filho ao mundo para impôr este regime imperial? Teriam os mártires morrido para instaurar este estado de coisas? O Reino de Deus confundir-se-ia com um império escravagista, patricial, policial e domolidor das identidades nacionais? Eis as razões profundas do notável movimento cismático luso-galaico que foi o priscilianismo. Tem paralelismos com outras correntes de origem semita e norte-africana da época. Começemos pelo donatismo:

### DONATISMO

Pouco se fala do cisma donatista. A razão do silêncio não é a ausência de envolvimento político que são o motor do discurso sobre a História tradicional. Este cisma motiva pouco os historiadores católicos porque ele reflecte uma violenta oposição a Roma no momento em que a Igreja é reconhecida pelo Império. Por outro lado, o catolicismo romano sente-se culpabilizado; tendo sido um movimento político e emancipalista da África do Norte, esta oposição a Roma está na origem da rápida adesão do Norte d'África ao islamismo. Pelo que toca aos islâmicos, que classificam todo o passado anterior a Maomé de *jaília* (escuridão), a motivação é ainda menor: não estão interessados em discorrer sobre o forte impacto do cristianismo nesta região considerada como a *fatbiab* (abertura) do islamismo para a Europa. Num caso e no outro a ideologia e o mito comandam o discurso sobre a História.

A África do Norte foi uma região que aderiu com mais profundidade ao cristianismo, difundido a partir de Alexandria e de Cartago. Como pano de fundo encontramos o eterno conflito entre o sul e o norte do Mediterrâneo, encabeçado outrora por Cartago e por Roma, cabeças de dois impérios concorrentes. Tertuliano, São Cipriano, Santo Agostinho são grandes nomes desta Igreja Africana. De Alexandria a Tânger o cristianismo era florescente com algumas centenas de dioceses. As aldeias tinham-se dotado de pequenos templos, do tipo capelas como as

<sup>3</sup> E. Renan, o.c. p. 157.

portuguesas; sobretudo nas regiões costeiras; os berberes mostraram-se de início mais refractários ao cristianismo, haviam aderido com muita solidez à religião fenícia difundida a partir de Cartago. O judaísmo estava igualmente muito presente, sobretudo entre os berberes, difundido antes do cristianismo. Também se demonstra que a Bíblia foi traduzida em latim e difundida primeiro na Província Africana e só depois admitida no Ocidente com São Jerónimo.

Desde o preciso momento em que Constantino declarou o cristianismo como religião oficial, a Província Africana abriu cisma. O conflito já se vinha arrastando com a romanização que desagregou a organização social e económica da região. O cristianismo secreto, anterior a Constantino, assumia a luta destas culturas contra o Império.

O fim da perseguição de Diocleciano despoletou um diferendo entre Roma e Cartago, semelhante ao caso dos *libeláticos* ibéricos 50 anos antes. Alguns bispos ortodoxo-romanos (entre os quais Ceciliano de Cartago) eram acusados de terem entregue à autoridades imperiais, durante a perseguição, e como elas o exigiram, os textos bíblicos a fim de serem queimados; eram os bispos *traditores* (os que “entregaram” mas também os que “traíram”). A hierarquia católica romana e, depois, o poder imperial defendiam os bispos *traditores*. Este foi o pretexto para a ruptura. Os cismáticos passaram a não reconhecer aos ortodoxo-romanos a qualidade de cristãos.

Os cristãos africanos tinham uma concepção purista do cristianismo, viviam asceticamente, extremamente rigoristas e escrupulosos quanto à teologia tradicional; reclamavam-se do grande nome que fora São Cipriano que eles consideravam como um exemplo de fidelidade ao cristianismo e de independência relativamente a Roma. Para São Cipriano e para os norte-africanos, o Fim dos Tempos prometido por Jesus estava próximo, havia que *investir* ao máximo na fé e na prática cristãs.

Já era ministro de Constantino para os assuntos religiosos Osio bispo de Córdoba, um estratega político que teria organizado e vice-presidiu o chamado concílio de Eliberi. Constantino, aconselhado por Osio, empreendeu acções políticas em favor dos *traditores* e declarou a luta armada aos cismáticos. Os donatistas passaram a assumir a oposição aberta à associação da Igreja com o Império e a denominarem-se Igreja dos Martires. Em 317 Constantino confiscou os templos cristãos donatistas e decretou a expulsão dos bispos cismáticos, depois cedeu um pouco e deixou reabrir algumas igrejas. Em 336, Donato reuniu um concílio com

270 bispos, o qual durou 75 dias (compare-se com o de Eliberi que só reuniu 19). Um tal número de dioceses africanas representa um dos maiores êxitos na Igreja antiga. A propósito desta reunião disse mais tarde São Jerónimo que Donado havia feito sua a religião de “quase toda a Africa”. Constante I, filho de Constantino, enviou uma embaixada com uma avultada soma de dinheiro para corromper os bispos donatistas e levá-los a fazer a paz mas estes recusaram-se a entabular qualquer conversação, respondendo-lhe pela pergunta que ficou célebre: “*O que é que o Imperador tem a ver com a Igreja?*”. Continuou o cisma com desordens, ataques, represálias militares em toda a Província e com expulsões de bispos. Donato refugiou-se em Espanha donde, parece, não regressou. A Constante II sucedeu Juliano-o-Apóstata (361-363) que se solidarizou com os donatistas, devolveu os locais e os bens à Igreja dos Mártires e permitiu que os bispos exilados regressassem. Veio finalmente Teodósio que, em 379, proscreeu as heresias no interior do cristianismo (que passaram a ter estatuto jurídico de crime), expropriou os bens de todas as outras religiões e decretou a pena de morte para quem discutisse religião em público. Mas a Igreja dos Mártires continuou, cada vez com mais mártires. Organizações de fiéis passaram a agir como guerrilheiros e terroristas.

Em toda a extensão da Numídia e da Mauritânia Tingitana o movimento tomou a forma de guerrilha de *descamisados* e de escravos; organizavam-se em confrarias que ficaram a ser conhecidas por *circuncélios*. Invadiam as cidades e as igrejas romanas atacando todos quantos encontrassem ao grito *Deo laudes*. Eram “soldados de Cristo”; a sua arma era um chicote (como o de Jesus no Templo) a que chamavam “chicote de Israel”. Os *circuncélios* dominaram toda a Província Africana e aterrorizavam os colonos, latifundiários e clérigos<sup>4</sup>. Santo Agostinho bispo de Hipona (nos arredores de Cartago) muito prègou em direcção de Donato a fim de refazer a unidade da Igreja, em vão; ele próprio foi

<sup>4</sup> Quanto à significação deste nome, pretendem alguns autores que era do latim *circumcellae*, “em volta das celas” que seriam as casas que os guerrilheiros atacavam ou os sepulcros dos mártires que eles venravam. Mas esta explicação não satisfaz muitos outros. Os circuncélios eram *Milites Christi*, soldados de Cristo, e giróvagos, sem pousadouro; não atacavam as casas dos pobres mas as *villae* dos colonos, as igrejas ortodoxo-romanas e as manifestações desportivas oficiais. O título será do fenicio-cartaginês: *sir q ‘am sbal* “presentear com gritos de júbilo” ou *sir qum sbal* “entoar de pé gritos de júbilo”, uma vez que era seu costume, reconhecido e referido pelos seus adversários, proferir no momento do ataque o grito *Deo laudes* (Deus seja louvado) e era a sua derradeira aspiração morrer como mártires.

vitima dos *circuncélios* que o impediam de sair de casa, e protestou, também em vão, contra o facto de a Igreja dos Mártires se reclamar de São Cipriano. Mas Santo Agostinho sabia que os argumentos teológicos eram inoperantes para reconduzir a unidade da Igreja nesta região, razão pela qual ele não apenas se não demarcava (ao contrário de São Cipriano) da repressão política imperial, como associava a guerra provocada por Roma a um combate cristão. Os *circuncélios*, pelo seu lado, procuravam expressamente o martírio, expunham-se às armas para morrerem como mártires, invadiam os estádios sabotando os jogos oficiais e as igrejas romanas, e era frequente as multidões de donatistas lançarem-se dos penhascos quando as autoridades entravam nas aldeias.

Em 429 os Vândalos invadiram a Província Africana, a Igreja dos Mártires continuou puritana e cismática mas passou a esquecer o seu inimigo que foi o Império. Deixou de existir desde a imposição do islamismo, pela guerra santa, a todo o Magrebe, no sec. VII. Aqui como no Médio Oriente, a Igreja de Roma preparou o caminho do islão.

Todos os autores modernos concordam que o donatismo, uma igreja das mais militantes do passado, foi no seu início um movimento de protesto dos berberes contra o Império que havia desorganizado o sistema social e a economia tradicional da costa africana, expropriando as terras e reduzindo os povos à escravatura. Seguidamente, a associação da igreja cristã ao Império forneceu aos cismáticos uma linguagem teológica<sup>5</sup>.

## GNOSTICISMO

Em simultâneo com o donatismo, propagava-se nas dioceses norte-africanas e ibéricas o gnosticismo que teve origem na Síria e na Ásia Menor com passagem obrigatória pelo Egipto onde florescera a escola de Alexandria. O gnosticismo não era uma teoria única mas uma miríade de seitas e de grupos filosófico-religiosos que tinham em comum a *gnose* (conhecimento) espécie de apreensão personalizada da verdade contraposta à revelação profética. A *gnose* só era dada a co-

---

<sup>5</sup> Sobre o cisma donatista, a sua doutrina e a resistência dos berberes ao poder imperial de Roma, v. *Obras Completas de San Agustín, Vol. 32 - Escritos Antidonatistas (I<sup>o</sup>) - Introdução geral, Bibliografía e Notas* de Pedro Langa; Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.

nhecer aos iniciados que se esforçassem por adquiri-la, uma revelação pessoal, elitista e iluminada, e contrapunha-se à concepção judaico-cristã da verdade revelada aos profetas pelo Espírito Santo e destinada a todos. Não foi apenas uma seita dirigida por Marcion, mas um conjunto de crenças e práticas ocultistas, ritos misteriosos e evocações mágicas em que participavam figurações de animais monstruosos ou sinais emblemáticos. O objectivo da gnose era libertar a alma do cárcere onde fora encerrada. O gnosticismo resultou do efeito de choque entre os cultos iniciáticos das antigas religiões orientais, de inspiração pessoal (Mitra, Cibele ou Isis) e o cristianismo erudito imbuído de racionalismo. Na base da gnose estava a oposição irreductível entre o espírito e a matéria, o bem e o mal, a luz e as trevas, o Deus-caído (demónio) e o Deus-redentor. Toda a condição material era perversa; o seu ideal ético apelava à emancipação dos laços da matéria. O prazer sensual era proscrito. Outros gnósticos, pelo contrário, afirmaram que a moral do Decálogo era uma proposta arbitrária do Deus superior destinada a atrelar o espírito livre do homem ao jugo da necessidade e entendiam que era dever do homem desafiar as ordenações do Deus superior e prestar homenagem ao Deus inferior, donde os desregramentos sexuais, os cultos demoníacos, a magia-negra, etc, de que foram acusados muitos grupos gnósticos como os nicolaitas e os cainitas.



## Capítulo 4 PRISCILIANISMO

Em conjugação com o montanismo, o gnosticismo e o donatismo, a Península Ibérica adoptou o *priscilianismo* que a hierarquia oficial e o poder imperial associaram ao gnosticismo oriental e ao donatismo africano. O tema não é abordado, por questões ideológicas, pelos historiadores portugueses. Fortunato de Almeida na *História da Igreja em Portugal*, dedicou-lhe umas 100 linhas dando-lhe um tratamento de compêndio para escola primária. O Padre Miguel de Oliveira em *História Eclesiástica de Portugal*, concedeu-lhe a mesma dimensão mas não cita os textos de Prisciliano que já eram bem conhecidos. O filósofo Pinharanda Gomes foi o primeiro a tratá-lo num capítulo onde refere a mística do movimento comparando-a com o catarismo posterior<sup>1</sup>. Augusto Ferreira referiu-se a alguns aspectos do seu conteúdo litúrgico<sup>2</sup>. Apesar do priscilianismo ter sido um cisma lusitano, o único cisma, a única heresia, o único desvio na história do actual território português, temos de recorrer aos autores estrangeiros para o conhecer<sup>3</sup>.

Aqueles autores tratam o movimento sob o ponto de vista da Igreja católica; vou abordá-lo pela Etnologia histórica, procurar o que há nele de comum com a cultura lusitana e testar a sua actualidade na religião popular actual.

Foi um movimento teológico elitista de base popular e aldeã, e uma praxis litúrgica conforme aos primórdios do cristianismo, oposto à Igreja da época que já era formalista e que passara a confundir-se com a classe dirigente do Império. Inspirava-se no cristianismo oriental, recla-

<sup>1</sup> *Patrologia Lusitana*, Porto, Portobello, 1983.

<sup>2</sup> *Estudos Histórico-litúrgicos*, Lisboa, nº 58

<sup>3</sup> Citamos estas fontes: Marcelino Menendez Pelayo, *Historia de los Heterodoxos Espanoles* I, Madrid, Biblioteca de autores cristianos, vol. Iº; Henry Chadwick, *Priscilian of Avila*, Oxford, 1976, traduzido em Castelhamo, *Prisciliano de Avila*, Ed. Calpe, Madrid, 1977, a obra mais importante que conhecemos e largamente documentada no que o tema contribui para a historia do cristianismo ibérico. Enfim, entre outras referências dispersas, temos Hubert Jedin, *Manual de História de la Iglesia*, Barcelona, Herder, 1990 pp. 191-200.

mava-se do apóstolo João e do ideal da fraternidade humana em oposição ao poder político episcopal. A organização do movimento era secreta, com conciliábulos nocturnos em criptas ou em grutas e em sítios afastados. A partir de certo momento constituiu-se em cisma relativamente à ortodoxia romana. Foi “a primeira das grandes calamidades que teve de superar a Igreja espanhola”<sup>4</sup>. Vários bispados ibéricos foram oficialmente priscilianos e cismáticos em várias épocas. Mobilizou grandes figuras da teologia do tempo, São Dâmaso, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Leão Magno, São Jerónimo e São Martinho de Tours. Convocaram-se contra o cisma vários concílios: Saragoça (380), Bordéus (385), Toledo (400) e Braga (561). Uns autores dizem que o priscilianismo acabou com o Concílio de Braga, Pelayo diz que durou até à invasão dos mouros. Mas, quanto a nós, temos muitas provas de que ainda dura; a teologia subjacente à religião popular portuguesa actual é idêntica à prisciliana.

Prisciliano foi um “leigo galego rico, instruído, de estirpe nobre, com muitos dotes de alma e de corpo; nada cobiçoso, sumamente parco, dotado em ciência profana e cristã” segundo Sulpício Severo biógrafo de São Martinho de Tours<sup>5</sup>. Estudara no Egipto e na Síria. Regressado à Galiza, encontrou, segundo a história oficial, um casal de cristãos gnósticos, chamados Marco e Ágape, originários de Menfis, no Egipto, os quais organizavam “reuniões secretas e nocturnas” de cristãos com refeições iniciáticas; eram acusados de confiar a pregação e a liturgia às mulheres. Não é difícil deduzir que Marco e Ágape foram dois nomes fantasistas. Ágape é o nome litúrgico das reuniões de iniciados; Marcos foi um sírio montanista de Lyon (Gália) que viveu dois séculos antes; o que se disse de Marco passou a dizer-se de Prisciliano. Disse-se que Marcos seduzia as mulheres que ele atraía para os seus conventículos proféticos convencendo-as de que Deus as privilegiava relativamente aos homens e persuadindo-as de que eram noivas de Deus. Afluíam a Marco multidões de mulheres ricas. E mais: dizia-se que o temível sedutor administrava, sob as aparências da liturgia cristã, filtros e feitiços a partir dos quais elas passavam a amá-lo

<sup>4</sup> Marcelino Nenendes y Pelayo, *Los Heterodoxos Espanoles*, p. 117. A obra deste autor, apologética até ao extremo e com análises estritamente clericais, fornece alguns dados sobre a questão prisciliana; pode ser uma iniciação ao assunto já que o nosso Fortunato de Almeida na sua *História da Igreja em Portugal* nada diz.

<sup>5</sup> Sulpício Severo, *História Sagrada*, 1-2 t. 16.

loucamente<sup>6</sup>. O método religioso de Marco havia sido descrito por Ireneu bispo de Lyon: “Animava as mulheres tanto a profetizar como a assumir funções sacerdotais. Tinha um afecto todo sensual e magnético para com elas. Ensinava um misticismo mágico e cabalístico baseado nas letras do alfabeto grego, utilizando-as como símbolos e como números. Segundo esse sistema, acreditava-se que os signos do Zodíaco eram a contrapartida de um deus mais transcendente simbolizado também nos meses e nas horas do dia. O corpo humano reflectia a sua forma celestial e o microcosmos era um reflexo do macrocosmos. A cada uma das “doze fontes do corpo” correspondiam duas das vinte e quatro letras do alfabeto grego. Depois, Marco sentia mais predilecção pelos Apócrifos do que pelos canónicos”<sup>7</sup>. As acusações dirigidas contra Marco podiam ter sido calúnias da ortodoxia para a qual o maior perigo passaram a ser esses movimentos populares de ascetas e de *cátaros*; no entanto sabemos hoje que o sistema religioso baseado nos signos do Zodíaco era o da Astrologia zoroastriana praticado pelos mitraístas e pelos priscilianistas. O Marco iniciador de Prisciliano pode ter sido uma invenção depois do movimento lionês ter sido condenado; a identidade entre o priscilianismo e o sistema de Marco de Lyon é total quanto à Astrologia, ao culto extático e aos conventículos de mulheres, o que nos leva a pensar que o priscilianismo ibérico é a mesma coisa que o montanismo. Quanto às mulheres, digamos desde já, que *em todas as iniciativas heréticas e rebeldes à ortodoxia romana se nota a acção das mulheres, na Península como algures*.

O início da pregação de Prisciliano situa-se “por volta de 379” segundo os autores. Este foi o ano, sob o imperador Teodósio, em que as religiões não cristãs e as heresias no interior do cristianismo passaram a ser classificadas como “crimes” por decreto do Império; os templos não controlados pela ortodoxia da Igreja foram confiscados assim como os bens dos heréticos. Em 388 um decreto imperial ameaçava com a pena de morte a quem tivesse discussões em público sobre religião. O donatismo sofria uma forte perseguição; alguns dos seus bispos, com o seu fundador, Donato, refugiaram-se na Península Ibérica de cujo facto se deduz que o meio social era favorável à contestação anti-romana.

<sup>6</sup> E. Renan, *Marco Aurélio*, p. 194, a partir das referências dos historiadores católicos; até que ponto essas acusações eram verdadeiras é que não sabemos.

<sup>7</sup> Chadwick, H., *Priscilian of Avila*, p. 264

Por as reuniões serem nocturnas e secretas - era o modelo de organização das reuniões mitraístas e montanistas - difundiam-se, contra os priscilianistas, rumores sobre as “orgias e os actos imorais e incestuosos próprios dos nicolaitas”, calúnias em que Santo Agostinho e São Jerónimo acreditaram sem conhecerem os factos e as pessoas.

Em tudo o priscilianismo se assemelha ao montanismo, e em muito com o mitraísmo, como se fosse uma fusão ecuménica destes dois sistemas: astrologia, elitismo e secretismo, purismo e penitências públicas, extâses colectivos pela acção do Espírito Santo, repúdio do casamento e abstinência da fruição da natureza, aversão à ortodoxia romana e ao poder episcopal, confrarias de monges giróvagos e de pregadores peregrinos, importância das mulheres nas sessões de extâse e na pregação, etc. “Montanistas, novacionistas e donatistas são os diferentes nomes pelos quais se produziu o espírito de indisciplina, o ardor doentio do martírio, a aversão pelo episcopado e os sonhos milenaristas que tiveram a sua terra de eleição no Norte de África<sup>8</sup>.

## CONDENADO POR SUCESSIVOS CONCÍLIOS

Prisciliano foi condenado pela primeira vez num concílio em Saragoça (380) mas ignora-se qual fosse exactamente a sua doutrina nesta época. Sabe-se que a esse concílio assistiram dez bispos ibéricos e dois da Aquitania (Galia), número insignificante que representa um fracasso porque na Península haveria muitos mais bispados; os restantes seriam priscilianistas? Foram anatematizados dois bispos e dois leigos um dos quais Prisciliano (que era leigo).

O concílio de Saragoça decretou (transcremos literalmente): 1) Proibir às mulheres a pregação, o ensino do cristianismo e a sua assistência às reuniões de homens estranhos que não sejam seus maridos; 2) Excomungar quem jejuar, por persuasão ou por superstição, ao domingo e quem faltar à igreja durante os dias da quaresma e celebrar estranhos ritos nas cavernas e nos montes; 3) Excomungar todo aquele que receber a Eucaristia e não a consumir (levando-a para casa); 4) Que ninguém se ausentará da igreja desde o dia 17 de Dezembro até à Epifania (6 de Janeiro), nem estará oculto em sua casa, nem irá à aldeia, nem subirá aos montes, nem andarà descalço, sob pena de

<sup>8</sup> Ernest Renan, *Marco Aurélio e o Fim do Mundo Antigo*, p. 151.

excomunhão (*o texto é absurdo, reproduzimo-lo literalmente*); 5) Que ninguém se arrogará o título do doutor fora das pessoas a quem fôr dado esse título; 6) Que as virgens não se velem antes dos quarenta anos; 7) Que os bispos não dêem a comunhão a quem estiver excomungado por outro bispo; 8) Que seja excomungado o clérigo que por vaidade ou presunção se tenha em mais do que os outros adotando regras e austeridades monásticas.

Por estas ridículas conclusões se advinha quanto era insipiente a doutrina oficial e grande a prepotência deste clero mentecapto (que será o clero português até ao sec. XIX). O concílio foi obra de Itácio, bispo de Ossonoba (Faro) e de Idácio bispo de Mérida, metropolitano da Lusitânia. Foi Itácio de Ossonoba um caluniador estouvado e paranóico, de quem o biógrafo de São Martinho de Tours traçou este retrato: "Audaz, falador, imprudente, presunçoso, escravo do ventre e da gula; era tão ignorante que acusava de *priscilianista* todo aquele que fosse visto jejuar ou ler as Sagradas Escrituras; até se atreveu a chamar hereje a São Martinho, varão comparável aos apóstolos".

Prisciliano foi a Roma justificar-se ao papa São Dâmaso acompanhado por um "esquadrão de mulheres". Em Turim pediu audiência a Santo Ambrósio que se recusou a recebê-lo. O papa não o recebeu mas também não o condenou. Com o correr dos tempos fez dele uma ideia de "grupo de ascetas que, depois de terem renunciado a todas as vaidades do mundo e abraçado a vida religiosa, elevados já alguns à dignidade episcopal e outros próximos a sê-lo, viviam em católica paz até que surgiram na Igreja de Espanha divergências fossem elas provocadas pela repreensão que faziam dos vícios alheios, pela inveja da sua vida e costumes ou pela intervenção da autoridade secular". A razão das perseguições estava "nas críticas de Prisciliano contra os maus costumes e os torpes modos de vida, apresentando-se os seus discípulos a praticar uma vida ascética e formando congregações nas quais autorgavam grande participação aos laicos"<sup>9</sup>.

Os estranhos anátemas de Saragoça produziram efeitos diversos; alguns bispos que participaram no concílio passaram-se ao priscilianismo entre os quais o de Córdoba que foi excomungado por iniciativa pessoal de Itácio de Ossonoba. Os rebeldes passaram a organizar-se em grupos mais secretos e nomearam novos bispos. Prisciliano, que era leigo, foi eleito pelos fiéis (como era costume romano) bispo

<sup>9</sup> Pelayo, *Heterodoxos*, p. 190.

de Ávila, na Lusitânia. Contra isso Itácio (que não tinha mais autoridade do que os outros bispos) recorreu ao Imperador Graciano que decretou que os herejes fossem desterrados *extra omnes terras* (para fora de todas as terras). Esta sentença demente não teve efeito, para mais provindo de uma justiça “toda venal” segundo o biógrafo de São Martinho de Tours. Alguns adeptos emigraram para as Gálias; entretanto outro oficial da corte do imperador redigiu novo decreto que anulava o precedente e mandava restituir as igrejas aos bispos condenados pelo concílio. Volvêncio, procônsul da Lusitânia, até então acérrimo inimigo dos herejes mas entretanto convertido, foi encarregado da execução da sentença. Depois desta vitória os católicos-romanos queixaram-se de perseguição e recorreram aos bispos gauleses; estes queixaram-se ao mesmo funcionário da corte imperial que, ao contrário do que esperavam os queixosos, se mostrou ainda mais benévolo com os priscilianistas. O momento era de anarquia militar; os bretões impuseram um novo imperador na pessoa do espanhol Clemente Maximo enquanto o deposto imperador Graciano era assassinado em Lyon.

Foi convocado um sínodo de Bordéus no ano 385 para julgar de novo Prisciliano mas este não compareceu por não reconhecer os bispos como juízes, preferindo, com uma inocência que todos estranham, recorrer ao imperador que se encontrava em Tréveris. O imperador Máximo era de origem espanhola, mas déspota e intitulava-se “defensor da ortodoxia”. Fundamentalmente, este concílio acusava os priscilianistas de usarem ritos mágicos rurais relacionados com o tempo, de pronunciarem encantamentos sobre as primícias em favor das colheitas e consagrarem unguentos com imprecções ao sol e à lua, unguentos que aumentavam ou diminuam com as fases lunares e os eclipses. A observação da lua era um ponto importante das práticas atribuídas a Prisciliano<sup>10</sup>.

A feitiçaria enquanto objecto de anátema conciliar inscreve-se num contexto histórico. O temor que inspirava a magia nesse tempo é referido por muitos autores. Os Padres da Igreja partiam do princípio de que o cristianismo faria desaparecer a feitiçaria e a magia, do mesmo modo o poder político condenava bruxos e magos. Perante a impossibilidade de fazer desaparecer os antigos amuletos pagãos, estes foram sendo substituídos pela cruz e pelas inscrições cristãs; as antigas práticas rurais destinadas a exorcizar as calamidades agrícolas foram substituídas, des-

<sup>10</sup> H. Chadwick, *Priscilian of Avila*, p. 78

de esta época, por rituais cristãos; se mais exemplos não houvesse, temos o caso do concílio de Elvira que proibiu as bênçãos dos campos pelos judeus substituindo-as pela bênção do clero cristão. Lembremos que a política de Constantino provocou a invasão do cristianismo pelas religiões pagãs ancestrais dando origem aos fenómenos de sincretismo que são ainda actuais. Acrescente-se ainda a fusão da magia tradicional com a eficácia simbólica dos sacramentos católicos.

O imperador, que estava mais interessado do que ninguém na estabilidade religiosa do Império, condenou Prisciliano “por crimes comuns de malefício, conciliábulos obscenos e nocturnos com mulheres, por orar despido e outros excessos comuns aos carpocracianos e adamitas”; foi decapitado com mais três companheiros. São Martinho de Tours e São Gregório recusaram-se a apoiar a condenação e intervieram junto do imperador, sem efeito. São Martinho - diz o seu biógrafo - durante os dezasseis anos que viveu nunca mais assistiu a nenhum concílio nem reunião de bispos. A morte de Prisciliano foi a primeira execução oficial da igreja de Roma e o primeiro acto da Inquisição ibérica, mil e cem anos antes.

### PRISCILIANO MÁRTIR

A reacção popular contra esta condenação foi grande em toda a Península. Prisciliano e os companheiros passaram a ser venerados como mártires; os seus cadáveres foram transportados para a Península e um intenso culto se organizou em torno das suas relíquias “no Santuário do Prisciliano”. Consideram alguns autores que o “Santuário do Prisciliano” foi o local onde hoje existe o de Compostela. A referência a São Tiago data do séc. VIII. Santo Agostinho insurgiu-se contra este culto de “falsos mártires”. No mesmo santuário faziam-se juramentos solares e autores há que defendem que algumas vítimas do movimento foram incluídos nos martirológios medievais da igreja hispânica<sup>11</sup>.

Afirmou-se esta tendência luso-galaica em toda a Península (e além Pirinéus) sendo a corrente dominante na Galiza e na Lusitânia durante três séculos. Depois de Bordéus, as comunidades rebeldes depuseram os bispos romanos e elegeram outros para os seus lugares. Dictino, bispo de Astorga-Leon, exegeta e difusor dos textos bíblicos não canónicos,

<sup>11</sup> H. Chadwick, o.c. p. 203

“foi eleito bispo com a quase unanimidade do povo da Galiza”. As comunidades secretas multiplicaram-se e reformularam a sua estrutura. Os fiéis passaram a ligar-se por um segredo inviolável sobre o conteúdo religioso e litúrgico das reuniões e até entendiam que era lícito mentir para guardar o segredo, como era costume entre os donatistas da Província Africana.

Tendo os rebeldes substituído os bispos romanos, havendo bispos duplicados numa mesma diocese e bispos em dioceses inexistentes, a Galiza e a Lusitânia confirmaram o cisma. Os prelados excomungaram-se reciprocamente. Instalou-se a anarquia. Santo Ambrósio entrepôs-se como mediador apelando à concórdia mas exigia-se a deposição de Dictino, bispo de Astorga-Leon.

Foi convocado um concílio em Toledo (em 396). A preocupação maior foi restabelecer a teologia do Espírito Santo relativamente à Trindade que os priscilianistas deformavam. A reposição do dogma da Trindade em Deus foi a grande preocupação do Concílio de Toledo, por ser dos mais contestados pelos cristãos orientais e os semitas de hoje. Os priscilianistas consideravam o Espírito Santo não como uma pessoa em Deus mas como o concebia o Antigo Testamento, isto é, como o poder criativo e vivificador de Deus ou, num sentido mais animista que também aflora na Bíblia, o *sopro vital* que anima as criaturas, ou ainda, a inspiração profética e extática concedida aos eleitos. Ditaram-se os *anátemas* nomeando para cada caso a doutrina de Prisciliano:

Seja anátema: 1) Quem disser que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a mesma pessoa como dizem os priscilianistas (o actual culto popular do Espírito Santo é herético por considerar, com o judaísmo, que o Espírito Santo é o mesmo que Deus-Pai); 2) Quem disser, como os priscilianistas, que Cristo não pode ter nascido (os heréticos diziam que “se já era filho não podia nascer, se foi engendrado teve início, portanto não é Deus”); 3) Quem disser como os priscilianistas que este mundo foi feito pelo Demónio; 4) Quem disser como os priscilianistas que a alma é da substância de Deus; 5) Quem disser que se devem venerar outras escrituras fora das que venera a Igreja Católica; 6) Quem acreditar na astrologia e na ciência dos caldeus; 7) Quem disser que o casamento é execrável; 8) Quem disser que a carne dos animais é execrável.

Uns rebeldes persistiram, outros simularam. O imperador Honório intrometeu-se e decretou que esta heresia como a dos donatistas “era um crime público contra a segurança de todos”; os que não se retratassem seriam confiscados nos bens e condenados à incapacidade de fazer

contratos e receber heranças; o servo que denunciasse o seu mestre seria liberto, o que o seguisse seria vendido ao fisco; o administrador que recebesse um escravo em fuga seria condenado ao trabalho forçado nas minas e outras ameaças deste género. Mas sobreveio entretanto um acontecimento que transformou radicalmente o Ocidente e impediu esta justiça de prosseguir. Roma foi invadida pelos bárbaros, o império desmoronou-se; em 409 a horde dos suevos estabeleceu-se em Braga. O priscilianismo ficou impune.

No ano 413, cem anos depois do Édito de Milão, era a corrente hegemónica na diocese de Braga que incluía a Galiza. Prova disso é a expulsão do presbítero Paulo Orósio, seguidor da teologia romana, o qual se refugiou em África junto de Santo Agostinho. Paulo Orósio «em resposta às ordens de sua paternidade bem-aventurado Agostinho», escreveu uma obra cujo título se traduz por *História contra os Pagãos*, de pouco interesse histórico, teológico ou sociológico, onde ele diz demonstrar que a Providência é quem orienta e unifica os factos históricos.

Em 567, duzentos anos após o início da pregação de Prisciliano, foi convocado o concílio de Braga. Declarou este que fossem excomungados os incluídos em cada um dos casos seguintes, explicitando para cada caso a doutrina priscilianista: 1) Quem negar que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas de uma só substância e só reconhecer uma pessoa em Deus; 2) Quem disser que Jesus Cristo não existia antes de nascer da virgem Maria; 3) Quem não celebrar o Natal e jejuar ou comer peixe nesse dia (em sinal de compaixão pelo irremediável sofrimento a que se sujeitou Jesus em nascer); 4) Quem disser que as almas e os anjos são de substância divina (*eons*, centelhas de Deus); 5) Quem disser que as almas pré-existiam aos corpos, que pecaram antes de serem introduzidas em corpos e que o pecado original teve lugar numa anterior existência, 6) Quem disser que o Diabo não foi uma criatura boa que se rebelou contra Deus e disser que ele é o autor do mal; 7) Quem disser que o Diabo criou as criaturas imundas, a seca, as tempestades, o raio e outras calamidades; 8) Quem acreditar que os homens estão dependentes dos astros; 9) Quem disser que os doze signos do Zodíaco influenciam as diversas partes do corpo e que estão relacionados com os doze patriarcas e as doze tribos de Israel; 10) Quem condenar o matrimónio e a procriação; 11) Quem disser que o corpo humano é obra do demónio; 12) Quem disser que não haverá ressurreição dos corpos; 13) Quem considerar que a carne dos animais é uma comida imunda; 14) Quem não celebrar a quinta-feira santa à

hora estabelecida e celebrar missa de defuntos durante a noite [como sinal de luto por Jesus]; 15) Quem ler os livros que Prisciliano compôs sob os nomes de profetas, patriarcas e apóstolos; 16) Proíbe-se cantar hinos nas assembleias que não sejam os salmos do Antigo Testamento; 17) Proíbem-se os monges e os clérigos de viverem na companhia de mulheres que não sejam mãe, irmãs ou parentas.

E aqui temos o estado da heresia luso-galaica duzentos anos depois do seu fundador. Alguns autores pretendem que o Concílio de Braga acabou de vez com o priscilianismo; outros dizem que a heresia se prolongou até à invasão dos mouros. O facto é que deixou de ser reprimida, e uma heresia no fundo só existe enquanto é reprimida. De facto a teologia tinha papel secundário nesta questão; o problema era o Império e não a teologia. As condições geo-políticas que incentivaram o movimento desapareceram com a queda do Império; a guerra acabou por morte do inimigo. Sucedeu-lhe o arrianismo que tem de comum com a corrente galaico-portuguesa a unicidade de Deus, a recusa do dogma da Trindade.

### LIBERDADE CRISTÃ, LIVRE-EXAME

Em 1885, na Baviera, foi descoberto o *Códice de Wurzburg* um molho de 18 cadernos e 146 páginas que, embora não assinado, é atribuído a Prisciliano. Está redigido num latim difícil e bárbaro do séc. V. A teologia não é clara. O texto é uma defesa teológica no estilo acusatório dos concílios; o autor defende-se das posições de que o acusam dizendo que não está nessa posição e lança anátema sobre quem nela estiver. O seu conteúdo é do mesmo teor das acusações proferidas contra Prisciliano. Um dos opúsculos contem as questões que Prisciliano apresentara ao Papa São Dâmaso. Sendo as posições teológicas vagas, a heresia é inexpressiva nestes textos, mostrando-se o autor dúbio na sua defesa; ora corrobora as acusações pouco graves ora foge delas com argumentos laterais remetendo para as questões de fundo. A preocupação fundamental do autor do *Códice* é a defesa de certos textos que iam sendo abandonados pela Igreja de Roma e que são os actuais apócrifos.

Os historiadores tradicionais que silenciam o priscilianismo ora invocam o desconhecimento das obras, ora o classificam de “gnose e maniqueísmo” processo conhecido de relegar para o mundo das trevas as correntes cristãs não ortodoxas. No entanto, a partir das acusações

dos vários concílios, da correspondência entre os Padres da Igreja e os ortodoxos-romanos e, sobretudo, com ajuda do códice de Wurzburg atribuído a Prisciliano, consegue-se reconstituir, se não a doutrina, pelo menos a prática da religião e o espírito da sua pastoral. É muito relevante a correspondência epistolar entre os bispos ortodoxo-romanos e os doutores da Igreja do tempo porque os clérigos ibéricos, não tendo opinião fundada sobre nenhuma questão teológica, submetiam todas as dúvidas aos teólogos de Roma.

“É uma mistura de dogmas gnósticos e maniqueus” disse Santo Agostinho<sup>12</sup> que sob esta expressão inclui tudo quanto é heresia proto-cristã. A classificação é cómoda, numa Ibéria cristianizada pela pressão política e onde o clero desconhecia tanto os textos bíblicos como as experiências dos primeiros cristãos e quando o dogma católico era ainda fluido. Acusavam-nos de práticas sexuais desonestas, de “incestuosíssimos costumes”, segundo São Jerónimo, quando a prática priscilianista se assemelhava mais ao catarismo e ao franciscanismo medieval afeitos à simplicidade de vida e ao culto da Natureza, e ao puritanismo calvinista no que se refere aos bons costumes.

A defesa dos apócrifos foi o cerne da questão. Prisciliano não reconhecia um cânon bíblico e parece que, no seu tempo, tinha razão. A igreja romana da época seguia a opinião generalizada entre os exegetas sobre quais eram os “textos inspirados” que constituem hoje o cânon bíblico. A revisão dos Evangelhos só ficou concluída em 383 e o cânon do Antigo Testamento não o foi antes de 390 (Prisciliano morreu em 385)<sup>13</sup>. A corrente galaico-lusitana estava no seu direito em não excluir os textos tradicionais. Parece até que, por momentos, a tendência prisciliana era a de não aceitar os textos romanos e privilegiar os que os romanos expurgavam, por oposição sistemática.

Não apenas privilegiavam os textos que hoje se chamam apócrifos como se ocupavam em preencher as lacunas dos canónicos romanos com as passagens dos apócrifos. Encorajando a investigação individual, a sua regra da exegese era o slogan “*Perscrutai as Escrituras, diz o Evangelho de João 5:38*”. Lembravam que nos textos canónicos romanos se citam profetas e livros que não fazem parte do mesmo cânon, como neste caso: “*Perscrutai as Escrituras; Paulo diz que o profeta Enoch foi raptado para o céu antes que tivesse passado o seu testemunho pro-*

<sup>12</sup> *De Heresibus*, cap. 70

<sup>13</sup> Pinharanda Gomes, *Patrologia Lusitana*, p. 142

fético (*Hebr.* 1:5); quem fosse o profeta Henoc e o seu testemunho não consta dos textos canónicos, mas São Paulo e São Tiago citam Henoc. Quem ousará condenar um profeta que prega o nome de Deus? É claro que, quando São Paulo diz ‘perscrutai as Escrituras!’ convida-nos a ler o que ele próprio leu. Recorde-se o que diz Tobias ao filho: ‘Somos filhos de profetas, Noé foi profeta, Abraão, Isac, Jacob e todos os nossos antepassados profetizaram desde os primeiros séculos’. Onde é que no [vosso] cânon se podem ler os livros destes profetas? Onde estão eles? Mas Tobias leu-os. Se Tobias os leu e deles deu testemunho num livro canónico, por que razão serão condenados e proibidos? Pelo que me diz respeito, prefiro ser julgado perante os profetas de Deus a expurgá-los. Quem não tremerá com a ideia de se encontrar perante Noé, Abraão, Isac e Jacob no tribunal de Deus? Deus não pode mentir, Deus não pode ter citado em falso um profeta”. E conclui a sua argumentação teológica com esta sentença: *“Ninguém tem o direito de condenar o que não sabe, o que não lê, o que não quer investigar”*.

E aí temos uma bela regra científica: *“Ninguém tem o direito de condenar o que não sabe, o que não lê e o que não quer investigar”*. O contrário disso tem sido a atitude da cultura letrada portuguesa, seja no domínio da Teologia ou da Ciência, que poderia ser definida pelo seu inverso: *“Condono não porque conheço ou investiguei a questão mas porque o bispo ou o mestre diz que eu devo condenar”*. A reacção ao priscilianismo representa também a impossibilidade de a cultura portuguesa engendrar teólogos, filósofos e cientistas como as culturas europeias.

Os exegetas da corrente luso-galaica serviam-se directamente dos textos hebraicos. Descobre-se hoje que a sua tradução estava mais correcta do que a Vulgata<sup>14</sup> em que São Jerónimo (tradutor do cânon) cometeu erros. Mesmo os maiores inimigos de Prisciliano reconheceram a sua capacidade exegética e de manuseamento dos textos, pelo que Prisciliano e o seu companheiro Dictino bispo de Astorga-Leon podem ser considerados os primeiros grandes exegetas bíblicos desta margem da Península. Enquanto isso, engrossava a ignorância no campo dos ortodoxos-romanos que, por cada dificuldade sobre a interpretação dos textos, recorriam a Santo Agostinho ou directamente a Roma. Vê-se bem neste momento como os meios do poder se abstinham de qualquer iniciativa teológica ou pastoral; a sua única preocupação era

<sup>14</sup> Pelayo, *Heterodoxos*, p. 197 que dá exemplos.

seguir, obedecer, ser dependente para não assumir a responsabilidade da inovação. Já é por um lado o catolicismo actual e, por outro, a ausência absoluta de criatividade teológica, filosófica, científica e artística que sempre foi a portuguesa até ao presente.

O zelo dos acusadores de Prisciliano denuncia um notório afastamento relativamente à Igreja primitiva cujas comunidades orientais e africanas passaram por uma aturada busca dos textos evangélicos para enriquecimento da piedade dos fiéis. Os luso-galaicos estavam numa fase idêntica. Renan descreve a azáfama de investigação bíblica entre os orientais que contrastava com o seguidismo e a fixidez dos romanos: “Exceptuando os apologistas como Aristides, Quadrato e Justino que se dirigem aos pagãos, e os tradicionalistas puros como Papias e Hegesipo que consideravam a nova revelação como consistindo essencialmente na palavra de Jesus, quase todos os escritores [do séc.II] tiveram a pretensão de aumentar a lista das Escrituras Sagradas susceptíveis de serem lidas na Igreja. Côncios de não o conseguirem pela sua autoridade peculiar, cobriam-se com o nome de qualquer apóstolo ou personagem apostólica e não escrupulizaram em atribuir-se a inspiração de que gozavam indistintamente os discípulos imediatos de Jesus. (...) O critério da canonicidade era o êxito nas leituras públicas (quanto mais lido mais canónico). Uma igreja admitia tal escrito atribuído a um apóstolo ou a uma personagem apostólica à leitura em comum. Saíam os fiéis edificadas; espalhava-se o boato nas igrejas vizinhas que uma linda comunicação se fizera em tal comunidade; logo se desejava ver o novo escrito e assim, de mão em mão, vulgarizava-se, a menos que não tivesse algum tropeço maior. Mas com o tempo aumentaram as exigências; os êxitos das *Epístolas a Tito* e a *Timóteo* e o da *Segunda Epístola de Pedro* já não se renovavam. A fecundidade evangélica ia-se esgotando; passara a idade da criação lendária e nada se inventava de notável; o êxito do *Pseudo-João* foi o último. Mas subsistia ainda a liberdade das remodelações, pelo menos fora das igrejas de S. Paulo. Embora os quatro textos posteriormente canónicos já tivessem uma certa voga, eles não excluíaam os textos paralelos.

“Mantinha a sua autoridade o *Evangelho dos Hebreus*. O autor das *Epístolas de Santo Inácio* (fim do século II) cita-o como texto canónico aceite. Nenhum texto esgotava a tradição nem suprimia os seus rivais. Os livros eram raros e mal guardados. Dinis de Corinto falava de falsificadores das Escrituras do Senhor, no final do século II, o que prova que continuaram os retoques cem anos depois da redacção do nosso *Mateus*. Daí a forma indecisa das palavras de Jesus, sensível nos padres apostólicos. A fonte é sempre vagamente indicada; há muitas variantes nas citações

até Santo Ireneu. Algumas das palavras de Isaías e de Henoch são citadas como palavras de Jesus. Não havia distinção entre a Bíblia e o Evangelho, e sempre as palavras de *Lucas* eram precedidas da locução *Deus disse* [...]

“Até ao ano de 160 ou ainda além, os Evangelhos eram escritos privados destinados a círculos restritos. Cada um tinha o seu exemplar único e durante muito tempo não houve rebuços em completar e combinar os textos. Não era exacta a redacção? acrescentava-se, truncava-se. Discutia-se tal ou tal passagem, amalgamavam-se os Evangelhos em circulação para formar um volume portátil. Continuava ainda a tradição oral. Urgia fixar a tradição; eram ainda esporádicos muitos elementos evangélicos (...). Eram mais graves os cortes que ameaçavam dar-se. Todos os trechos que apresentassem o Cristo como um homem pareciam escandalosos. Os sectaristas sem gosto condenaram o lindo versículo de *Lucas* em que Jesus chorou sobre Jerusalém porque, para eles, chorar é prova de fraqueza. Provocavam objecções e mutilações análogas o episódio do anjo consolador e o do suor de sangue no Jardim das Oliveiras. Havia ordem, contudo, apesar de todo este caos. Cada Evangelho tinha a sua clientela. Seria impossível arrancá-los das mãos dos que tanto os estimavam: seria condenar ao esquecimento um número avultado de belos trechos onde se sentia Jesus, embora o arranjo fosse diferente. Cada vez tendiam mais a tornarem-se canónicos quatro textos, com exclusão dos outros, à medida que uma ortodoxia se afirmava no meio dessa aluvião de Evangelhos. Caminhavam para a consagração oficial *Marcos*, *Pseudo-Mateus*, *Lucas* e *Pseudo-João*. O *Evangelho dos Hebreus*, que ao princípio os igualou em valor, começava a perder a voga, evangelho esse de que os Ebionitas e os Nazarenos abusaram imoderadamente. Foram suprimidos pelos bispos os *Evangelhos de Pedro* e o dos *Doze Apóstolos* por parecerem variantes defeituosas. Porque se não chegou mais longe, reduzindo os Evangelhos a um só, quer suprimindo três quer harmonizando os quatro à maneira do *Diatessaron* de Taciano ou redigindo, como Márcion, um *Evangelho a priori*? Foi o momento em que melhor se viu a honradez da Igreja. Entrou nos piores embaraços de coração alegre. Era impossível que algumas contradições do Evangelho se lhe não metessem pelos olhos. Antes se quis expor às fulminantes objecções futuras do que condenar escritos atribuídos a tantas pessoas”<sup>15</sup>.

Os priscilianistas defendiam o livre-exame (interpretação individual do texto sagrado), mil anos antes dos protestantes e duzentos anos antes dos judeus. Para a interpretação da Bíblia não invocavam a autoridade de

<sup>15</sup> Renan, *A Igreja Cristã*, pp. 329-332

nenhum doutor ou teólogo; a predisposição para a verdade era ditada pela regra *Perscrutai as Escrituras*. Com isso defendiam a liberdade cristã, *omnímoda liberdade cristã*, dizendo que “só merece anátema quem não ama Cristo” como disse também São Paulo (I Cor. 16:21). Enquanto adeptos do livre exame foram, podemos dizer com Pelayo, precursores do protestantismo<sup>16</sup>.

A apologia da liberdade e da criatividade individuais de Prisciliano foi um fogo fátuo no pântano da Filosofia e da Teologia que passou a ser esta margem ocidental da Europa (sobretudo desde a Reconquista), um *flash* fugaz de individualização democrática e de racionalidade científica que, sendo a das culturas judaica e helénica, só tornou a emergir entre nós neste fim do século XX, depois da tentativa abortada do pós-renascentismo, e passada a fase do racionalismo estéril do sec. XIX: procurem os leitores nas enciclopédias de Teologia, de Filosofia ou de Ciência uma criação portuguesa.

Quanto aos textos apócrifos que os priscilianistas seguiam conheceu-se uma lista transmitida a Santo Agostinho e a Itácio de Ossonoba pelos acusadores Santo Turíbio e Orósio. Lista pequena, mas já é uma indicação séria. Constituem essa lista: *Actos de André*; *Actos de João*, *Actos de Tomé*, *Actos de Pedro e de Paulo*, *Memórias dos Apóstolos*, *O Príncipe da Água e o Príncipe do Fogo*<sup>17</sup>.

O livro intitulado *Príncipe da Água e Príncipe do Fogo* não existiu com este nome. Tratar-se-á do *Livro de Henoc*, o mais célebre e o mais longo dos actuais apócrifos do Antigo Testamento; contém as visões pré-diluvianas e apocalípticas de Henoc que se diz ser pai de Matusalém e avô de Noé; nesse livro as intervenções ou ameaças dos Príncipes (= anjos) da Água e do Fogo são frequentes. É o livro sobre o qual se interrogam mais os críticos quanto à sua não-canonicidade pois que é citado várias vezes nos canónicos como bem lembra Prisciliano<sup>18</sup>; os opúsculos de Prisciliano tomam o *Livro de Henoc* como exemplo de texto sagrado

<sup>16</sup> *Heterodoxos*, p. 195

<sup>17</sup> Os *Actos de João* datam do séc. II, os outros são dos séc. II e III.

<sup>18</sup> Exemplos de citações nos Canónicos: *Gen*, 5:24: “Henoch andou na via de Deus e depois Deus raptou-o”; *Heb*. 11:5: Diz Paulo “Por amor da fé, Henoc foi raptado de modo que ele não viu a morte, ninguém mais o encontrou, foi raptado por Deus; de facto antes de Deus o raptar, ele testemunhou que havia agradado a Deus; sem fé é impossível agradar a Deus”; *Jud*. 1: 14: Diz o apóstolo Judas: “foi também contra os falsos doutores da Lei que profetizou Henoc, o sétimo patriarca depois de Adão: “O senhor veio com as suas santas míriades para confundir os pregadores ímpios...”

arbitrariamente excluído do cânon romano; os acusadores evitaram o nome exacto por que era conhecido o livro para não incitar a polémica. Os *Actos de Pedro e de Paulo*, são dois livros: *Actos de Pedro* (vários fragmentos conhecidos) e *Actos de Paulo*; este último centra-se em torno da influência que Paulo exerceu sobre a jovem Tecla, ex-devota da deusa Diana (Artemis) e refere circunstanciadamente as perseguições movidas contra ela. Tecla fascinou-se por Paulo e dedicou-se a ele. Paulo fazia a apologia da virgindade das raparigas tomando Tecla como exemplo e tirava daí argumento para as mulheres recusarem o casamento e se dedicarem à pregação. Graças a este apócrifo, o culto de Santa Tecla passou a ser muito frequente e ainda hoje existe no Minho e na Galiza. O *Memória dos Apóstolos* é hoje desconhecido sob este título.

## Capítulo 5

### DOCTRINA E LITURGIA DO PRISCILIANISMO

Relacionando o conteúdo destes textos (sobretudo o *Livro de Henoc*) com as acusações conciliares e com o Código de Wurzburg, temos estas bases teológicas: no Cosmos há dois princípios, o do Bem e o do Mal; Deus é o princípio do Bem, o Diabo é o princípio do Mal. O Universo é uma luta entre o Bem e o Mal; as almas e os anjos emanam do princípio do Bem enquanto o corpo humano e todo o tipo de carne, os flagelos, o raio, etc., são emanções do princípio do Mal. É uma teologia maniqueísta procedente do mazdeísmo persa. Depois disso, Deus é uma única pessoa, não é em três pessoas. Em Deus há apenas a pessoa do Pai tal como se deduz do Antigo Testamento; Jesus não existia antes de nascer de Maria: “Se fosse filho já não podia nascer e se foi engendrado teve princípio; ora Deus não tem princípio portanto Jesus Cristo não pode ser Deus”. Há Jesus e Cristo: Jesus foi um homem que nasceu de Maria; Cristo foi um *eon* (centelha, sopro divino) de quem Deus disse “Este é o meu filho bem-amado”, um *eon* superior aos *eons* que são os anjos. O autor do *Codex* aproveita para estigmatizar os patripasianos que diziam que foi Deus-Pai e não Deus-Filho quem morreu na Cruz. Defende também que não houve outro “nome” (= *eon*) dado por Deus ao mundo para além de Cristo, e que se não deve acreditar em [os *eons*] *Armaziel, Marianne, Ioel, Balsamus e Barbilon* que nas teologias zoroastrista e maniqueísta foram *eons* de qualidade superior.

Depois temos: O Espírito Santo não é pessoa divina, é um *eon*, como o sopro de Deus; é aliás esta a significação que lhe atribui o Antigo Testamento (força criadora e vivificadora de Deus, sopro de vida). As almas também são *eons* mas de qualidade inferior; Deus transmitiu o seu *eon* a Adão dando-lhe a alma. Eram acusados de ensinar que em Deus há duas hipóstases, masculina e feminina, mas o autor do *Códice* desvia a discussão: “Alguns, lendo as Escrituras, tomam o corno, o seixo e a pedra por deuses; depois alguém lhes diz que Deus é másculo-fêmeo e pensam haver nele uma natureza carnal”. (O Zohar judaico, um dos livros da Cabala que é de origem ibérica) dirá também que

em Deus há um princípio masculino e outro feminino e que da união desses dois princípios provêm as almas). Recusando a Trindade, os priscilianistas são os continuadores do judaísmo bíblico e do nestorianismo, e os precursores do arrianismo com origem nos semitas para os quais Jesus é um profeta como Moisés ou Elias e que derivou no islamismo.

Inspirando-se no Livro de Henoc, defendiam estes teólogos que a criação do Homem não teve lugar na terra mas no Paraíso ou nas regiões siderais. O pecado original não foi cometido na terra mas no paraíso onde moram as *Inteligências*. Como consequência do pecado as almas foram encerradas em corpos e estão condenadas à reencarnação, transmigração ou errância até que se purifiquem e voltem ao lugar donde procedem. Podem migrar para outros homens como para os animais.

A origem extra-terrestre das almas pode deduzir-se dos textos canônicos e apócrifos. Os apócrifos *Vida de Adão e Eva* (ou *Apocalipse de Moisés*) e o *Livro de Henoc* são claros quanto à procedência extra-terrestre dos primeiros seres humanos e das almas. A *Vida de Adão e Eva* esclarece que foi no Terceiro Céu, e Adão conta ao seu filho Set como se passaram as coisas: “Escuta, meu filho! Desde que fomos expulsos do paraíso eu e a tua mãe passámos a estar nus, desprovidos da justiça que nos cobria” e Eva conta também aos filhos a história do primeiro pecado dizendo que foi tentada por Satanás na forma de um anjo que cantava louvores a Deus introduzido no coro dos anjos bons. Depois foram expulsos por Deus: ‘A partir de agora não permitirei que estejas no Paraíso’ e o Senhor ordenou que fôssemos arrojados do Paraíso”, mas permitiu que dessem a Adão plantas aromáticas e outras sementes para a sua subsistência. Henoc viu “com os seus olhos a Árvore da Ciência do Bem e do Mal da qual comeram Adão e Eva; adquiriram a sabedoria e abriram-se-lhe os olhos, de modo que viram que estavam nus e foram expulsos do Paraíso”, com este promenor: as folhas da Árvore da Ciência “assemelham-se às da alfarrobeira” (Cap. 33). O *Genesis* canónico também diz que o Éden estava “situado entre dois rios celestes”.

A ideia das *Inteligências* que pré-existem ao homem não é herética; é um conceito filosófico de Platão que foi adoptado por Santo Agostinho e pelos antropólogos e psicólogos modernos: é a alegoria dos *arquétipos* ou modelos primordiais de que a realidade terrena é uma cópia ou sombra; Santo Agostinho, nas *Confissões* admite que a alma de cada homem pré-existe antes de incarnar em cada um. A metempsicose,

transmigração ou errância das almas, encontra-se nos canónicos<sup>1</sup>. A crença da migração das almas para os animais não consta apenas nos textos apócrifos, também se encontra num canónico. No apócrifo *Vida dos Profetas* (“testemunho de religiosidade da Palestina da época”)<sup>2</sup> diz-se que as almas dos humanos, por castigo, podem penetrar nos animais; as almas dos maus e os espíritos maus podem apoderar-se dos animais ou converter-se em feras; no *Livro da Infância*, a mãe de Jesus cura um rapaz que havia tomado a forma de um burro (Cap. 18). No canónico *Livro de Daniel* lemos que Nabucodonosor se convertia em animal, metade boi e metade leão, comia erva como um boi e se esquecia de que tinha sido homem; ao profeta Daniel foi revelado que isso lhe acontecia pela sua ânsia de poder e obstinação. Daniel, profeta de Israel e advinho privado de Nabucodonosor, dizia às pessoas que o rei voltaria de novo a homem mas não o acreditavam; arrependido o rei, Daniel aconselhou-o a aplacar o Senhor *abstendo-se de comer carne e a comer apenas legumes e caldos* (Dan.4:25-33). E aqui temos uma razão por que os priscilianistas se abstinham de comer carne.

Tudo isso é actual. Quanto à reencarnação, à errância das almas e à metempsicose são crenças que ainda existem hoje na religião popular. Há homens que, ao cair da noite tomam a forma de um burro (teoria popular dos lobisomens). Os espíritos maus podem incarnar nos animais, como o mocho que anuncia a morte, o cão que ladra à lua, o galo que canta antes da meia-noite, a galinha que tenta cantar como o galo, o boi que “se atira às mulheres”, etc. e que serão abatidos<sup>3</sup>. A mais persistente dessas crenças priscilianistas é ainda a da almas penadas ou espíritos que erram de espinho em espinho para expiar os seus pecados<sup>4</sup> e que entram nos “corpos abertos”. A maioria dos portugueses acredita em tudo isso, apesar do mesmo ser radicalmente contrário ao dogma católico do céu-inferno-purgatório (onde as almas estão encerradas) em que os mesmos dizem acreditar; na prática não aceitam o dogma católico apesar dos anátemas dos concílios. Não digo - como Pelayo - que os

<sup>1</sup> Heródes que havia morto João Baptista, ao ouvir falar de Jesus, disse: “É o João Baptista que ressuscitou dos mortos”. Quando Jesus perguntou aos apóstolos a opinião do povo a seu respeito, responderam-lhe: “Uns dizem que tu és João Baptista, outros, que és Elias e outros, que és Jeremias.

<sup>2</sup> Fernandez Marcos, *Apócrifos del Antiguo Testamento*, p. 509

<sup>3</sup> M.E.S., *Religião Popular Portuguesa*, 1984, pp. 43-45.

<sup>4</sup> M.E.S. o.c. pp. 190-196 e 333.

priscilianistas, com a sua teoria da transmigração ou errância das almas “foram os precursores do espiritismo” mas, digo sim, que são continuadores dos cultos de possessão, extáticos e proféticos, elementos da religião dos povos mediterrânicos.

## RELIGIÃO MISTÉRICA

Os priscilianos eram acusados de *ofitas* (“filhos de serpentes, veneradores da Serpente”). O autor do *Códice* defende-se dessas acusações propondo que quem tal fôr seja *anáthema maranatha*<sup>5</sup>, ele não tira dos animais sentidos religiosos. Que sejam também *anátemas* os “nefandos e fornicadores nicolaitas e as seitas misteriosas que usam como símbolos a águia, o burro, o elefante, a serpente e outros animais e os adoradores de Jupiter, Saturno, Vénus, Marte e Mercúrio”. Reconhece que durante a sua vida leu histórias e fábulas da antiga mitologia mas só para a instrução geral. Acrescenta que em Espanha persistia “o culto do deus-Sol e o de Mercúrio entre aqueles que buscam tesouros e veneram o caduceu ou o saco de Mercúrio assim como o culto de Vénus entre os libidinosos, o da Lua entre os supersticiosos que observam os anos, estações, meses e dias; que sejam *anátemas*”. *Anátema* seja igualmente quem disser que os “demónios *Saclam, Nebroel, Samael, Belzebuth, Nasbodeum, Beliam* e outros que tais merecem veneração e sacrifícios”.

Que os lusitanos e os galegos fossem *ofitas* é um traço cultural que ainda hoje se demonstra, não obstante Prisciliano. A Serpente foi um agente de redenção canónica: Deus aconselhou a Moisés que fabricasse uma serpente de bronze e a colocasse sobre um poste a fim de que os que para ela olhassem se curassem das mordidas das serpentes<sup>6</sup>. A Cobra é ainda hoje relacionada com a Criação, objecto de um culto autónomo ou associado a Nossa Senhora; talvez tivesse sido um tótem ibérico<sup>7</sup>. A informação sobre os *veneradores de Mercúrio* que buscavam

<sup>5</sup> *Anathema* é um termo grego que significa “separado da comunhão, excomungado”; *maranatha* é do hebraico (*mara natha*) “Senhor, desce! Senhor, deixa cair o braço! Senhor, repele!”. *Anáthema maranatha* encontra-se uma única vez nas Escrituras, em São Paulo (I Cor. 16:22) mas como duas expressões autónomas separadas por um ponto: “Se alguém não ama o Senhor seja *anathema. Mara natha!*”

<sup>6</sup> Num. 21: 8

<sup>7</sup> cf. M.E.S. o.c. pp.45-48, o capítulo “A Cobra, uma divindade solidária das mulheres”.

tesouros nos terrenos é de boa qualidade... eles ainda existem e são responsáveis pela destruição dos antigos monumentos onde se diz que há tesouros escondidos. No Minho, esses pesquisadores de tesouros chamam-se hoje “ciprianistas” porque se fiam no *Livro de São Cipriano* onde constam referências a tesouros escondidos e que ensina a descobri-los por meio das orações chamadas “para abrir a Terra.” Também faz lembrar os alquimistas.

Os priscilianistas eram acusados de “encantar os frutos da terra mediante cantares mágicos” enquanto São Jerónimo os acusava de “cantar umas odes das Geórgicas (de Virgílio)”. Isso era o que deduziam os leigos que ouviam falar da sua liturgia iniciática em cujos hinos há referências a flores e frutos. Ora, trata-se do apócrifo *Odes de Salomão* que estas comunidades conheceriam e que consta duma série de “hinos de comunidade” pagano-cristãos de influência essénia, muito difundido no século III, sendo originário da Síria ou do Egipto<sup>8</sup>; de acordo com a estrutura das *Odes*, os hinos são proferidos por alguém que acaba de ser recebido numa comunidade de extáticos, coroado de flores tal como os recipiendários de Mitra e de Athis. Vale a pena exemplificar para nos darmos conta da preocupação poética da liturgia dos primórdios. Começam deste modo:

*O senhor está na minha cabeça como uma coroa  
Não ficarei fora dele  
Entrançada está em mim a coroa da Verdade  
Que faz que as suas ramas floresçam  
Não se parece com uma coroa seca que não floresce  
Mas vive na minha fronte e floresce em mim  
Os teus frutos são plenos e perfeitos  
Cheios da tua Salvação.*

*O meu coração foi podado e a sua flor brotou  
Germinou nele a graça  
Deu frutos para o senhor  
O altíssimo podou-me com o Espírito Santo  
Descobriu as minhas entranhas diante dele  
E encheu-me do seu amor  
O corte que o senhor me fez foi salvação para mim*

<sup>8</sup> A. Peral e X. Alegre, *Apócrifos del Antiguo Testamento*, Vol. III, p. 64.

*A água que fala acercou-se dos meus lábios  
 Abundante fonte do Senhor  
 Bebi e embriaguei-me com a água da vida  
 Abandonei a loucura difundida pelo mundo  
 Despojei-me dela e arrojé-a de mim  
 O senhor me renovou com a sua veste  
 Tomou posse de mim com a sua luz  
 Sou como uma terra que germina e prospera em frutos.  
 O senhor como um sol sobre a minha terra  
 Iluminou os meus olhos e cobriu-me o rosto de orvalho  
 Conduziu-me ao seu paraíso  
 Onde reside a abundância dos prazeres do senhor  
 Contemplei árvores floridas e carregadas de frutos  
 A sua coroa nascia deles  
 Floresciam suas ramas e engrossavam seus frutos  
 As suas raízes surgiam de uma terra imortal  
 Um rio risonho as regava  
 E a terra da vida eterna em seu redor  
 Bem-aventurados os que estão plantados na sua terra  
 Crescem na germinação das suas árvores  
 E passam das trevas à luz, etc.*

As *Odes de Salomão* constituem um complexo extenso de arquétipos da Natureza, terra, rios, água, flores, árvores, frutos, luz, etc. que sugerem a regeneração e o renascimento. Ao iniciado, segundo se deduz do conjunto do texto, eram oferecidos mel, leite e água. A alusão à *poda* e ao *corte* lembram os dizeres dos *mystes* de Athis que, emasculando-se, “ceifavam a sua espiga madura”.

Eram acusados de magos, panteístas astrais, astrólogos e adoradores do sol e da lua. O termo “mago” aplicava-se tanto aos astrólogos (cf. os reis magos do Evangelho) como aos fazedores de milagres e neste caso designava propriamente os sacerdotes de Mitra e Zoroastro, segundo Cumont<sup>9</sup>. Os priscilianistas faziam uma atenção muito particular aos astros e ao signo do Zodíaco. Conheciam a astrologia e eram zoroastristas. Diz São Jerónimo que Prisciliano era “exímio estudioso do mago Zoroastro”; daqui se depreende claramente a sua ligação com o mazdaísmo, zoroastrismo ou mitraísmo: os sacerdotes de Mitra ou de

<sup>9</sup> Franz Cumont, *Les Religions Orientales*, p. 227.

Zoroastro tinham o título de “Etudiosos da Astrologia”<sup>10</sup>. Diziam os seus delactores que ele aprendera essa ciência e teologia na Pérsia e no Egipito. “A observação astrológica era para eles a chave dos fenómenos naturais e até antropológicos; os Doze Signos do Zodíaco influem nas diversas partes do corpo e as almas humanas estão-lhes sujeitas; escravos das Doze Tribos dos Hebreus e dos Doze Signos do Zodíaco, não podiam mover pé nem mão sem que fossem governados por uma dessas duas potestades”<sup>11</sup>. Esta linguagem simbólica denota um sincretismo do judaísmo com o mitraísmo embora Cumont precise que nesta época o mitraísmo - que foi a última a chegar ao Ocidente a partir da Asia Menor - fundia-se ou confundia-se com a religião siro-fenícia já instalada de longa data; Mitra, deus ou messias solar, confundiu-se na Península com o Baal Sheiman (Senhor Sol) fenício tornando difícil distinguir os mistérios dos mitraístas das antigas religiões orientais; Aura-Mazda foi assimilado a Bel ou Baal, Anahita a Ata e Mitra a Shames ou Sheiman; por essa razão, Mitra tinha entre os autores romanos o título de *Sol Invictus*, embora fosse distinto do Sol; um simbolismo astronómico obtuso e complicado fez sempre parte do ensino revelado aos iniciados de Mitra e manifestava-se nas composições artísticas que decoravam os templos (...) Noutros casos, foi o próprio deus supremo persa Aura-Mazda que passou a ser *Baal Sheiman* introduzido pelos semitas no Ocidente. A astrologia babilónica tanto inspirava as teorias ensinadas nos templos mitraicos como as dos templos semitas, e assim se explica a íntima conexão dos dois cultos<sup>12</sup>.

## A ASTROLOGIA

As acusações contra Prisciliano demonstram a importância da Astrologia na Lusitânia e na Galiza. «No fim do império romano, diz Cumont, a Astrologia era a ‘rainha das ciências’. A fé nos preságios astrais difundida pelos *caldeii*, era geral. Os velhos métodos de adivi-

<sup>10</sup> Cumont o.c. p. 207.

<sup>11</sup> Segundo a teoria prisciliana as partes do corpo correspondem ao Zodiaco deste modo: Carneiro - cabeça; Touro - colo e ombros; Gémeos - braços; Câncer - peito; Leão - estômago; Virgem - ancas; Balança - vertebrae; Escorpião - órgãos sexuais; Sagitário - coxas; Capricórnio - joelhos; Aquário - tíbias; Peixes - pés. A ideia era já da antiga astrologia; H. Chadwich, o.c., p. 260

<sup>12</sup> Cumont, o.c. pp. 177 e 182.

nhação haviam caído em desuso”; entre estes havia a consulta dos movimentos das árvores pelos antigos semitas, das vísceras dos animais pelos romanos (ou dos humanos, praticados pelos lusitanos segundo Estrabão) e a dos dados (os *urim-tumim*) pelos hebreus. “A Astrologia aparecia envolvida do grande prestígio das ciências exactas, fundada sobre a experiência dum muito longa duração, tão exacta como a Geometria e mais exacta do que a Medicina. Também era uma teologia, e uma teologia científica. Graças aos *Baals* semitas e Mitra, a Astrologia triunfou por toda a parte. “A atenção pelas conjunções dos astros, continua Cumont, regulava os mais pequenos movimentos dos humanos, primando a regra

*Nascentes morimur, finisque ab origine pendet*<sup>13</sup>

Não havia empreendimento ou negócio, grande ou pequeno, sem a consulta dum astrólogo. Não apenas se lhe pedia as suas previsões sobre acontecimentos públicos consideráveis como as operações de guerra, a fundação dum cidade ou a intronização dum príncipe, mas também sobre um casamento, uma viagem, uma mudança de casa e as acções mais fúteis da vida quotidiana. Não se ia ao banho ou ao cabeleireiro, não se mudava de fato, não se limavam as unhas, sem esperar o momento propício (...) A existência inteira dos indivíduos como dos Estados, até aos menores incidentes passou a depender dos astros. Passando os nomes dos astros aos dias da semana (*Lunae, Martis, Mercuris, Jovis, Veneris*) as qualidades do deus transmitiam-se aos nascidos nesse dia (...). O dogma fundamental da Astrologia era o da solidariedade universal; o mundo forma um vasto organismo cujas partes estão unidas por uma troca incessante de moléculas e de eflúvios; o Homem é uma redução da matéria, um microcosmos; a observação do céu era tão delicada como a observação do corpo humano. A Astrologia, ciência, teologia e fé, contribuiu para a introdução da universalidade do principio divino, evolução de que os fenícios e os sírios foram precursores. A contemplação do céu tornou-se uma comunhão; no esplendor das noites, o espírito embriaga-se da luz que difundem as estrelas nos seus movimentos harmoniosos e participava da sua imortalidade”<sup>14</sup>. Também referenciamos ainda vestígios

<sup>13</sup> Nascendo morremos, e o fim depende do princípio.

<sup>14</sup> Cumont, o.c. pp. 199,201,207.

iniludíveis dos cultos da Lua e do Sol (que se chamava *Seiman*, *Seimão*, *Baal Sheiman*) idênticos às das religiões orientais transmitidas pelas civilizações fenícia e cartaginesa<sup>15</sup>. A relação entre os astros e os trabalhos da terra foram fixados nos calendários e almanaques que ainda hoje servem de guião aos agricultores.

O governo do imperador Juliano o Apóstata, que foi iniciado nos mistérios de Mitra a quem dedicou um texto intitulado *Hino ao Rei Sol*, marca o apogeu do mitraísmo no Ocidente já muito associado por sincretismo e por ecumenismo aos cultos de Cibele-Athis; tal como Constantino apostara no cristianismo para dar um princípio de unidade ao império, assim Juliano (que foi cristão e que apostasiou) se tinha feito apóstolo de Cibele e de Mitra com os mesmos objectivos. A Astrologia entrou irremediavelmente em choque com o cristianismo desde o momento em que os cultos não cristãos foram proibidos. Para os cristãos, as atenções para com os astros passaram a associar-se à idolatria. O princípio dogmático que ela impunha era o fatalismo expresso no slogan:

*Fata regunt orbem certa stant omni lege*<sup>16</sup>

Este determinismo sideral destroi o princípio judaico-cristão da responsabilidade; os castigos e as recompensas são absurdos se os homens agem por uma necessidade que os domina. Teoricamente, se um destino irrevogável se nos impõe de pouco servirão os esforços humanos e arbitrarias serão as normas religiosas; na prática acreditava-se que a vontade das divindades que comandam ou incorporam os astros não são inexoráveis mas flexíveis aos sacrifícios e às súplicas; a Astrologia desenvolvia-se ao mesmo tempo que a praxis teológica sacerdotal. São Paulo parece também acreditar numa influência exterior a Deus dizendo: “Estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem as potestades, nem o presente, nem o futuro, nem a altura nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá separar-nos do Amor de Deus (*Rom.* 8:38).

<sup>15</sup> M.E.S. *Orig. Or.*, p. 173-177. Um dos mais antigos templos cristãos da Lusitânia é o de São Pedro do Balsemão, da época visigótica, construído num local onde existiu um Santuário ao Sol que era venerado durante o Solstício, época da actual festa de São Pedro; o Sol dizia-se em fenício-púnico *sheiman* e *Baal-sheiman* (senhor sol). A estrela de cinco pontas chama-se também *signo saimão* (isto é, o sol).

<sup>16</sup> Os destinos regulam o universo, tudo se acerta pelas suas regras.

A Astrologia persa aparece nos próprios Evangelhos: os Magos do Evangelho não foram senão sacerdotes mitraístas e a estrela que os guiou consta duma profecia de Zoroastro; isto basta para lembrar que a Astrologia e o mitraísmo penetraram até ao interior deste cristianismo. A ciência teológica dos caldeus consta depois nos textos cristãos apócrifos: um hino dos *Actos de João*, constante da série priscilianista faz referência ao ente divino “Que é Número Doze” e ao “Único Ogdoade”, título de Hadad, Deus único entre os semitas sírios. O *livro de Henoc* entre os capítulos 71 a 82 passa a chamar-se *Livro do Curso das Luminárias Celestes* que prescreve uma rigorosa observância do calendário astral de 364 dias; expõe toda a teoria do tempo quanto aos movimentos astrais, aos anos solares e lunares e aos dias intercalares, aos doze ventos, às saídas e entradas do Sol e da Lua ao longo dos meses e das estações, à duração dos dias com o seu cômputo detalhado para cada fase entre os solstícios e os equinócios assim como a precisão das lunações. O cômputo é rigoroso. Henoc viu tudo isso no espaço sideral, assim como as fontes do dilúvio, do raio, do fogo, dos doze ventos, etc., estando todos esses lugares astrais sob a guarda de príncipes ou anjos. O rigor da observação astral era uma obrigação cultural: “Os que não têm em conta o movimento astral enganam-se no tempo, confundem as estações e os dias; são pecadores por não cumprirem os ritos e as festas no tempo marcado”. O *Livro dos Jubileus*, outra versão do *Henoc*, também é claro quanto à necessidade de observar os astros para não falhar no cumprimento dos ritos: “Ordena aos filhos de Israel que guardem os anos por este cômputo, 364 dias é o ano completo, que não alterem as datas dos seus dias e das suas festas; tudo acontece dentro da sua regra. Não passem um dia nem alterem a festa. Se infringirem isso e não celebrarem a festa segundo lhes foi ordenado, alterarão todas as datas e os anos ficarão também desajustados; as estações e os anos ficarão alterados e transgredirão a sua norma. Se não respeitarem este calendário, todos os filhos de Israel errarão e nunca mais encontrarão o curso dos anos; descuidarão o novilúnio, a estação, o sábado e equivocarão a norma dos anos. Diante de mim está escrito o Livro e estão estabelecidas as tabelas celestes com a distribuição dos dias mas eu sei de antemão que os filhos de Israel esquecerão as festividades da Aliança e seguirão as festas dos gentios adoptando os seus erros e a sua insipiência. Pode alguém observar o aspecto da lua, mas esta varia nas estações e adianta-se aos anos, em cada um 10 dias; com o não-respeito deste calendário de 364 dias ficarão os tempos alterados, ficará nefasto o dia da revelação e imundo

o dia da festa. Confundir-se-ão os dias todos, os dias santos com os dias impuros e os impuros com os santos; depois equivocar-se-ão nos meses, nas semanas, nas festas e nos jubileus. Por isso ordeno-te e conjuro-te que os exortes, porque depois de ti os teus filhos corromper-se-ão não computando anos de 364 dias com o que se enganarão no novilúnio, na estação, nas semanas e nas festas”<sup>17</sup>.

A regularidade das festas inscrevia-se na geometria astral. A observação atenta dos astros apelava ao zelo do cumprimento dos preceitos ritualísticos e das festas. Tal rigor continua ainda hoje: há festas populares de cunho agrário que se mantêm desde a mais alta antiguidade pela força deste zelo, às quais se sobrepuseram as sucessivas religiões dominantes. Muitas são as aldeias que se dizem adstritas à realização de uma festa rústica por força de uma promessa antiga que equivale ao conceito semita de Aliança. São Martinho de Dume, um século depois de Prisciliano, com o seu sermão *De Correctione Rusticorum* pretendeu “corrigir os rústicos” que acendiam velas e fogueiras nos montes durante os solstícios e os equinócios e que “observavam os astros por estes terem a fama de influenciarem o comportamento dos animais e das plantas”. Os agricultores de há vinte anos não começavam nem terminavam uma tarefa sem perscrutar o aspecto da lua; para nos darmos conta de tais cuidados basta passar os olhos pelos almanaques rurais.

### SECRETISMO ELITISTA

Condenavam o matrimónio, segundo os acusadores, “como uma instituição diabólica”. A sua moral rígida era igualmente apanágio do mitraísmo e de outras seitas ascéticas orientais. “Uma pureza perfeita distinguia os mistérios mitraicos dos outros cultos orientais cujas divindades eram acompanhadas de parceiros divinos e cujos cultos fomentavam a orgia; ao contrário disso, Mitra era *sanctus*. Comprazia-se em procurar por entre os seus adeptos, diz Tertuliano, mulheres e homens consagrados à abstinência”<sup>18</sup>. O *Actos de João* (apócrifo) adoptado pelos priscilianistas sugere de facto a condenação do matrimónio

<sup>17</sup> *Livro dos Jubileus* (*Pequeno Genesis* ou *Testameto de Moisés*) Cap. 6; com o ano de 364 dias as festas caem sempre no mesmo dia da semana, enquanto outros seguiam o calendário juliano de 365 dias. É notável a insistência no rigor do calendário.

<sup>18</sup> Cumont, o.c. p.190.

pelo menos para os eleitos: São João confessa que Jesus três vezes o persuadiu na sua juventude a não tomar mulher: “João, se tu não tivesses de ser todo meu eu permitia que te casasses [...] Vós [Jesus], quando eu já via lucidamente, decidistes que seria nefasto para mim desejar o casamento, livrastes-me das quimeras deste mundo... Vós tornastes imaculado o meu amor por vós, perfeita e permanente a minha união a vós...” São Paulo, no *Actos de Paulo* (apócrifo) também aponta a casta Tecla como exemplo a seguir pelas mulheres eleitas.

Proscreviam o consumo de carnes. Jejuavam no dia de Natal, ao domingo e nos dias mais santos do cristianismo. A condenação do consumo de carnes tinha relação com a receita que o profeta Daniel aconselhou a Nabucodonosor que se metamorfoseava em animal, prevenia que a alma dos consumidores de carne migrasse para os animais e vice-versa, uma espécie de magia simpática em que a carne do animal atrai o animal. A regra priscilianista de jejuar no dia de Natal tinha em consideração o facto de Jesus ter decidido nascer para padecer pela Humanidade; o Concílio de Braga de 561 estabelece no seu cânon XIV: “Para tirar toda a suspeita de heresia priscilianista, que os clérigos sejam pelo menos constrangidos a provar pelo menos das hortaliças cozidas com carne; os que se recusarem a fazê-lo sejam excomungados como suspeitos daquela heresia”. E temos ainda esse preceito alimentar nos costumes portugueses: a ementa da Consoada do Natal à portuguesa é *bacalhau com couves*.

O priscilianismo foi um movimento reformador e, diríamos, democrático. O concílio de Saragoça acusou Prisciliano de presidir a um “movimento laico das igrejas da Lusitânia e de as encher com partidários seus a quem conferia o sacerdócio sem mais requisitos que a profissão de fé e uma proposta ou requisição pela plebe” e de propôr a “igualdade da hierarquia e dos crentes tal como a igualdade dos homens e das mulheres no ministério sacerdotal”. De facto, as mulheres predominavam no movimento, eram prègadoras e ministras do culto ao mesmo título que os homens, “misturadas em reuniões secretas com homens estranhos”.

São Jerónimo acusou-os de “reuniões nocturnas onde, abraçando as mulheres, repetiam versos do *Livro II das Geórgicas*” mas, comenta Pelayo, “deve ser uma reminiscência erudita, muito natural na boca do Santo e inaplicável aos priscilianistas; o que eles cantavam devia ser algo menos clássico e mais característico”. São Leão menciona os “execráveis mistérios e os incestuosíssimos costumes em cavernas dos discípulos de

Prisciliano”. Os fieis organizavam-se de facto em círculos restritos e as reuniões eram secretas, nos domicílios, em criptas, subterrâneos e grutas (*spelunca*) naturais ou artificiais geralmente nos montes. Eram esses igualmente os locais de culto mitraico.

Juravam segredo sobre o conteúdo das suas reuniões, revelando a verdade apenas aos próximos. O autor do *Códice* não nega que o seu movimento fosse secreto mas defende-se de manter “segredos tenebrosos de palavras” e diz que “o seu ensino e a sua vida se situam em plena luz e à vista de todos”, tanto mais que ele é “de estirpe nobre, rico, erudito”. Os acusadores foram unânimes e os réus não negaram o secretismo. Mas eram uma elite de puritanos com muito em comum com o cristianismo anterior a Constantino e aos tempos de perseguição. Estavam adstritos a um segredo organizacional e até se obrigavam a mentir aos estranhos para encobrir os segredos. Era a sua máxima:

*Jura perjura secretum tradere noli*<sup>19</sup>

Nisto se assemelhavam aos mitraistas cujos iniciados também estavam condicionados por juramentos elitistas. O secretismo obedecia ao valor social a que hoje chamamos “honra” (que os autores modernos classificam como um característica dos mediterrânicos e que se vai perdendo) comum aos médio-orientais. Honra, disciplina, qualidades viris, sentido do dever, companheirismo e fraternidade entre iguais, eram apanágio dos grupos de soldados mitraicos e que o imperador Juliano pretendeu elevar a norma política<sup>20</sup>.

Dictino, investigador bíblico priscilianista, encontrava nos textos canónicos a justificação não apenas para o secretismo elitista como para a mentira estratégica. Dizia ele que “*a verdade só se comunica aos próximos e aos correligionários*”; para tanto invocava esta simples frase de São Paulo: “Que cada um diga a verdade ao seu próximo” (*Efes.4:25*). Em apoio do secretismo e da menira para encobrir a verdade do segredo, descobriam passagens bíblicas onde há referências de segredos, meias-verdades, fingimentos, simulações e de astúcias várias; são alguns exemplos seus: o caso da parteira do Egipto que simulou o afogamento de Moisés, o caso de Abraão que sugeriu à sua esposa Sara que dissesse ser “sua irmã” se alguém a seduzisse e tentasse matá-lo por ciúmes, o

<sup>19</sup> Jura, comete perjúrio, não traias o segredo

<sup>20</sup> Cumont, o.c. p. 188.

caso da prostituta de Jericó que escondeu no quarto dois espões hebreus que se foram informar sobre como conquistar a cidade, o caso de Jesus que um dia “fingiu que estava distraído” e que fazia perguntas aos seus apóstolos e opositores como se desconhecesse a resposta, etc. Estas hábeis exegeses para justificar a honra do secretismo elitista intrigaram os ortodoxos-romanos que escreveram a Santo Agostinho e a São Jerónimo a pedir-lhes a sua opinião. Um dos correspondentes até perguntou a Agostinho se, para descobrir e denunciar os priscilianistas, não era lícito empregar a mesma tática, fingir-se adepto e introduzir-se nas suas reuniões, ao que Santo Agostinho respondeu peremptoriamente que não, irou-se sobremaneira com a ideia e escreveu o livro *Contra Mendacium* (contra a mentira) em que condena esses métodos exegéticos, essa invenção luso-galaica. Adstritos ao segredo, nem Prisciliano nem os seus companheiros revelaram o conteúdo das suas reuniões preferindo ser condenados pela acusação falsa de orgias e actividades imorais. Pelo que fica dito, também não digo como Pelayo que Prisciliano “inaugurou a história das sociedades secretas na Península”. As suas técnicas de ocultação foram depois as do crito-judaísmo e de associações iniciáticas e políticas do nosso tempo.

Os “costumes incestuosíssimos nas cavernas” eram fantasia dos que não tinham acesso aos locais mas também procediam do equívoco que os próprios, por fidelidade ao segredo, não confirmavam nem desmentiam ou até mentiam. O equívoco provinha também dos textos que usavam nas assembleias, como a versão seguinte dos *Salmos de Salomão* (apócrifo) difundidos a partir do Egipto e datados do século I a.C. Nesses *Salmos* se lêem estas acusações referentes a um inimigo político e religioso:

*Título*

*De Salomão, para o mestre de coro*  
*[ou, segundo outra leitura:]*  
*De Salomão, para a querela*

*Cântico*

*Revelou o senhor os seus pecados à luz do dia*  
*reconheceu toda a Terra que os juízos de Deus são justos*  
*Em ocultas cavernas perpetuavam iniquidades provocadoras*  
*envolviam-se o filho com a mãe e o pai com a filha*  
*Fornicava cada um com a mulher do seu próximo*

*faziam pactos com juramentos sobre isso  
 Apoderavam-se do santuário de Deus  
 como se não houvesse berdeiro que o reivindicasse  
 Acercavam-se do altar do Senhor com toda a classe de impurezas  
 durante o fluxo menstrual aspergiam as vítimas  
 como se de carnes profanas se tratasse  
 Não houve pecado que não cometessem...<sup>21</sup>*

“Praticavam comunhões sacrílegas e levavam a hóstia para a casa para práticas de feitiçaria”; mas o costume de levar a hóstia para casa era corrente, e não era para bruxaria; também eram acusados de proceder à consagração não com vinho “mas com uvas ou até com leite”; isso foi um costume corrente entre os mitraicos e também entre os cristãos até 675, proibido pelo concílio de Braga; isto é, para além da Eucaristia havia um ágape com essas iguarias. Acusada deste modo, a liturgia prisciliana assemelhava-se à dos cristãos orientais cuja missa era um ágape festivo, testemunhada pelos *Actos dos Apóstolos*. Num ágape é natural que haja uvas e leite e que se possa levar parte para casa. Diríamos que o escândalo que provocavam estas inovações ou persistências demonstra o afastamento da Igreja oficial relativamente às origens cuja oposição era tanto maior quanto a prática litúrgica oficial se encontrava estereotipada e afeita ao formalismo. Quanto à autenticidade proto-cristã do ágape priscilianista, vejamos o testemunho de São Justino, da Àsia Menor (séc. II) em que há uma referência aos ritos mitraístas; o texto é dirigido ao imperador Antonino e à sua família e procura justificar a legitimidade ou inocuidade da religião cristã perseguida quando a de Mitra que tinha ritos idênticos era tolerada:

“Quando nós acabamos de rezar, beijamo-nos uns aos outros. Depois leva-se ao que preside pão e um copo de água com vinho. Este, erguendo-os nas mãos, oferta louvores e glória ao Pai de todas as coisas, e ao Filho e ao Espírito Santo; depois dá longas graças a Deus pelos dons com que Ele nos quis beneficiar. O povo dá o seu assentimento dizendo *Amen*. Então os que se chamam *diáconos* apresentam a cada um dos assistentes o pão e o vinho e a água, sobre que se pronunciaram as acções de graças, e levam-nos aos ausentes.

<sup>21</sup> *Apócrifos del Antiguo Testamento*, III, *Salmos de Salomão*, cap. 8 vs 8-12, tradução de A. Pinero Saenz; o título sugere várias leituras: “para o mestre de coro”, “para a vitória”, “para a querela”.

“Entre nós chama-se a este alimento a *Eucaristia*. Só podem comungar os que acreditam na verdade das nossas doutrinas, que se lavaram no banho purificador dos pecados e que vivem segundo os preceitos do Cristo. Porque os apóstolos, nas memórias que eles compuseram chamadas *Evangelhos*, nos dizem que Jesus fez a seguinte recomendação: tomando nas suas mãos o pão, deu graças e disse: Fazei isto em minha memória; este é o meu corpo; do mesmo modo tomando o cálix deu graças e disse: Este é o meu sangue. E este dogma conservou-o somente para eles. Se tal se passa nos mistérios de Mitra é porque os maus demónios, imitando a instituição do Cristo o ensinaram a fazer; com efeito, vós sabeis ou podeis saber que o pão e o cálix cheio de água, com certas palavras que sobre eles se dizem, fazem parte das cerimónias da iniciação [mitraica]. Durante os dias que se seguem às reuniões, nós lembramos uns aos outros incessantemente o que se passou; e os que têm com quê subvencionam às necessidades dos indigentes, e nós vivemos habitualmente uns com os outros. Nas nossas oblações abençoamos o Criador de todas as coisas pelo seu filho Jesus Cristo e pelo Espírito Santo. E no dia que se chama do Sol [domingo], todos os que habitam as cidades e os campos reúnem-se num mesmo local e lêem as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas, tanto quanto o tempo o permite. Quando a leitura acaba, o presidente dirige aos assistentes palavras de admoestação e de exortação, para os interessar nesses belos ensinamentos. Depois erguemo-nos todos e dirigimos ao Céu as nossas orações e, como já dissemos, terminada a reza, circula o pão, o vinho e a água; por seu turno, o que preside reza bem alto as orações e as acções de graças, ao que o povo responde com o *Amen*. Então distribuem-se as oferendas sobre que se pronunciaram as acções de graças; cada um recebe a sua parte e mandam-se as que sobram, pelos diáconos, aos ausentes. Os que são abastados dão o que querem, cada um na medida que fixou. O produto da colecta deixa-se nas mãos do que preside; este socorre os órfãos e as viúvas, os que estão na aflição por doença ou por qualquer outra causa, os encarcerados e os estrangeiros que aparecem; a breve trecho, tem a seu cuidado todos os necessitados. Esta reunião faz-se em comum, no dia do Sol; primeiro, porque foi nesse dia que Deus, tirando a matéria das trevas, fez o mundo; segundo, por Jesus Cristo, nosso salvador, resuscitado dos mortos nesse dia. Crucificaram-no efectivamente no dia que precede o de Saturno [sábado]; no dia que se segue ao de Saturno, isto é, no dia do Sol, tendo aparecido aos seus apóstolos e aos seus

discípulos, ensinou as coisas que acabamos de submeter ao vosso exame”<sup>22</sup>.

Menendez Pelayo, reproduzindo o ponto de vista católico tradicional, acusa “estes herejes de alterarem a liturgia da Igreja introduzindo uma multidão de hinos e cânticos particulares (mas é pena que se tenham perdido)”. Todos os acusaram de utilizar nas reuniões “melodias, hinos antigos, cânticos espontâneos e criados por eles”, danças e toques de afecto (“abraçando as mulheres” diz São Jerónimo), poemas clássicos ou criações locais. Era um tipo de expressão ritual que suscitava o relacionamento fraternal, como no cristianismo primitivo, enquanto a liturgia romana obrigava ao uso de salmos (incompreendidos para a maioria ou para todos) e outros textos bíblicos homogenizados sem ter em conta as mais diversas diferenças culturais. Em atenção aos detractores, o concílio de Braga reiterou a “proibição de todos os cânticos que não fossem os salmos bíblicos”. Quais seriam os seus hinos?

### LITURGIAS INICIÁTICAS

Vimos os apócrifos *Odes de Salomão* e *Salmos de Salomão*. Mas há um outro que uma carta de Santo Agostinho ajudou o autor destas páginas a descobrir: Cerécio, um delactor, escreveu a Santo Agostinho uma carta onde transcreveu o excerto dum hino da liturgia priscilianista repertoriado por um tal Argírio “coleccionador de hinos” com uma introdução que faz parte da peça em apreço. O delactor pediu ao santo que o examinasse. Santo Agostinho na sua resposta<sup>23</sup> reproduz o hino com os versos numerados. Ei-lo:

*“Hino que o Senhor disse em segredo aos apóstolos segundo está escrito no Evangelho: ‘dito o hino subiu ao monte’ (Mt. 26: 30). Esse hino não vem citado no texto por causa daqueles que sentem segundo o seu capricho e não segundo o espírito e a verdade de Deus. Está escrito: ‘bom é ocultar o mistério do rei, mas também é honorífico revelar as obras do Senhor’*

<sup>22</sup> S. Justino, *Apologia*, nºs, 65, 66 e 67. Dizendo: “no dia que precede o de Saturno” evita pudicamente referir o “*dia de Vénus*” (sexta-feira), nome da deusa romana conotada com a lascívia.

<sup>23</sup> Ep. 237, Col. S. Amaro, II vol.

- I. *Quero desatar e quero ser desatado*
- II. *Quero salvar e quero ser salvo*
- III. *Quero ser engendrado*
- IV. *Quero cantar, saltai todos!*
- V. *Quero chorar, batei todos no peito!*
- VI. *Quero adorar e quero ser adorado*
- VII. *Sou lâmpada para ti que me vês*
- VIII. *Sou porta para ti que me bates*
- IX. *Tu que vês o que faço, cala as minhas obras*
- X. *Com a palavra iludi a todos e não foi iludido em nada”.*

Tal é o hino sujeito por Cerécio à apreciação de Agostinho que M. Pelayo classifica de “composição enigmática mas inocente”. Ora, folheando os *Actos de João* (apócrifo) encontra-se o Hino original donde esses versos foram extraídos, tipicamente gnóstico. Merece ser transcrito com o seu envolvimento contextual; é uma amostra autenticada da liturgia lusitana protocristã:

[Fala o apóstolo João]: “Antes que ele [Jesus] fosse preso depois do julgamento ímpio dos judeus, sob a inspiração da ímpia serpente, reuniu-nos a todos e disse-nos: ‘Antes que seja entregue, cantemos um hino ao Pai e depois iremos ter com aquele que esteve à mesa conosco’. Ele chamou-nos, mandou pôr-nos em círculo e dar-nos as mãos uns aos outros. E Ele [Jesus] no meio, disse: ‘Respondam *Amen* e começou a cantar um hino dizendo ‘Glória a ti Pai’ e nós em círculo respondíamos *Amen*’:

Glória a ti verbo, glória a ti graça - Amen  
 Glória a ti, Espírito; Glória a ti, Santo; glória à tua glória - Amen  
 Nós te louvamos, Pai; nós te damos graças, ó Luz onde não há trevas - Amen

- Já que damos graças, [eu, Jesus] digo:

*Devo ser salvo e eu salvarei - Amen*

*Devo ser liberto e eu libertarei - Amen*

*Devo ser ferido e eu ferirei - Amen*

*Devo ser engendrado e eu engendrarei - Amen*

*Devo comer e eu me darei em alimento - Amen*

*Devo escutar e eu escutarei - Amen*

*Devo ser objecto de pensamento, sendo inteiramente pensamento  
 - Amen*

Devo ser lavado e eu lavarei - Amen  
*A graça dança em coro; eu devo tocar flauta, dançai todos* - Amen  
*Devo ser chorado, lamentai-vos todos* - Amen  
 O Único Ogdoade [sic] canta os louvores conosco - Amen  
 O [que é] número doze dança nas alturas - Amen  
 O Altíssimo participa na roda - Amen  
 Quem não participa na roda não conhece o que vai vir - Amen  
 Devo partir e devo ficar - Amen  
*Devo honrar e devo ser honrado* - Amen  
 Devo ser unido e devo unir - Amen  
 Não tenho casa e tenho casas - Amen  
 Não tenho lugar e tenho lugares - Amen  
 Não tenho templo e tenho templos - Amen  
*Sou uma luz para o que olha* - Amen  
 Sou um espelho para o que me considera - Amen  
*Sou uma porta para o que me bate* - Amen  
 Sou uma estrada para ti que passas - Amen

[Continua o texto, fala Jesus]: “Responde agora à minha dança da roda. Olha-te em mim que falo, e *vendo o que faço guarda silêncio sobre os meus mistérios*. Aquele que participa na roda compreende o que eu faço porque ela tem este sofrimento que eu devo conter. E tu não podes de modo algum compreender do que sofres se eu não for enviado a ti mesmo como o Verbo do Pai. Tu que viste o que sofro, tu viste-me sofrer, e a esta visão não ficaste insensível, ficaste perturbado e foste levado a praticar a sagesa. Tu tens em mim uma casa, repousa-te em mim. Tu saberás quem eu sou quando eu me fôr. O que eu pareço ser agora, não o sou. Tu verás quando eu vier. Se tu soubesses como sofrer serias capaz de não mais sofrer. Aprende a sofrer, e torna-te-ás capaz de não mais sofrer. O que tu não sabes eu próprio to vou ensinar. Eu sou o teu Deus e não o Deus do Traidor. Eu vou andar ao mesmo ritmo que as santas almas. Aprende de mim a palavra da sagesa. Diz-me outra vez: Glória a ti, Pai! Glória a ti, Verbo! Glória a ti, Espírito Santo. Queres saber quem eu sou? *Por uma palavra caçoei de todas as coisas e não fui caçado de nenhum modo*; tu compreendes tudo isso, e quando tiveres compreendido, diz: Glória a ti, Pai, Amen”.

[Prossegue, fala João]: “Depois de ter jogado conosco, o Senhor partiu. E nós, como que perdidos e acabrunhados pelo sono, dispersámo-nos para todos os lados. Quanto a mim [João], quando o vi sofrer não

fiquei insensível ao seu sofrimento. Meti-me no Monte das Oliveiras derramando lágrimas sobre o que se passou. E quando foi crucificado, sexta-feira à hora sexta, as trevas cobriram toda a terra. E o meu senhor estando de pé no meio da caverna iluminada pela sua presença disse: ‘João, por toda a multidão que está em Jerusalém, fui crucificado, trespassado pela lança e pela cana, ensopado em fel e em vinagre. Mas a ti, eu falo; escuta o que te vou dizer. Sugeri que viesses a esta montanha para ouvir o que um discípulo deve aprender do seu mestre e um homem do seu Deus’. E tendo dito isso, mostrou-me uma cruz luminosa...” etc<sup>24</sup>.

Os *Actos de Tomé* (“a quem coube a Índia para evangelizar” segundo este texto) adoptado também pelos priscilianistas, incluem três longos hinos chamados “Hino da União da alma com a Sabedoria durante o banquete nupcial”, “Hino cantado no momento do baptismo do rei Gondofor e de seu irmão”, “Hino da Alma”, de origem siríaca mas mais antigo do que os *Actos de Tomé*.

Ficamos com uma ideia das técnicas litúrgicas desses círculos iniciáticos; tal eram também as dos primeiros cristãos referidas pelos *Actos dos Apóstolos* as quais têm sido ultimamente restauradas por comunidades como as pentecostais, carismáticos católicos, etc., isto é, cânticos alegres e comunicativos, danças, bater de palmas e movimentos catárticos.

O actual cancionero religioso das aldeias, os cantares de romaria e as danças em torno dos santuários, continuam essas liturgias populares. Há coreografias sagradas adstritas a santuários como na Senhora dos Altos Céus (Lousa, Castelo Branco), na Senhora do Almortão (Idanha), Santa Cruz de Monsanto<sup>25</sup> etc., e ritmos do folclore como as chamadas *Verde-Gaio* e *Cana-Verde*<sup>26</sup>. Garrett no Arco de Santana “ainda se lembra” de ter visto dançar nas igrejas do Porto uma dança elegante em honra de São Gonçalo. Os romeiros da Senhora da Peneda (Arcos de Valdevez) que passam a noite no santuário, têm o costume de “cumprir a promessa de dançar a *Cana-Verde*”<sup>27</sup> enquanto alguns rapazes correm

<sup>24</sup> *Actos de João* XCIV-XCVIII, traduzido do grego em francês por F. Amiot *La Bible Apocryphe*, 1952.

<sup>25</sup> Lopes Dias, *Etnografia da Beira, Vol. VIII, 1948*

<sup>26</sup> M.E.S. em *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, p. 186 apresentam-se vários nomes de ritmos ou danças de romaria em que o nome, de origem fenícia ou púnica, indica as características da coreografia, de origem religiosa.

<sup>27</sup> *Cana-verde*, do fenício *kan ber't*, “estabelecimento de uma aliança, fazer uma promessa”; *verde-gaio ber't baya* “promessa, aliança de vida”.

nus em torno da igreja. Danças no recinto dos santuários e despique de cantigas durante a vigília da festa são frequentes em outros santuários do Minho<sup>28</sup>.

O priscilianismo tinha relações com o mitraísmo. Foi o continuador dos antigos cultos ibéricos e das práticas mitraicas. “Autores há que atribuem a importância do priscilianismo à grande difusão que haviam conhecido os cultos mitraicos, segundo Pelayo, que diz também: “Parece muito singular, que num rincão latino como a Península Ibérica nascesse e se desenvolvesse tanto uma das formas da teosofia greco-oriental, sabido como é que os ocidentais repelissent como por instinto todas as heresias de carácter especulativo e abstracto” mas também admite que haja outras manifestações e escritos heterodoxos judeo-cristãos como o *Zohar* (cabala) e grupos de extáticos como os *alumbrados*.

\* \* \*

Findo este percurso pelo que foi o modelo de cristianismo popular durante três séculos na Lusitânia e na Galiza, com maior ou menor vigor segundo as dioceses e as épocas, o movimento afigura-se-nos como um protesto contra o cristianismo oficial utilizado pelas camadas dirigentes para dar unidade a um império heterogéneo e como um sistema ideológico da ordem senhorial.

No momento em que o cristianismo passou a ser a única religião permitida, o cisma galaico-lusitano assumiu (como o donatismo norte-africano) a oposição resoluta ao cristianismo oficial e político que esvaziou o conceito judaico-cristão de eleito, que é o da mensagem evangélica. Estes exegetas rebeldes propunham o retorno á criatividade e à espontaneidade das origens nos domínios da exegese e da liturgia (“só deve ser *anátema* quem não ama Cristo”). Restauraram a *ecclesia* sociológica, na base da homogeneidade aldeã mas que seria diversificada no contexto de uma classe plebeia heterogénea. O estatuto religioso de eleito, o ritual iniciático, a prática do segredo e o valor da honra conferiam aos estratos oprimidos prestígio e coesão. Os modelos morais e sexuais do proto-cristianismo, ascese, hombridade e rigor na conduta, eram processos de contestação social e simultaneamente meios de adquirir prestígio e distinção social nesta época de desagregação geral.

---

<sup>28</sup> M.E.S., *Rel. Pop. Port.* pp. 139-146

Foi o primeiro (e único) movimento de contestação teológica que conheceu a Ibéria cristã; com os séculos foi-se instalando a rotina e o seguidismo na teologia, na filosofia e nas ciências. A proposta do livre-exame só tem paralelo com a Reforma, mil anos depois, e com os valores da liberdade individual em curso entre os anglo-saxónicos. A regra de que *ninguém tem o direito de condenar o que não sabe, o que não viu e o que não quer investigar* devia figurar hoje à entrada das escolas, dirigida aos maus mestres e aos maus críticos, assim como nos anfiteatros daquelas universidades onde se entende que a ciência é a repetição da sebenta do mestre e que a crítica duma obra é o seu confronto com os clichés das sebentas.

Do fascínio pelos textos apócrifos ressalta igualmente a oposição ao cristianismo ortodoxo-romano cujo cânon sofrera a interferência da *intelligentia* e dos meios racionalistas romanos; expurgaram-se os textos populares, os libertários e os “feministas”. O movimento luso-galaico entendia que o “bom texto” seria o que mais favorecesse a piedade popular e a aproximação com Deus. A rusticidade empática dos apócrifos apontava o modelo religioso da base social do priscilianismo que era a plebe, os camponeses e as mulheres. Subordinando a prática religiosa ao relativismo cultural (às múltiplas culturas populares), o priscilianismo foi um ponto de encontro, um movimento de integração, de todas as fórmulas religiosas tradicionais proibidas.

O modelo pastoral das pequenas comunidades, as técnicas iniciáticas, os ágapes conviviais, a conexão espiritual com os arquétipos astrais, sugerem que este movimento integrou a dinâmica das religiões tradicionais, sobretudo púnico-fenícia e mitraísta com uma diferença para esta última: enquanto o mitraísmo oriental era uma teosofia e uma ordem masculina rigorista, aqui passou a confundir-se com o montanismo sírio e norte-africano e com a religião púnico-fenícia pré-existente, dando toda a iniciativa às mulheres que animavam as assembleias e conquistaram o ministério cúltico. Abandonados que foram os locais pelas milícias e pelos funcionários imperiais, relaxados os laços com Roma, as mulheres converteram ao cristianismo popular muitos dos seus bastiões que são as actuais capelas aldeãs.

## Capítulo 6 DEPOIS DE PRISCILIANO

Caiu o Império. Cumpriu-se o Apocalipse numa versão tardia. Os bárbaros invadiram Roma. Santo Agostinho “ouviu horríveis notícias chegadas de Roma sobre a invasão dos bárbaros” e pôs-se a escrever “*A Gloriosissima Cidade de Deus que no momento presente se encontra peregrina entre os ímpios, vivendo da fé e espera agora com paciência a pátria definitiva e eterna até que, com um julgamento com autêntica justiça, conseguirá a vitória final e uma paz completa*”<sup>1</sup>. Tal é o título da célebre obra «*Cidade do Deus*». Os bárbaros ocuparam algumas cidades da Península, a tribo dos suevos ocupou Braga (409). Recaredo converteu-se do arrianismo ao catolicismo (589) por mera estratégia política “porque a divisão religiosa constituía um poderoso obstáculo à fusão das duas raças, hispano-romana e goda, e portanto, à sua unificação política sob o mesmo cetro”<sup>2</sup>. Com o mesmo objectivo constantiniano de conferir uma coesão ideológica e religiosa ao território, atarefaram-se os monarcas godos a organizar concílios.

Alterou-se profundamente a condição dos meios (economicamente fortes) de religião judaica na Península: em 612 procedeu-se a uma violenta perseguição contra os membros da religião judaica, lançou-se contra eles a inveja da plebe e foram premiados os denunciadores dos “crimes judaicos”, ou se baptizavam ou saíam dos seus domínios. Uma parte converteu-se (*marranizou*) e muitos milhares foram expulsos para França. Nova perseguição de 630 a 640, os não baptizados deviam sair do Reino como prescreveu o cânon 3 do Concílio VI de Toledo (637)<sup>3</sup>. Uma caravana de concílios confundidos com as vulgares assembleias legislativas provocou (por pouco tempo) a homogeneidade religiosa formal. Entretanto a anarquia e a guerra entre clãs senhoriais instalavam-se.

<sup>1</sup> *A Cidade de Deus, Prólogo.*

<sup>2</sup> Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, p.30.

<sup>3</sup> José Amador de los Rios, *História Social, Política y Religiosa de los Judios de Espana y Portugal* (Madrid 1875); Fortunato de Almeida, o.c. p.57.

E qual foi a acção missionária de São Martinho de Dume ou de Braga? Estamos perante um mito da ideologia pangermanista que dominou a historiografia portuguesa (para além da arqueologia e da filologia) até ao século XX. A tese tradicional apresenta-o como um germânico da Panónia<sup>4</sup>, suevo, missionário dos suevos e que converteu o rei suevo de Braga que era ariano. Segundo o mito pangermanista, esse facto induziu a conversão de todo o povo luso-galaico (a conversão do povo luso-galaico deve-se aos suevos!...). Mas hoje demonstra-se que Martinho de Dume não era germânico, nem suevo, nem da Panónia; seria italiano ou romano<sup>5</sup>.

Se foi verdade que ele converteu um rei não se deduz daí que ele tivesse convertido um povo. Estamos perante uma aberração da cultura dominante: porque a dado momento uma horde de bárbaros conquistou o castelo de Braga, confunde-se a identidade do senhor com a do povo. Porque o rei Recaredo, por oportunismo, se converteu ao catolicismo romano, dizem os historiógrafos que o povo se converteu ao catolicismo romano.

Esta posição dos historiadores não é efeito da ignorância dos mecanismos sociológicos mas, sim, é efeito da ideologia; está na lógica da cultura dominante. Quem pressupõe que a conversão do rei arrasta a conversão do povo pertence a uma cultura em que as tendências gregárias têm a primazia sobre os valores individuais. Quem difunde uma História dessas concebe a sociedade como uma multidão descerebrada, sem indivíduos pensantes, sem autonomias pessoais, sem criação individual, sem aldeias diferentes, sem oposições rebeldes, sem identidades locais, uma sociedade muda, obediente, demitida em favor do caudilho, em que o único pensante é o caudilho. É a interpretação messiânica da História.

<sup>4</sup> É também a tese de A.H. Oliveira Marques “um missionário vindo da Panónia enviado por Constantinopla”, *História de Portugal*, Lisboa, 174, I p.41. É um facto que os historiadores tradicionais se repetem sucessivamente uma vez que, segundo eles, a antiguidade abona a verdade, isto é, quanto mais antiga é a teoria, mais possibilidades tem de ser exacta.

<sup>5</sup> Sobre São Martinho de Dume, Manuel Justino Pinheiro Maciel, *O De Correctione Rusticorum de São Martinho de Dume*, Bracara Augusta, XXXIV, Camara Municipal de Braga, 1980, pp 483-561. Trata-se do trabalho mais recente, elaborado numa perspectiva da teologia católica, sobre esta personagem. Há autores que defendem que Martinho teria feito uma passagem pela Palestina donde teria importado o seu “monaquismo” mas este não corresponde, nem de longe, ao monaquismo ascético do Oriente e sobretudo da Síria.

São Martinho de Braga (+579) deriva da mitogenia. Diz-se que fundou um mosteiro em Dume, hoje uma região agrícola nos arredores de Braga onde não há rasto de mosteiro (se tivesse existido, a diocese de Braga que se honra do santo bispo tê-lo-ia conservado). Pinheiro Maciel refere que o mosteiro de Dume seria idêntico ao *Monasterium Vivariense*, fundado por Cassiodoro, na Calábria, junto do mar, o qual tinha esse nome por causa da “abundância de viveiros de ostras que o fundador do mosteiro mandara instalar”. O monaquismo que se diz que São Martinho representa no Minho e na Galiza não é do Oriente (ascético, desprendido e contemplativo) mas o de Cassiodoro (que foi depois o de São Bento), um “monaquismo cultural” e que serviu de modelo a outros mosteiros<sup>6</sup>. Pela nossa parte diremos que São Martinho teria fundado em Dume uma empresa agro-pastoril muito bem sucedida. De facto existem muitas referências documentais e toponímicas a «mosteiros», no Entre-Douro e Minho, sem que haja para a maior parte dos casos vestígios de construções conventuais ou de comunidades monásticas. Deverá haver aí uma confusão de palavras, e de línguas, em que se associou um antigo vocábulo de cariz económico ao neo-latino *mosteiro*. Sem poder tratar do assunto neste momento, limito-me a sugerir para este caso de Dume: os galaico-minhotos poderiam usar o termo púnico *mstr* (lê-se *mesteru*) que os latinistas entendiam *mosteiro* e que traduziram para o latim *monasterium*. Ora *mesteru* na língua dos cartagineses (que dominaram a Península durante vários séculos e que contaram com os galegos na II<sup>a</sup> guerra púnica segundo testemunha Silius Italicus em *Punica*) significa «ordenança, regulamento» e «oficial, capataz, autoridade (patronal)» e, diríamos hoje, «empresa, empresário» inclusivamente empresa agrícola, quinta. O «mosteiro de Cassiodoro» na Calábria (às portas de Cartago) cujo modelo São Martinho de Dume importou, consistia numa empresa de cultura de ostras, *vivarium*, viveiro (segundo o historiador eclesiástico Maciel). Os pretensos monges desses «mosteiros» criados com a derrocada da Império seriam foragidos, escravos ou servos da gleba vivendo sob o mesmo tecto e às ordens dum proprietário agrícola; essa estrutura social ainda existia nos meados do séc. XX nos latifúndios alentejanos, constituindo uma conjunto de famílias adstritas à gleba (*de facto* embora não *de jure*), sendo o latifundiário o único empregador em muitos quilómetros ao redor e o único provedor das necessidades dos seus servos. A esse conjunto de trabalhadores também

<sup>6</sup> Justino Maciel. o.c. p.48 e nota p. 496.

se chamou «malta» e ao local de residência, «casa da malta». Assim, porque os servos de Dume estavam adstritos a um regime (*mstr*) imposto pelo patrão (*mstr*), os latinistas posteriores passaram a crer que ele instituiu uma regra monástica e fundou um mosteiro em Dume<sup>7</sup>. Bastava que o regulamento prevesse horários de levantar/deitar, os momentos da oração e o respeito ao superior para que esse regime se confundisse hoje com a regra dum mosteiro. Sendo Santo Agostinho o inventor da origem divina da escravatura à qual cabia todo o trabalho braçal, com base no episódio bíblico da condenação de Cam pelo seu pai Noé<sup>8</sup>, o regulamento de Dume também incluiria um capítulo sobre a remissão dos pecados pela obediência ao senhor e pelo trabalho servil.

A obra mais citada de Martinho de Dume é um opúsculo intitulado *Sermo ad Populum De Correctione Rusticorum in Die Dominico* (“Sermão do domingo ao povo sobre a correcção dos rurais”), um sermão catequético em que condena os costumes populares associados ao paganismo. Martinho de Dume limita-se a reproduzir e a pôr em prática o que Santo Agostinho dissera no seu *De Catechizandis Rudibus* (“sobre a catequização dos rurais”)<sup>9</sup> concebido para a cristianização dos berberes, para além de vários capítulos da *Cidade de Deus*. De tal modo imita Santo Agostinho que alguns autores lhe atribuem este Sermão<sup>10</sup>. Outros princípios e formulários pastorais e catequéticos foi buscá-los a outros autores<sup>11</sup>. São Martinho de Dume plagiou.

<sup>7</sup> A língua dos púnicos e dos fenícios era o hebraico em que foi redigido o Antigo Testamento, com algumas diferenças de léxico do tipo que hoje encontramos entre os portugueses e os brasileiros ou entre os galegos e os portugueses. O termo *mstr* em hebraico bíblico significa «autoridade, ordem, regime» (como no Livro de Job 38:33) enquanto nos documentos púnicos significava melhor «funcionário, oficial, capataz» (= patrão); a raiz é *mst* (*mesht*) «tributo, porção de alimentos». (Tomback, R., *Comparative semitic lexicon of the phoenician and punic languages*, Scholars Press for the Society of Biblical Literature, Missouia, Montana, 1978).

<sup>8</sup> *Genesis*, 9:20-27. Segundo Santo Agostinho, a origem da escravatura a quem cabe o trabalho tem origem no seguinte episódio: Noé, tendo-se embriagado ficou prostrado no chão com o sexo a descoberto. O seu filho mais novo, Cam, troçou dele e convidou os irmãos a rirem-se também; quando acordou, os irmãos denunciaram Cam que foi condenado pelo pai a ser escravo dos mais velhos. Daí que a escravatura e o trabalho tenham «origem no pecado», segundo Agostinho. Foi também esta a teologia da igreja católica sobre a escravatura e o trabalho operário até ao séc. XIX.

<sup>9</sup> Justino Maciel, *ibidem*.

<sup>10</sup> Justino Maciel, o.c. p. 504.

<sup>11</sup> Justino Maciel cita, por exemplo, certo formulários pastorais como o Símbolo dos Apóstolos e o de Renúnciação baptismal, o.c. pp 539-545.

Os costumes religiosos pré-cristãos dos galaico-minhotos deviam ser comuns aos dos povos norte-africanos (ou berberes) daí que os sermões «para corrigir os rurais» pudessem ser os mesmos. Entretanto notamos que Martinho de Dume condenou sobretudo a autoridade dos horóscopos, os ritos solares durante os solstícios e equinócios, as reuniões religiosas no cimo dos montes, a utilização de composições poéticas e não canónicas nos ofícios, o culto dos mortos, adivinhações e augúrios, culto das águas e do fogo, feitiçaria, uso de ervas com fins mágicos (“excepto se for acompanhado do *Padre-nosso*”), ensalmos, amuletos e outros costumes conhecidos, apenas mencionados, imprecisos como clichés de letrados. Alguns desses costumes eram práticas priscilianistas. A bem da verdade, se o santo bispo fez missão neste domínio, foi ineficaz porque os minhotos ainda acreditam e praticam o que o bispo se propôs corrigir; perca de tempo. Se os minhotos já não acreditam ou já não fazem tudo e do mesmo modo o que o santo proibia, também não foi pela virtude dos bispos que se seguiram, mas pela força das mudanças sociológicas e tecnológicas que se foram instalando. O bispo tanto reproduziu os sermões de Santo Agostinho bispo de Hipona (Cartago) como introduziu um modelo empresarial em uso na antiga província romana de Cartago. Com o desabar do Império, os problemas e estatutos sociais e as soluções económicas não seriam muito diferentes duma região a outra. Os bispos e os clérigos podiam ser empresários e comerciantes como os leigos. Lembremos que o concílio de Elvira (cânone 18º) estabeleceu: *Os bispos, presbíteros e diáconos não devem ausentar-se das respectivas residências para exercer o comércio nem percorrer as províncias atraídos pelo lucro dos feirantes; se dele carecerem para obterem o alimento, mandem um filho, um liberto, um mercenário, um amigo ou qualquer outra pessoa; havendo de dedicar-se ao comércio, façam-no dentro da própria província*»; o texto não refere «agricultura» por esta se desenrolar em torno da habitação. São Martinho criou a sua empresa - que seria um latifúndio - nos arredores da sede da diocese cumprindo as diretrizes conciliares.

São Martinho insistiu sobre a nomeação do primeiro dia da semana (*dominicus*, dia do Senhor em vez de *dia do Sol*) quando os nomes dos dias obedeciam ao costume romano (cada dia correspondendo ao nome dum deus) e daí um ou outro autor inferir que a nomeação portuguesa por *números ordinais* dos dias se deve a ele<sup>12</sup>. Desde sempre, os Padres da

<sup>12</sup> Justino Maciel sugere que a substituição do nome dia do Sol por *Dominicus*, é o “fruto” dos escritos de São Martinho (p.548), mas não o demonstra; todos os teólogos cristãos, no Oriente como no Ocidente, já vinham a designar esse dia por dia do Senhor.

Igreja criticaram a nomeação romana (alguns, como São Justino, abstinham-se de nomear o *dia de Venus*, a nossa sexta-feira) e sempre nomearam o primeiro dia por *dia do Senbor*. A nomeação dos dias por números ordinais (hoje exclusiva aos portugueses e aos judeus) não se deve a São Martinho, é muito mais antiga, é judaica: Deus criou o universo durante seis dias numerando-os do primeiro ao sétimo; sempre foi a nomeação empregue pelo judaísmo que tinha muito impacto religioso na Lusitânia e na Galiza (segundo consta também do Concílio de Elvira) e ao qual se deve o primeiro esforço para a implantação do monoteísmo; depois deve-se à oposição dos nortenhos a Roma. Os galegos e os minhotos nunca se integraram de facto no Império. Também por essa razão os vestígios da religião romana existentes na Lusitânia e na Galiza se relacionam exclusivamente com aquartelamentos militares e com a presença de corpos administrativos romanos<sup>13</sup>.

A vida religiosa que propunha São Martinho de Dume consistia em “marcas exteriores” de afirmação social e política. Depois do conflito com os priscilianistas e do êxito destes, pode parecer-nos estranho que, insistindo na mudança de nome do *dia do Sol* para *dia do Senbor*, Martinho bispo de Braga se não referisse à Eucaristia, isto é, à missa. “Ao tempo não estaria feita a cobertura pastoral de toda a diocese de Braga como se pode constatar por outros documentos. Por isso os cristãos do interior não teriam a oportunidade de viverem a Eucaristia todos os domingos. Eis uma razão porque São Martinho sublinha a necessidade de *marcas exteriores* de piedade e alegria, reveladas na visita às igrejas e lugares santos, na visita aos irmãos, aos amigos e aos necessitados”<sup>14</sup>. Insistindo sobretudo no Baptismo, na santificação do domingo e nestas “marcas exteriores”, o cristianismo lusitano saído do império romano consistia num conjunto de comportamentos de distinção social e de afirmação simbólica de pertença a uma classe social romanizada.

\*

Em 711 os mouros vieram. Bem podem os leitores procurar a *História do cristianismo português* durante os quatro ou cinco séculos de

<sup>13</sup> Jorge Alarcão, *O Portugal Romano*, Lisboa, Verbo, 1983 pp.169 e 170. O autor diz que não nos devemos iludir pela coincidência entre o culto de Jupiter (o deus máximo) e as zonas militarizadas, mas temos de nos interrogar sobre o estatuto sociocultural dos dedicantes, e neste caso prodominam os corpos administrativos.

<sup>14</sup> Justino Maciel, o.c. p. 548.

ocupação moura, não tendo sido perseguida a religião cristã. O catolicismo visigótico que durou 120 anos merece 40 páginas na *História da Igreja em Portugal* de Fortunato de Almeida; o cristianismo prosseguiu sob o novo poder que durou quatro séculos, e o mesmo autor consagra-lhe 10 páginas (coisas dispersas). Não há portanto *História*. Segundo a historiografia tradicional, a História são os actos do poder político: não havendo poder cristão não há *História do Cristianismo*.

Durante os reinados católicos godos (120 anos) reuniram-se na Península pelo menos 18 concílios nacionais (um de seis em seis anos, em média); durante os quatro séculos da ocupação moura, nem um só concílio. Não tiveram os bispos necessidade de disciplinar a dogmática e a liturgia? Eram os fiéis e a hierarquia como unha com carne? A resposta é simples: não houve concílios porque a Igreja não podia contar com a caução política; os concílios ibéricos eram ineficazes se as suas cláusulas não fossem aplicadas pelo poder político. A Igreja não tinha meios materiais nem capacidade de persuasão suficiente para aplicar os seus anátemas, contava com a força do Estado. Vimos o caso de Prisciliano que foi condenado pelo imperador com base na acusação de práticas litúrgicas não ortodoxas, a guerra contra os donatistas sob o pretexto oficial de cisma, etc. As decisões dos concílios de Toledo referentes aos judeus foram executadas pelo Estado. *A contrario*, não havendo concílios havia liberdade religiosa.

Temos então este feito surpreendente que se deve à ocupação mourisca: porque não houve concílios nem inquisições, a religião popular ancestral resistiu e caldeou-se durante o período mouro. No entanto, a liberdade religiosa para os cristãos sob o islão não se deve à tolerância do islão face às outras religiões como pretendem alguns historiadores, mas a um imposto chamado *Jezia* previsto no Corão pago pelas colectividades locais ao ocupante em troca da sua liberdade religiosa; foi essa a regra na Península (na prática, o ocupante vivia desse imposto). A não intromissão conciliar (portanto estatal) na prática religiosa popular e na sua visão do cristianismo durante os quatro séculos de ocupação islâmica, favoreceu a continuidade do modelo religioso popular. Os métodos violentos para reprimir os desvios e as superstições ficaram suspensos.

Relativamente à religião de referências cristãs, o período mouro teve o efeito dum regime de separação da Igreja e do Estado. Deste modo a “santa liberdade cristã” dos priscilianistas, o arrianismo prático, os antigos cultos à Mãe do Criador, as romarias e as deslocações chamadas círios (ou sírios?) em cumprimento da “antiga promessa”, os

cultos solares e telúricos em santuários arcaicos, o culto do Divino Espírito Santo vetero-testamentário, o culto das almas errantes proibido pelos concílios e pelo dogma católico, a feitiçaria, a magia sideral e, em suma, a distinção expressa entre “a nossa religião e a da Igreja” que ainda hoje se ouve, puderam continuar e afirmar-se. A Andalusia poderá até ser a região que melhor ilustra a continuidade da religião siro-fenícia porque foi por aí que ela entrou na Península, as perseguições medievais não a atingiram, e o poder mouro não interveniente manteve-se aí até ao século XVI. Este efeito inesperado na conservação do património religioso ancestral talvez seja o único vestígio da religião muçulmana em Portugal! Por outra via de investigação se demonstra que os lusitanos - quando forçados a aderir ao islão - adotavam o fatimismo ou chiismo que era na época um islão místico e libertário com origem nas referências a Fátima, filha do Profeta e esposa de Ali, o primeiro Imam do chiismo ou fatimismo e do ismaelismo<sup>15</sup>.

Após a Reconquista cristã, com a impossibilidade de eliminar velhos hábitos religiosos tão arraigados entre os rurais, apenas seriam viáveis compromissos tácitos entre as antigas práticas e o dogma católico. E aí temos, com a tecnologia e as ciências do ano dois mil, a religião popular ibérica.

---

<sup>15</sup> M.E.S. - *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, ISER da UNL, 4ª Ed. 1995.

# CONCLUSÃO



Eis alguns dados sobre as religiões da Lusitânia e os princípios do cristianismo ibérico. É um modesto trabalho de Etnologia Histórica; estudo de factos circunscritos e controláveis. Passou-se ao lado da História do Cristianismo oficial porque o autor não acredita nos métodos com que se tem feito a História. Trouxeram-se para a mesa “factos brutos”, cultos e textos, sem que os seus autores tenham pretendido fazer História: este é o único tipo de material que os etnólogos consideram fiável para se conhecer o passado.

Há uma forte semelhança entre os cultos antigos e os cristãos-populares actuais. As origens do cristianismo e do culto mariano ibéricos são orientais, siro-fenícias; só a linguagem é europeia e romano-cristã. São mediterrânicas, mais semitas do que europeias, se entendermos a Europa segundo a concepção moderna, desde a Revolução Industrial, em que predominam as culturas do Norte. O ponto de difusão do cristianismo ibérico foi o Mediterrâneo e a costa africana berbere pré-árabe. Tem muito em comum com a religião popular magrebina, sem as referências eruditas do islão.

O método de cristianização da Península está bem ilustrado pelo comportamento dos bispos conciliares de Elvira. Os cristãos ibéricos sempre estiveram arredados do debate teológico pela hierarquia; esse debate é a profissão de alguns letrados organizados em círculos fechados.

Integraram-se os ritos pré-cristãos; se o povo das aldeias temia passar pelas encruzilhadas frequentadas pelas “almas do outro mundo” onde “desde sempre” instalou nichos com velas para apaziguar das almas errantes, aproveitou-se uma homilia para dizer que as almas do purgatório necessitam das orações dos vivos, sem referir a crença na errância das almas (que é semita e judaica) mas também sem desfazer a contradição que existe entre essa crença e o dogma católico do céu-inferno-purgatório donde as almas não podem sair. Se uma aldeia venerava uma Grande Mãe e dizia que era a Mãe do Criador (que engendrou o próprio Criador), o clero aproveitava o sermão da festa para aplicar esse

titulo a Maria mãe de Jesus-homem; e isto sem pestanejar, porque numa cultura matriarcal, para a Mãe, todos os cultos, títulos e louvores são poucos. A teologia nada pode contra a cultura.

Os cultos populares perpetuaram-se durante séculos sem qualquer referência cristã, nem necessitavam dela; partia-se do princípio muito próprio dos letrados e dos teólogos de que, se o povo é *oficialmente* cristão, os seus cultos são cristãos, e ainda se pensaria isso hoje se os etnólogos não se pusessem a analisar a questão.

O culto das imagens, que se difundiu sobretudo depois da Reconquista, contribuiu para a (con)fusão dos cultos antigos com a nova religião. Na questão de imagens e de cultos de Senhoras e de Santos, uma vez que o culto das imagens é católico, cada aldeia pode adoptar os que entender sem que isso levante problemas com o clero (desde que a imagem tenha o título de “Santo” ou “Nossa Senhora”). Os deuses vencidos encobriram-se com as imagens dos vencedores. Sob cada manto de Nossa Senhora há uma *Magna Mater* que resiste. Podia comparar-se este sincretismo ao das religiões ameríndias; a imagem católica serve de caução para o antigo culto, o novo perpetua o antigo.

Facto assinalável é a presença da religião judaica e as suas menções no Concílio de Elvira (também podíamos citar outros concílios ibéricos posteriores) que contradizem os devaneios dos historiadores segundo os quais os judeus vieram para a Península a coberto do islão mourisco. Esses historiadores ignoram que o judaísmo é muito mais antigo que o cristianismo, é a religião do Antigo Testamento, que existe pelo menos desde o sec. X a.C., que se difundiu por todo o Mediterrâneo pela expansão fenícia e assíria, e que não precisa da capa de nenhuma religião para se difundir até porque todas lhe são hostis. O monoteísmo instaurou-se na Península através do judaísmo. A Galiza pré-cristã anda muito associada ao judaísmo assim como à cultura e civilização fenícias ou púnicas. O antijudaísmo que conheceu a Península tem origem nesse prestígio antigo: os judeus são os fundadores das nossas referências monoteístas e messiânicas; foi essa “banda de párias”, como Deus trata os judeus num momento de cólera divina, que Deus escolheu para se revelar aos homens. Sendo eles a nação santa, os interlocutores de Deus, os conservadores da Palavra, a sua presença engendra nos cristãos mal-estar, remorso e inveja.

O priscilianismo foi a fase heróica do antigo cristianismo ibérico, chegado até nós com algum tempo de atraso relativamente ao Médio-Oriente; essa corrente assumiu a resistência ao cristianismo de Estado,

burocrático e formal, que passou a ser o da Igreja de Roma. Foi uma teologia libertária e uma liturgia sincrética, associação de judaísmo, de mitraísmo, de cristianismo apostólico e de religião naturista. As heresias de que foi acusado Prisciliano ainda existem, assim como uma parte da sua liturgia, nos santuários não controlados pelo clero ou nas práticas aldeãs do dia-a-dia.

Temos também uma explicação para o grande impacto do cristianismo no Norte na actualidade, que coexiste com as mais vivas persistências dos cultos pré-cristãos, nomeadamente fenícios, nos mesmos locais. O norte (Minho e Galiza) foram os antigos bastiões de resistência ao Império; o Império dominou o norte da Península *de jure* mas nunca o dominou *de facto*. Cristianismo e oposição ao Império foram a mesma coisa durante três séculos. A religião primitiva de Cristo opunha-se à religião do Império. A simbólica religiosa era a única linguagem disponível e eficaz para as lutas sociais. Os mártires cujos nomes são os das actuais paróquias minhotas foram resistentes (ibéricos, orientais ou romanos) que usaram a simbólica religiosa como arma. Caído o Império ou associado este à Igreja, o cristianismo minhoto que foi a arma da luta anti-imperial, continuou a sê-lo contra Roma que para além do Imperador passou a simbolizar também o Papa. O caso de Prisciliano é bem revelador dessa oposição. Porque o poder da Igreja de Roma se confundiu durante séculos com o poder do Império, a pressão teológica do Papa e a dos concílios purificadores da teologia ou expurgadores do paganismo (fossem eles de Braga), foi ineficaz; daí que o paganismo se manteve com o cristianismo nos mesmos locais, com a cumplicidade do clero. Tudo quanto não fosse religião romana ou fosse contrário à cultura romana, era lícito e o povo tinha sempre razão. Ainda hoje o clero minhoto tem muito prestígio enquanto animador da vida religiosa local mas perde autoridade quando se reclama das instâncias eclesiásticas exteriores ao Minho. Vimos também que a ausência de repressão conciliar durante a época islâmica funcionou em favor da continuidade da religião popular em geral.

A exploração etnológica de alguns documentos e episódios históricos sobre a implantação do cristianismo ajudará a compreender como o catolicismo em Portugal se construiu sobre o paganismo, por um lado, e com a coacção política e o medo, por outro. Uma coisa é o sistema espiritual que os Evangelhos propõem e outra, muito diferente, é este catolicismo. O cristianismo português nasceu à margem do Império ou em oposição a ele, mas a Igreja, contrariando Jesus que disse «A César

o que é de César e a Deus o que é de Deus», «O meu reino não é deste mundo», «Doravante o Pai quer ser adorado em espírito e verdade» e centenas de outras normas, impôs-se pela coação política. Depois fagocitou o Estado fazendo dele o seu braço direito até meados do séc. XX, só com alguns recuos no séc. XIX quando a Europa se emancipou da tutela eclesiástica desde o séc. XVI. A um Estado fraco corresponde sempre uma Igreja forte; é de supôr que, de hoje em dia, a Igreja só consegue manter o seu poder se tiver o apoio económico, social e político do Estado.

A continuidade da igreja católica é exemplar. Esta continuidade pode ser interpretada como uma fidelidade às origens e um testemunho social de verdade. O problema é que as origens do catolicismo situam-se no século IV<sup>o</sup>, no fim do Império. Já então era uma religião de segunda-mão, um cristianismo deteriorado, todo virado para o controle social e político. E o que é que herdou dos séculos anteriores? Depois da segunda geração de cristãos, foram-se diluindo as esperanças milenaristas do «fim dos tempos» e, então, o cristianismo projectou tornar-se numa sociedade alternativa; entretanto, a hierarquia episcopal tinha-se implantado como uma rede de principados feudais servindo de contra-poder ao Império. Abandonou-se a doutrina fundadora da salvação individual, da responsabilização do indivíduo a-sós com Deus - que é a base de toda a doutrina de Jesus. Assim, foi enquanto sociedade ou cultura alternativa que a Igreja conquistou o «agrément» do Império, quando este se desmoronava por todos os lados. Das antigas comunidades cristãs identificadas, grosso modo, com o montanismo, entretanto marginalizadas ou excomungadas, guardou apenas a moral sexual, uma relíquia, que estava relacionada com a crença de que o «fim dos tempos» estava para breve e com a recusa dos prazeres do mundo que estava no seu termo. E ainda vemos hoje a igreja católica a impôr essa moral sexual dos primórdios e a condenar a dissolução do matrimónio, como se a única normatividade justa fosse a da moral sexual - um atavismo - já que em dois mil anos a Igreja de Roma em nada contribuiu para suprimir ou amenizar os sistemas sociais injustos como a escravatura, o feudalismo, o nazismo, o racismo, o fascismo e o colonialismo, e só tendo reconhecido o valor e a honra do trabalho em 1891 com a encíclica *Rerum Novarum*. Continuidade inconstatável. É como se Deus tivesse enviado o seu Filho à terra para instituir uma casta de funcionários encarregados de controlar a sexualidade e a família.

Entretanto, tal como os donatistas (e os priscilianistas) perguntavam «O que é que o imperador tem a ver com a Igreja?» assim será

legítimo questionar «O que é que a Igreja tem a ver com o sistema civil?» tanto mais que não vemos onde é que Jesus Cristo impôs um código civil, uma moral sexual e um modelo de família (aos leitores que suspeitam desta minha afirmação aconselho a ler a Bíblia). Para mais, embora o controle da sexualidade constituísse um tema de eleição desde os montanistas, o matrimónio só foi incluído na lista dos sacramentos católicos pelo Papa Luciano III em 1184, sacramentos esses que constituem o próprio núcleo da fé católica, não existindo salvação fora deles<sup>1</sup>. O catolicismo também é a única religião que confere graça salvífica ao matrimónio, todas as outras vêm nele apenas um contrato social e jurídico. Reconhece-se que Jesus trouxe uma doutrina inovadora como a universalidade da Salvação e um relacionamento novo com o Pai, mas não se vê onde tenha instaurado um sistema político-jurídico. Esta intervenção nos sistemas cívicos só se compreende pela fidelidade da Igreja à sua origem tardo-imperial. A actual moral sexual católica - relíquia das antigas comunidades milenaristas - foi a que ela impôs ao Império e à Europa latina que lhe sucedeu. Também aqui a continuidade com o Império constantiniano é sem falhas ao ponto de o catolicismo se confundir ainda hoje com o mundo latino. A Igreja de Roma perdeu o mundo por não se ter dissociado do seu pequeno reino temporal.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (artº nº 97) as fontes da doutrina católica são a Revelação (a Bíblia) e a Tradição. Depois da Reforma ficamos esclarecidos de que a relação entre o catolicismo e a Revelação é uma questão de... fé, quer dizer, os católicos não conseguem convencer os seus opositores sobre os fundamentos bíblicos do catolicismo. O modo como ele se fundou sobre o paganismo, como enxergamos neste trabalho, dá razão aos protestantes: o catolicismo é uma reinterpretação romano-imperial do cristianismo; os métodos literalmente contrários à Revelação com que se excomungaram puros e dissidentes tornam irreduzíveis os ateus (se é que o catolicismo também não deve ser responsabilizado pelo ateísmo). Resta a Tradição, que é forte. Bem entendida, esta seria um cumulativo de doutrinas, de modelos, de métodos e de contestações próprios de cada época desde o início

<sup>1</sup> Jean-Claude Bologne, *História do Casamento no Ocidente*, p.123. «A história ensinanos que durante os primeiros séculos, os cristãos casavam-se como os demais, não se casavam 'pela Igreja' (...) A história da evolução do matrimónio aparece-nos como a resultante de duas forças opostas, a da sociedade civil e a do poder eclesiástico», Barbaglio G. e S. Dianich, *Nuevo Diccionario de Teologia*, Madrid, Ed. Cristiandad, II, p. 1038.

(incluindo as épocas recentes); teria de abarcar experiências culturais sucessivas que, por sua vez, passaram a ser Tradição. Ora, não é esta a Tradição; ela abarca exclusivamente costumes ligados à fundação da Igreja constantiniana e medieval romana, rejeitando os contributos orientais mais antigos. Enfim, não é novidade para ninguém que o catolicismo aparece como um sistema teológico específico das culturas latinas saídas do Império do Ocidente.

Depois de Prisciliano, não aflorou na catolicidade portuguesa a mais ligeira criatividade teológica (ortodoxa ou heterodoxa). Tudo o que se escreveu e fez foi para sustentar o rotineiro poder religioso-político instalado. Uma nação integralmente católica, que alimentou centenas de milhar de monges e frades, cujo território está todo enquadrado de igrejas e conventos, não produziu em quinze séculos uma única inovação teológica, uma tese, uma resposta, uma achega, uma solução para as controvérsias que interessam o universo dos teólogos. Não esboçou uma heresia. Não levou um autor ao *Index* da obras proibidas. Não teve um místico de renome internacional. Não esboçou a mais breve aventura no pensamento teológico (ou filosófico). Só produziu mitos de aparições marianas (que são irrepertoriáveis), superstições repetitivas, muito folclore, crucifixos em todas as encruzilhadas, rosários mágicos até nos pára-brisas dos automóveis. Mas celebrou-se no mundo na repressão das diferenças. A perseguição ao judaísmo (a religião do Antigo Testamento instituída por «decreto eterno» do Criador segundo a Bíblia) só teve paralelo com o que veio a fazer Hitler com esta diferença: Hitler ainda tinha algum sentimento de pudor executando as vítimas fora dos olhares do mundo enquanto a Igreja portuguesa fazia da morte dos crentes-outras um espectáculo. A Reforma não pôde aflorar porque os leitores da Bíblia eram levados a essas fogueiras encapuçados como demónios (a posse e a leitura domésticas da Bíblia ainda eram proibidas pelos párocos nos anos 70 do século XX). O Santo Ofício da Inquisição só fechou em 1822. Os Estados liberal e republicano - embora em «regime de separação» - contrariaram ou perseguiram as minorias religiosas (judaica, protestante, testemunhas de Jeová...) com o argumento de que «a religião da Nação é a católica». Só no fim do século XX (nas vésperas do anúncio dum novo jubileu papal de indulgências) é que vemos instalar-se entre o povo um protestantismo renovado com os modelos pentecostais, Evangelho em mão mas semi-clandestino e que o clero, o povo, os letrados e o próprio Governo se apressam em estigmatizar com o ápodo de «seitas perigosas» («o Evangelho sem a Igreja é um veneno»

disse Maurras, o fundador do movimento fascista francês). Numa época em que o mundo se reclama da individualização global, a tolerância religiosa só funciona por aqui se as minorias passarem despercebidas... Entretanto, fiel à Tradição, a Igreja portuguesa não se perturba de que apenas 20% dos que se afirmam católicos pratiquem os sacramentos («sem os quais não há salvação» segundo a sua teologia) e fica satisfeita de que os 70-80% restantes se afirmem «católicos não praticantes» e, isto, sem que estes disfarcem a sua ignorância da doutrina que não prevê uma religião sem práticas. Tal é a herança, na modernidade, do catolicismo de Estado, obrigatório, seguidista e exclusivista, que foi o dos portugueses desde Constantino até aos meados do séc. XX. A catolicidade tornou-se uma simples afirmação da continuidade histórica (ser português é ser católico); a salvação, a santidade, o reino de Deus, enfim, toda a «a santa religião» acaba por confundir-se com posturas de obediência humilde e reverente à incontestada hierarquia. É-se católico porque, tão-só, se reconhece legitimidade à hierarquia episcopal. A religião é o temor e a obediência ao homem ataviado com batina vermelha, anel (para o beija-mão), cruz peitoral e mitra. Com o catolicismo, o cristianismo falhou nestas margens do mundo.

As culturas criam ou adoptam uma religião conforme à sua índole. A cultura projecta-se no seu sistema religioso e inversamente. Uma cultura que desvaloriza a autonomia individual e a autodeterminação, que premeia a gregaridade e proscree a vontade de diferença, que repete porque teme inovar, em que o «todos» prevalece sobre o indivíduo pensante, essa cultura engendra uma concepção de religião que apela à obediência à hierarquia eclesiástica como método para a salvação e cujo chefe que se autoproclama infalível se substitui a Deus. Uma sociedade que nunca produziu um iota de ciência, de tecnologia, de filosofia ou de teologia só poderá adoptar uma religião em que a Tradição, a repetição, a cópia, a palavra do chefe humano equivalem à Revelação. E esta religião eterna perpetua aquela cultura que se projecta imorredoura.

A religião é um produto da cultura mas também é o seu reproduzidor. Cultura e religião são simultaneamente espelho e imagem, foco e reflexo. Confundem-se, cruzam-se e caucionam-se circularmente. À semelhança do processo de autocatálise em que o organismo segrega a substância adaptada para se manter - cria a glândula para se lubrificar, gera o óleo com que se oleia - a cultura produz uma religião para lhe servir de justificação nobre e de argumento divino; engendra um deus à sua imagem que passa pelo seu legislador, defensor e juiz.



## AUTORES CITADOS

- Alarcão, Jorge: *Portugal Romano*, Lisboa 1983.
- Almeida, Fortunato de: *Historia da Igreja em Portugal*, 4 Vol., Lisboa 1967.
- Almeida Paiva, Prof.: *O mitraísmo*, Pref. de Teófilo Braga, Lisboa, Ed. José dos Santos, 1916.
- Amiot, F.: *La Byble Apocryphe*, Paris 1952.
- Anónimo: *Missale Romanum (ex decreto sacrossanti concilii tridentini restitutum)*, Olissipone, 1764.
- Breviarium Romanum (ex decreto sacrossanti concilii tridentini restitutum)*, Antuerpiae, 1756.
- Apuleo: *Metamorphoses*, 5 vol. Ed. bilingue, trad. de Paul Vallette, Paris 1989.
- Barbaglio G. e S. Dianich (cord.): *Nuevo Diccionario de Teologia*, 2. Vol. Madrid, Edit. Cristiandad, 1982.
- Blanco, José Garcia:  
*Juliano, Discursos*, Introdução, Tradução e Notas, Madrid, Editorial Gredos, 1979.  
*Juliano, Contra los Galileos, Tertimonios, Leyes*, Madrid, ed. Gredos, 1982.
- Bleker, C.J. (coord.) *Historia Religionum*, Madrid, BAC, 1963.
- Bologne, Jean-Claude: *História do Casamento no Ocidente*, Trad. Isabel Cardeal, Lisboa, Temas e Debates, 1999
- Bottero, Jean: *L'Épopée de Gilgamesh*, Paris 1942.
- Bueno, Daniel Ruiz, *Padres apologetas griegos*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1979.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão: *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, Lisboa 1984.
- Chadwick, Henry: *Prisciliano de Avila*, Madrid 1977.
- Conteneau, G.: *La Civilisation Phenicienne*, Paris 1926.
- Cummont, Franz: *Les Religions Orientales dans le Paganisme Romain*, Paris 1890:  
*Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1898.  
*Las Religiones Orientales y el paganismo romano*, Madrid, Akal, 1987  
*Les Syriens en Espagne et les Adonies en Séville*, Paris, Lib. Orientaliste, 1890.  
*Les Mystères de Mithra* (1899), Paris, Editions d'Aujourd'hui, 1985.
- Decharme, P.: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris 1898.
- Dhorm, Edmond: *Les Religions de Babylonne et d'Assyrie*, Paris 1949.
- Dias, Jaime Lopes: *Etnografia da Beira*, 8 vol. Lisboa 1948.
- Diez Macho, A.  
*Los Apócrifos de A. Testamento* (5 vol.), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1983.

- Durkheim, E.: *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, PUF, 1965.  
*Séance à l'Union des Libres Penseurs et des Libres Croyants*, in Ciências Sociais de a Acção, Lisboa, Bertrand, 1975.
- Dussaud, R.: *Melkart*, in *Síria XXV* 3-4, Paris 1950.
- Espírito Santo, Moisés: *Religião Popular Portuguesa*, Lisboa 1986; *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa 1988; *A Escrita Ibérica, Actas do 1º Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica, 1º Vol.* Instituto Mediterrâneo da UNL 1992.  
*Dicionário Fenício-Português*, Lisboa, ISER da UNL, 1993.  
*Os Mouros Fatimidias e as Aparições de Fátima*, Lisboa, ISER da UNL, 1995.
- Ferreira, Augusto: *Priscilianismo*, in *Estudos Histórico-Litúrgicos*, Lisboa 1983.
- Firmicus Maternus: *De Errore Profanorum Religionum*, ed. bilingue, trad. francesa de Robert Turcan, Paris 1982.
- Frazer, Georges: *Le Rameau d'Or (Adonis, Athys et Osiris, Le Dieu qui meurt)* Paris 1931.
- García, Miguel Zapata: *El Rocio*, Sevilha 1991.
- García, Antoneita: *Judeus de Belmonte – Os Caminhos da Memória*, Lisboa, ISER, 1993.  
*Judaísmo no Feminino*, Lisboa, ISER, 1998.
- Herriot, Edmond: *Sanctuaires*, Paris, 1938.
- Harmon, A-M: *Lucian whit a English traslaction*, London 1925.
- James, O.: *Os Deuses Antigos*, Lisboa 1960.
- Jedin, Hubert: *Manual de Historia de la Iglesia*, Barcelona 1990.
- Jones, E.O.: *Le culte de la Déesse-Mère*, Paris, Payot, 1960.
- Josephus, Flavius: *Histoire Ancienne des Juifs*, Paris 1981.
- Juliano, Imperador: in W.C Wright, *Julian*, Massachussets 1980  
in J.G. Blanco, *Discursos*.
- Langa, Pedro: *Introdução a: Obras de Santo Agostinho*, Vol. XXXII, Escritos Antidonatistas, Madrid 1988.
- Laurentin, René: *L'Esprit-Saint cet inconnu*, Paris, Fayard, 1977
- Leite de Vasconcelos: *Religiões da Lusitânia*, 3 vol., Lisboa 1981.
- Lobo, Vilela: *A Deusa Síria de Luciano, tradução e Notas*, Lisboa s.d.
- Luciano: *Opera*, Paris 1780.
- Maciel, Manuel Justino Pinheiro: O "De Correctione Rusticorum" de São Martinho de Dume, in Bracara Augusta XXXIV, Braga 1980.
- Maspero: *Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient*, Paris 1950.
- Menendez Pelayo, Marcelino: *História de los Heterodoxos Espanoles*, 2 vol. Madrid 1986.
- Meunier, Mario: *La Déesse Síríenne, Traduction, Prolegomènes et Notes*, Paris 1947.
- Momsen: *Histoire Romaine*, 2 Vol, Paris 1985.
- Moret: *Histoire de l'Orient*, 2. Vol., Paris 1941.
- Oliveira, Pe Miguel de: *Lenda e História - Estudos Hagiográficos*, Lisboa, União Gráfica, 1964
- Olmo Lete: *Mytos y Leyendas de Canaan segun la Tradicion de Ugarit*, Barcelona 1981.

- Onega, Jose Ramon: *Los Judios en el Reino de Galicia*, Madrid 1981
- Osório, Paulo: *História contra os Pagãos*, traduzido por José Cardoso, Braga, Univ. do Minho, 1986.
- Peyre, Henry: *Introduction à James Frazer, Athis et Osiris*, Paris 1931.
- Pinharanda Gomes: *Patrologia Lusitana*, Porto 1983.
- Pinard de la Boullaye, H., S.J.: *Etudes Comparées des Religions*, 2 Vol., Paris 1929.
- Plinius: *Historia Natural, Trad. e notas* por Garcia y Bellido, Buenos Aires 1975.
- Polymnia Athanassiah: *Julian, An Intellectuel Biography*, London et New York 1942.
- Renan Ernest: *Mission en Phenicie*, Paris 1850; *História do Cristianismo - Marco Aurélio ou o Fim do Mundo Antigo*, Porto s.d.; *A Igreja Cristã*, Porto, s.d.; *São Paulo*, Porto s.d.; *Etudes d'Histoire Religieuse*, Paris 1992; *Oeuvres*, 2 vol., Paris Laffont, 1995.
- Les Religions de l'Antiquité et leurs derniers historiens*, Paris, Revue des Deux Mondes, 1853.
- Rios, Amador de los: *Historia Social, Politica y Religiosa de los Judios de Espana y Portugal*, Madrid 1875.
- Saglio, Edmond: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris 1898.
- Santo Agostinho: *La Ciudad de Dios*, Madrid 1965. *Escritos anti-Donatistas*, Madrid 1967.
- Santos Otero, Aurélio, *Los Evangelios Apócrifos*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.
- São Justino: *Apologia*, in Daniel Ruiz Bueno, *Padres Apologeticos Gregos*, 2 Vol. Madrid 1954.
- São Cipriano: *Correspondance*, Trad. de Chanoine Bayard, Paris 1962.
- São Jerónimo: *Epistolae* in Chan. Migne, *Patrologia Latina XXXII et LVIII*, Turnhout (Belgium) 1859.
- Teixeira, Fernando: *Touros em Portugal, Um património histórico, artístico e cultural*, Ed. Correios de Portugal, 1992.
- Tovar, A. y J.M. Blazquez: *Historia de Espana Romana*, Madrid 1980.
- Turcan, Robert: *Mithra et le Mithriacisme*, Paris, Les Belles Lettres, 1993
- Vaneigem, Raoul: *La Resistance au Christianisme*, Paris, Fayard, 1993.
- Vermaseren M.J.: in Bleeker (coord), *Historia Religionum*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1963.
- Vigouroux: *Dictionnaire d'Arqueologie Chretienne et de Liturgie*, Paris 1935.
- Vieira, José Carlos Alves: *A Vida dos Santos ao Alcance de Todos* (seguindo os dias do ano), Braga, 1952.
- Voltaire: *Tratado sobre a Tolerância*, trad. de José M. Justo, Lisboa, Antígona, 1999.
- Voragine, Santiago: *La Leyenda Dorada* (2 vol.), Madrid, Alianza Forma, 1984.

**Textos Bíblicos:**

- 1) Canónicos: *Bible de Jerusalém*, Paris 1980. *The Holy Scriptures of the Old Testament, Hebrew and English, Trad. by The British and Foreign Biblic Society*, London 1985.
- 2) Apócrifos: Otero Aurelio de los Santos, *Los Evangelios Apócrifos, Colección de Textos Gregos y Latinos*, Madrid 1985. Díez Macho, *Apócrifos del Antiguo Testamento*, 5 vol., Madrid 1984. Amiot F., *La Byble Apocryphe*, Paris 1952.

Os mais antigos contributos religiosos orientais no Ocidente devem-se aos fenícios (a que os textos antigos e a Bíblia chamam cananitas, arameus, elamitas, assírios, etc.) dos sécs. XX-VIII a.C. Por volta do séc. Xº fundaram Cartago e, a partir daqui, expandiram a sua civilização pelas costas do mar até à Grande Bretanha. A língua dos fenício-púnicos era a que hoje chamamos «hebraico» (do Antigo Testamento) e a sua religião, grosso modo, a que a Bíblia chama cananita e assíria. No entanto, por «fenício» e «púnico» deve entender-se mais uma civilização do que «povos». O Ocidente deve-lhes a primeira metalurgia. Cartago dominou a Península Ibérica durante cerca de 500 anos. A estrutura dos seus primeiros templos eram terreiros ao ar livre apenas circundados por um muro de pedras ou de alvenaria. No centro erguia-se um edículo onde se encontrava uma imagem ou uma pedra santa chamada, em fenício-púnico (hebraico) *Bet Ilu* (bétilo), «Casa de Deus» (i.é. presença de Deus) geralmente em forma de cone e que frequentemente se dizia caída (enviada) do céu. As pedras de culto foram muito difundidas no Mediterrâneo.

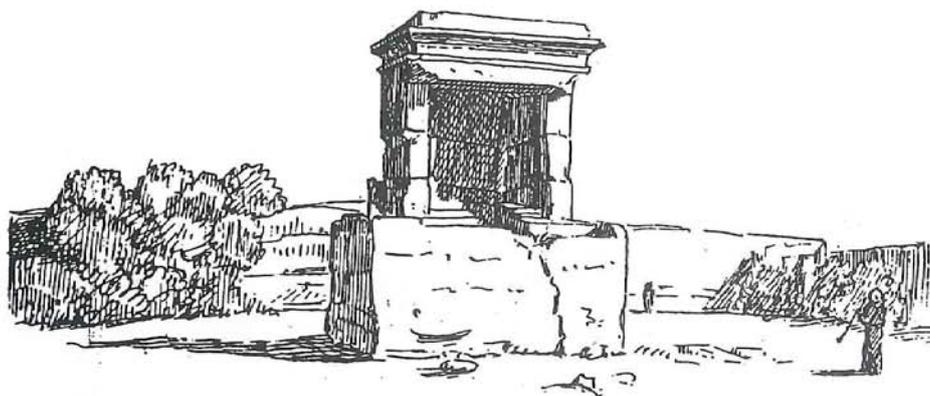


Fig. 1 – Santuário de Ma'Abed de Amerit (Fenícia), segundo Ernest Renan (in *Mission en Phénicie*)

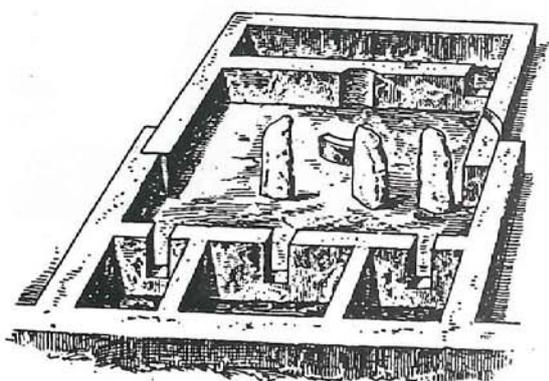


Fig. 2 – Santuário de Tell es-Safy (antiga Fenícia)

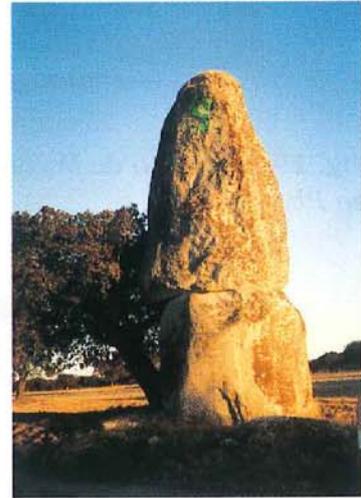


Fig. 3 – Templo de Biblos (Fenícia) numa moeda do imperador romano Macrin (217-218 d. C) natural da Cesareia. O único objecto de veneração é o bétilo cónico no centro do terreiro amurado. Dada a época do imperador, esta estrutura de templo esteve em uso até muito tarde.

Estelas comemorativas dum acontecimento político ou religioso. Em toda bacia do Mediterrâneo, e mesmo para o norte, era costume erguerem-se pedras para comemorar feitos notáveis (memória da vitória sobre os adversários, ritos colectivos e de fundação, pedras-testemunhas de acordos entre tribos vizinhas ou dum pacto entre o povo e o chefe...). Também podiam representar «o centro» do território, lugar de encontro e de reuniões clânicas (como o foram os pelourinhos). A Bíblia refere vários levantamentos de pedras (sobretudo nos tempos mais recuados): «Jacob fez uma promessa: «Se o Senhor estiver comigo e me guardar na estrada, se ele me der pão para comer e vestes para me cobrir, se eu regressar são e salvo a casa do meu pai, então Yaveh será o meu Deus e esta pedra que eu ergui como um monumento será uma casa de Deus e de tudo quanto me deres pagarei fielmente o dízimo». O local passou a chamar-se Betel, casa de deus (Gén.28:20). As águas do Jordão separam-se para os portadores da Arca da Aliança poderem atravessar «E Josué erigiu doze pedras no meio do Jordão correspondentes às doze tribos» (Jos.4:9). «Que Deus seja um árbitro entre ti e mim e Jacob ergueu uma pedra» (Gén. 31:45). Hamurabi, imperador de Babilónia (sec. XVII a.C.) que escreveu o seu código num pedra aconselhou: «Os oprimidos que desejem introduzir uma acção em justiça dirijam-se à minha estela». Encontram-se entre nós muitas pedras que teriam estas funções. Os arqueólogos chamam-nas cromeleques, termo bretão, e atribuem-nas aos «celtas», fazendo passar os «celtas» por germânicos, por um atavismo que vem do pan-germanismo do séc. XIX.



Fig. 4 – Estelas de Geser, Palestina (Dictionnaire de la Bible, ou de Vigouroux, Paris, p. 1864).



Figs. 5 e 6 – Bétilos alentejanos

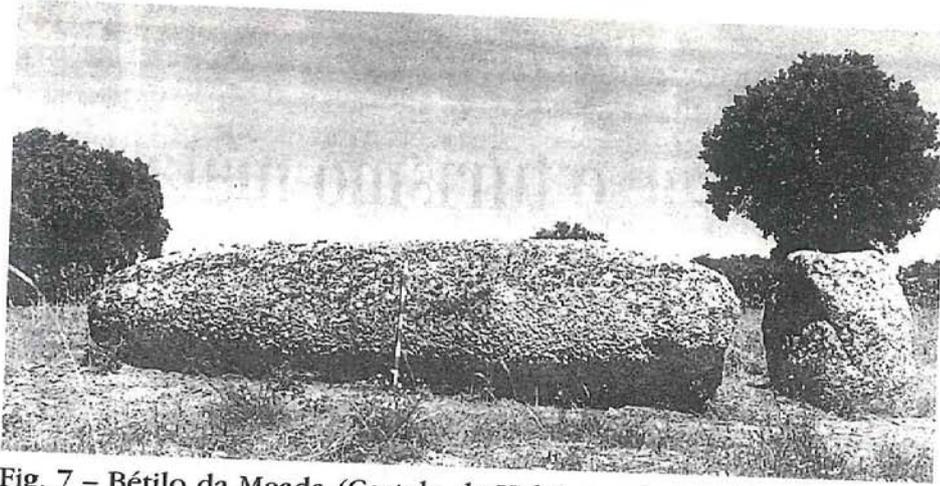


Fig. 7 – Bétilo da Meada (Castelo de Vide) um dos maiores da Península, restaurado por Jorge Oliveira em 1983. O topónimo, Meada, parece bem ser do fenício-púnico (que era a mesma língua que o hebraico) *me'd* ou *mo'd* (leit. meade, moede ou moade) «lugar de encontro, de festa ou de feira».

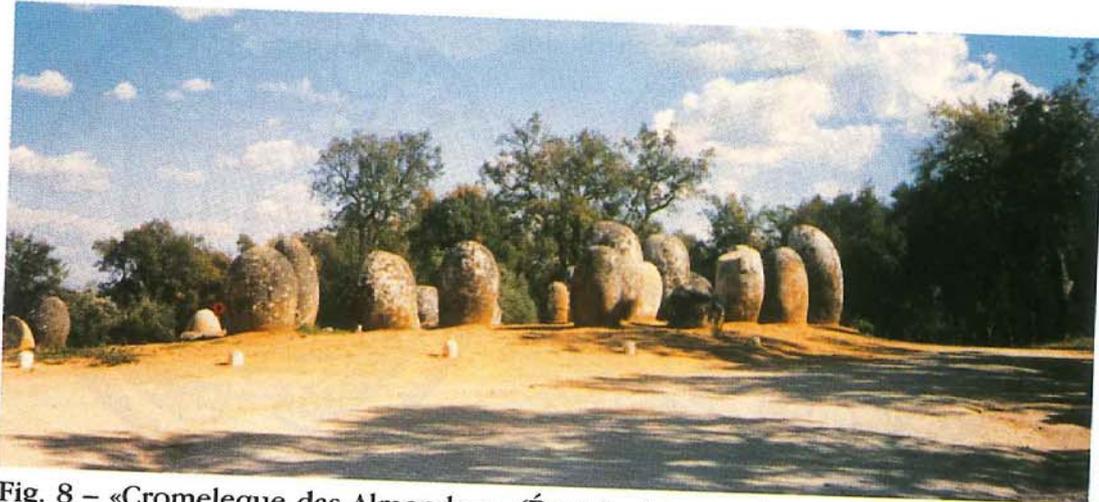


Fig. 8 – «Cromleque das Almendras» (Évora): dezenas de pedras rotundas num terreiro. Poder-se-iam ter referido a uma comemoração colectiva em que cada pedra representou um parceiro social (pessoa, chefe, clã, aldeia, etc.). O topónimo, Almendras, pode bem ser do fenício-púnico *olm' ndaru* (leit.: *olméndaru*) «eterno voto, promessa ou juramento», «eterno pacto, contrato ou aliança».



Fig. 9 – «Cromleque de Monsarás».

Astarté, Istar, Yasura (Diasura, Deusa Síria...), Isis, etc. são nomes duma mesma divindade feminina de origem semita à qual se atribuíam a Criação e a procriação humana e animal e cujo culto está documentado em todo o Médio Oriente desde o séc. XX a.C. Tanto era responsável pela Natureza como lhe tributavam cultos eróticos (porque era responsável pela procriação humana). A Bíblia faz-lhe muitas referências para condenar o seu culto entre os hebreus. Podia ser a deusa-Lua que marcava o calendário e os ritmos naturais ou o astro Venus chamado «estrela da noite», «estrela da manhã», «estrela guia», etc. ou ainda a «senhora ou rainha dos céus». Era a deusa soberana por excelência, a Terra-mãe, e ainda invocada pelo sucesso das viagens e das guerras. Os gregos e os romanos, já perto da nossa era, corromperam a ideia original desta divindade reduzindo-a a uma «deusa do amor» (respectivamente Afrodite e Vénus).

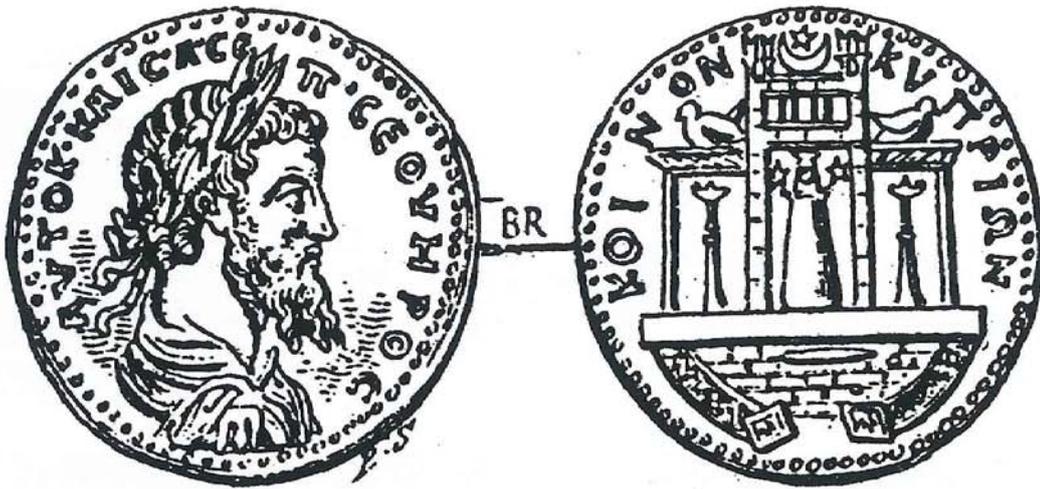


Fig. 10 – Verso duma moeda da época helenística com a imagem de Astarté em forma de cone, no templo de Paphos (Chipre). Paphos era célebre exactamente por causa deste templo de Astarté a que os gregos chamavam Afrodite. No cimo, o «símbolo de Astarté», formado por um crescente lunar com o astro Venus (ou o Sol) no interior; de cada lado uma pomba que era o emblema da «Astarté das Viagens» (protectora dos viajantes); segundo os testemunhos, «Os viajantes eram surpreendidos com «turbilhões de pombas que se levantavam dos átrios dos santuários de Astarté como um augúrio de boa viagem». Luciano diz que a pomba era de todos os animais o mais sagrado, sendo proibido tocar-lhe (Nº 54) porque era consagrado à Deusa Síria (Astarté) a que o poeta Tibúlio (sec. Iº a.C) chamava «Branca Santa Colomba dos palestinos e dos sírios».



Fig 11 – Astarté (Museu do Louvre) com a pomba (V. adiante a comparação entre esta imagem e uma outra encontrada nas ruínas do antigo santuário lusitano de Endovélico, Alandroal).

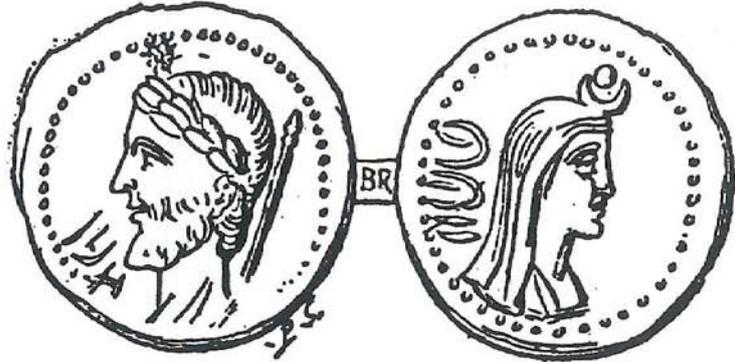


Fig. 12 – Moeda fenícia com a efígie de Astarté tendo o seu símbolo na fronte (Vigouroux, Dictionnaire de la Bible, Paris).



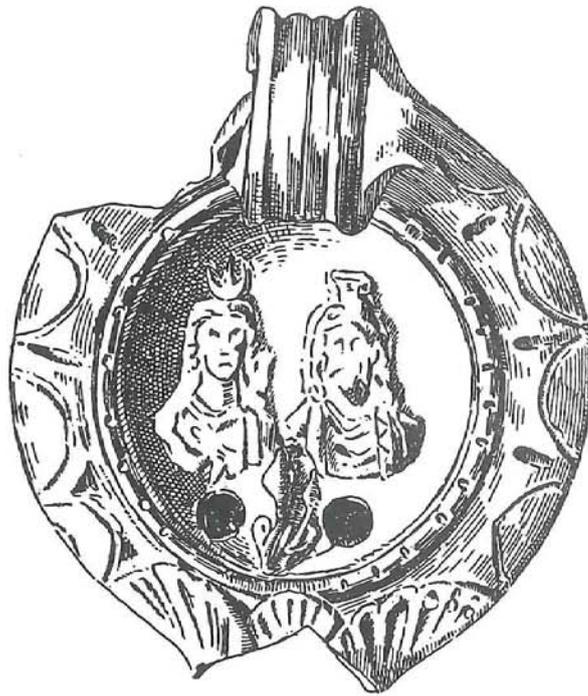
Fig. 13 – Estátua em alabastro de Astarté-Lua (Museu do Louvre, Paris)



Fig. 14 – Astarté-Rainha dos Céus (a Lua) com um mocho (ave noturna) na mão e um raio de luz saindo da frente (Vigouroux, Dict. de la Bible). As mulheres hebreias do tempo de Jeremias (sec. VII a.C) cultuavam a Astarté cananita sob o nome de Rainha dos Céus ou Rainha dos Exércitos Celestes e ofereciam-lhe bolos e incenso em favor da agricultura e contra a seca. Dizia o profeta que a fome e a seca vêm como castigo da idolatria enquanto as mulheres que coziavam os bolos «nem o queriam ouvir», dizendo que era ao contrário: os antepassados que ofereciam bolos e incenso à Rainha dos Céus tinham pão em abundância e eram felizes; desde que os profetas proibiram esse costume passou a haver fome e guerra (Jer. cap. 44). Da frente da deusa sai um raio luminoso; talvez seja o mesmo efeito da pedra preciosa colocada na frente da Deusa Síria e que iluminava o templo durante a noite (Luciano, N° 32 e nota).



Fig. 15 – Cabeça de Astarté dentro ou confundida com a lua. (Museu de Cambridge, Vigouroux - Dict. de la Bible).



Figs. 16 e 17 – Astarté (Isis?) ou a Lua. (Lisboa, Museu Arqueológico Leite de Vasconcelos).



Fig. 18 – Astarté com apetrechos de guerra, protectora dos guerreiros (Vigouroux. o.c.). Com estas atribuições, os fenícios denominavam-na Kitéria nome que se relacionará com Santa Quitéria, uma guerrilheira minhota ou galega que, com as suas oito irmãs gêmeas, se bateu contra o Império (M.E.S. Orig. Or. p. 187).

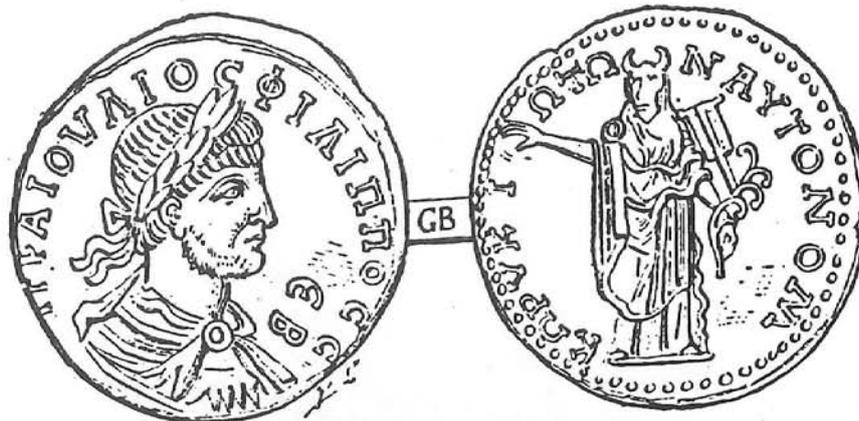


Fig. 19 – Moeda de Alexandre (sec. IV a.C.) e Astarté com cabeça de vaca e nas mãos um leme e um ornamento da proa dum barco, protectora dos marinheiros.



Fig. 20 – Astarté sobre um barco tendo nas mãos um leme e um instrumento cruciforme (Vigouroux. o.c.)



Fig. 21 – Semíramis, fundadora mítica da Assíria que, depois de morta, metamorfoseou-se em pomba e à qual se refere Luciano (Nº 14 e nota).



Fig. 22 – Deusa Síria (Diasuria, segundo a inscrição) sentada sobre leões (museu do Capitólio), tendo nas mãos um fuso e um espelho, padroeira das cidades. Segundo as imagens, o fuso podia confundir-se com uma romã porque ambos simbolizavam a cidade; *pelk*, em hebraico (língua dos assírios), tanto significa «fuso» como «distrito, cidade»; os fios enrolados num fuso e a disposição dos grãos da romã sugerem a ordem social.



Fig. 23 – Atargatis ou Deusa Síria, a Criadora, com uma coroa em forma de muralha (padroeira da cidade). Moeda do tempo de Alexandre (sec. IV a.C.)



Fig. 24 – Atargatis ou Deusa Síria, a Criadora (Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines, Paris) Da sua correspondente cartaginesa disse Silius Itálicus em tom de mofa: «A comparsa líbia (cartaginesa) suspende os filhos à sua prolongada teta pondo fim aos seus vagidos» (Elegias, I, 7, 17).



Fig. 25 – Mito de Tamouse-Adonis, parceiro da deusa-mãe Istar ou Astarté, espírito da vegetação que morre e renasce anualmente. Numa caverna, um génio infernal (um javali) ataca Tamouse/Adónis e castra-o (Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines).

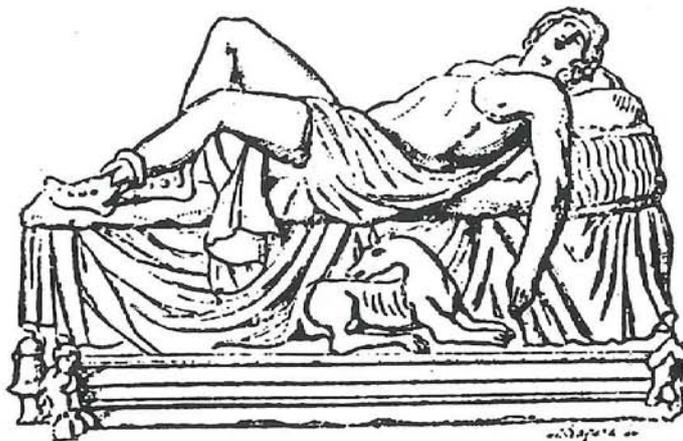


Fig. 26 – Tamouse ou Adonis morto (Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines, Paris).



Fig. 27 – Adonis entre as divindades gregas (Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines).



Fig. 28 – Jardins éfémeros de Adonis. Um génio celeste ajuda uma mulher a colocar no muro vasos com plantas éfémeras para a festa dos prantos em favor da ressurreição de Adonis (vaso grego, Dict. des Antiquités Grecques et Romaines).



Fig. 29 – Magna Mater ou Mãe dos Deuses: conjunto alegórico do mito e do culto de Cibele e de Athis em Roma. A Magna Mater sentada guardada por um leão tendo na mão uma pandeireta com que se ritmavam as suas festas orgíacas; diante dela, Athis pertod dum pinheiro simbolo da vegetação perene acaba de se castrar e é sustentado por um coribante (sacerdote de Cibele); suspensos do pinheiro, um par de címbalos, uma flauta e um objecto cortante; um coribante executa uma dança extática e uma figura feminina toca címbalos; em primeiro plano, um carneiro e um cordeiro para o rito chamado crióbulo; um altar do fogo sagrado com um facho invertido (símbolo comum ao mitraísmo); um jarro com unguentos (como refere Firmicus Maternus), uma bandeja com qualquer coisa (possivelmente pães para uma eucaristia como no mitraísmo uma vez que os dois cultos uniram-se) e uma toalha embrulhada (Dictionnaire des Antiquités).



Figs. 30 e 31 – A Magna Mater e Athis puxados por leões a percorrer a Natureza sendo ela a Gazela das Montanhas e Athis o seu amado (Dictionnaire des Antiquités).



Fig. 32 – Magna Mater Cibeles agitando uma pandeireta, encostada a uma leão, entre o Sol e a Lua (Dictionnaire des Antiquités).

M·D·M·I· ET· ATTINIS



Figs. 33 e 34 – Magna Mater puxada ou guardada por leões, com uma coroa amuralhada porque é a protectora das cidades e da vida social, e Athis enconstado a um pinheiro (Dictionnaire des Antiquités).



Fig. 35 – Nagna Mater com uma coroa amuaralhada protectora das cidades (Dictionnaire des Antiquités).



Fig. 36 – Athis com os atavios e a postura efemniada dos Gallos (Dictionnaire des Antiquités).



Fig. 37 – Cofre em metal que pertenceu a um arquigalo (chefe da ordem dos Gallos) e cujo emblema era um galo (Museu de Óstia, Dictionn. des Antiquités).

## ASTARTÉ E ENDOVÉLICO

O deus lusitano Endovélico do santuário de Alandroal já foi muito estudado nomeadamente por Leite de Vasconcelos (Relig. da Lusitânia vol. II). Extrairam-se do local dezenas de lápides que foram sendo levadas para outras construções, pelo menos desde o séc. XVII (Frei Agostinho de Santa Maria, no Santuário Mariano, publicado em 1689 já se refere a esses achados). O deus foi muito cultuado durante o período romano; era uma divindade tópica (venerada exclusivamente neste local). Entre os espólios foram encontrados uma imagem sem cabeça com uma pomba na mão, um cipo com um jovem alado e uma estátua que L. Vasconcelos diz ser um exvoto dum paralítico. A imagem com a pomba tem grandes semelhanças com a de Astarté do Museu do Louvre.



Fig. 38 - Imagem de Astarté do museu do Louvre



Fig. 39 - Imagem encontrada nas ruínas do santuário de Endovélico (L. de Vasconcelos, Rel. da Lusitânia, II, p. 130).



Fig. 40 - Cipo com jovem alado (ibidem).

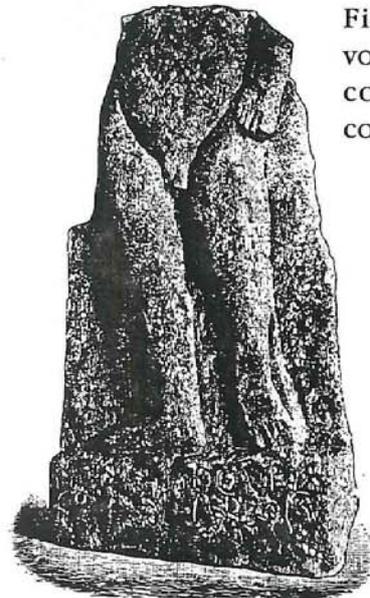


Fig. 41 - «Exvoto do paralítico a Endovélico» (ibidem)

Os achados tanto podiam representar as próprias divindades do santuário como ser oferecidas como ex-votos imitando as divindades do local ou de outros santuários «irmãos». Conjugando os achados arqueológicos com os cultos actuais e os topónimos temos: o monte onde existiu o santuário de Endovélico chama-se hoje de **São Miguel da Mota** e um sítio contíguo chama-se **Santo Amaro**. Perto, em **Terena**, existe uma igreja antiga dedicada a Nossa Senhora da **Boa Nova** ou dos Prazeres. O São Miguel (que se representa com asas) cultua-se em favor das viagens; os topónimos São Miguel e as suas capelas cristianizaram locais onde se cultuava uma divindade protectora dos viajantes e dos comerciantes, tais Hermes (grego), Mercúrio (romano), etc. representados com asas nos pés ou na cabeça. É lógico que este São Miguel também tenha substituído uma ou várias divindades pagãs locais ligadas a viagens e que o antigo santuário tenha passado a chamar-se de São Miguel. Santo Amaro, nome dum sítio contíguo, é ainda hoje muito invocado a favor do andar, pelos coxos e paralíticos e a quem se oferece muletas e simulacros de pernas em cera. A Senhora da Boa Nova resulta da cristianização duma divindade feminina protectora dos viajantes. Temos portanto: São Miguel substituiu a divindade (masculina?) representada pelo jovem alado ligado às viagens; a Senhora da Boa Nova de Terena tomou o lugar da divindade feminina ligada a «notícias» e Santo Amaro relaciona-se com o caminhar. Falta saber o que significa «Endovélico». Leite de Vasconcelos escreveu, mas sem muita convicção, que o nome Endovélico pode vir do celta (galês e bretão) *gwell* que significa «melhor» e, daí, «muito bom» (Rel. Lus. II p. 125); a relação é deveras arbitrária. Vejamos a hipótese de **endovélico** provir do fenício-púnico:

*Endu b-blikh* (leit.: *endubêlíke*) - protecção, auxílio para os caminhos.

*Endu b-blk* (leit.: *endubêlêke*) - protecção para os viajantes.

O *b-* é uma preposição, em, para, através.

O nome vem portanto da cultura fenícia ou cartaginesa; a divindade era o «Auxílio dos Viajantes, Deus dos viajantes», um nome próprio ou um título. O topónimo **Mota** (São Miguel da Mota) também tem a mesma origem:

*Mt* (leit.: *môte*) - bordão, vara, sustentáculo

*Mwt* (leit.: *moute*) - descida, encosta (e também descida-morte).

**Terena** onde se encontra a capela da Senhora da Boa Nova:

*Tar* ou *twr enb* (leit.: *târena*) - regresso da vista

*Tar* ou *twr 'nb* (leit.: *târeina*) - regresso da resposta

*Tar* ou *twr ionb* (leit.: *târiona*) - regresso da pomba

O que condiz com Senhora da Boa Nova. Todos os termos em questão são dos léxicos mais antigos (acadiano, fenício e assírio) que eram os mais utilizados no falar quotidiano dos fenícios e dos púnicos. Somos levados a concluir que o local foi um santuário lusitano, de origem fenícia ou púnica, frequentado pelos viajantes e que teve relação com a Astarté das Viagens.

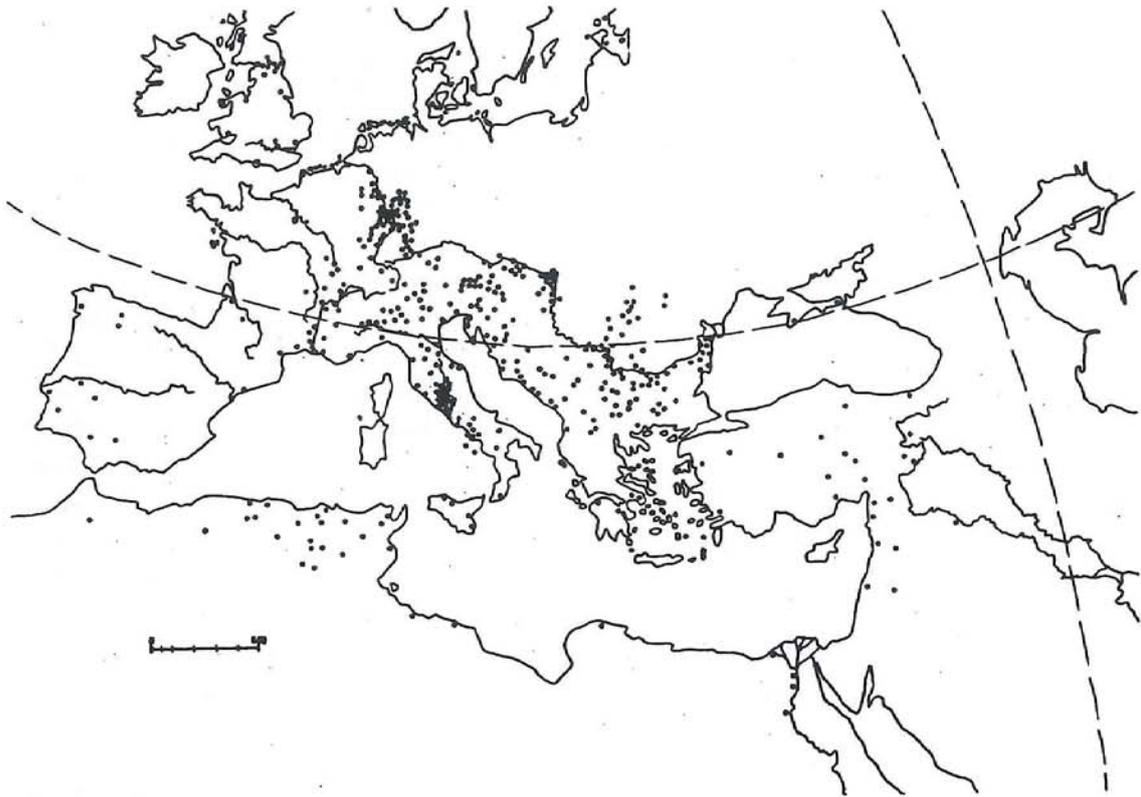


Fig. 42 – Culto de Mitra: carta dos locais onde foram encontrados vestígios do culto; só o cristianismo conheceu uma tão grande expansão (Grav. em Robert Turcan, o.c).



Fig. 43 – Mitra taurótono, alegoria das benfeitorias do messias-Mitra. A morte sacrificial do touro propiciava a manutenção da ordem natural: da cauda do touro brotam espigas e ao lado os velhos troncos dão fruto. Os animais domésticos (o cão) e selvagens (serpente, escorpião, etc.) beneficiam igualmente do sacrifício (ibidem).



Fig. 44 – Mitra Taurótono (British-Museum): da estocada brotam espigas.



Fig. 45

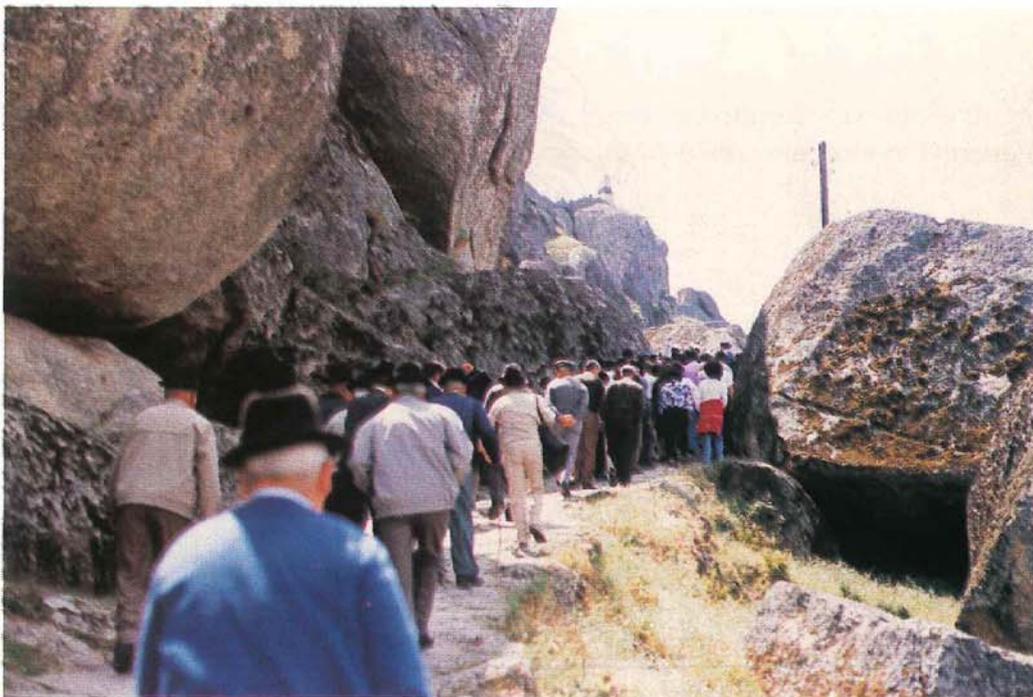


Fig. 46

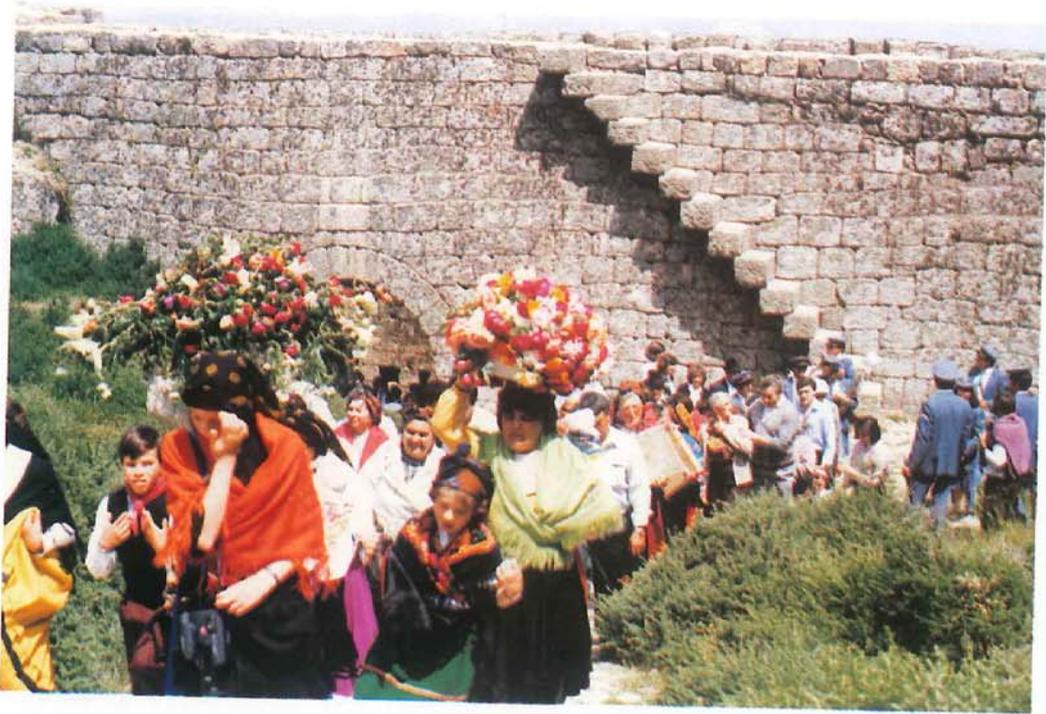


Fig. 47



Fig. 48



Figs. 45-49 – Sincretismos - Em Monsanto (Idanha-a-Nova), celebra-se no dia 3 de Maio un cortejo de flores que tem afinidade com os prantos de Adónis que tiveram lugar em Sevilha em 287. As mulheres levam à cabeça potes de flores e um feixe de rama-gens que se diz ser uma bezerra, a procissão sobe a serra e, chegada ao alto, lançam os potes e a «bezerra» para o precipício e na direcção dum local chamado Vir-a-Corça proferindo um grito ritual esperado por todos no máximo silêncio: «Aí vai pote!». Pelo caminho as mulheres agitam febrilmente os adufes e cantam estrofes lentas e planturosas (um pranto) em honra de Santa Cruz (Jesus morto) intercalada de can-tigas prazenteiras (orgiásticas) em honra da Senhora do Castelo padroeira da vila que se representa com uma romã na mão, símbolo semita da organização social ou tribal. O ritual e a toponímia sugerem um sincretismo com os prantos da Magna Mater e de Adonis.

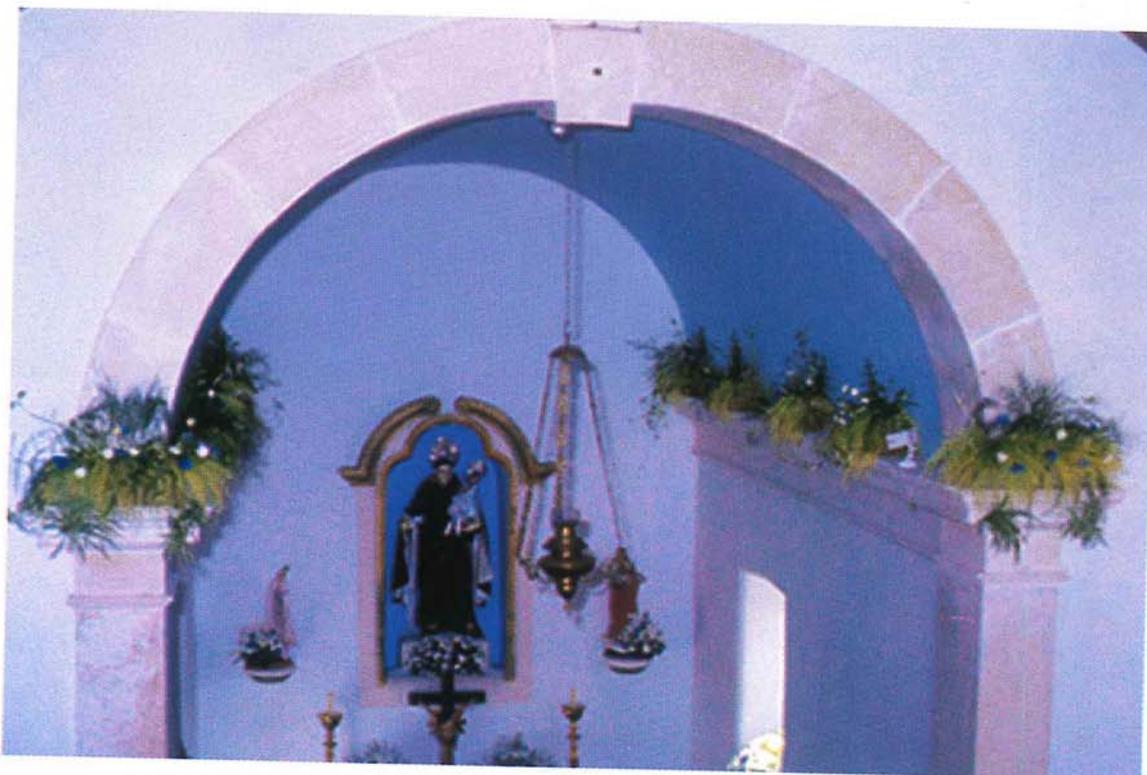


Fig. 50 – Santo António é cultuado com ritos orgiásticos sem nenhuma relação com o que foi a personagem histórica. O santo luso-italiano herdou os ritos-prantos de Adónis por causa do seu nome que se confundiu com o fenício-púnico *antou onio* (planta do pranto) e é festejado, como o foi Adonis, em Junho (mês das ceifas). O seu símbolo é uma planta efémera. Em Lisboa, a planta é um manjerico de curta duração criado segundo «um segredo das mulheres»; algures é o trigo semeado em vasos no escuro que dura apenas os três dias da festa. Adonis representava o deus da Humanidade. A fotografia mostra a capela de Santo António dos Casais da Vestidaria (Alcobaça) no dia da festa (ano de 2000) ornamentada com vasos de plantas a que as mulheres da terra chamam «searas de Santo António» (trigo e outras gramínias) criadas segundo a velha receita dos «jardins efémeros de Adónis».



Fig. 51 – Sincretismos - Vista geral do templo da Senhora *del Rocío* (do Orvalho), a *Blanca Paloma*, e duma parte dos albergues, em Almonte, Donhana.

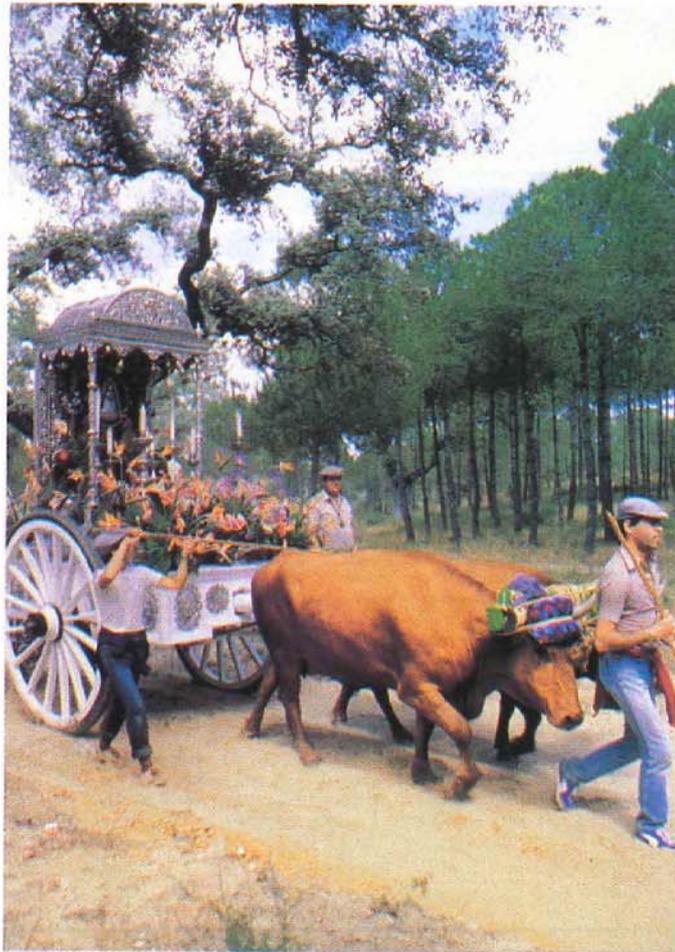


Fig. 52



Fig. 53

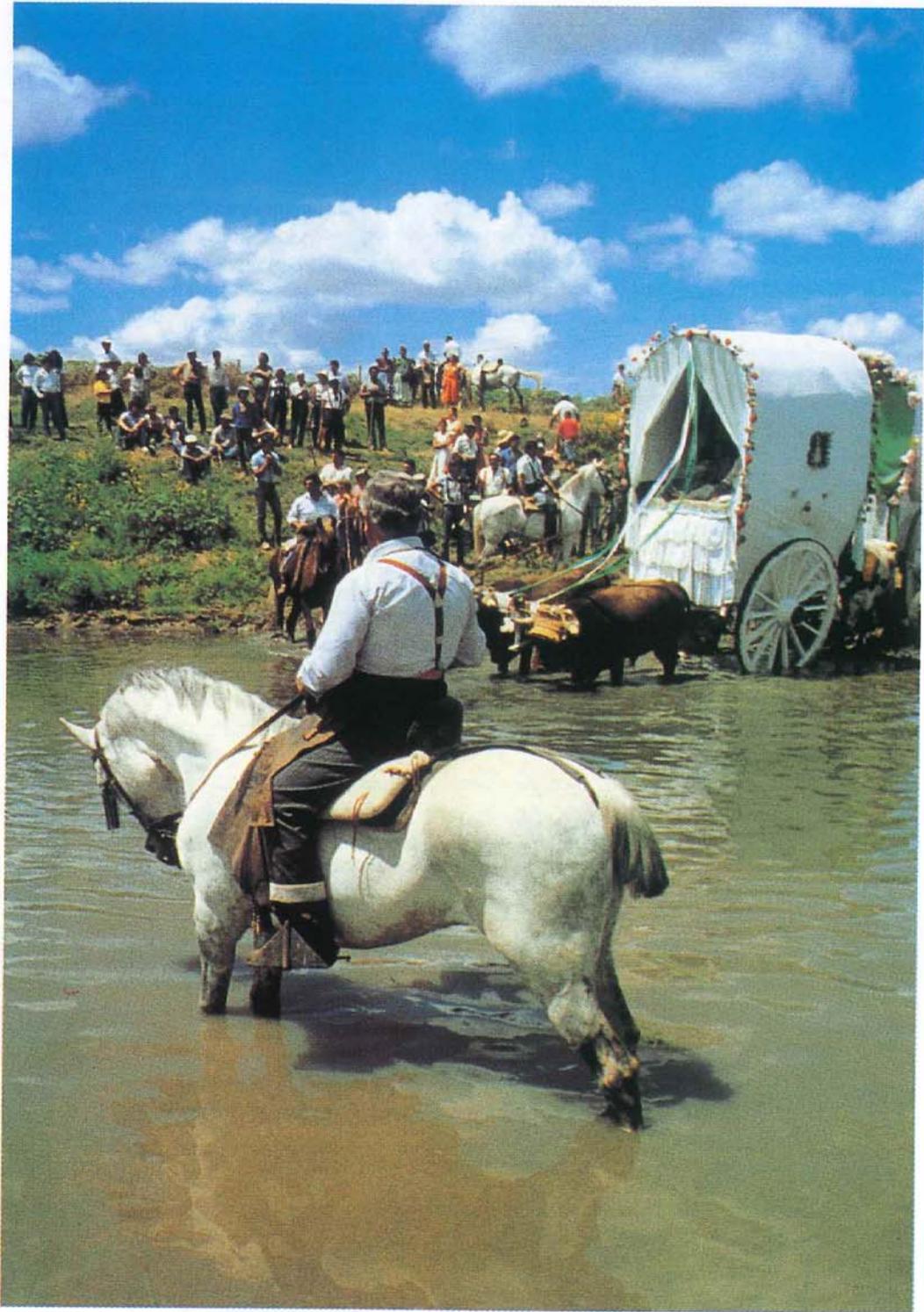
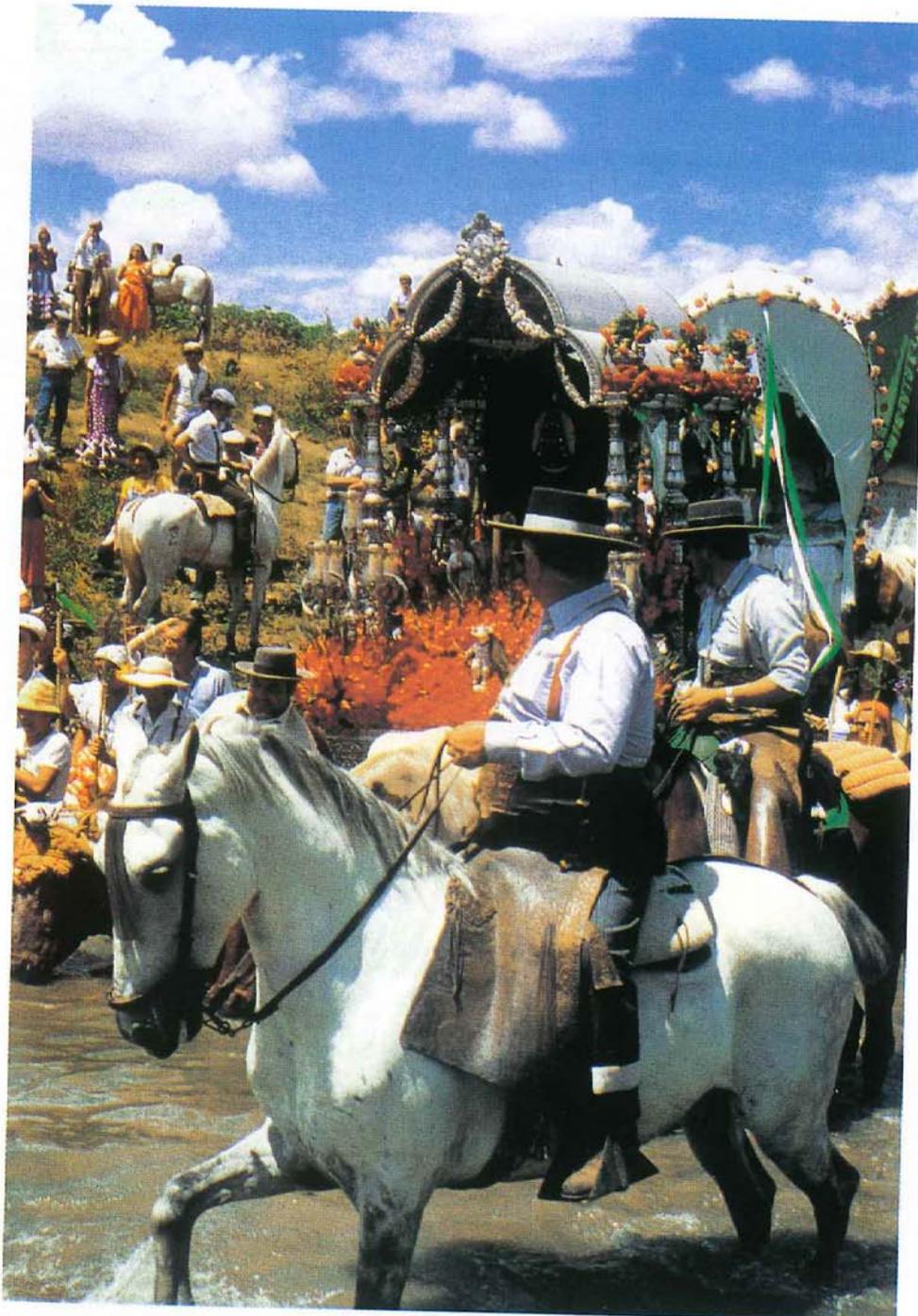


Fig. 54



Figs. 52-55 – As confrarias da Senhora (correspondentes aos círios da Estremadura portuguesa) vêm de toda a Andaluzia e das Províncias vizinhas com carros-baldaquinos de prata contendo uma imagem cópia da do santuário e acompanhados de carroças; atravessam rios, percorrem matas e montanhas a fim de «a ver outra vez» (fotos de Miguel Zapata Garcia).



Fig. 56 – Almonte - Num misto de delírio e de histeria, a *Blanca Paloma* é raptada das grades que a encerram e a multidão apodera-se dela (ibidem).



Fig. 57 – Alomonte - Recinto do santuário da *Blanca Paloma*. Note-se a forte presença de homens e o cardume em torno do andor-baldaquino a fim de eles se «metem debaixo dela».

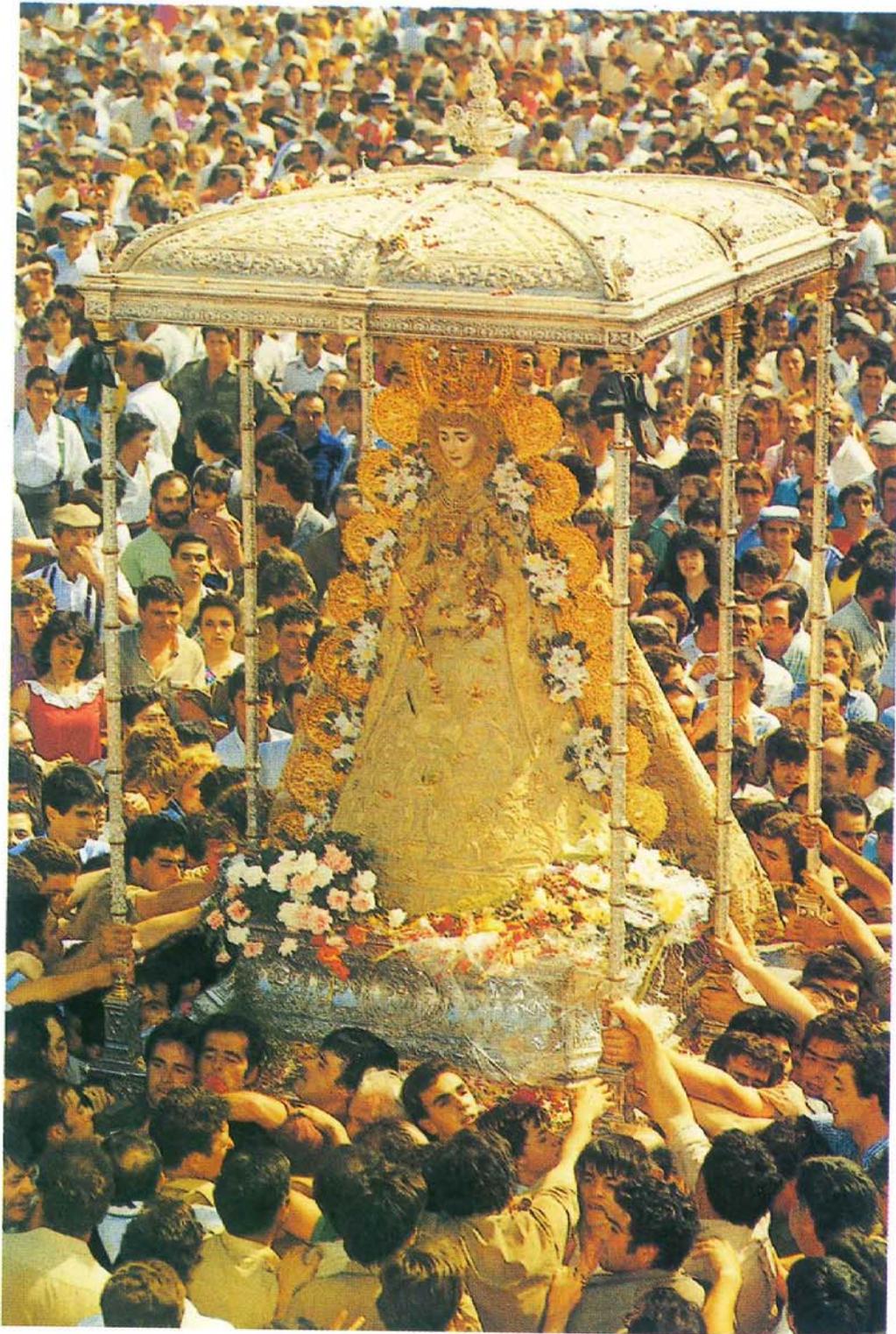


Fig. 58 – Almonte - Os homens «debaixo dela».



Fig. 59 – Almonte - *Blanca Paloma* com a lua aos pés. O culto resulta dum sincretismo com o da orgiaca Astarté tendo a Senhora herdado até o seu título.



Fig. 60 – Loulé - Mãe Soberana com o Homem morto nos braços que tanto pode ser filho como marido.



Fig. 61 – Senhora da Conceição (Barrancos); o título «da Conceição» é muito frequente em todo o país e antigo, sem relação com o dogma católico da Imaculada Conceição. É uma das muitas invocações populares da Magna Mater, «a que concebe». Representa-se com a lua aos pés e foi cultuada com touradas, sendo-o ainda em algumas povoações das Beiras e em Barrancos (foto de Fernanda Durão).





Outras obras do Autor (sem menção de artigos, comunicações e prefácios de livros):

1. Obras de difusão cultural:  
**Le Geant Adamastor et Autres Contes du Portugal**, em colaboração com Amélia Padez-Kotski (Paris, La Farandole, 1977), destinado aos estudantes das escolas secundárias francesas).  
**La Religion des Paysans Portugais** (Paris, Fund. Gulbenkian, 1980).  
**O Actual Concelho da Batalha no Tempo da Construção do Mosteiro** (Câmara M. da Batalha, 1987).
2. Sociologia Rural:  
**Comunidade Rural ao Norte do Tejo**, Prefácio de Placide Rambaud (1.ª edição – Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 1980).
3. Sociologia das Religiões:  
**Religião Popular Portuguesa**, Prefácio de Emile Poulat (Lisboa, A Regra do Jogo, 1984, Assírio e Alvim, 1990).  
**Introdução Sociológica ao Islão** (V. Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 1995).  
**Sexualidade e Religião**, in *Sexologia em Portugal*, 2.º Vol. Coord. de J. Allen Gomes, Afonso de Albuquerque e J. Silveira Nunes (Lisboa, Texto Editora, 1987).  
**Langages religieux et spatialités**, in *Espaces et Cultures*. Coord. de Pierre Pellegrino (Berne, 1983).
4. Etnologia Histórica das Religiões:  
**Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa** seguido de **Ensaio sobre de Toponímia Antiga**, incidindo sobretudo sobre a religião popular das Beiras (Lisboa, Assírio e Alvim, 1988).  
**Origens do Cristianismo Português**, precedido de **A Deusa Síria**, de Luciano da Samoçata (Lisboa, Inst. de Soc. e Etn. das Religiões da UNL, 1993).  
**Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima** (Lisboa, Inst. de Soc. e Etn. das Religiões da UNL, 4.ª ed. 1995).
5. Etno-Linguística Histórica  
**Ensaio sobre Toponímia Antiga** (anexo de **Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa**).  
**Fontes Remotas da Cultura Portuguesa** (Lisboa, Assírio e Alvim, 1989).  
**A Chamada Escrita Ibérica – Decifração de uma dezena de inscrições monetárias pré-romanas** (in *Mediterrâneo* 1, 2 e 8/9)  
**Dicionário Fenício-Português** (Lisboa, Inst. de Soc. e Etn. das Religiões, 1993)  
**O Brasonário Português e a Cultura Hebraica** (Lisboa, Inst. Soc. e Etn. das Religiões, 1997)



O cristianismo sofreu uma transformação aquando da passagem da marginalidade à hegemonia. O movimento cristão dos primórdios foi popular e libertário; e o da fase seguinte? Os ibéricos haviam aderido ao cristianismo libertário; como reagiram eles à oficialização do cristianismo? Nesta época, quais eram os interesses do clero romano? E os anseios populares? Que contradições e como se exprimiam?

O tema deste livro situa-se no cruzamento dos últimos actos do paganismo romano (313-376) com os primeiros documentos sobre o cristianismo lusitano (254-308). O cristianismo romano da última fase do Império já não era o das comunidades orientais dos primórdios mas, progressivamente, uma expressão cultural e política identificada com uma classe dirigente. Associado ao Poder, o cristianismo passou a desempenhar o papel de correia de transmissão do Império. Ao último acto de martírio sob o reinado de Diocleciano seguiu-se a repressão pela Igreja de Roma das tendências cristãs libertárias que dissociavam o cristianismo do Poder. Uma dessas tendências teve origem na Lusitânia e na Galiza, impulsionada por Prisciliano (morto em 385) que foi a primeira vítima do «braço secular» associado à Igreja. O priscilianismo, espécie de cristianismo integrador do esoterismo oriental, foi verdadeiramente a única manifestação de criatividade teológica e religiosa de referência cristã de que há memória nesta faixa da Península.

Na história cristã, a mitogénia tem tendência a prevalecer sobre o conhecimento do real. Na impossibilidade de nos referirmos a uma história das origens do cristianismo na Península, optou-se pela análise etnológica dos dados conhecidos entre 254 e o séc. V.

Antes dessa análise apontam-se alguns cultos do paganismo dominante no Ocidente e o seu impacto na Península, nomeadamente o da **Criadora** ou **Mãe dos Deus** que foi culto oficial do Império antes da hegemonia do cristianismo e, para começar, apresenta-se um texto clássico, **A Deusa Síria**, de Luciano (125-195 d.C.).